



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
PROLING**

JOSILANE MÁRCIA JUSTINIANO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA DO CONCEITO *RELACIONAMENTO*:
UMA PERSPECTIVA COGNITIVA**

**João Pessoa
2016**

JOSILANE MÁRCIA JUSTINIANO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA DO CONCEITO *RELACIONAMENTO*:
UMA PERSPECTIVA COGNITIVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para obtenção do
Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucienne C. Espíndola

**João Pessoa
2016**

S586c

Silva, Josilane Márcia Justiniano da.

A construção metafórica do conceito relacionamento: uma perspectiva cognitiva / Josilane Márcia Justiniano da Silva.- João Pessoa, 2016.

215f.

Orientadora: Lucienne C. Espíndola

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL

1. Linguística. 2. Metáfora conceptual. 3. Relacionamento. 4. Cultura. 5. Ideologia.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

JOSILANE MÁRCIA JUSTINIANO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA DO CONCEITO *RELACIONAMENTO*:
UMA PERSPECTIVA COGNITIVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Aprovada em: 13/07/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Lucienne C. Espíndola – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Edmilson de A. Borborema Filho – Examinador
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Eliane Ferraz Alves – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a Dr^a Mônica Mano Trindade Ferraz – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a Dr^a Barbara Cabral Ferreira – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento - Suplente
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a Dr^a Joseli Maria da Silva - Suplente
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Paraíba

A meus filhos, que esperaram ansiosamente pela conclusão desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força concedida para ultrapassar todas as barreiras que se levantaram para impedir a conclusão desta pesquisa;

À minha orientadora, professora Lucienne C. Espíndola, pela disposição, paciência e confiança para orientar mais uma pesquisa realizada por mim, auxiliando em todas as etapas e incentivando sempre, o que me conferiu autonomia e segurança para conduzir a pesquisa;

A meus pais, irmãos e cunhados, que sempre estiveram presentes durante todo o trajeto da minha vida acadêmica, principalmente nos momentos mais difíceis, incentivando-me e acreditando que eu poderia realizar mais este sonho;

Aos amigos da CGPG, em especial Lenilde e Manuella, que, com maior carinho, acolheram-me e me incentivaram nos momentos mais difíceis;

Aos meus amigos Joaquim, Jakeline, Jailsa e Cynthia, pela força concedida durante a realização desta pesquisa;

Aos membros da Banca Examinadora, pelas valiosas contribuições para a versão final desta pesquisa;

À Prefeitura Municipal de João Pessoa, por ter concedido o afastamento das minhas atividades para a realização deste trabalho;

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, por disponibilizar professores altamente qualificados para ministrar aulas e acompanhar os discentes.

RESUMO

Vinculada a um projeto maior – Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação –, esta pesquisa aborda a análise de expressões linguísticas metafóricas que licenciam metáforas conceptuais utilizadas para categorizar o domínio alvo *relacionamento* em três domínios discursivos: o religioso, o da saúde mental e o do espaço virtual. A partir de uma perspectiva cognitivista, com base na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), considerada como um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) por Lakoff (1987), fizemos um levantamento dos principais domínios de origem utilizados para mapear o domínio alvo supracitado. O *corpus* utilizado foi constituído de dois livros que versam sobre o tema em análise (relacionamento), um originário do domínio discursivo religioso e o outro do domínio da saúde mental, além de cento e cinquenta perguntas coletadas do site de relacionamento *Par Perfeito*, as quais classificamos como espaço virtual. O referencial teórico utilizado foi a TCM, representada por Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003), Lakoff (1987, 2006 [1993]), Lakoff e Turner (1989), Kövecses (2010 [2002]), dentre outros autores que estudam a referida teoria; a relação metáfora e cultura, sob a perspectiva de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e Kövecses (2005); e a interação entre metáfora e ideologia, na perspectiva de Goatly (2007). Nossos objetivos específicos consistiram em verificar se existia uma metáfora conceptual específica que caracteriza o conceito de *relacionamento* no *corpus* investigado, quais os aspectos dos domínios origem são mapeados para a construção do domínio alvo, além de constatar se as metáforas licenciadas são convencionais ou novas. A análise qualitativa dos dados demonstrou que as metáforas conceptuais utilizadas para a categorização do conceito de relacionamento, em geral, são convencionais e são atualizadas em mais de um dos domínios discursivos investigados. Nossa hipótese de que as expressões linguísticas utilizadas são influenciadas pelo domínio discursivo também foi confirmada a partir da análise dos dados. Em nossa cultura, com base no *corpus* investigado, percebe-se a utilização de um grupo de domínios origem que estruturam esse conceito, deixando transparecer uma ideologia de relacionamento apregoadada pelo discurso religioso.

Palavras-chave: Metáfora conceptual; Relacionamento; Cultura; Ideologia.

ABSTRACT

Linked to a larger project – *Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação* –, this research addresses the analysis of metaphorical linguistic expressions that license conceptual metaphors used to categorize the target domain *relationship* in three discursive domains: religious, mental health and space virtual. From a cognitive perspective, based on the Conceptual Metaphor Theory (CMT), considered as an Idealized Cognitive Model (ICM) by Lakoff (1987), we make a survey of the main source domains used to map the target domain mentioned. The corpus was constituted of two books that deal with the topic in question (relationship), one from the religious discursive domain and the other from the mental health domain, as well as one hundred and fifty questions gathered from the social networking site Par Perfeito, which we classify as virtual space. The theoretical framework used was the CMT, represented by Lakoff and Johnson (2002 [1980], 2003), Lakoff (1987, 2006 [1993]), Lakoff and Turner (1989), Kövecses (2010 [2002]), among other authors who study this theory; the relationship between metaphor and culture, from the perspective of Lakoff and Johnson (2002 [1980]) and Kövecses (2005); and the interaction between metaphor and ideology, in the perspective of Goatly (2007). Our specific objectives consisted of verifying whether there was a specific conceptual metaphor that characterizes the *relationship* concept in the investigated corpus, which aspects of the source domains are mapped to the construction of the target domain, and verify if the licensed metaphors are conventional or new. The qualitative analysis of the data showed that the conceptual metaphors used to categorize the relationship concept in general are conventional and are updated by more than one of the investigated discursive domains. Our hypothesis that the linguistic expressions used are influenced by discursive domain was also confirmed from the analysis of the data. In our culture, based on the investigated corpus, we see the use of a source domain group that structures this concept, making clear an ideology of relationship vaunted by religious discourse.

Keywords: Conceptual Metaphor; Relationship; Culture; Ideology.

RESUMEN

Vinculada a un proyecto más amplio – *Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação* –, esta investigación estudia el análisis de las expresiones lingüísticas metafóricas que autorizan metáforas conceptuales utilizadas para categorizar el dominio meta *relación* para tres dominios discursivos: el religioso, la salud mental y del espacio virtual. Desde un punto de vista cognitivo, basado en la *Conceptual Metaphor Theory* (CMT), considerada un *Idealized Cognitive Model* (ICM) por Lakoff (1987), investigamos los principales dominios de origen utilizados para mapear el dominio meta ya mencionado. El *corpus* utilizado consistió en dos libros referidos al tema en cuestión (relación), uno de ellos se originó en el dominio del discurso religioso y el otro en el ámbito de la salud mental, además de ciento cincuenta preguntas recogidas en el sitio de redes sociales *Par Perfeito*, las cuales clasificamos como espacio virtual. La fundamentación utilizada fue la CMT, representada por Lakoff y Johnson (2002 [1980], 2003), Lakoff (1987, 2006 [1993]), Lakoff y Turner (1989), Kövecses (2010 [2002]), entre otros autores que estudian esta teoría; la relación entre metáfora y cultura, desde la perspectiva de Lakoff y Johnson (2002 [1980]) y Kövecses (2005); y la interacción entre la metáfora y la ideología, en la perspectiva de Goatly (2007). Nuestros objetivos específicos consistieron en comprobar si hay una metáfora conceptual específica que caracteriza el concepto *relación* en el *corpus* investigado, qué aspectos de los dominios de origen se mapean para la construcción del dominio meta, ver si las metáforas identificadas son convencionales o nuevas. El análisis cualitativo de los datos demostró que las metáforas conceptuales utilizadas para categorizar el concepto *relación*, en general, son convencionales y son actualizadas por más de uno de los dominios del discurso investigados. Nuestra hipótesis constituida de la idea de que las expresiones lingüísticas utilizadas son influenciadas por el dominio discursivo también se confirmó a partir del análisis de los datos. En nuestra cultura, basado en nuestra investigación, vemos el uso de un grupo de dominios de origen que estructuran este concepto, el que deja claro una ideología de relación defendida por el discurso religioso.

Palabras clave: Metáfora conceptual; Relación; Cultura; Ideología.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MARCO TEÓRICO.....	15
2.1 Teoria Clássica da Metáfora	15
2.1.1 Visões referencialistas e descritivas da metáfora	17
2.2. Situando a Linguística Cognitiva no campo das Ciências Cognitivas	21
2.2.1 O nascimento da Linguística Cognitiva	23
2.3 Modelos Cognitivos Idealizados	26
2.3.1 Teoria da Metáfora Conceptual	29
2.3.1.1 Metáfora convencional e metáfora nova	40
2.3.1.2 Revisões da Teoria da Metáfora Conceptual.....	50
2.4 As contribuições de Kövecses	56
2.5 Metáfora, cultura e ideologia.....	62
3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E LEVANTAMENTO DO CORPUS ..	70
3.1 Discurso e domínio discursivo	70
3.2 Metodologia.....	72
3.3 Levantamento do <i>corpus</i>	76
3.3.1 Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio	77
3.3.2 Mulheres inteligentes, relações saudáveis	98
3.3.3 Perguntas do site Par Perfeito.....	105
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	118
4.1 RELACIONAMENTO É RECIPIENTE	118
4.2 RELACIONAMENTO É GUERRA	122
4.3 RELACIONAMENTO É NEGÓCIO	128
4.4 RELACIONAMENTO É INVESTIMENTO.....	130
4.5 RELACIONAMENTO É SER VIVO	131
4.6 RELACIONAMENTO É PESSOA	135
4.7 RELACIONAMENTO É VIAGEM	136
4.8 RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO	139
4.9 RELACIONAMENTO É MÁQUINA	142
4.10 RELACIONAMENTO É JOGO	143
4.11 RELACIONAMENTO É ALIMENTO	144
4.12 RELACIONAMENTO É OBJETO	145
4.13 Discussão dos resultados	146
CONSIDERAÇÕES	164
REFERÊNCIAS	171
ANEXO - Perguntas do site Par Perfeito.....	176

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é um fenômeno que tem sido amplamente discutido e estudado, não só por linguistas, mas também por filósofos e profissionais de diversas áreas, tais como a Psicologia e a Antropologia Linguística. Desde as primeiras teorias da Linguística até os dias atuais, a linguagem é vista e analisada sob diferentes perspectivas: sintática, semântica, pragmática, dentre outras.

No tocante à linguagem metafórica, estudos remontam aos gregos antigos. Alguns estudiosos, como Aristóteles, por exemplo, debruçaram-se sobre a linguagem da literatura, colocando a metáfora como uma figura central, responsável por embelezar o discurso nessa esfera. Seus pressupostos foram seguidos durante muito tempo, endossados pelas visões referencialistas e descritivistas, até que, no início dos anos 1980, surge uma teoria que vê de outra perspectiva o fenômeno chamado metáfora, principalmente o seu papel na linguagem. Trata-se da Teoria da Metáfora Conceptual (ou Teoria Cognitiva da Metáfora, como também é chamada).

Segundo essa Teoria, antes mesmo de se fazer presente na linguagem, a metáfora já faz parte da cognição humana, sendo, portanto, uma atividade também do pensamento. Por isso, está subjacente à construção de diversos conceitos do cotidiano, devendo ser tratada como um fenômeno central para a compreensão da linguagem. Segundo Lakoff e Johnson (2002, [1980]), a existência de metáforas em nosso sistema cognitivo é que permite a manifestação, na linguagem, de expressões linguísticas metafóricas.

Foi a partir da publicação de *Metaphors we live by* (em 1980), escrito pelo linguista Lakoff e pelo filósofo Johnson, que os estudos sobre a metáfora ganharam uma nova direção, uma vez que esses estudiosos passam a considerá-la como um componente fundamental na construção dos sentidos das palavras que usamos no dia a dia. Para explicar conceitos, como *linguagem*, *verdade* e *compreensão*, por exemplo, eles propõem uma perspectiva fundamentalmente experiencialista, em oposição à consideração objetivista proposta pelos referencialistas e descritivistas, para a interpretação da metáfora.

Segundo a abordagem referencialista, uma expressão metafórica é interpretada a partir da substituição do termo usado metaforicamente por um correspondente literal. Já a perspectiva descritivista aposta na descrição das palavras, acreditando que o sentido e a interação é que determinam a interpretação da metáfora. Diferentemente dessas visões, os

teóricos da abordagem cognitiva da metáfora defendem que a interpretação metafórica ocorre via mapeamento entre domínios conceptuais, como veremos na seção 2.3.1.

Em decorrência desse enfoque cognitivista, várias dicotomias passam a ser questionadas, dentre elas a distinção entre linguagem literal e linguagem figurada, e entre objetivismo e subjetivismo, como também o próprio conceito de verdade, que passa a ser usado no plural (verdades) pelos autores.

Vale ressaltar que o termo *metáfora* foi utilizado por Lakoff e Johnson (1980) como sinônimo de *conceito metafórico*, para se referirem aos mapeamentos metafóricos que subjazem à construção da maioria dos conceitos que usamos no cotidiano e que, de forma inconsciente, estão presentes em nosso sistema cognitivo. Explicam os autores que a maioria dos nossos conceitos, principalmente os abstratos, só é compreendida via mapeamento metafórico.

Essa descoberta promoveu uma grande transformação na maneira como o termo *metáfora* é entendido, uma vez que ele deixa de aludir apenas às expressões linguísticas utilizadas com um fim retórico para indicar também e principalmente a maneira como pensamos e agimos. Conforme veremos em Lakoff e Turner (1989) e Lakoff (2006), as metáforas linguísticas do campo da literatura, que são vistas pela teoria clássica como metáforas particulares, são manifestações linguísticas de metáforas conceptuais subjacentes ao nosso sistema cognitivo, portanto não se restringem ao domínio literário.

Segundo aqueles estudiosos, nossas experiências corpóreas contribuem de maneira significativa para a conceptualização dos mais variados conceitos. Essa conceptualização é feita a partir de dois domínios distintos: um domínio alvo (ou domínio de destino), que é o conceito mais abstrato que se busca entender, e um domínio fonte (ou domínio de origem), o qual fornece alguns aspectos para a interpretação do primeiro domínio. Aprofundaremos essa discussão quando falarmos da Teoria da Metáfora Conceptual na seção 2.3.1. Eles exemplificam como isso ocorre com as metáforas, ou seja, com os *conceitos metafóricos* FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO. Com base nas orientações espaciais do tipo: para cima/para baixo, dentro/fora, frente/trás etc., muitos conceitos são estruturados.

Nesse caso, são metáforas que organizam “todo um sistema de conceitos em relação a um outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 59). Elas são atualizadas quando ouvimos ou falamos expressões, como: “estou me sentindo *para cima* hoje”, “Meu astral *subiu*”, ou “estou me sentido *para baixo*”, “Eu caí *em depressão*”.

É importante destacar, ainda, conforme os autores, que essas metáforas são baseadas em nossa postura física e em nossa experiência cultural, ou seja, quando estamos felizes, é comum ficarmos com a postura ereta. Por outro lado, quando estamos tristes, nossa postura fica caída, permitindo a conceptualização para cima/para baixo.

Os autores acrescentam que a construção das metáforas está relacionada com a cultura. A conceptualização de *tempo*, por exemplo, é diferente nas mais diversas culturas. Em algumas culturas, o futuro é visto como algo que está em nossa frente, mas em outras, é visto como algo que está atrás. Daí a necessidade de se considerar também os aspectos culturais no estudo das metáforas conceptuais.

Por considerar o estudo da metáfora de essencial importância para a produção e interpretação dos sentidos dos textos que são usados cotidianamente, e levando em consideração a perspectiva cognitivista, investigamos, nesta pesquisa, as metáforas conceptuais, atualizadas por diferentes expressões linguísticas metafóricas, que contribuem para a construção/percepção do domínio alvo *relacionamento* em diferentes domínios discursivos: o domínio discursivo religioso, o domínio da saúde mental e o espaço virtual.

Esse conceito foi escolhido para análise por acreditarmos estar presente inevitavelmente na vida das pessoas. Seja no âmbito pessoal, seja no profissional, não podemos dispensá-lo em nosso cotidiano. A partir deste estudo, buscamos entender como ele é compreendido e experienciado em nossa cultura, com base no *corpus* estudado. Concordando com Lakoff e Johnson (1980), acreditamos que, se a metáfora diz muito sobre a forma pela qual entendemos, conceptualizamos e experienciamos o mundo que nos cerca, ela também nos dirá como entendemos e vivenciamos o conceito de *relacionamento* em nosso dia a dia, ressaltando as limitações que uma pesquisa dessa natureza apresenta.

Saliente-se que o termo *relacionamento* se realiza nas mais variadas situações, tais como: relacionamento profissional, relacionamento entre pais e filhos, relacionamento entre um casal etc., por isso, para efeito de análise, investigamos neste estudo apenas as metáforas utilizadas para conceptualizar este último, ou seja, o relacionamento amoroso. Assim, quando falarmos em *relacionamento* neste trabalho, entenda-se o termo como *relacionamento amoroso*. Além disso, considerando que o termo *namoro* e *casamento* são tipos de relacionamento amoroso, consideramos as ocorrências desses termos como sinônimos de relacionamento, bem como a ocorrência do termo *relação*.

Analisamos a construção do conceito *relacionamento* do ponto de vista da Linguística Cognitiva, levando em consideração a Teoria da Metáfora Conceptual, a

relação entre metáfora e cultura, e a manifestação de ideologia(s). Ou seja, investigamos as expressões linguísticas metafóricas e, conseqüentemente, as metáforas conceptuais, utilizadas para a compreensão desse conceito em nossa cultura e a(s) ideologia(s) implícita(s).

Para esta investigação, utilizamos como pressupostos teóricos a Teoria da Metáfora Conceptual, conforme Lakoff e Johnson (2002, [1980], 2003), Lakoff (1987, 2006 [1993]) Lakoff e Turner (1989) e Kövecses (2010 [2002], 2005), entre outros estudiosos que se debruçam sobre essa teoria, como Cameron (2003) e Sardinha (2007), para a identificação das metáforas conceptuais, subjacentes em diferentes expressões linguísticas metafóricas.

O *corpus* utilizado em nosso estudo constitui-se de dois livros que têm por tema o domínio alvo relacionamento, a saber: *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*, de Renato e Cristiane Cardoso, e *Mulheres Inteligentes, Relações Saudáveis*, de Augusto Cury, bem como de 150 perguntas coletadas no site de relacionamento *Par Perfeito*. Ressaltamos que os livros analisados representam apenas uma amostragem do universo religioso (o primeiro) e da saúde mental (o segundo). Já as perguntas são originárias de pessoas comuns, que participam do site a fim de conseguir um relacionamento, em sua maioria, amoroso, por isso caracterizamos seu discurso como do espaço virtual. A escolha de textos representantes de diferentes domínios discursivos nos permite tecer considerações mais sólidas sobre o comportamento do conceito metafórico *relacionamento* em nossa cultura.

A partir do exposto, temos como objetivo geral investigar a categorização do conceito *relacionamento* no *corpus* mencionado, através de expressões linguísticas metafóricas, e sua relação com a cultura e a ideologia.

Já com os objetivos específicos pretendemos:

- verificar se existe uma metáfora específica que categoriza o conceito supracitado no *corpus* investigado;
- averiguar os mapeamentos feitos entre os domínios alvo e fonte para atualizar o conceito *relacionamento*;
- constatar se as metáforas conceptuais atualizadas pelas expressões linguísticas metafóricas são convencionais ou novas.

Com esta pesquisa, observamos como esse conceito é construído nos diferentes domínios discursivos supracitados e, por consequência, como é entendido e vivenciado nesses domínios específicos. Se concordarmos com Lakoff e Johnson (2002 [1980]),

entenderemos que “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura” (p. 71).

A partir de estudos sobre a teoria em questão, partimos da hipótese de que os aspectos do domínio fonte utilizados para mapear o domínio alvo *relacionamento* são determinados pelo domínio discursivo em que os textos analisados estão inseridos, influenciados por questões culturais/ideológicas.

Para a análise dos dados, adotamos uma abordagem de natureza qualitativa, uma vez que nossa preocupação é com a investigação e interpretação das expressões linguísticas metafóricas que atualizam o conceito de relacionamento, buscando explicar as regularidades na metaforização desse conceito. Possui também um caráter exploratório-interpretativo, pois fizemos o levantamento das expressões linguísticas metafóricas no *corpus*, explicando seu comportamento nos três domínios investigados, a partir da noção de MCI (Modelo Cognitivo Idealizado), proposta por Lakoff (1987) e da relação entre metáfora, cultura e ideologia. No entanto, a pesquisa não deixa de ter uma base também quantitativa, uma vez que foi a quantidade de expressões linguísticas metafóricas que nos permitiu chegar aos resultados e conclusões acerca do conceito de *relacionamento* no *corpus* investigado.

Um trabalho dessa natureza se justifica pelo fato de que o estudo da metáfora conceptual, como postulam Lakoff e Johnson (1980), permite a compreensão de diversos conceitos que usamos no dia a dia e que só são entendidos via mapeamento metafórico. Além disso, apesar dos inúmeros trabalhos já publicados sobre o tema, há necessidade de mais pesquisas serem realizadas, dos mais diversos pontos de vista, a fim de que se cheguem às principais maneiras de manifestação e descrição de conceitos metafóricos em nossa cultura.

Na visão desses estudiosos, a metáfora não é um recurso usado apenas pela linguagem poética nem um desvio da linguagem cotidiana, como postulou a tradição retórica, mas está na base da construção de diversos conceitos considerados literais pelos clássicos. De acordo com Cameron (2003, p. 2, tradução nossa), “entender como a metáfora é usada pode nos ajudar a compreender melhor como as pessoas pensam, como fazem sentido do mundo e dos outros, e como se comunicam.”¹. Eis um motivo para

¹ “Understanding how metaphor is used may help us understand better how people think, how they make sense of the world and each other, and how they communicate.”

analisarmos como o *relacionamento* é visto e experienciado nos discursos que formaram nosso *corpus*.

Além disso, o estudo da forma como ocorrem os mapeamentos entre conceitos, particularmente entre *relacionamento* e os domínios de origem que são usados para sua categorização, pode fornecer subsídios para o entendimento de como agimos cotidianamente em função deles e apontar direções para o tratamento da metáfora dentro dos estudos da linguagem.

Nosso trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, fazemos esta introdução da pesquisa, apresentando o objeto de estudo, objetivos e hipótese. No segundo, apresentamos o referencial teórico que norteou nossa investigação, com ênfase na Teoria da Metáfora Conceptual, complementando com Vereza (2012), que apresenta as principais tendências na consideração da metáfora na atualidade. Em seguida, apresentamos algumas contribuições feitas por Kövesces (2010 [2002]) à TMC. Por fim, a relação entre metáfora, cultura e ideologia, na visão de Kövesces (2005) e na visão de Goatly (2007).

O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada para a coleta e interpretação dos dados, bem como as tabelas com as expressões linguísticas e metáforas conceptuais subjacentes, identificadas a partir da leitura do *corpus*.

No último capítulo, fazemos a análise do *corpus*, ou seja, a discussão dos dados obtidos, à luz dos pressupostos teóricos utilizados, e, finalmente, apresentamos os resultados alcançados a partir da análise das expressões linguísticas que atualizam metáforas conceptuais para o domínio alvo *relacionamento* e as referências utilizadas.

2 MARCO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que nortearam nossa pesquisa. Primeiramente, fazemos uma breve apresentação da visão clássica da metáfora, que tem como precursor o teórico Aristóteles, com ênfase nos postulados dos referencialistas e descritivistas. Em segundo lugar, situamos a Linguística Cognitiva dentre as Ciências Cognitivas e o contexto em que surgiu essa abordagem.

Em terceiro lugar, trouxemos a noção de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), para, em seguida, expor a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), e as novas perspectivas de estudos da metáfora, na visão de Vereza (2012). Em quarto lugar, mostramos as contribuições de Kövecses (2005, 2010 [2002]) à TMC. Finalmente, abordamos a relação entre metáfora, cultura e ideologia.

2.1 Teoria Clássica da Metáfora

Nesta seção, exibimos os principais argumentos referentes ao que se denominou *metáfora* desde tempos remotos. Não faremos uma apresentação exaustiva, uma vez que foge ao escopo deste trabalho, mas mostramos as principais visões que se denominam de clássicas.

Pesquisas têm se referido a Aristóteles como o precursor dos estudos sobre metáfora, mas, conforme argumenta Leezenberg (2001), o uso desse fenômeno remonta a tempos muito mais antigos, podendo ser observado já nos épicos da Mesopotâmia e nos poemas homéricos. O que ocorre, no entanto, é que se desenvolveu uma corrente de estudos postulando que o uso da metáfora era restrito à retórica e à teoria literária, sendo esses estudos seguidos durante muito tempo como a única possibilidade de ocorrência desse fenômeno.

Mas, segundo esse autor, apesar de outros críticos literários preferirem tratar a metáfora como peculiar da poesia, por considerarem que ela expressa um significado emotivo, Rousseau (1990 [1781]) Vico e Max Müller já observavam que a língua é metafórica em sua origem, por isso viam o homem “primitivo” como um poeta. Mas foi somente com a publicação da Teoria da Metáfora Conceptual que o papel da metáfora passou a ser pesquisado de outro ponto de vista, como veremos mais adiante.

Segundo Júnior (2005), ao se referir ao estilo e composição do discurso, Aristóteles, em sua *Retórica*, coloca a metáfora entre as técnicas de amplificação². Ele afirma que, na *Poética*, o autor se refere a quatro tipos de metáfora, mas, na *Retórica*, trata apenas da metáfora por analogia. Naquela obra, assim coloca Aristóteles: “usar uma metáfora é dar a uma coisa o nome que pertence a outra, podendo operar-se a transferência do género para a espécie, da espécie para o género, da espécie para a espécie, ou por analogia.” (ARISTÓTELES, 1959 *apud* JÚNIOR, 2005, p. 47). Conforme Júnior (2005), pode-se dizer que Aristóteles sugere que o processo metafórico do conhecido para o desconhecido por meio de alguma semelhança subjaz a todo raciocínio humano. Nas palavras de Aristóteles:

Na verdade, todos falam por meio de metáforas e de palavras no seu sentido <próprio> e <apropriado>, o que deste modo demonstra que, se se compõe corretamente, o texto resultará algo de não familiar, mas, ao mesmo tempo, será possível dissimulá-lo e resultar claro. (ARISTÓTELES, 2005 [1959], p. 246)

Em seguida, ele afirma que “É necessário empregar no discurso quer epítetos, quer metáforas ajustadas; e isto provém da analogia” (ARISTÓTELES, 2005 [1959], p. 246). O que afasta sua visão de metáfora da de Lakoff e Johnson (1980), dessa forma, é a restrição que se disseminou do uso da metáfora unicamente como um instrumento de retórica. Também o fato de o autor ter explicado que a metáfora não pode vir de “coisas muito afastadas”, ou seja, de palavras que tenham sentido distante, mas de palavras que estejam relacionadas, o oposto do que defende a Teoria Contemporânea da Metáfora, na qual os domínios de origem e de destino inicialmente não têm nada de similar.

De qualquer forma, não podemos deixar de registrar a contribuição de Aristóteles para o estudo da metáfora, já que foi o primeiro autor de que temos conhecimento a se debruçar, mesmo que de forma breve, sobre o estudo desse fenômeno. Ressalte-se que seu campo de estudo restringiu-se, segundo Leezenberg (2001), ao estudo desse fenômeno na poesia, um pouco na linguagem da prosa (como visto no livro III da *Retórica*) e em algumas considerações no *Organon*.

² As outras técnicas que o autor menciona são: o uso de uma definição em vez de uma palavra, epítetos, uso do plural pelo singular, uso do artigo, o recurso a estruturas conjuncionais em vez da frase concreta e a descrição.

2.1.1 Visões referencialistas e descritivistas da metáfora

Não iremos nos deter na descrição do conjunto de visões que se denomina de teoria clássica da metáfora, visto que há uma grande quantidade de trabalhos que fazem isso. Apenas fazemos aqui um resumo de duas das correntes que mais se destacaram (a referencialista e a descritivista), a fim de comparar suas principais preocupações com o enfoque dado pela TMC.

Conforme Leezenberg (2001), a visão que se denomina de referencialista é a composta pelos trabalhos de Cícero e Quintiliano, que são seguidos por alguns estudiosos, dentre eles, Henle (1958), Mooij (1976) e Fogelin (1988), além de outros estudiosos na atualidade.

Segundo Cícero (*apud* Leezenberg, 2001), a metáfora se origina a partir da necessidade de expressar noções para as quais não há palavras suficientes. Assim, na ausência de uma expressão adequada, ele argumenta, busca-se uma semelhança entre os objetos indicados com a palavra usada figurativamente, tornando uma propriedade que era 'desconhecida', clara. O exemplo usado pelo autor para ilustrar esse pensamento é a expressão *uma colheita rica*. Como não existe nenhuma expressão que indica abundância específica para as colheitas, uma palavra – *rica* – é emprestada da esfera econômica para esclarecer esse significado, e a interpretação adequada da metáfora ocorre em função da semelhança entre os referentes. Segundo esse ponto de vista, mesmo nomes advindos de campos semânticos distintos podem estar relacionados. E essa similaridade é essencial para a interpretação da metáfora.

Na visão conceptualista, esse “empréstimo” corresponde ao mapeamento feito entre os domínios alvo e fonte, no caso “colheita” e “rica”, respectivamente. No entanto, apenas alguns aspectos do domínio fonte da riqueza seriam utilizados para a compreensão do domínio alvo *colheita*. O que não acontece na explicação referencialista, em que um referente literal é substituído por uma expressão metafórica. Segundo Leezenberg (2001), não fica claro na explicação de Cícero como ocorre esse processo de interpretação metafórica com base na similaridade.

Cícero define metáfora como “a compactação de um símile em uma única palavra, que é colocada em um lugar ‘estranho’”³ (CÍCERO, *apud* Leezenberg, 2001, p. 70). Ele defende que o uso dos referentes é irrestrito. Assim, caso a base de semelhança seja

³ The compression of a simile into a single word which is put in a 'strange' place.

reconhecível, a metáfora daria prazer, se não, ela seria rejeitada. Portanto, uma boa metáfora seria aquela em que o orador não fizesse uso de analogia falsa, semelhanças rebuscadas e vulgaridade. Outro exemplo citado por Leezenberg (2001) é: *O homem é um lobo*. Na interpretação dessa metáfora, segundo uma visão referencialista, o máximo que se pode considerar é que o homem é *como* um lobo, e não que seja realmente este animal. Portanto, nesta visão, a metáfora é caracterizada como um símile abreviado, ou seja, uma expressão com a partícula indicadora de comparação elíptica. Leezenberg acrescenta, ainda, sob essa perspectiva, que o poder assertivo real de uma metáfora seria considerado fundamentalmente mais fraco do que a própria comparação explícita, dado que a semelhança na metáfora é apenas implicada, enquanto que na comparação seria explicitada.

Quintiliano (*apud* Leezenberg, 2001), por sua vez, com uma posição não muito distinta da de Cícero, acredita também que a metáfora seja uma forma mais curta de comparação. Porém, enquanto este defende que ocorre o processo de substituição dos referentes no processo metafórico, aquele afirma que algum objeto é comparado com a coisa que se quer descrever. Esses autores e seus seguidores veem a metáfora de um ponto de vista semântico. No entanto, Leezenberg (2001) também nos apresenta visões de autores referencialistas que discutem a metáfora de uma perspectiva pragmática, dentre eles Grice, Davidson e Searle.

Por outro lado, os descritivistas acreditam que não é a referência ou a extensão de uma expressão que, aplicada metaforicamente, determina o significado da metáfora, mas algum outro aspecto do significado, a saber: o seu sentido ou intenção, ou, mais especificamente, a informação descritiva associada a ele.

Leezenberg (2001) afirma que, nas abordagens descritivistas, a metáfora envolve uma mudança no significado ou sentido, e não apenas na referência, de pelo menos uma das palavras da expressão. Ele apresenta o exemplo *o homem é um lobo* para explicar que, neste caso, não é o sentido literal da palavra *lobo* que determina o significado desta expressão metafórica, pois, se assim fosse, não teríamos uma expressão metafórica, mas sim uma declaração literal falsa. Em vez disso, o termo *lobo* adquire um sentido novo ou metafórico, dentro de um contexto específico. Portanto, para os descritivistas, é o sentido em determinado contexto que determina a interpretação.

Conforme o autor, da mesma forma que os conceptualistas, os descritivistas desprezam a ênfase na similaridade como determinante da interpretação e explicação da

metáfora, dada pela visão referencialista. Em direção contrária, eles sustentam que é justamente a ausência de similaridade que garante a presença da metáfora. Nas palavras do autor:

Numa visão referencialista, a semelhança dos referentes é a base para a interpretação, mas na explicação descritivista é precisamente a falta de semelhança, expressa como uma "oposição lógica" ou "choque semântico" entre as palavras que garante o reconhecimento de uma metáfora. É essa incongruência na estrutura linguística de uma predicação que obriga a aquisição de uma nova intenção ou "torção metafórica", como Beardsley (1962: 294) chama.⁴ (LEEZEMBERG, 2001, p. 79. Grifos do autor, tradução literal, nossa.)

De acordo com a visão descritivista, é a partir da incongruência, formada pelo uso das palavras *homem* e *lobo*, na expressão acima, que o falante procura um sentido não literal para a mesma, já que, literalmente, homens não são lobos. Nesse exemplo, é a expressão *lobo* que está sendo usada metaforicamente, transferindo alguns aspectos de seu significado para o de *homem*, termo usado no sentido literal.

Em resumo, a visão descritivista acredita que o reconhecimento de uma metáfora ocorre a partir de um conflito semântico, quando a expressão é interpretada literalmente. Para a interpretação adequada da metáfora, então, é necessária uma transferência de significado. Assim como alguns referencialistas, também surgem descritivistas que, além de uma visão semântica para a interpretação da metáfora, também sustentam uma posição pragmática. Dentre eles, o autor cita Beardsley (1978) e Black (1979a).

Ainda de acordo com Leezenberg (2001), tanto os autores da visão referencialista como os da descritivista, seja de orientação semântica ou pragmática, assumem, implícita ou explicitamente, uma definição de significado metafórico como secundário, que surge a partir de um confronto lógico ou de uma incongruência na interpretação literal. Foi somente com Richards (1936), explica o autor, que uma teoria da metáfora como um fenômeno do pensamento começou a ser elaborada, intensificando-se nos anos de 1980 do século passado, com a publicação da obra pioneira de Lakoff e Johnson: *Metaphors we live by*, a qual será explanada na seção 2.3.1.

⁴ On a referentialist view, the similarity of the referents is the basis for the *interpretation*, but in descriptivist accounts it is precisely a *lack* of similarity, expressed as a 'logical opposition' or 'semantic clash' between the words, that warrants the *recognition* of a metaphor. It is this incongruity in the linguistic structure of a predication that forces the acquisition of a new intension or 'metaphorical twist', as Beardsley (1962: 294) calls it.

Em Vereza (2012), apresenta-se um panorama geral da consideração da metáfora desde a Retórica Clássica até os dias atuais, mostrando que esse fenômeno se tornou tão importante atualmente que recebeu a denominação de **metaforologia**. (PERELMAN, 1982; STEEN, 1996, *apud* VEREZA, 2012).

Foi a essa visão clássica da metáfora que Lakoff e Johnson (1980) se contrapuseram, ressaltando sua ocorrência de outra perspectiva, ou seja, como um fenômeno cognitivo, portanto onipresente na linguagem e no pensamento. Porém, Leezenberg (2001, *apud* VEREZA, 2012) faz uma nova leitura da consideração da metáfora pela Retórica Clássica, mostrando que, na definição de metáfora proposta por Aristóteles, não se identifica qualquer menção aos termos *impróprio* e *desviante*. Ademais, explica o autor, as considerações resumidas de Aristóteles sobre o fenômeno não podem ser admitidas como uma teoria elaborada da metáfora.

A autora chega à conclusão, a partir dessa crítica de Leezenberg (2001), que a metáfora não foi desprezada por Aristóteles, tampouco considerada um desvio e que, por isso, deveria ser evitada. Antes, podemos ler na Retórica que:

Quando bem empregada [*a metáfora*], isto é, em ‘harmonia’ com todo o discurso, teria um importante papel, ao trazer ao mesmo tempo deleite e clareza para um determinado raciocínio: palavras estranhas simplesmente nos intrigam; palavras ordinárias expressam somente o que já sabemos; é pela metáfora que melhor podemos apreender algo novo. (Retórica, III, 10, 1410b, *apud* VEREZA, 2012, p. 49).

A partir da leitura da obra de Kittay (1990), Vereza acrescenta também que a redução da metáfora a um recurso apenas decorativo, portanto, não teve origem em Aristóteles, mas nas leituras equivocadas que se fizeram da *Retórica* dele.

De acordo com Sardinha (2007), Aristóteles apresenta a metáfora como um fenômeno capaz de expressar uma ideia nova e que, por isso, exigiria do interlocutor um trabalho mental, portanto “isso pode sinalizar que Aristóteles reconheceria o papel cognitivo da metáfora” (SARDINHA, 2007, p. 21).

2.2 Situando a Linguística Cognitiva no campo das Ciências Cognitivas

Nesta seção, apresentamos os principais aportes teóricos que se situam no campo da Linguística Cognitiva (LC). Nossa preocupação não é fazer uma discussão exaustiva, mas situar a Teoria da Metáfora Conceptual dentre o vasto território que se denomina de LC. Para tanto, embasar-nos-emos nos postulados de Varela, Thompson e Rosch (2003), Soares da Silva (1997, 2004), Geeraerts (2006) e Ferrari (2011).

Preocupada em definir o que é a mente ou a cognição, sobretudo entender como os seres humanos representam a realidade que os cerca através da linguagem, a Linguística Cognitiva é uma ciência cognitiva, assim como a Neurociência, a Inteligência Artificial, a Psicologia, e, às vezes, a Antropologia e a Filosofia da mente. Essas disciplinas estão no mesmo campo, ou seja, são denominadas como ciências cognitivas por partilharem um objetivo comum: explicar, ou, antes, entender como a mente funciona. Mas, como suas preocupações e métodos são distintos, cada uma se posiciona de um determinado lugar que as fazem divergir entre elas.

Segundo Varela, Thompson e Rosch (2003), o desenvolvimento dessas ciências ocorreu em três estágios contínuos, segundo alguns princípios particulares. Inicialmente, temos o **cognitivismo**, considerado o centro das ciências cognitivas, o qual se preocupa com a representação mental através da manipulação de símbolos. A metáfora que sustenta esse paradigma é a do computador digital. Dentre seus pressupostos, há a crença de que a cognição humana opera através de símbolos, a partir de uma representação formal. Segundo os autores, suas análises são tão definidas e completas que, muitas vezes, esse paradigma é confundido com a própria ciência cognitiva.

Em seguida, surgem o **conexionismo** e a abordagem **atuacionista**, que criticam as bases principais do cognitivismo. O primeiro vai de encontro ao postulado segundo o qual as representações são processadas através de símbolos particulares. Em outra direção, o atuacionismo defende que o que existe são correspondências entre um estado central e as propriedades do mundo. (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003).

Esse posicionamento pode ser exemplificado com a ideia de categorização, que, segundo Ferrari (2011), consiste no processo de agrupamento de entidades semelhantes em classes específicas.

Conforme Geeraerts (2006), para que um membro pertença à determinada categoria, é necessário que ele compartilhe algumas características presentes nos outros

membros da espécie, mas não significa que ele necessariamente tenha que possuir todas as características dos membros prototípicos daquela espécie.⁵

A **abordagem atuacionista**, por seu turno, questiona a ênfase dada à representação como principal componente da cognição. Sua crença é a de que não existe um mundo concebido *a priori* na mente, mas um mundo e uma mente que atuam conforme as ações variadas de um indivíduo no dia a dia.

Esses três estágios de desenvolvimento dos estudos da cognição humana, explicam os autores, estão relacionados com as duas gerações de pesquisadores sobre o tema. Na primeira, situam-se os estudos de Chomsky, na abordagem que costumamos chamar de Gerativista, enquanto que a segunda geração compreende os estudos dos cognitivistas que romperam com este autor, especificamente Fillmore, George Lakoff e Ronald Langacker.

É nesta segunda geração que se desenvolveu a LC, que representou uma proposta inovadora para o estudo da linguagem. É uma corrente dentro da linguística (assim como o estruturalismo e o gerativismo o são) que leva em consideração a experiência humana na abordagem da linguagem natural como um meio de conhecimento, um sistema para a categorização do mundo cujo objeto de investigação é a linguagem enquanto faculdade mental. Seu interesse é saber como o conhecimento se processa através da linguagem e como esta contribui para o conhecimento do mundo.

Isso faz com que Gibbs afirme que ela é mais cognitiva do que as outras ciências cognitivas, como, por exemplo, a psicologia, que tem por preocupação estudar o comportamento, e a inteligência artificial, que estuda a inteligência de um sistema cognitivo, uma vez que seu objeto de estudo se concentra especificamente na linguagem. (cf. GIBBS, 1996 *apud* SOARES DA SILVA, 1997.).

Mas, como não é a única corrente que estuda a linguagem como fenômeno mental (já que o Gerativismo também o faz), é identificada pelo uso das iniciais maiúsculas (Linguística Cognitiva). Seu diferencial está na forma de abordar a linguagem, como veremos a seguir.

Ferrari (2011), após alguns estudos sobre essa ciência, explica que esse termo foi estabelecido porque desde a década de 1960 já se falava em *linguística cognitiva*, para se referir aos postulados da Gramática Gerativa, por isso a necessidade de se estabelecer um diferencial na escrita, a fim de que não se confunda com a linguística cognitiva no sentido chomskyano do termo. LC se refere, portanto, a um tipo específico de cognição: a não

⁵ Sobre categorização, sugerimos a leitura de Rosch e Mervis (1975), Rosch (1978) e Taylor J. R. (1995).

modular, ou seja, a que “prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceitual” (FERRARI, 2011, p. 14).

2.2 1 O nascimento da Linguística Cognitiva

A partir das considerações supracitadas, passamos a especificar como ocorreu o rompimento com a linguística cognitiva (com letras minúsculas) e a implantação dessa nova concepção para o termo (Linguística Cognitiva, com letras maiúsculas).

O conjunto de pressupostos teóricos que estão inseridos no rótulo de LC, de acordo com Soares da Silva (1997), teve início no final da década de 1970 e início da de 1980 do século passado, quando um grupo de autores, dentre eles Lakoff, Johnson, Turner, Langacker e Talmy, inconformados com o tratamento dado à linguagem, por um lado pelo Estruturalismo, e, por outro, pelo Gerativismo, resolveram iniciar pesquisas cujos resultados se contrapunham aos postulados centrais dessas abordagens⁶.

A oposição ao Estruturalismo é decorrente, segundo o autor, da não aceitação da linguagem como um sistema autônomo, que basta a si mesmo, defendido por essa corrente. Os postulados do Estruturalismo vão na direção de que a linguagem, por ter sua própria estrutura, não está relacionada com a forma como os seres humanos a percebem e a conceptualizam, atribuindo essa função a outra abordagem.

Por outro lado, o Gerativismo até defende o estudo da linguagem como faculdade mental, como sistema de conhecimento, mas se limita a analisar a linguagem como componente autônomo, separado dos outros módulos, como a percepção e a memória, por exemplo. Dessa forma, o conhecimento da linguagem fica desvinculado dos outros tipos de conhecimento, posição rejeitada pela LC.

Mas os estudos realizados pelos linguistas cognitivistas (defensores da LC) provaram que esses postulados não davam conta do que realmente ocorre quando utilizamos a linguagem. Os resultados das pesquisas mostraram que o conhecimento linguístico – ou semântico – não pode ser desvinculado das outras faculdades mentais, nem do contexto onde o mesmo ocorre – ou seja, do contexto extralinguístico, uma vez que há

⁶ Conferir Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Lakoff e Turner (1989), R. Langacker (1987, 1990, 1991) e Talmy (1983, 1988a).

uma motivação da experiência no uso que se faz da linguagem, conforme veremos mais adiante.

A institucionalização desse novo paradigma, no entanto, ocorreu somente em 1990, conforme esse autor, mediante a criação da “International Cognitive Linguistics Association”, da revista “Cognitive Linguistics” e da coleção “Cognitive Linguistics Research”. Desde então, a teoria só tem se fortalecido, através de inúmeras pesquisas que têm provado a importância da Semântica (no sentido cognitivo do termo) na consideração da linguagem, afastando de uma vez por todas a primazia do estudo da Sintaxe, adotada pelo Gerativismo.

A defesa de que há uma interação entre as demais capacidades cognitivas e a linguagem, esta como componente central para o entendimento daquelas, faz com que os adeptos dessa abordagem abandonem também a perspectiva modular. Nas palavras de Soares da Silva, a ideia fundamental da LC é:

A de que a linguagem é parte integrante da cognição (e não um “módulo” separado), se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural. (SOARES DA SILVA, 2004. Grifo do autor)⁷.

Somado a isso, Ferrari (2011) afirma que a LC se preocupa com a relação entre palavra e mundo mediada pela cognição. Por isso, sua concepção de semântica diverge, por exemplo, daquela adotada pela Semântica Formal⁸. A noção de semântica privilegiada pela LC é aquela que “concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais”. (FERRARI, 2011, p. 15). Sendo assim, defende-se que a Semântica Cognitiva vê o significado linguístico de um ponto de vista enciclopédico, no qual o contexto direciona a construção do significado.

Segundo Geeraerts (2006), são doze os principais fundamentos que se unem sob o nome de LC, a saber: gramática cognitiva, interpretação gramatical, rede radial, a teoria do protótipo, rede esquemática, a metáfora conceptual, esquema imagético, metonímia, espaços mentais, semântica de quadros, construção gramatical e linguística baseada no uso.

⁷ Disponível em: http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11_silva.html

⁸ Para uma visão geral dos diferentes tipos de abordagem da semântica, sugerimos a leitura de Oliveira (2008).

Esses doze fundamentos distintos formam um conjunto de teorias sobre o funcionamento da linguagem que busca entender como o conhecimento se processa. Por isso, assim como as ciências cognitivas, por terem preocupações distintas, esses princípios fazem da LC uma teoria diversificada⁹.

Conforme esse autor, uma das primeiras ideias características da Linguística Cognitiva é a de que, se quisermos alcançar um nível adequado de conhecimento, não devemos apenas descrever conceitos e categorias por meio de uma definição abstrata, mas também levar em conta as coisas sobre as quais fala a definição. Dessa forma, essa ciência tem por uma de suas preocupações centrais o processo de significação e construção do conhecimento. O que a diferencia das demais abordagens cognitivas da linguística é o fato de ela apresentar quatro princípios básicos de organização da linguagem (esta última tomada fundamentalmente a partir de uma perspectiva semântica). São eles: o significado linguístico é perspectivado; o significado linguístico é dinâmico e flexível; o significado linguístico é enciclopédico e não autônomo; e o significado linguístico é baseado no uso e na experiência. Vejamos o que o autor fala de cada um desses princípios.

O primeiro princípio mostra que **o significado linguístico é perspectivado**. Na medida em que não é apenas um reflexo objetivo do mundo exterior, o significado é uma maneira de moldá-lo de forma particular, portanto perspectivada. É esse sentido que faz com que, por exemplo, pessoas distintas interpretem a mesma situação objetiva utilizando diferentes formas linguísticas.

O segundo explica que **o significado linguístico é dinâmico e flexível**. Isso porque vivemos em um mundo que muda constantemente, então a língua e, conseqüentemente, o significado devem acompanhar essas transformações, não podendo, dessa forma, ser estáticos.

O terceiro defende que **o significado linguístico é enciclopédico e não autônomo**, pois não existe em um módulo separado e independente da mente, antes é decorrente da interação com outros significados do mundo, portanto com outras capacidades cognitivas, e definido também pela experiência cultural.

O quarto e último princípio levantado pelo autor, como o próprio nome sugere, defende que **o significado linguístico é baseado no uso e na experiência**. Haja vista o significado ser construído na interação, ele se realiza na experiência e no uso. A partir

⁹ Para uma visão geral dos demais fundamentos da LC, sugerimos a leitura de Geeraerts (2006).

desses aspectos, abordaremos a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), partindo da noção de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) e seus principais aportes.

2.3 Modelos Cognitivos Idealizados

Em 1987, Lakoff propôs a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Esses modelos consistem em estruturas pelas quais organizamos nosso conhecimento e estão baseados em quatro fontes distintas de pesquisa: a Teoria da Metáfora e da Metonímia, de Lakoff e Johnson (1980), os *Frames*, de Fillmore (1982b), a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1985) e a Gramática Cognitiva, de Langacker (1986).

São esses modelos que possibilitam a categorização e, conseqüentemente, a organização da linguagem em termos de protótipos. De acordo com Lakoff (1987, p. 69-70),

Em geral, qualquer elemento de um modelo cognitivo pode corresponder a uma categoria conceitual. Para ser mais específico, supomos uma teoria esquemática no sentido de Rumelhart (1975) que foi tomada por caracterizar modelos proposicionais. Cada esquema é uma rede de nós e links. Cada nó em um esquema corresponde a uma categoria conceitual. As propriedades da categoria vão depender de muitos fatores: o papel desse nó no esquema dado, a sua relação com outros nós no esquema, a relação desse esquema com outros esquemas, e a interação global desse esquema com outros aspectos do sistema conceitual. (tradução literal, nossa).¹⁰

Esses modelos, conforme o autor, são estruturas complexas, *gestalts*, que organizam nosso conhecimento geral do mundo, em domínios físicos e abstratos, da forma como os experienciamos sócio e culturalmente. Acrescenta ainda que são construtos que resultam da interação do indivíduo com seu meio ambiente, através da corporalidade, e também por meio de mecanismos imaginativos da razão – a metáfora e a metonímia.

De acordo com esse autor, uma categoria é o resultado da combinação entre modelos cognitivos, experiências e o mundo. Esses modelos são vistos como idealizados

¹⁰ In general, any element of a cognitive model can correspond to a conceptual category. To be more specific, suppose schema theory in the sense of Rumelhart (1975) were taken as characterizing propositional models. Each schema is a network of nodes and links. Every node in a schema would then correspond to a conceptual category. The properties of the category would depend on many factors: the role of that node in the given schema, its relationship to other nodes in the schema, the relationship of that schema to other schemas, and the overall interaction of that schema with other aspects of the conceptual system.

porque têm sua estrutura estabelecida a partir de uma seleção de estímulos que orientam o pensar e o agir do indivíduo no processo de interação com o mundo. Eles não existem, de fato, na realidade, até que os criemos.

Para exemplificar o que são MCIs, o autor explica o conceito de *terça-feira*, mostrando que esse conceito só é entendido a partir da noção de categorização. O termo *terça-feira* é definido quando inserido em uma categoria, denominada semana, composta por sete partes, cada uma definida pelo movimento do sol, e a terceira parte é denominada de terça-feira. Da mesma forma, o conceito de *fim de semana* exige uma noção de uma semana de trabalho de cinco dias, seguido de uma pausa de dois dias, sobreposto ao calendário de sete dias, explica o autor.

Esse modelo é idealizado, uma vez que sete dias de uma semana não existem objetivamente na natureza. Eles são “criados” pelas pessoas para melhor organizarem suas vidas. Assim, podem variar de cultura para cultura, já que as experiências e a forma de ver a realidade são distintas em cada grupo específico.

Em alguns contextos, são também chamados de *modelos culturais* por Feltes (2007). Essa autora defende que isso acontece porque, em tais casos:

o sistema conceitual humano e várias categorias por ele geradas são, ao mesmo tempo, cognitivas e culturais. a cognição humana está inextricavelmente ligada à experiência humana corpórea, social, cultural e histórica” (FELTES, 2007, p. 90).

Mas não são todos os modelos cognitivos que podem ser entendidos como modelos culturais, uma vez que existem determinados modelos cognitivos que são vistos como universais, acrescenta.

Segundo a autora, os modelos culturais são esquematizações coletivas, ou seja, pertencentes a grupos. Ela afirma que:

Os modelos culturais só podem ser acessados (pelo analista) por inferência, nunca diretamente, sem a mediação de processos interpretativos. Para tanto, observam-se os comportamentos verbais e não verbais dos membros de um determinado grupo e a lógica do sistema que esses elementos implicam e, então, são construídas as representações chamadas modelos culturais. Tanto os indivíduos de uma coletividade quanto os analistas da cultura precisam abstrair tais modelos. (FELTES, 2007, p. 90)

Como veremos em nossa análise, os mapeamentos metafóricos formam um tipo de MCI, pois um domínio abstrato, no caso *relacionamento*, que não existe objetivamente na natureza, é entendido a partir de outros domínios mais concretos, como *recipiente* e *ser vivo*, por exemplo, com os quais temos uma experiência mais concreta.

É válido ressaltar, com base em Lakoff (1987), que há várias áreas da experiência humana em que temos modos conflitantes de entendimento. Por exemplo, temos teorias populares e especializadas sobre medicina, política, economia. Cada teoria em particular envolve algum modelo cognitivo, com um vocabulário correspondente. Uma determinada pessoa pode ter uma ou mais teorias populares e uma ou mais teorias especializadas em áreas como a medicina, economia ou física. Dessa forma, torna-se comum que tais modelos cognitivos idealizados sejam inconsistentes um com o outro.

O autor afirma que alguns estudos sobre a compreensão que os adultos têm sobre *física* mostraram que a maioria das pessoas não tem um único entendimento coerente sobre o funcionamento do mundo físico. Em vez disso, temos uma série de modelos cognitivos que são inconsistentes.

Como exemplo, ele cita o entendimento do termo *eletricidade*. Muitas pessoas têm duas maneiras de entender a eletricidade: como um fluido contínuo que flui como a água e como um grupo de elétrons que se movem como pessoas em uma multidão.

O teórico fornece explicações a partir dos estudos de Gentner e Gentner (1982). Esses autores fizeram uma pesquisa para saber como as pessoas realmente aprendem e entendem sobre eletricidade. Os resultados mostraram que é comum as pessoas terem os dois modelos de eletricidade apresentados acima e que apliquem um para resolver determinados problemas e o outro para resolver outros problemas.

Como eles observaram, estes modelos são conflitantes, no sentido em que apresentam resultados diferentes em uma determinada área de problemas. Sendo assim, o modelo cognitivo utilizado vai depender da situação vivenciada em cada momento específico.

Lakoff (1987) afirma que pode existir um ou mais modelos caracterizando uma determinada categoria, formando, assim, uma estrutura complexa de conceitos. Acreditamos que o mesmo acontece com o termo *relacionamento* estudado nesta pesquisa. Enquanto conceito metafórico, denominado de domínio alvo pela TMC, esse termo pode ser atualizado com base em domínios origem distintos. Dependendo da experiência que se queira salientar, será utilizado certo domínio origem para categorizar o domínio alvo em

tela. Nesse sentido, a variedade de domínios origem utilizada para a construção do domínio alvo *relacionamento* se torna necessária, hajam vista as experiências com esse conceito sejam tão diversificadas em nossa cultura, principalmente quando se trata de domínios discursivos tão distintos, como o da saúde mental, o religioso e o do espaço virtual.

É importante destacar que a noção de MCI está diretamente relacionada com a de categorização. Segundo Lakoff (1987), a categorização ocorre por haver em nosso sistema conceptual os MCIs que organizam nosso conhecimento. Esses modelos são idealizados, segundo o autor, por dois motivos principais: primeiro, porque são decorrentes do aparato cognitivo, portanto não se encaixam perfeitamente no mundo objetivo. Sendo assim, o que consta em um modelo cognitivo é determinado pelas necessidades, crenças, valores, dentre outros aspectos; segundo, por ser possível a construção de diferentes modelos para a compreensão de uma determinada situação, podendo esses modelos serem contraditórios entre si.

Conforme o autor, há cinco diferentes tipos de MCIs: os de esquemas de imagens, os proposicionais, os metafóricos, os metonímicos e os simbólicos. Porém, nesta pesquisa, iremos focar apenas a metáfora conceptual como representante desses modelos.

Um *modelo metafórico*, segundo Lakoff (1987), é uma sentença em que A (domínio origem) e B (domínio alvo) estão relacionados numa estrutura conceitual, sendo a relação especificada de A para B, conforme explicitaremos na próxima seção.

2.3.1 Teoria da Metáfora Conceptual

Nesta seção, abordamos a TMC desde sua origem, com suas principais características e revisões ocorridas ao longo de seu desenvolvimento e consolidação. Foi principalmente a partir da publicação de *Metaphors we live by*, fruto da parceria do linguista Lakoff com o filósofo Johnson em 1980, que uma série de pesquisas começou a surgir acerca da metáfora, principalmente devido ao fato de esses autores atribuírem a esse fenômeno um *status* nunca antes alcançado, ou seja, de uma simples figura de palavra a metáfora passa a ser considerada como uma questão cognitiva indispensável na elaboração dos conceitos mais comuns do nosso cotidiano.

Baseados no ensaio “The conduit metaphor”, de Michael Reddy (1979), no qual o autor analisa cuidadosamente alguns enunciados linguísticos, mostrando como os falantes

da língua inglesa sinalizam de forma metafórica o conceito de comunicação, Lakoff e Johnson chegaram à conclusão de que há um sistema metafórico que subjaz à linguagem, o qual exerce influência em nosso pensamento e em nossas ações. Eles argumentam que “a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras [...] os *processos do pensamento* são em grande parte metafóricos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48, grifo dos autores). Os autores afirmam que as expressões linguísticas metafóricas, que estão no nível do texto, atualizam metáforas que estão na cognição humana.

Dessa forma, argumentam que, contrariamente ao que acreditava a visão clássica – que a metáfora era uma questão de ornamento linguístico de arte e retórica que só fazia parte da linguagem poética –, nosso sistema conceptual é fundamentalmente metafórico por natureza, por isso agimos e pensamos via metáfora, muitas vezes sem ter consciência.

A partir dessa descoberta, explicam que a maioria dos nossos conceitos abstratos só é entendida via metáfora que, segundo eles, consiste em: “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. E acrescentam que “as metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48).

Para ilustrar esse procedimento, utilizam uma metáfora conceptual: DISCUSSÃO É GUERRA, que é inferida a partir de diferentes expressões linguísticas, tais como: “seus argumentos *são indefensáveis*”, “suas críticas foram *direto ao alvo*”, “jamais *ganhei* uma discussão com ele”. De acordo com os autores,

Não somente *falamos* sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias. Se achamos uma posição indefensável, podemos abandoná-la e colocar-nos numa linha de ataque. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 47, grifo dos autores).

Além disso, argumentam os autores que muitas ações que realizamos linguisticamente quando discutimos são estruturadas parcialmente pelo conceito de guerra. Mas, ao mesmo tempo, há outros aspectos do conceito que são encobertos, justificando, assim, a parcialidade da estruturação. A esse grupo de metáforas em que um domínio é estruturado em termos de outro os autores chamam de **metáforas estruturais**.

A partir desse exemplo, eles discutem que a metáfora (ou *conceito metafórico*, como também é chamada) envolve uma projeção feita entre dois domínios distintos: um domínio fonte (no caso do exemplo citado, *guerra*), que geralmente é mais concreto, e um domínio alvo (no caso acima, *discussão*), que, na maioria das vezes, é abstrato. De acordo com a explicação deles, o mapeamento metafórico consiste em fazer com que se compreenda parcialmente um conceito em termos de outro (o conceito de discussão em termos de *guerra*). No exemplo citado, por ser mais concreto e mais próximo de nossas experiências, o conceito de *guerra* fornece subsídios para a compreensão do conceito de *discussão*. Portanto, sob o ponto de vista da TMC, as diferentes expressões linguísticas que encontramos na linguagem, como “*Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação*” e “*Ele derrubou todos os meus argumentos*” não são metáforas distintas, mas constituem um conceito metafórico específico, DISCUSSÃO É GUERRA. Este último, presente na cognição, mas que se evidencia na linguagem a partir do uso das expressões linguísticas metafóricas.

Outra observação interessante, segundo os autores, é que normalmente não temos consciência desse sistema conceptual. Ele simplesmente ocorre no dia a dia, quer queiramos ou não. Nas palavras dos autores,

A maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45).

É válido ressaltar que, na revisão da teoria, publicada em 2003, os autores consideram que esse mapeamento metafórico, DISCUSSÃO É GUERRA, baseia-se na metáfora primária DISCUSSÃO É LUTA¹¹, aprendida ainda na infância. Geralmente a criança luta contra manipulações físicas de seus pais, e, como sabemos, a luta física passa a ser acompanhada por palavras. A fusão de luta física com palavras associadas é a base para a metáfora primária. “À medida que crescemos, aprendemos sobre lutas mais longas e

¹¹ Para uma descrição mais detalhada sobre metáforas primárias, consultar Grady (1997).

violentas, como batalhas e guerras, e a metáfora é estendida através desse conhecimento”. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 266, tradução literal, nossa).¹²

Para evitar confusão entre as metáforas conceptuais, que estão no domínio do pensamento, e as expressões linguísticas metafóricas que as atualizam – presentes na linguagem, os autores fazem uso das letras maiúsculas para marcar as primeiras. Assim, no exemplo acima, DISCUSSÃO É GUERRA é a metáfora, enquanto que “seus argumentos são *indefensáveis*”, “suas críticas foram *direto ao alvo*”, “jamais *ganhei* uma discussão com ele” são as expressões linguísticas que evidenciam a presença da metáfora conceptual. Nessas expressões, percebemos que entidades do domínio fonte *guerra* são utilizadas para mapear entidades do domínio *discussão*, permitindo as correspondências ontológicas. Dito de outra forma, aspectos como *defesa*, *alvo*, *ganhar*, que são parte do domínio da *guerra*, correspondem a aspectos utilizados no domínio *discussão*. Nas guerras, há ataques, defesas, um alvo a alcançar, ganhadores e perdedores, assim como também numa discussão.

O que os diferencia, então, já que um conceito literalmente não é o outro, é que são utilizados somente alguns aspectos do domínio fonte, outros são encobertos, ou seja, não são utilizados na conceptualização. Por exemplo, a menção às estratégias físicas utilizadas na guerra, que não são mapeadas para o domínio discussão. Por isso, os autores ressaltam que um termo é entendido em termos de outro, mas não que seja, de fato, o outro. Por isso, afirmam que: “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48).

Os autores utilizam a forma proposicional para indicar o nome do mapeamento que ocorre entre os dois domínios, utilizando uma convenção para identificar a metáfora, através da fórmula A É B, ou seja, DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE ou DOMÍNIO ALVO COMO DOMÍNIO FONTE. Segundo eles, essa estratégia deve ser observada para que o mapeamento, que são as correspondências entre as entidades envolvidas na conceptualização, não seja confundido com o nome do mapeamento. (cf. ZANOTTO et. al. 2002).

Tomemos outro exemplo de conceito metafórico: TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES. Para a estruturação do conceito *teorias*, conforme os autores, são

¹² “As we grow up, we learn about more extended and violent struggles like battles and wars, and the metaphor is extended via that knowledge”.

utilizados alguns aspectos do domínio das *construções*, geralmente o alicerce e a parte externa. Outras partes, como o telhado, os cômodos, as escadas, geralmente são desprezadas quando utilizamos expressões linguísticas da linguagem comum. Por outro lado, quando se faz uso destas partes, ou seja, dos aspectos internos do domínio das *construções*, como *quartinhos*, *corredores* ou *gárgulas*, exemplificados, respectivamente, em “A teoria dele tem milhares de *quartinhos* e *corredores* compridos e tortuosos” e “Ele prefere pesadas teorias góticas cobertas por *gárgulas*”, Lakoff e Johnson afirmam que se está diante do que chamamos de linguagem “figurada” ou “imaginativa”.

A estruturação conceitual é a mesma, mas as expressões linguísticas atualizadoras, conforme os autores, são diferentes em cada um dos usos da linguagem, ou seja, comum ou figurado. Em decorrência dessas observações, ao grupo de metáforas atualizadas por expressões linguísticas metafóricas que são comuns em nosso uso diário os autores chamam de **metáforas convencionais**, ao passo que, ao grupo de expressões que nos permitem dar uma nova compreensão aos nossos conceitos, por meio de expressões inusitadas, eles nomeiam como **metáforas imaginativas e criativas ou metáforas novas**. Veremos a especificação dessa classificação na próxima subseção.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) também discutem vários casos de estruturação metafórica entre conceitos que utilizam como domínio fonte uma orientação espacial, são as chamadas **metáforas orientacionais** (ou **metáforas de espacialização**), como podemos ver nas metáforas FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, brevemente explanadas na introdução, nas quais as orientações PARA CIMA/PARA BAIXO servem de base para a organização dos conceitos em apreço. Essa organização é permitida a partir de uma motivação da experiência corpórea que, segundo os autores, direciona o uso que se faz da linguagem, consequentemente o sistema conceitual, variando de cultura para cultura.

Os autores acrescentam, ainda, que utilizam “a palavra ‘é’ ao falar sobre metáforas, como MAIS É PARA CIMA, mas o ‘é’ deve ser visto como uma abreviação para uma série de experiências nas quais a metáfora se baseia e em termos das quais nós a entendemos”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 69).

Ressalte-se que essas metáforas estão relacionadas com a coerência cultural. Nos Estados Unidos, segundo os autores, o conceito metafórico MAIS É PARA CIMA tem prioridade, por exemplo, sobre a metáfora BOM É PARA CIMA, se considerarmos que, na expressão linguística “a inflação está subindo”, PARA CIMA não indica um fenômeno

bom. Assim, concluem eles, “é difícil distinguir numa metáfora a base física da base cultural, já que a escolha de uma base física é função da coerência cultural da metáfora.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 67).

Em outro ponto, ao falar sobre o conceito de FELICIDADE, eles questionam: “o conceito de felicidade é independente da metáfora FELICIDADE É PARA CIMA, ou a metáfora para cima - para baixo aplicada à felicidade faz parte do próprio conceito?” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 66). Isso mostra a interligação entre metáfora conceptual, base física e coerência cultural, que não podem ser dissociadas quando se pretende estudar conceitos metafóricos.

Outro meio utilizado para compreender os conceitos que estruturam grande parte de nossas atividades, acrescentam os autores, é concebê-los como entidades, substâncias, recipientes ou pessoas. Para podermos raciocinar e lidar com determinados conceitos, nós os agrupamos, estabelecemos limites e os tratamos como objetos, entidades ou até mesmo como pessoas. Quando esse tipo de estruturação ocorre, os autores chamam de **metáfora ontológica**. Um exemplo desse tipo de conceito metafórico é CAMPO VISUAL É UM RECIPIENTE, que subjaz a expressões do tipo “O navio *está entrando no meu campo* de visão”, “Ele *está fora de visão* agora”, “Não há nada *à vista*”. Segundo os autores, “As *metáforas ontológicas* servem a vários propósitos e as diferenças que existem entre elas refletem os diferentes fins”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 76, grifo dos autores).

Dessa forma, elas permitem que entendamos eventos, ideias e emoções, para ficar apenas em alguns exemplos, a partir de tal concepção, permitindo a categorização de nossas experiências e, conseqüentemente, melhor entendimento e vivência das mesmas. Segundo eles, o caso mais óbvio de metáfora ontológica é a personificação, uma vez que esse recurso “nos permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 87).

Os teóricos apresentam como exemplo a metáfora específica INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, que é atualizada, dentre outras, pela expressão linguística “A inflação *atacou* o alicerce de nossa economia”. No entanto, após alguns estudos sobre as metáforas ontológicas de personificação, Espíndola (2007) chega à conclusão de que podemos falar em dois tipos de personificação. Um deles é aquele em que uma experiência ou objeto físico é conceptualizado como uma entidade animada, porém não humana, permitindo apenas uma animação do processo. Esse procedimento pode ser observado na expressão

linguística “A inflação está *devorando* nossos lucros”, uma vez que, comumente, o verbo *devorar* não é usado para se referir a pessoas, mas a animais. Assim, não seria de fato uma personificação.

O segundo tipo é a personificação propriamente dita, ou seja, quando são atribuídas características de pessoas a entidades ou objetos físicos, como observado na expressão linguística “A inflação *ludibriou* as melhores mentes econômicas de nosso país”, apresentada pelos autores.

A referida autora defende que, para casos como esses acima citados, seria mais adequado falar em dois tipos distintos de metáforas ontológicas: animação e personificação, uma vez que este último termo é usado para se referir apenas a aspectos referentes a pessoas, enquanto o primeiro alude a ações de seres vivos, mas não humanos, o que descaracteriza a menção personificação.

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), podemos usar as metáforas ontológicas para fazer referência, quantificar, identificar aspectos e causas, traçar objetivos e motivar ações. Consideremos a metáfora: TEORIAS SÃO PESSOAS, atualizada por expressões como “A sua *teoria* me *fez compreender* o comportamento de frangos criados de maneira industrial”. Neste exemplo, um atributo que normalmente se refere ao domínio fonte PESSOAS, ou seja, *fazer entender*, é projetado¹³ para o domínio alvo TEORIA. Ao utilizar esse aspecto humano para falar de uma teoria, realça-se sua importância a tal ponto de ela falar por si própria. É nesse sentido que os autores afirmam que as metáforas servem a diferentes fins. Ao mesmo tempo, outros aspectos são encobertos, como, por exemplo, o responsável pela elaboração de tal teoria. Podemos dizer que essa metáfora é motivada pela metonímia AUTOR PELA OBRA, uma vez que uma teoria supõe alguém que a elaborou¹⁴.

Esta última inferência não é metafórica, uma vez que a metáfora, na visão de Lakoff e Johnson (1980), envolve uma interação entre dois domínios diferentes, mas sim metonímica, posto que, entre *autor* e *teoria*, há uma relação entre entidades do mesmo domínio conceptual. No entanto, no exemplo supracitado, o que está saliente é o fato de a

¹³ Na seção 2.3.1.2 faremos uma observação sobre o uso da palavra “projeção”. Neste caso, a palavra se refere a apenas um aspecto do domínio fonte PESSOAS que corresponde a um aspecto no domínio TEORIA.

¹⁴ Para um estudo mais detalhado sobre metáfora com base metonímica, ver Kövecses (2002) e Barcelona (2003).

teoria ser tão importante que dispensa a menção ao autor, ganhando os atributos que, metonimicamente, pertencem a este.

É comum percebermos os elementos do mundo que nos cerca como entidades. Geralmente projetamos fronteiras e superfícies a esses elementos. Segundo os autores, podemos conceber um bloco de neblina como uma entidade e dizer que ele está *acima* da baía, que também consideramos como entidade, e *na frente* da montanha. Ou seja, delimitamos uma orientação espacial para falar de determinados elementos, a fim de os compreendermos melhor e nos situar no mundo. Nós utilizamos a perspectivação para lidar com os objetos da natureza.

Consideremos, ainda, outro exemplo mencionado pelos teóricos. Ao percebermos uma pedra em nosso campo visual e uma bola localizada entre nós e a pedra, concebemos a bola como situada *à frente* da pedra. Diferentemente dos Hausas, que fazem o oposto. Por isso, os autores enfatizam também a questão cultural. Ao estudar as metáforas conceptuais, é imprescindível situá-las culturalmente, uma vez que as experiências são diferentes em cada cultura específica e as metáforas utilizadas, portanto, refletem essa variação.

A Teoria da Metáfora Conceptual também se destaca por ser uma teoria experiencialista, ou seja, por levar sempre em consideração as experiências – emocional, cultural, física e contextual – na compreensão dos conceitos. Isso significa que, para determinado uso metafórico, considera-se o seu papel na caracterização básica da experiência. Dessa forma, o conceito de verdade passa a ser relativo nessa Teoria, uma vez que depende do contexto de uso onde a metáfora ocorre. Nas palavras dos autores,

Na medida em que compreendemos as situações e afirmações em termos de nosso sistema conceptual, a verdade para nós é sempre relativa a esse sistema conceptual. Da mesma forma, já que essa compreensão é sempre parcial, não temos acesso a “toda verdade” ou a uma explicação definitiva da realidade. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 287, destaque dos autores).

Esse posicionamento coloca em xeque, por um lado, o mito do objetivismo, que acredita que existe uma verdade absoluta, dada *a priori* e, por outro, o mito do subjetivismo – segundo o qual cada indivíduo cria a realidade a seu modo. Os mitos do objetivismo e do subjetivismo podem ser resumidos, segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), respectivamente, como segue:

a) O mundo é objetivo e as coisas existem independentemente dos seres que nele habitam. Assim, só podemos afirmar algo verdadeiro sobre uma realidade que exista objetivamente. Caso contrário, estaremos afirmando algo falso. Nesse contexto, as palavras adquirem significados fixos, claros e precisos, remetendo sempre à realidade;

b) No mundo subjetivo, são as intuições e os sentidos de cada indivíduo que contam. Assim, a linguagem imaginativa é a regra, tornando as experiências únicas para cada ser.

Podemos dizer, então, que o primeiro mito influencia as visões referencialistas da metáfora, pois, segundo elas, um termo metafórico sempre pode ser substituído por um termo literal, portanto que existe na realidade. Já ao segundo pode-se atribuir uma aproximação com as visões descritivistas da metáfora, uma vez que estas acreditam que o falante busca uma informação descritiva das palavras usadas em uma expressão metafórica, procurando um sentido não literal para a mesma, portanto podendo variar de indivíduo para indivíduo.

O objetivismo se utiliza de uma noção de verdade absoluta e objetiva para caracterizar as expressões da língua, por isso não vê o papel desempenhado pela metáfora para caracterizá-la, colocando esse fenômeno no campo da linguagem incomum. Segundo seus defensores, “as metáforas não podem expressar verdades de forma direta e, se enunciam verdades, fazem-no apenas indiretamente, via alguma paráfrase ‘literal’ não metafórica”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 262). Eles defendem que não só a metáfora, mas também os outros tipos de linguagem poética ou figurada devem ser evitados na comunicação objetiva, pois não possuem significados claros e não correspondem claramente à realidade.

Outro aspecto importante descrito pelos autores, decorrente do advento do mito do objetivismo, é que as pessoas, por serem levadas a entender que só existe uma verdade, que é absoluta, ficam reféns de determinadas metáforas que lhe são impostas por determinados grupos. Dessa forma, tudo que foge a sua verdade é considerado inadequado, ou mesmo errado. Podemos fazer um paralelo entre a noção de verdade, e também de metáfora, descrita antes e depois da publicação de *Metaphor we live by* com a noção de língua defendida antes e depois do advento da Sociolinguística. A questão se centra mais no “lugar”, ou seja, na posição social de onde se fala do que no que ocorre efetivamente no uso.

Já o mito do subjetivismo, acrescentam os autores, defende que a metáfora, assim como os outros tipos de linguagem imaginativa, é necessária, pois ela expressa os aspectos únicos e de grande significado de nossa experiência. Os significados comuns das palavras não são suficientes para expressar a compreensão pessoal. Porém, afirmam eles, o que esse mito:

Deixa escapar especificamente é que nossa compreensão, mesmo nossa mais imaginativa compreensão, dá-se em termos de um sistema conceptual fundamentado sobre nosso funcionamento bem sucedido em nossos ambientes físico e cultural. Ele não leva em conta igualmente o fato de que a compreensão metafórica envolve a implicação metafórica, que constitui uma forma imaginativa da racionalidade. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 304).

Como alternativa a esses dois mitos, os autores propõem um terceiro: o mito do experiencialismo. Eles afirmam que a metáfora está presente na linguagem literal e que demanda imaginação. Isso significa que ela é a um só tempo razão e imaginação. Por isso, os autores a chamam de “*racionalidade imaginativa*”. Este último mito seria, então, uma terceira alternativa, que utiliza tanto pressupostos do mito do objetivismo como do mito do subjetivismo, desprezando o que há de radical em cada um deles. Os autores argumentam que:

O fato de nosso sistema conceptual ser inerentemente metafórico, o fato de compreendermos o mundo, de pensarmos e agirmos em termos metafóricos e o fato de as metáforas não poderem ser significativas e verdadeiras – todos esses fatos sugerem que uma teoria adequada do sentido e da verdade só pode ser baseada na compreensão. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 292.)

Feltes (2007, p. 88) destaca, com base em Lakoff (1988), que o termo *experiencial* deve ser entendido num sentido amplo, “incluindo experiências sensório-motoras, emocionais, sociais, assim como capacidades inatas que dão forma a tais experiências e as tornam possíveis”.

Esses teóricos também observam que pode acontecer de um domínio alvo ser caracterizado por mais de um domínio fonte, como podemos ver nos exemplos:

- TEMPO É DINHEIRO
- TEMPO É UM RECURSO LIMITADO
- TEMPO É UM BEM VALIOSO

- TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO;
- TEMPO É UM OBJETO IMÓVEL E NÓS NOS MOVEMOS ATRAVÉS DELE

Em todos esses exemplos, o conceito de tempo é metafórico porque é compreendido a partir de aspectos da experiência cotidiana com o dinheiro, com os recursos limitados, com os bens valiosos e com objetos móveis.

Segundo os autores, essas metáforas formam um único sistema coerente baseado na subcategorização, estabelecendo, assim, uma relação de implicação entre elas. A metáfora TEMPO É DINHEIRO, por exemplo, é a mais específica e implica a segunda, TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, que, por sua vez, implica TEMPO É UM BEM VALIOSO. Sendo assim, as expressões metafóricas utilizadas na interação, que são utilizadas de acordo com o aspecto da experiência que se quer salientar, é que determinam qual metáfora será atualizada em cada caso.

Por outro lado, um único domínio fonte pode ser usado para explicar vários domínios alvo¹⁵. Um exemplo comum é o uso de expressões espaciais como *para cima*. Essa expressão serve para caracterizar vários conceitos, tais como *feliz, controle, mais, razão e saúde*, nas metáforas:

- FELIZ É PARA CIMA
- CONTROLE É PARA CIMA
- MAIS É PARA CIMA
- RAZÃO É PARA CIMA
- SAÚDE É PARA CIMA

Conforme os autores, grande parte de nossos conceitos é compreendida utilizando aspectos de orientação espacial, que são os mais próximos de nossas experiências física e cultural. Assim, a base física para a metáfora FELIZ É PARA CIMA é: postura ereta corresponde a um estado emocional positivo; para CONTROLE É PARA CIMA: tamanho está ligado normalmente à força física e o vencedor numa luta está normalmente por cima; MAIS É PARA CIMA: quando acrescentamos certa quantidade de uma substância ou de objetos físicos em um recipiente ou pilha, o nível sobe; RAZÃO É PARA CIMA: as pessoas se veem como controladoras dos animais, as plantas e seu ambiente físico, sendo a

¹⁵ Kövecses (2002) explora com mais detalhes essa ocorrência de estruturação entre um domínio alvo e vários domínios fonte e vice-versa.

capacidade racional do ser humano que o coloca acima dos outros animais; SAÚDE É PARA CIMA: quando estamos com saúde, ficamos em pé, enquanto que as doenças graves nos obrigam a ficar deitados, atualizando o oposto: DOENÇA É PARA BAIXO.

Além desses casos, os autores também apresentam a justaposição de metáforas, isto é, casos em que uma única expressão atualiza mais de uma metáfora, ressaltando, por isso, dois aspectos ao mesmo tempo, como podemos observar no exemplo: “*até esse ponto* nossa argumentação não tem *muito conteúdo*.” Aqui, as metáforas subjacentes são, respectivamente: DISCUSSÃO É VIAGEM e DISCUSSÃO É RECIPIENTE. A esses casos, eles denominam de **metáforas mistas**.

Podemos concluir que, nessa obra, os autores ampliam o conceito de metáfora, pois esta não fica mais restrita apenas aos casos de expressões linguísticas novas e imaginativas, que geralmente eram estudadas no terreno da literatura, por isso presentes somente na linguagem, mas abrangem também o sistema cognitivo, ou seja, o pensamento e suas metáforas convencionais, que subjazem a expressões as mais corriqueiras.

Como veremos mais adiante, outros estudos também mostraram que a linguagem da publicidade está recheada dessas novas expressões, confirmando, assim, tese de Lakoff e Johnson (1980), segundo a qual o fenômeno metáfora se faz presente em qualquer situação em que se manifeste a linguagem.

A grande contribuição desses autores para os estudos da metáfora foi justamente desfazer a ideia de que ela está presente somente na linguagem imaginativa, ou seja, literária, pois eles comprovam que a linguagem comum também está repleta de metáforas. Portanto, seus pressupostos elevam a metáfora ao *status* de fenômeno intrínseco ao pensamento, que se manifesta na língua através das expressões linguísticas utilizadas pelos falantes.

Apesar das críticas que surgiram aos postulados destes teóricos, suas ideias serviram de base para inúmeros estudos posteriores, abrindo caminho para novas descobertas sobre esse fenômeno e sua implicação para o estudo da linguagem. A subseção que segue aborda a diferença entre metáfora convencional e metáfora nova.

2.3.1.1 Metáfora convencional e metáfora nova

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) também fazem uma distinção entre **metáforas convencionais e metáforas novas**. Consideremos um exemplo citado por eles:

AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA

Conceitos metafóricos como este, que são menos frequentes em nosso uso diário, realçam certas experiências que envolvem o conhecimento e vivências individuais, de um lado, com o amor e, de outro, com uma obra de arte colaborativa, portanto seu entendimento não será igual para todas as pessoas. Segundo os teóricos, “as metáforas novas têm o poder de criar uma realidade nova.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 242). Assim, cada indivíduo entenderá de forma distinta essa metáfora, conforme sua experiência amorosa, ou mesmo não verá sentido algum, se sua experiência com o amor não for vista nessa perspectiva.

As metáforas conceptuais, portanto, põem em evidência determinados aspectos da experiência, enfraquecem ou mesmo ocultam outros. Além disso, os autores defendem que elas tanto podem envolver similaridade a partir da correlação entre os domínios, no caso das metáforas convencionais, como criar nova similaridade, quando se trata de metáforas novas. Por isso, nesse sentido, seus pressupostos vão de encontro à visão clássica, segundo a qual a similaridade é sempre dada *a priori*.

Observa-se que as metáforas novas, as consideradas poéticas pela teoria clássica, não podem ser vistas como um desvio, uma vez que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) afirmam que metáforas desse tipo “criam similaridade para algum propósito” que vai além da mera “enganação”. Além disso, estudos revelam que, na linguagem publicitária (cf. Maria da Silva, 2006; Espíndola, 2005, 2007; Aldrigue, 2007; Machado, 2009), essas novas expressões são exploradas justamente para “aproximar o produto à venda do possível comprador, como forma de persuadi-lo” (ESPÍNDOLA, 2007, p. 52). Vejamos dois exemplos discutidos por esta autora:

1) “Atenção, mães: *está nascendo o novo sabão em pó da Assolan.*” (Revista Veja).

2) “*Sede de verdade a gente doma é no laço.*” (Cerveja Cristal, Revista Veja)

A primeira expressão linguística atualiza a metáfora conceptual SABÃO É UM SER VIVO e a segunda, A SEDE É UM ANIMAL, ambas metáforas novas, utilizadas para divulgar os produtos que estão à venda: sabão, no primeiro caso, e cerveja, no segundo. Longe de ser um desvio, observamos que o uso de expressões linguísticas novas e de metáforas conceptuais também inéditas se mostra nesses casos como uma estratégia utilizada pela publicidade.

Alguns teóricos, como Lakoff e Turner (1989) e Lakoff (1993, 2006), discutem esses usos novos, mostrando como a linguagem literária faz uso das metáforas conceptuais que estão impregnadas na linguagem comum, conforme veremos a seguir.

Lakoff e Turner (1989) fizeram um estudo da metáfora na linguagem literária e comprovaram que as expressões presentes na poesia, consideradas extraordinárias, em sua maioria, partem do uso comum que se faz da linguagem. Segundo os autores, o uso da metáfora é tão normal que o fazemos inconscientemente, uma vez que essa ferramenta está onipresente em nosso pensamento. Portanto, a primazia da metáfora na linguagem literária inexistente.

Conforme explicitam os autores, o que diferencia a linguagem literária da linguagem comum é a criatividade do poeta, sua maneira inusitada de apresentar as expressões linguísticas metafóricas. Eles apresentam a maneira como comumente entendemos os conceitos de *nascimento*, *vida* e *morte*, dentre outros, mostrando como eles são atualizados nos poemas de Shakespeare. Vejamos como o poeta usa as expressões para atualizar, por exemplo, o conceito de *nascimento*:

Thou must be patient; we *came crying hither*:
Thou know'st the first time that we smell the air
We wail and cry ... (King Lear, 4.4)¹⁶

Nessa estrofe, conforme os autores, o poeta está usando uma extensão da concepção metafórica muito comum: NASCIMENTO COMO CHEGADA, presente na expressão “viemos para cá”, que faz referência à expressão “no caminho”, geralmente usada quando se fala do nascimento de um bebê.

Da mesma forma, sua contraparte é utilizada: MORTE COMO PARTIDA. Esta metáfora é atualizada quando, por exemplo, um médico, após uma operação séria, afirma “still with us”. Note-se que a expressão indica que o paciente “ainda” está vivo, mas com a possibilidade de “partida” iminente, inferida pelo uso de “still”. Em outra expressão, “at Death's door” (à beira da morte), os autores comentam que pode ser falado também como “slipping away” (escapulindo), atualizando a mesma metáfora. De forma geral, expressões como “passing away” (falecimento), “being gone” (partiu), “departing” (partida) são usadas para falar sobre a morte.

¹⁶ Tu deves ser paciente; nós *viemos para cá* chorando:/ Tu conheces a primeira vez que sentimos o cheiro do ar/ Nós berramos e choramos. . . (King Lear, 4.4. tradução literal, nossa).

A metáfora geral para a *vida*, por sua vez, segue a mesma conceptualização descrita por Lakoff e Johnson (1980): VIDA É UMA VIAGEM. Expressões como “getting off to a good start”, (ficar fora de um bom começo na vida) para se referir a uma criança, ou “at the end of the trail” (no final da trilha), para se referir a um idoso, ressaltam a concepção de que as pessoas estão “making their way in life” (fazendo o seu caminho na vida.), porque a VIDA É UMA VIAGEM na qual o nascimento marca o início e a morte, o fim.

Os autores citam também, dentre outras, uma estrofe do poema de Robert Frost que tem por título “The Road Not Taken”:

Two roads diverged in a wood, and I –
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.¹⁷

Nessa estrofe, percebe-se que o eu lírico não se refere a uma viagem no sentido literal, mas à viagem da vida. O que faz essa estrofe ter sentido é nosso conhecimento cognitivo da metáfora VIDA É UMA VIAGEM. Sempre de acordo com os autores, o conhecimento da estrutura dessa metáfora pressupõe uma série de correspondências entre os dois domínios conceituais, *vida* e *viagem*, tais como:

- A pessoa que leva uma vida é um viajante.
- Seus propósitos são os destinos.
- Os meios para atingir fins são rotas.
- Dificuldades na vida são impedimentos para viajar.
- Os conselheiros são guias.
- O progresso é a distância percorrida.
- Coisas que medem o seu progresso são marcos.
- Escolhas na vida são encruzilhadas.
- Os recursos materiais e talentos são providências.

Reiteramos que é a esse conjunto de correspondências que os autores chamam de mapeamento entre os domínios conceituais.

Outra questão levantada pelos autores diz respeito à parcialidade dos conceitos metafóricos. Eles discutem que um mesmo conceito pode ser entendido de forma metafórica ou não, dependendo dos aspectos particulares da estrutura conceptual. Por isso,

¹⁷ Duas estradas divergiam num bosque, e eu -/Eu tomei a menos percorrida, /E isso fez toda a diferença. (tradução literal, nossa).

é ilusão pensar em conceitos como sendo totalmente metafóricos ou totalmente não metafóricos.

Consideremos o exemplo MÁQUINAS SÃO PESSOAS, atualizado pela expressão “O telefone está *morto*”, para indicar que não funciona. Nessa expressão, o conceito de *morte* é usado no sentido literal, isto é, sem vida, portanto sem funcionar. Observe-se que um aspecto humano está sendo usado para falar de uma máquina. Segundo os autores, temos vários conceitos que servem de domínio de origem que não são normalmente entendidos metaforicamente em todos os casos. Esses conceitos servem de base para muitas metáforas, mas em si não são metafóricos por natureza. É o caso de conceitos, como *viagens, plantas, sono, fogo, dias, noites*.

Eles acrescentam que, para entender um domínio alvo em termos de um domínio origem, é preciso ter um conhecimento adequado deste, mesmo que a metáfora seja convencional. Na metáfora VIDA É UMA VIAGEM, já discutida, nossa compreensão da vida como uma viagem usa o nosso conhecimento sobre viagens, ou seja, que as viagens envolvem viajantes, caminhos percorridos, ponto de partida, lugares de destino, impedimentos. E o ponto de partida, nesse caso, ocorre com o nascimento.

Assim, conforme explicam os autores, os poetas utilizam os mecanismos do pensamento metafórico do dia a dia, mas os estendem, elaboram-nos e os combinam em formas, expressões linguísticas, que vão além do trivial, e isso faz a diferença em seus textos, tornando-os inusitados.

Vejamos um exemplo de elaboração usado pelos autores, retirados de Horácio. Para a metáfora MORTE COMO PARTIDA, encontra-se a seguinte expressão: “exílio eterno de balsa”¹⁸. Aqui o poeta usa uma metáfora convencional, uma vez que concebemos morte como uma saída para um lugar distante, geralmente em algum veículo, mas de forma inusitada, uma vez que caracteriza o estar longe daqui como um caso especial de exílio, em um veículo incomum – uma balsa. Assim, fica evidenciado que, na maioria dos exemplos, o que temos são novas expressões para atualizarem metáforas que já fazem parte do sistema conceptual.

Em artigo publicado em 2006, (com aprofundamento de pesquisa realizada e publicada 1993)¹⁹, Lakoff afirma que, nas teorias clássicas, a linguagem comum não

¹⁸ “ eternal exile of the raft”.

¹⁹ Originalmente o texto “The contemporary theory of metaphor” foi publicado em: A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp. 202-251). 2nd. ed. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1993.

comportava metáforas. Acreditava-se que seu uso estava presente apenas em linguagem especial, como a da literatura. A metáfora era definida pelos clássicos como “uma expressão linguística inovadora ou poética em que uma ou mais palavras de um conceito são utilizadas fora do seu significado normal, convencional para expressar um conceito ‘semelhante’”.²⁰ (LAKOFF, 2006, p. 185, grifo do autor. Tradução literal, nossa).

Mas, segundo este autor, as generalizações que governam as expressões metafóricas poéticas não estão na linguagem, e sim no pensamento, uma vez que são mapeamentos gerais entre domínios conceptuais que acontecem também na linguagem cotidiana comum. Sendo assim, o lugar da metáfora não está principalmente na linguagem, mas nas conceptualizações que realizamos entre os domínios. Nesse sentido, conceitos abstratos cotidianos, como *tempo*, *estado*, *mudança*, *causalidade* e *finalidade* também são metafóricos. A partir de pesquisas empíricas, Lakoff chega à conclusão de que a metáfora literária, ou seja, inovadora, é uma extensão desses mapeamentos cotidianos.

De acordo do Lakoff (2006), a visão contemporânea da metáfora coloca em xeque a divisão linguagem literal *versus* linguagem figurada, na qual a metáfora aparece como uma espécie de linguagem figurada, excluída, portanto, do campo da linguagem literal. Como consequência dessa divisão, surge uma série de falsas premissas que, segundo o autor, separa o estudo da metáfora em antes e depois da publicação do trabalho de Reddy (1979). São elas:

- ✓ Toda linguagem convencional diária é literal, e nenhuma é metafórica.
- ✓ Todo tema pode ser compreendido literalmente, sem metáfora.
- ✓ Apenas a linguagem literal pode ser contingentemente verdadeira ou falsa.
- ✓ Todas as definições apresentadas no léxico de uma língua são literais, não metafóricas.
- ✓ Os conceitos utilizados na gramática de uma língua são todos literais, nenhum é metafórico. (LAKOFF, 2006, p. 187. Tradução literal, nossa)²¹

As pesquisas que surgiram sobre a metáfora, depois da publicação do trabalho de Reddy, dentre elas a publicação de *Metaphors we live by*, já mencionada, mostrando como

²⁰ “a novel or poetic linguistic expression where one or more words for a concept are used outside of their normal conventional meaning to express a ‘similar’ concept”.

²¹ All everyday conventional language is literal, and none is metaphorical.

All subject matter can be comprehended literally, without metaphor.

Only literal language can be contingently true or false.

All definitions given in the lexicon of a language are literal, not metaphorical.

The concepts used in the grammar of a language are all literal; none are metaphorical.

a linguagem comum, principalmente no tocante aos conceitos abstratos, é organizada a partir de um complexo sistema conceptual metafórico, destruíram esse conjunto de premissas e, conseqüentemente, a distinção rígida entre linguagem literal e linguagem metafórica.

Sendo assim, ao conjunto de teorias que entendem que há uma distinção entre linguagem literal e linguagem figurada, a partir do uso de metáforas, emprega-se o termo *teorias clássicas da metáfora*. Por outro lado, ao conjunto de pressupostos que entendem que a linguagem comum é predominantemente metafórica, ficando o termo literal reservado a um pequeno número de expressões, denomina-se de *teoria contemporânea da metáfora*.

Essa foi mais uma grande contribuição da Teoria da Metáfora Conceptual: mostrar que a distinção entre esses termos (linguagem literal x linguagem figurada) não pode ser feita com base na presença ou não da metáfora, uma vez que esta se apresenta nos dois tipos de linguagem. Os autores admitem que existam expressões na língua que são compreendidas sem o uso do mapeamento metafórico, mas que geralmente a metáfora é a regra.

Ainda conforme Lakoff (2006), há cinco tipos de evidência que justificam a existência de um sistema de metáforas conceptuais: as generalizações que regem a polissemia, o sistema de inferências, a linguagem metafórica inovadora, a mudança semântica e os experimentos psicolinguísticos. Para os propósitos deste trabalho, falaremos apenas da metáfora inovadora. Para um maior aprofundamento das demais, conferir Lakoff (2006).

Com base no autor, para falar de uma *relação amorosa*, é comum a utilização da expressão “*Nosso relacionamento está num beco sem saída*”. Segundo ele, nessa expressão, o amor está sendo conceituado como se fosse uma viagem, atualizando, assim, a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM. Essa expressão é usada para indicar que a relação está parada, que os amantes não podem continuar do jeito que estão, que eles devem voltar, ou abandonar de vez a relação. Além dessa, apresenta outras expressões que, segundo o mesmo, atualizam essa metáfora, dentre elas:

- *Veja a que ponto nós chegamos.*
- *Tem sido uma longa estrada esburacada.*
- *Não podemos voltar atrás agora.*

- Estamos *numa encruzilhada*.
- Talvez tenhamos que *seguir nossos caminhos separados*.
- O relacionamento não *está indo a lugar algum*.
- Estamos *girando em falso*.
- Nosso relacionamento está *fora da pista*.
- O casamento está *encalhado*.
- Talvez tenhamos que *sair dessa relação*²².

Porém, ao analisar essas e outras expressões utilizadas pelos autores em *Metaphors we live by*, percebemos que, em vez de atualizarem a metáfora AMOR É UMA VIAGEM, elas atualizam as metáforas RELACIONAMENTO É VIAGEM e RELACIONAMENTO É VEÍCULO. Explicamos por quê.

As expressões “Veja a que ponto nós chegamos”, “Tem sido uma longa estrada esburacada”, “Nós não podemos voltar atrás agora”, “Estamos numa encruzilhada” e “Talvez tenhamos que seguir nossos caminhos separados” atualizam a metáfora RELACIONAMENTO É UMA VIAGEM, enquanto que as expressões “O relacionamento não está indo a lugar algum”, “Estamos girando em falso”, “Nosso relacionamento está fora da pista.”, “O casamento está encalhado.” e “Talvez tenhamos que sair dessa relação” licenciam a metáfora RELACIONAMENTO É VEÍCULO.

Acreditamos que, a partir dessas expressões, infere-se que não é o sentimento **amor**, mas o próprio **relacionamento amoroso** entre o casal que chegou num determinado “ponto”, “tem sido uma longa estrada”, não dá para “voltar atrás agora”, está “numa encruzilhada” “não está indo a lugar algum”, que “está girando em falso”, “fora de pista”, “encalhado”, por isso o casal talvez tenha que “sair dessa relação”/veículo, não do amor.

A citação a seguir corrobora esta observação de que o domínio alvo é RELACIONAMENTO, em vez de AMOR. Vejamos:

Os amantes são viajantes no mesmo trajeto, com seus objetivos de vida comuns observados como destinos a serem alcançados. **A relação é o veículo**, e permite-lhes perseguir esses objetivos comuns em conjunto. A

²² Look how far we've come./It's been a long, bumpy road./We can't turn back now./ We're at a crossroads./We may have to go our separate ways./ The relationship isn't going anywhere./We're spinning our wheels./ Our relationship is off the track./The marriage is on the rocks./We may have to bail out of this relationship.

relação é vista como cumprimento do seu propósito, desde que lhes permita progredir em direção a seus objetivos comuns. A viagem não é fácil. Existem impedimentos, e há lugares (encruzilhadas) em que uma decisão tem que ser feita sobre qual direção seguir e se continuam viajando juntos.²³ (LAKOFF, 2006, p. 190. Tradução nossa, grifo nosso.)

Os amantes, nesse caso, estão no veículo (relacionamento) buscando alcançar seus destinos, que, segundo o autor, são “seus objetivos de vida comuns” na viagem (relacionamento).

Também explica o autor que a metáfora envolve um mapeamento bem elaborado entre dois domínios, como mencionado anteriormente, de forma que há entidades no domínio de origem (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades) que correspondem a entidades no domínio fonte (os viajantes, o veículo, os destinos). Assim, o termo mapeamento é usado para se referir a esse “conjunto de correspondências”. E é esse conjunto de correspondências que licencia cada metáfora conceptual.

A partir desse ponto de vista, o autor reafirma que a metáfora não é proposicional, mas conceptual. Por isso, deve-se tomar o cuidado de não confundir as expressões linguísticas, que são as correspondências entre os domínios, com as próprias metáforas, ou seja, os conceitos metafóricos. Nesse momento, ele reafirma o entendimento da metáfora como segue: “As metáforas são mapeamentos, isto é, conjuntos de correspondências conceituais.”²⁴ (LAKOFF, 2006, p. 191). É nesta perspectiva de metáfora que embasamos esta pesquisa, observando a ressalva feita anteriormente de que esses mapeamentos são parciais.

Esse grupo de correspondências entre os dois domínios pode exemplificar, segundo o linguista, tanto um sistema de inferência como uma generalização polissêmica, nos quais o conhecimento sobre viagens é utilizado na compreensão de um relacionamento amoroso. Portanto, não é de forma aleatória que se estabelecem as correspondências, mas a partir de um mapeamento ontológico entre os domínios, já convencionalizado em nosso sistema conceptual. A partir dessa ideia, o referido autor também conclui que, por ser inferida a partir dessas correspondências, a metáfora é primordialmente uma questão de pensamento

²³ The lovers are travelers on a journey together, with their common life goals seen as destinations to be reached. **The relationship is their vehicle**, and it allows them to pursue those common goals together. The relationship is seen as fulfilling its purpose as long as it allows them to make progress toward their common goals. The journey isn't easy. There are impediments, and there are places (crossroads) where a decision has to be made about which direction to go in and whether to keep traveling together.

²⁴ metaphors are mappings, that is, sets of conceptual correspondences.

e somente secundariamente de palavras. Essa metáfora particular já está arraigada na forma como as pessoas pensam e agem nas relações amorosas, por isso é uma metáfora convencional.

Já a expressão “Estamos dirigindo na faixa rápida na estrada do amor.”²⁵, retirada de uma canção, não é usualmente utilizada na linguagem comum, observa o autor. No entanto, atualiza a mesma metáfora conceptual discutida acima: AMOR É UMA VIAGEM. Esse novo uso é entendido e aceitável justamente por existir esse sistema conceptual subjacente, estruturado pelas correspondências ontológicas entre as entidades nos dois domínios conceptuais. Portanto, o uso de expressões metafóricas novas ou imaginativas são extensões desses usos convencionais, explica o autor.

Lakoff sustenta, ainda, que a metáfora é uma questão primeiramente de pensamento por apresentar essa sistematicidade de correspondências entre as entidades do domínio de origem e as do domínio alvo, por governar o raciocínio e o comportamento baseado nesse raciocínio e por possibilitar a compreensão de novas extensões a partir das correspondências convencionais.

A partir de diversas pesquisas, Espíndola (2005, 2007, 2011) observa que também na publicidade há predominância do uso de expressões linguísticas inovadoras, atualizando metáforas conceptuais que têm por domínio alvo conceitos abstratos, os quais são conceptualizados como entidades (coisas ou seres), ou seja, metáforas ontológicas. Como vimos anteriormente, essas metáforas servem a vários propósitos e têm por característica principal o uso da personificação como recurso persuasivo.

O diferencial encontrado nessas últimas pesquisas está no fato de as metáforas atualizadas por estas expressões serem também inéditas, e não apenas as expressões linguísticas que as atualizam, como é o caso, por exemplo, da expressão linguística “Atenção, mães: *está nascendo o novo sabão em pó da Assolan*”, que atualiza a metáfora conceptual SABÃO É UM SER VIVO e “*Sede de verdade a gente doma é no laço*”, que atualiza a metáfora SEDE É UM ANIMAL.

²⁵ We’re driving in the fast lane on the freeway of love.

2.3.1.2 Revisões da Teoria da Metáfora Conceptual

Em 2003, Lakoff e Johnson publicam uma nova edição da Teoria da Metáfora Conceptual, na qual acrescentam um posfácio, revisando alguns pressupostos da primeira publicação (1980) e acrescentando outros.

Primeiramente, eles afirmam que há uma série de equívocos herdados da tradição Ocidental que, de certa forma, já foram superados pelas pesquisas contemporâneas sobre a metáfora. Esses equívocos podem ser resumidos como segue: a metáfora é uma questão de palavras e não de conceitos, a metáfora é baseada em similaridade, todos os conceitos são literais e o pensamento racional não pode ser moldado pela natureza de nossos cérebros. Como ficou explicado pelos autores, a metáfora é uma questão primordialmente de cognição e não de palavras, baseada em correlações entre domínios da experiência, presentes principalmente na linguagem comum. Eles assim resumem a diferença entre **metáforas conceptuais** (presentes no pensamento) e **metáforas linguísticas** (presentes nas expressões da língua):

A metáfora é um fenômeno natural. Metáfora conceitual é uma parte natural do pensamento humano, e metáfora linguística é uma parte natural da linguagem humana. Além disso, as metáforas que temos e o que elas significam dependerão da natureza de nossos corpos, nossas interações no ambiente físico, e nossas práticas sociais e culturais. Toda pergunta sobre a natureza da metáfora conceitual e seu papel no pensamento e na linguagem é uma questão empírica.²⁶ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 247. Tradução literal, nossa).

No tocante à evidência da presença da metáfora conceptual, os autores mencionam os estudos empíricos realizados por Lakoff e Turner (1989) – de extensões para casos poéticos e novos; pela psicologia – a exemplo dos estudos de *priming* (ativação), por Gibbs (1994) e Boroditzky (2000); estudos de gesto feitos por McNeill (1992); pesquisa histórica de mudança semântica – realizada por Sweetser (1990); na análise do discurso, por Narayanan (1997); análise da linguagem de sinais – Taub (1997); e até na aquisição da linguagem, por C. Johnson (1999).

²⁶ Metaphor is a natural phenomenon. Conceptual metaphor is a natural part of human thought, and linguistic metaphor is a natural part of human language. Moreover, which metaphors we have and what they mean depend on the nature of our bodies, our interactions in the physical environment, and our social and cultural practices. Every question about the nature of conceptual metaphor and its role in thought and language is an empirical question.

Outra questão levantada e revisada pelos autores é a metáfora utilizada para falar sobre a metáfora. Em 1980, eles adotaram a ideia do mapeamento, utilizando as correspondências como usado na matemática. Com essa ideia, entidades do domínio de origem correspondem a entidades do domínio alvo. No entanto, essa metáfora não se aplicaria aos casos em que se cria uma entidade no domínio alvo. Eles apresentam o exemplo TEMPO É DINHEIRO, para justificar sua posição. O tempo não tem necessariamente um uso em todas as culturas, por isso não é um recurso em todas elas, mas no momento em que se cria uma entidade para falar sobre o tempo, como um recurso limitado ou um bem valioso, ele passa a ser compreendido de outra forma.

Diante dessa limitação, eles pensaram em uma nova metáfora para explicar os conceitos metafóricos, a metáfora da Projeção. Baseados na imagem de um retroprojetor, um domínio alvo seria um *slide* inicial e a projeção metafórica para o domínio fonte seria colocar outro *slide* em cima do primeiro, acrescentando, dessa forma, a estrutura da fonte para o alvo, inclusive entidades extras. Mas essa ideia também não se mostrou adequada, pois necessariamente obrigaria a transferência de tudo do domínio fonte para o domínio alvo, mas já vimos que isso não acontece, já que os mapeamentos entre os domínios são apenas parciais. Na metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, por exemplo, muitos aspectos do domínio dos edifícios não são mapeados para o alvo, como a pintura, a fiação elétrica, abordados anteriormente. Portanto, a metáfora da projeção não permite essa parcialidade da conceptualização metafórica.

Desde 1997 eles abandonaram a metáfora da Projeção em função de uma teoria neural, baseados nos pressupostos de Feldman e Lakoff sobre a Teoria Neural da Linguagem.

Os autores também explicam que o termo **mapa** e **mapeamento** vêm da neurociência e podem ser observados com mais detalhe no trabalho de Narayanan (1997), que desenvolveu uma teoria na qual as metáforas conceituais são computadas neuralmente através de mapas neurais, ou seja, circuitos neurais que ligam o sistema sensorio-motor às maiores áreas corticais. Nas palavras dos autores:

Na teoria neural da metáfora, portanto, os termos mapa e projeção assumem um significado totalmente novo. Os mapas ou mapeamentos são links físicos: circuitos neurais que ligam grupos neuronais chamados de *nós*. Os *domínios* são conjuntos neurais altamente estruturados em

diferentes regiões do cérebro²⁷. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256, grifo dos autores. Tradução literal, nossa).

Dessa forma, a metáfora se afasta de vez da ideia da projeção e assume uma nova postura, seguindo esses links neurais. Os autores postulam que o pensamento metafórico complexo é estruturado a partir das metáforas primárias, conforme demonstrou Grady (1997). Eles explicam que nosso cérebro trabalha a partir de representações, que são “formas de imaginação em que o raciocínio abstrato é governado por desdobramentos de representações sensório-motoras em tempo real e em contextos reais”.²⁸ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 258).

Essas representações podem ser realizadas por metáforas múltiplas, segundo eles, como visto na expressão linguística: “I’ve *fallen in love*, but we seem to be going in *different directions*.”²⁹. Nela, podemos atualizar as seguintes metáforas conceituais: FALTA DE CONTROLE É PARA BAIXO, atualizada por “fallen”; ESTADOS SÃO LOCAIS, vista em “in love”; MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS, a mudança de antes da paixão para novo estado, apaixonado; e AMOR É VIAGEM, subjacente à expressão “going in *different directions*”. Assim, inferências do domínio de origem são transferidas para o domínio alvo através de links neurais e não por projeção.

Eles também revisam a classificação das metáforas que realizaram, por ocasião da primeira publicação, em três categorias: estruturais, ontológicas e orientacionais, admitindo que foi uma divisão artificial. Conforme palavras dos autores: “Todas as metáforas são estruturais (elas mapeiam de estruturas para estruturas), todas são ontológicas (criam entidades no domínio alvo), e muitas são orientacionais (mapeiam esquemas imagéticos orientacionais).”³⁰ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 264. Tradução literal, nossa).

Após a explanação da referida teoria, consideramos importante tecer alguns comentários: quanto à terminação metáfora nova *versus* metáfora convencional, percebe-se que, na maioria dos estudos, o que predomina não são metáforas novas, mas novas

²⁷ In the neural theory of metaphor, therefore, the terms map and projection take on a whole new meaning. The maps or mappings are physical links: neural circuitry linking neuronal clusters called *nodes*. The *domains* are highly structured neural ensembles in different regions of the brain.

²⁸ Forms of imagination in which abstract reasoning is governed by sensory-motor enactments unfolding in real time and in real contexts.

²⁹ Eu me apaixonei, mas parece que estamos indo em direções diferentes. (Tradução literal, nossa)

³⁰ All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target domain entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas).

expressões linguísticas metafóricas que atualizam uma metáfora já convencionalizada. Portanto, corrobora-se a ideia de que a metáfora literária é consequência do sistema conceptual, que atualiza a metáfora conceptual convencional por meio de expressões inovadoras.

Assim, se as metáforas convencionais são a base para as novas, então elas não podem ser chamadas de mortas, como sugere a teoria clássica da metáfora. Nas palavras de Lakoff:

O maior ponto para tirar desta discussão é que a metáfora reside na maior parte deste sistema, fixo e altamente estruturado, um sistema, mas nada de "morto". Porque é convencional, é usado constantemente e automaticamente, sem nenhum esforço nem consciência. A metáfora nova utiliza este sistema, e baseia-se nele, mas só raramente ocorre independentemente dele. O mais interessante é que este sistema de metáfora parece dar lugar ao raciocínio abstrato, que parece basear-se no raciocínio espacial.³¹ (LAKOFF, 2006, p. 213).

Percebemos também que, ao falar sobre as metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas, na obra de 1980, Lakoff e Johnson tendem a salientar mais uma do que outra. Por exemplo, ao falar das metáforas ontológicas os autores afirmam que “A nossa experiência com substâncias e objetos físicos propicia uma outra base para a compreensão – uma base que vai além da *simples orientação*” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 75, grifo nosso). Dessa forma, salientam as ontológicas como mais importantes que as orientacionais. Em outra passagem, quando falam sobre as metáforas estruturais, eles assim escrevem:

As metáforas estruturais permitem-nos fazer mais do que *simplesmente orientar conceitos, referirmo-nos a eles, quantificá-los etc.*, como fazemos com *simples metáforas ontológicas e orientacionais*; somado a tudo isso, elas nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 134, grifo nosso).

³¹ The major point to take away from this discussion is that metaphor resides for the most part in this huge, highly structured, fixed system, a system anything but “dead.” Because it is conventional, it is used constantly and automatically, with neither effort nor awareness. Novel metaphor uses this system, and builds on it, but only rarely occurs independently of it. It is most interesting that this system of metaphor seems to give rise to abstract reasoning, which appears to be based on spatial reasoning.

Desta vez, as estruturais tornam-se mais salientes do que as orientacionais e ontológicas. Contudo, acreditamos que essa “sobreposição” de um tipo de metáfora a outro é repensada quando da revisão feita em 2003, na qual os autores fazem uma autocrítica e consideram que a divisão foi artificial, e nós acrescentamos que a tentativa de supremacia de uma sobre a outra também foi.

Segundo Sardinha (2007), dentro da própria Teoria da Metáfora Conceptual, podemos perceber mais de uma vertente de estudos. A primeira seria composta pelos postulados de Lakoff e Johnson, que estão de acordo com os aspectos defendidos no início da teoria, podendo ser nomeados de estudos “tradicionais” (levando em consideração os estudos da TMC). A segunda vertente que surgiu difere um pouco dos postulados iniciais da teoria, por deslocar a ênfase dada aos aspectos cognitivos para o uso linguístico social. Dentre os defensores dessa vertente, o autor destaca Zanotto (1995), Charteris-Black (2004), Koller (2004) e Mussolf (2004). Seus estudos são realizados a partir de dados autênticos, que se referem a situações reais de uso.

Outra abordagem da metáfora é a introduzida por Cameron, a metáfora sistemática ou discursiva. Segundo essa vertente, os estudos devem partir de metáforas que ocorrem com frequência, mostrando que a representação mental está sendo ativada, portanto sua ênfase está na metáfora em uso.

Sardinha (2007) afirma que o foco desta última abordagem passa a ser as expressões metafóricas, e não as metáforas conceptuais, como enfocado pela TMC de Lakoff e Johnson. Nas palavras do autor:

Quaisquer suposições sobre o processamento mental das pessoas que fizeram uso das metáforas é secundário e só pode ser feito se houver dados para isso, referentes ao evento-discurso em questão. Desse modo, essa abordagem é o oposto da teoria cognitiva conceptual da metáfora, em que a representação mental precede a realização linguística. (SARDINHA, 2007, p. 38)

De acordo com esse estudioso, a partir dessa visão da metáfora, primeiro buscam-se evidências na língua, através das expressões linguísticas, para só depois identificar a metáfora mental subjacente. É essa metodologia que adotaremos nesta pesquisa. Primeiramente identificamos as expressões linguísticas metafóricas para, em seguida, inferir as metáforas conceptuais que subjazem a essas expressões.

Há, ainda, a abordagem da metáfora gramatical pela linguística sistêmico-funcional, que vê a mudança de função dos itens gramaticais no uso como metafórica. Nessa visão, o

emprego de um substantivo no lugar de um verbo já caracteriza um uso metafórico, uma vez que aquela classe assume uma função que não lhe é intrínseca.

Vereza (2012) explicita a tendência recente proposta por Charteriz-Black (2004, 2005) para a análise das metáforas conceptual. A novidade dessa tendência, segundo a autora, é sua análise crítica da metáfora a partir de aspectos político-ideológicos que a linguagem figurada proporciona.

De acordo com essa autora, essas novas abordagens surgiram principalmente da insatisfação dos pesquisadores com a forma de evidenciar a presença da metáfora conceptual adotadas por Lakoff e Johnson (1980), ou seja, seu método introspectivo utilizado para o levantamento das expressões linguísticas que, segundo eles, atualizariam as metáforas já presentes no sistema cognitivo das pessoas.

No entanto, mesmo “inventando” essas expressões para confirmar a onipresença da metáfora conceptual, o certo é que os estudos posteriores confirmaram a tese desses autores, permitindo-nos afirmar que as expressões utilizadas por eles podem ter se originado de sua vivência pessoal diária com a linguagem, não sendo, por isso, totalmente “inventadas”.

Sendo assim, no tocante aos contraexemplos identificados por pesquisas com *corpora* específicos quanto à confirmação de determinadas metáforas conceptuais subjacentes, ressalte-se que os autores já afirmavam em 1980 que o uso da metáfora conceptual depende dos propósitos da experiência que se queira realçar. Isso fica claro quando os autores discutem os conceitos metafóricos MAIS e BOM, presentes, respectivamente, nas metáforas MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. Dependendo do contexto, utiliza-se uma ou outra, mas a primeira, por ser mais geral, sempre terá prioridade sobre a segunda, que é mais específica. Por quê? Porque MAIS sempre terá uma orientação PARA CIMA. É uma metáfora diretamente relacionada com nossa experiência espacial, enquanto que o conceito BOM nem sempre terá essa orientação para ser conceptualizado, já que existem expressões, como “a inflação subiu”, que atualizam a metáfora oposta: RUIM É PARA CIMA. Portanto, esses contraexemplos já eram previstos pelos autores.

Diante do exposto, percebemos que a TMC deu um importante passo no sentido de instigar estudos acerca da metáfora, os quais apontaram (e ainda apontam atualmente) diferentes usos e funções desse fenômeno. Um dos focos de estudo diz respeito à atualização de metáforas conceptuais em textos multimodais, como a charge, por exemplo,

nos quais tanto as expressões linguísticas quanto as imagens contribuem para a conceptualização de determinados conceitos³².

É importante ressaltar que nenhum desses estudos esgota o assunto, antes apresentam análises plausíveis, mas que estão longe de serem as únicas possibilidades. Por isso, é de se esperar que um estudo como o nosso não venha de forma alguma revolucionar, por assim dizer, as pesquisas que já existem, mas contribuir para a consolidação de resultados já alcançados, porém num *corpus* diferente.

2.4 As contribuições de Kövecses

Kövecses (2002), em seus estudos sobre a metáfora, afirma que, para a maioria das pessoas, ela é uma figura de linguagem, na qual uma coisa é comparada com outra. O autor cita o exemplo: *Aquiles era um leão na luta*. Nessa expressão metafórica, a metáfora é vista como uma figura de linguagem que implica a comparação entre duas entidades: um ser humano e um animal. Nesse caso, o termo *leão* está sendo usado metaforicamente para fazer referência a uma pessoa. Porém, segundo o autor, essa comparação é diferente do símile, que seria uma comparação explícita entre duas entidades, sinalizada pelo uso das palavras *like* ou *as*.³³

Geralmente também diríamos que esta palavra é usada metaforicamente com o propósito de conseguir algum efeito artístico ou retórico ou para expressar uma emoção forte. O autor também explica que o que faz a identificação metafórica de *Aquiles* com um *leão*, na metáfora citada, são algumas características que possivelmente podem ser atribuídas a ambos: por exemplo, *coragem* e *força*.

Essa é uma leitura tradicional da metáfora, que, segundo Kövecses (2002), apregoa pelo menos cinco características gerais para esse fenômeno. A primeira delas é que a metáfora é uma questão de palavras, um fenômeno linguístico. No exemplo acima, o uso metafórico da palavra *leão* é uma característica específica da expressão linguística.

A segunda é que a metáfora é usada tendo em vista algum propósito artístico ou retórico, como visto na expressão *all the world's a stage*³⁴, escrita por Shakespeare. A terceira característica é a base para a identificação da metáfora: a semelhança entre as duas

³² Para uma leitura de pesquisas que abordam essa multimodalidade na atualização de metáforas conceituais, sugerimos a leitura das teses de Carneiro (2012) e Ferreira (2015).

³³ Essas duas expressões correspondem ao vocábulo “como” em português.

³⁴ todo o mundo é um palco.

entidades. No exemplo *Aquiles era um leão na luta*, a palavra só se torna metafórica em virtude de alguma semelhança que se possa encontrar entre *Aquiles* e os leões, como já mencionado anteriormente.

A quarta diz respeito ao uso consciente que se faz das palavras, geralmente proporcionado por pessoas com um talento especial para ser capaz de fazê-lo e fazê-lo bem. Assim, apenas grandes poetas ou oradores eloquentes, como, por exemplo, Shakespeare, poderiam obter esse êxito. Conforme explicita o autor, Aristóteles faz a seguinte declaração a esse respeito: “A coisa mais importante, sem dúvida, é ter o comando da metáfora. Este, por si só, não pode ser transmitido para outro; é a marca do gênio”.³⁵ (KÖVECSES, 2010 [2002], p. IX e X. Tradução literal, nossa).

A quinta e última característica é que a metáfora é uma figura de linguagem prescindível, pois podemos usá-la para efeitos especiais, mas não como parte inevitável da comunicação e do pensamento humano do dia a dia.

Mas, a partir de Lakoff e Johnson (1980), essa visão se modificou. A metáfora passou a ser vista como parte não só da linguagem, mas também do pensamento. É importante ressaltar, conforme Kövecses (2002), que estes autores não foram os primeiros a perceberem essa função da metáfora, uma vez que inúmeros outros estudiosos, dentre eles Locke e Kant, por exemplo, já haviam percebido sua função cognitiva. Lakoff e Johnson (1980), no entanto, foram os primeiros a mostrar, a partir de vários exemplos, como esse sistema conceitual é atualizado a partir de expressões linguísticas metafóricas.

Apesar de posteriormente receberem críticas quanto ao método utilizado para o levantamento das metáforas conceituais, por utilizarem exemplos de expressões inventadas, eles abriram caminho para que outros pesquisadores investigassem, por meio de *corpora* de linguagem real, a onipresença da metáfora em nosso sistema conceitual. De acordo com o autor, a novidade da TMC é que ela é uma teoria abrangente, generalizada e empiricamente testada.

É abrangente porque aborda várias questões relacionadas com a metáfora, como sua sistematicidade, a relação entre metáfora e outros tropos ou figuras de linguagem, seu caráter universal e sua especificidade cultural, a aplicação de seus postulados a variados tipos de discurso, a aquisição da metáfora, o ensino da metáfora no ensino de línguas estrangeiras, a realização não linguística da metáfora, dentre muitas outras.

³⁵The greatest thing by far is to have command of metaphor. This alone cannot be imparted by another; it is the mark of genius.

É generalizada porque tenta unir nosso conhecimento sobre metáfora conceitual com o que sabemos sobre o funcionamento da linguagem, do sistema conceitual humano e da cultura. A visão de metáfora da Linguística Cognitiva pode, ainda, oferecer (e vem oferecendo) novos *insights* sobre como certos fenômenos linguísticos funcionam, a exemplo da polissemia e da emergência do significado metafórico, contrariando, dessa forma, a visão tradicional, segundo a qual a linguagem metafórica e o pensamento são arbitrários e desmotivados. A TMC apresenta um novo enfoque, defendendo que nossa experiência sensório-motora, portanto corporal, motiva tanto a linguagem metafórica como o pensamento. Grady (1997) mostra como nossas experiências e julgamentos subjetivos são apreendidos através de metáforas primárias.

A TMC é, ainda, uma teoria empiricamente testada. Vários pesquisadores têm usado experimentos diversos para testar a validade das principais reivindicações dessa teoria, comprovando sua eficácia psicológica, que ajuda tanto na produção de novas palavras e expressões, como também na organização do pensamento humano. De um modo geral, a metáfora desempenha um papel fundamental na compreensão e no raciocínio humano, além de ajudar na criação de nossa realidade social, cultural e psicológica.

O autor também chama a atenção para o princípio da **unidirecionalidade da metáfora**. Dado que, na maioria das vezes, um conceito mais concreto é utilizado como domínio fonte para explicar um domínio alvo, geralmente mais abstrato, o inverso não ocorre. Ou seja, o mapeamento metafórico acontece sempre partindo dos aspectos do domínio fonte para a caracterização do domínio alvo. Se pensarmos nos exemplos já mencionados de conceitos metafóricos, os domínios AMOR, TEMPO, TEORIAS, e DISCUSSÃO, por exemplo, são conceitos abstratos, que são caracterizados geralmente por conceitos mais concretos, como VIAGEM, DINHEIRO, EDIFÍCIOS e GUERRA, respectivamente. Ou, ainda, por direções espaciais, como para cima/para baixo, nos exemplos FELIZ É PARA CIMA/TRISTE É PARA BAIXO.

Ele ressalta a existência de um conjunto de correspondências sistemáticas ocorrendo entre os dois domínios A e B (alvo e fonte, respectivamente) no processo metafórico, de modo que elementos do domínio conceptual fonte correspondem a elementos do domínio conceptual alvo. Por isso, afirma-se que “A é entendido em termos de B” (KÖVECSES, 2002, p. 6).

Essas correspondências conceptuais são chamadas de mapeamentos, como já mencionado anteriormente. Na expressão linguística “Não estamos indo a lugar nenhum”

que atualiza a metáfora AMOR É VIAGEM, já discutida, o autor observa que pelo menos três elementos constituintes do domínio das viagens estão envolvidos na caracterização do domínio do amor: os viajantes, a viagem em si e o destino. Ressalte-se que ele chama a atenção para a contextualização da expressão. Esse entendimento de *amor* em termos de *viagem* é alcançado quando ouvimos a expressão em um contexto apropriado. Assim, sabemos que se fala de *amor*, em vez de viagens no sentido literal do termo. O autor oferece o seguinte quadro de mapeamentos, relacionando as correspondências entre as entidades nos domínios, sempre das mais concretas para as mais abstratas:

Fonte: VIAGEM		Alvo: AMOR
os viajantes	⇒	os amantes
o veículo	⇒	a própria relação amorosa
a viagem	⇒	viagem no relacionamento
a distância percorrida	⇒	os progressos realizados
os obstáculos encontrados	⇒	as dificuldades sentidas
decisões sobre qual caminho seguir	⇒	escolhas sobre o que fazer
o destino do percurso	⇒	o (s) objetivo (s) da relação

É importante ressaltar, conforme o autor, que esse conjunto de correspondências não é pré-existente aos conceitos, mas é “criado”. As entidades do domínio das viagens não correspondem sempre às entidades do domínio do amor. Nas palavras do autor:

O domínio do amor não tinha estes elementos antes de ser estruturado pelo domínio da viagem. Foi a aplicação do domínio viagem para o domínio amor que forneceu o conceito de amor com esta estrutura particular ou conjunto de elementos. De certa forma, foi o conceito de viagem que “criou” o conceito de amor. (KÖVECSSES, 2002, p. 7, grifo do autor, tradução literal, nossa)³⁶.

Essa explicação justifica a possibilidade do uso de mais de um domínio fonte para estruturar um único domínio alvo. Nesse exemplo, o domínio do amor não é estruturado independentemente e antes do domínio de viagem, mas em função dele. Em outra metáfora, como AMOR É GUERRA, por exemplo, as correspondências serão outras, assim como as intenções do falante/escritor, o contexto, os aspectos a serem realçados etc.

³⁶ The domain of love did not have these elements *before it was structured* by the domain of journey. It was the application of the journey domain to the love domain that provided the concept of love with this particular structure or set of elements. In a way, it was the concept of journey that “created” the concept of love.

Kövecses explica, ainda, a importância da metáfora conceitual para a resolução de enigmas, citando o mito de Édipo. Esse mito se resume como segue: Édipo, no caminho de Tebas, encontra-se com a Esfinge, um monstro, que lança um desafio a todos que pretendem entrar na cidade, devorando-os, caso não consigam solucioná-lo. O enigma consiste em saber “Qual é o animal que tem quatro pés pela manhã, dois ao meio-dia e três à noite”. Em resposta, Édipo responde que é o homem, que “na infância engatinha, que caminha ereto na maturidade, e na sua velhice apoia-se com uma bengala”. (KÖVECSES, 2002, p. 9).

Afirma o autor que, pelo menos, duas metáforas conceituais foram utilizadas na resolução desse enigma. Uma delas é A VIDA DOS SERES HUMANOS É UM DIA, que permite os seguintes mapeamentos entre os domínios: manhã corresponde à infância, meio-dia à fase adulta e noite, à velhice. A segunda metáfora é A VIDA HUMANA É UMA VIAGEM, evocada pela menção repetida aos pés, facilitando, assim, a solução do enigma. Esta metáfora é evocada também pelo sentido geral do mito de Édipo, que, em sua maior parte, narra a vida desse personagem em suas viagens.

Esse autor também apresenta uma contribuição na consideração sobre metáfora viva e metáfora morta. Do ponto de vista clássico, as metáforas convencionais são consideradas mortas, uma vez que não são percebidas enquanto metáforas. As pessoas falam sem perceberem que estão falando metaforicamente, motivo pelo qual se pensou por muitos anos que apenas a linguagem literária estaria impregnada de metáforas.

Pelo contrário, defende o autor, justamente por estarem enraizadas em nosso sistema cognitivo, portanto usadas sem esforço, é que essas metáforas estão mais ativas em nosso pensamento, mesmo que dificilmente notadas. Por isso, estão vivas, “elas governam nosso pensamento: são ‘as metáforas pelas quais vivemos.’” (KÖVECSES, 2010, p. xi)

O teórico usa como exemplo a metáfora MENTE É MÁQUINA, que é atualizada por expressões corriqueiras, tais como: “Como poderia algum homem compreender o *funcionamento* da mente de uma mulher?” ou “O café estava perfeito e na hora que eu estava na metade da minha primeira xícara meu cérebro *estava funcionando muito mais rapidamente*.”

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) nos apresentam várias outras expressões que atualizam essa mesma metáfora: “Ainda estamos *remoendo* a solução para essa equação.”, “A minha mente simplesmente não está *funcionando* hoje”, “Estou um pouco *enferrujado* hoje”. Ou mesmo a metáfora MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO, atualizada por

expressões, como “O seu ego é muito *frágil*”, “Ele *desmoronou* sob interrogatório”, “A experiência o *despedaçou*”, “Eu estou *em pedaços*” e “A sua mente *pifou*”. Esta metáfora é usada com frequência, tanto por pessoas comuns como por cientistas. Há até a utilização do computador como metáfora para a mente. Dessa forma, não podemos dizer que essas metáforas estão mortas, mas presentes na linguagem comum do dia a dia.

Por outro lado, as metáforas que são consideradas vivas pelos clássicos, as presentes, por exemplo, no discurso literário, que chamam a atenção do leitor por seu caráter criativo e inédito, são, em sua maioria, expressões linguísticas novas, como discutimos anteriormente. Tanto as metáforas novas como as expressões linguísticas metafóricas novas chamam a atenção, mas não podem ser consideradas mais vivas que as convencionais.

Ainda de acordo com Kövecses (2010 [2002]), conceitos como *discussão*, *amor*, *teorias*, *ideias*, *organizações sociais* e *vida* são todos compreendidos metaforicamente, através de expressões linguísticas metafóricas convencionais. Ressalte-se que na TMC o termo convencional tem o sentido de “bem estabelecido, enraizado”, que não é percebido pelos falantes como metafórico. Não confundir com o sentido “arbitrário” presente em outras abordagens, tais como a semiótica e a filosofia da linguagem, acrescenta o autor.

Quando esses conceitos são usados no dia a dia, os falantes comuns geralmente usam as expressões *defender* para se referirem a *argumentos*, *construir* para falarem sobre *teorias*, *seguir caminhos separados*, falando sobre uma *relação amorosa*, *crescer* quando falam de uma *empresa*, *digerir* para se portarem à *ideia*, ou *bom começo* em conexão com a *vida*. É nesse sentido que se afirma que os conceitos mais básicos da língua são metafóricos. Uns fornecem elementos para a compreensão de outros, num processo constante de atualização, tendo em vista as necessidades discursivas.

O autor discute, ainda, a existência de **metáforas de nível genérico e de nível específico**. Metáforas como: EVENTOS SÃO AÇÕES, GENÉRICO É ESPECÍFICO, por exemplo, são consideradas como genéricas, pois abrangem uma imensa quantidade de metáforas mais específicas. Os conceitos de *morte*, *amor*, *inflação*, *doença*, entre outros, são de nível específico. São conceitos que atualizam, portanto, metáforas específicas, mas que podem ser inclusos numa mesma metáfora mais genérica, EVENTOS SÃO AÇÕES.

Enquanto os conceitos genéricos apresentam características comuns a várias metáforas, os conceitos específicos ressaltam características particulares. Na metáfora para o conceito *morte*, por exemplo, há uma caracterização desse evento como uma entidade,

especificamente um ser humano, que envelhece ou fica doente, e, conseqüentemente, deixa de existir. Acrescenta o autor que a estrutura geral da morte compartilha a estrutura do evento genérico. A morte, como uma entidade, passa por alguma mudança, decorrente de alguma força – tempo/idade ou doença.

Já a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, conforme o autor, ajuda a interpretar provérbios e outras frases-clichês. No provérbio “The early bird catches the worm.”³⁷, as expressões “bird”, “catches” e “worm” são todas de nível específico, mas se referem a atividades de forma genérica. A expressão “early bird” se refere a alguém que faz algo antes das demais pessoas, “catch” é obter alguma coisa e “worm” é conseguir algo antes dos outros conseguirem. Não é apenas o pássaro que acorda cedo que conseguirá capturar os vermes, mas as pessoas em geral que se esforçarem conseguirão obter êxito em suas atividades. Dessa forma, uma expressão específica permite uma interpretação em nível genérico, caracterizando, assim, a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO.

2.5 Metáfora, cultura e ideologia

Para explicar a relação entre metáfora e cultura, recorremos a Kövecses (2005). Em seus postulados, ele explica a universalidade e a variação do pensamento metafórico, afirmando que metáfora e cultura estão relacionadas em muitos aspectos. Um deles diz respeito à ligação entre metáfora e literatura.

Com base em alguns pensadores da Antropologia, o autor afirma que podemos pensar a cultura como um conjunto de entendimentos compartilhados, que caracterizam pequenos ou grandes grupos de pessoas. Esse entendimento compartilhado sobre as coisas, afirma o autor, está relacionado com o pensamento metafórico, descrito por Lakoff e Johnson (1980). Ele afirma que “os entendimentos compartilhados sugeridos pelos antropólogos como uma grande parte da definição de cultura muitas vezes podem ser entendimentos metafóricos.” (KÖVECSES, 2005, p. 2). Dessa forma, a metáfora passa a ser inerente à cultura.

Kövecses (2005) defende que as metáforas primárias, como, por exemplo, AFEIÇÃO É CALOR, são as primeiras candidatas a serem universais, pois são metáforas baseadas na experiência corporal. A metáfora primária AFEIÇÃO É CALOR é apreendida ainda na infância, quando os abraços amorosos dos pais são relacionados ao calor

³⁷ Correspondente em português: “Deus ajuda quem cedo madruga”.

reconfortante do corpo que os acompanha. Dessa ligação, surgem expressões como “Temos uma relação calorosa”, afirma o autor. Ele acrescenta que metáforas como essa são vivenciadas na grande maioria, senão em todas as culturas. A conceptualização do AFETO em termos de CALOR não é uma escolha, mas feita inconsciente e automaticamente. Por isso, as experiências primárias universais produzem metáforas primárias universais, conclui.

Por outro lado, há uma grande variação no uso das metáforas complexas, que surgem das primárias, como é o caso do conceito *amor*, que atualiza metáforas como: AMOR É VIAGEM, AMOR É UNIDADE, AMOR É CAÇA, dentre outras, em muitas culturas, incluindo a inglesa, a húngara e a chinesa, mas, em certos dialetos do chinês, AMOR É EMPINAR PIPA (Yang, 2002 apud KÖVECSES, 2005).

Já o conceito de *raiva* é entendido como um *fluido* ou *gás* em muitas culturas, mas em Zulu é entendido como *objetos no coração* (Taylor e Mbense, 1998 apud KÖVECSES, 2005). E o conceito *vida* é comumente visto como *viagem* ou *luta*, mas em Hmong é entendido como uma *corda* (Riddle, 2000, apud KÖVECSES, 2005).

O autor afirma que as culturas influenciam muito no tipo de metáfora conceptual complexa que emerge das metáforas primárias e acrescenta que:

- Experiências universais não conduzem necessariamente a metáforas universais;
- A experiência corporal pode ser usada seletivamente na criação de metáforas;
- A experiência corporal pode ser ultrapassada tanto pela cultura como por processos cognitivos;
- Metáforas primárias não são, necessariamente, universais;
- Metáforas complexas podem ser potencialmente ou parcialmente universais;
- Metáforas não são, necessariamente, baseadas na experiência corporal – muitas são baseadas em considerações culturais e processos cognitivos de vários tipos.

O teórico acredita que as metáforas conceptuais, tanto as primárias quanto as complexas, têm um ou vários focos de significado, ou seja, cada domínio de origem contribui com materiais conceituais predeterminados para uma gama de domínios de destino a que se aplica. Este material conceitual é acordado por uma comunidade de falantes e representa o conhecimento básico e central sobre o domínio fonte. Em outras palavras, o autor afirma que a maioria dos domínios fonte que se aplica a uma variedade de alvos se relaciona com um tema principal. Por exemplo, o domínio *viagem* como um domínio fonte tem como tema principal a ideia de progresso. Então, pode-se aplicar à *vida*

ou ao *amor*; *calor* como fonte é normalmente usado para indicar *intensidade*; e *construção* é mais comumente aplicado a algumas estruturas abstratas, como *longevidade* e *criação*.

O autor discute sobre o foco ou tema principal do significado, baseado na sensibilidade cultural. Segundo ele, a noção de sensibilidade cultural nos permite falar de ideias associadas a um domínio de origem acordado por uma comunidade de falantes, além de captar mudanças transculturais interessantes em domínios de origem e que estão conectados no alvo.

Como exemplo, ele apresenta a bem conhecida metáfora primária DESEJO SEXUAL É CALOR, como estudada em Inglês por Lakoff (1987). De acordo com os postulados da metáfora primária, o mapeamento que caracteriza essa metáfora deve ser universal, com o domínio *calor* mapeando para a intensidade do *desejo sexual*. Porém, os estudos de Emanatian (1995 apud KÖVECSES, 2005) em outras línguas, tais como Chagga, comprovaram que essa metáfora não funciona dessa forma: o *calor* não mapeia para a intensidade do *desejo sexual*. Em vez disso, ele mapeia para as qualidades desejáveis da parceira. Portanto, o autor acredita que a noção de foco principal do significado parece ser mais sensível culturalmente do que a noção de metáfora primária.

Para explicar a universalidade de alguns conceitos metafóricos, o autor recorre à nossa conceptualização de *intensidade* como *calor*. Segundo ele, se uma pessoa trabalha duro ou faz alguns exercícios físicos rigorosos ela começa a ficar com calor, pois tais atividades produzem um aumento na temperatura do corpo. Da mesma forma, quando alguém está muito zangado ou tem fortes sentimentos sexuais, ou mesmo quando está sob forte pressão psicológica, seu corpo também pode produzir esse aumento na temperatura. Em todos esses casos, o aumento na intensidade de uma atividade acompanha o aumento da temperatura. É uma mudança automática, não podemos impedir essa correlação entre o aumento na intensidade da atividade, por um lado, e a produção de calor do corpo, por outro. Consequentemente, temos a metáfora conceptual baseada nessa experiência corporal, INTENSIDADE É CALOR, que está tanto no corpo como na linguagem e no pensamento (KÖVECSES, 2005).

Outro tipo de experiência corporal é o que dá origem aos *esquemas imagéticos*, que se originam da repetição constante de certos movimentos. Tais experiências corporais estruturadas incluem *contenção*, *força*, *movimento ao longo de um caminho*, *simetria* e *equilíbrio*. Essas experiências dão origem a metáforas, como ESTADOS SÃO RECIPIENTES, EMOÇÕES SÃO FORÇAS e VIDA É UMA VIAGEM. Esses exemplos

mostram como as experiências humanas básicas e repetidas com uma estrutura limitada fornecem uma compreensão de abstrações, como estados, emoções, ou vida.

Além desses casos de experiência corporal que são comumente evocados nas discussões sobre a hipótese da incorporação, há vários outros, como discute Gibbs (2003a, 2003b apud KÖVECSES, 2005).

A ideia principal é que o pensamento metafórico na Linguística Cognitiva é baseado na experiência corporal e atividade neuronal no cérebro. Dessa forma, as pessoas tendem a pensar que a maioria das metáforas conceituais é universal. A explicação para essa universalidade surge a partir do seguinte pensamento: se a metáfora se baseia na forma de funcionamento do corpo e do cérebro humano e se os seres humanos são iguais no nível desse funcionamento, então a maioria das pessoas que usa metáforas também o faz de forma bastante semelhante, isto é, universal no nível conceitual. No entanto, o autor argumenta também que as metáforas variam consideravelmente em todos os níveis de sua existência tanto entre culturas distintas como na mesma cultura e que se pode dar uma explicação coerente dessa variação.

No primeiro momento, o autor apresenta algumas metáforas que se repetem em diversas culturas, bem distintas umas das outras, mostrando, dessa forma, uma possível universalização da ocorrência dessas metáforas. As mais recorrentes são as metáforas das emoções como *felicidade* e *raiva*, por exemplo. Estudos realizados pelo autor demonstraram que há várias metáforas conceituais para o conceito de *felicidade* em inglês, das quais três se destacam: FELICIDADE É PARA CIMA, atualizada por expressões como “Estou me sentindo *para cima*”; FELICIDADE É LUZ, atualizada, dentre outras, pela expressão “Ela *se animou*” (She *brightened up*); e FELICIDADE É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE, subjacente a “Ele está *explodindo* de alegria”. Essas metáforas se repetem em húngaro e também em chinês. Nesta última língua, foram encontradas pelo linguista chinês Ning Yu (Yu, 1995, 1998 apud KÖVECSES, 2005). São línguas bem diferentes, pertencentes a famílias distintas e representando culturas diferentes do mundo e que, segundo Kövesces, não tinham muito contato uma com a outra quando essas metáforas conceituais evoluíram. Essa semelhança na conceituação de felicidade pode ter acontecido por acidente, uma língua pode ter pegado emprestadas as metáforas de outra ou pode haver alguma motivação universal para as metáforas surgirem nas três culturas, explica o autor. A última possibilidade é a mais plausível, segundo ele, se concordarmos que as metáforas primárias são motivadas por correlações universais na experiência corporal.

A terceira metáfora, FELICIDADE É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE, não parece ser uma metáfora primária, mas ainda assim ocorre nos três idiomas. A razão para isso pode emergir do fato de os mapeamentos principais que a compõem basearem-se em experiências universais e percepções metafóricas, como seguem: as emoções estão dentro do nosso corpo recipiente, elas estão correlacionadas com os líquidos corporais, como o sangue. Por fim, o controle é manter a substância no interior do recipiente. Sendo assim, não só metáforas simples ou primárias podem ocorrer em línguas e culturas muito diferentes, mas também aquelas metáforas conceituais complexas que têm mapeamentos baseados em experiências e percepções amplamente compartilhadas, conclui Kövecses (2005).

Já o conceito de *raiva*, na metáfora PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO, ocorre em diversas culturas, incluindo inglês, chinês, japonês, húngaro, dentre outras. Nessas diversas culturas, o domínio fonte recipiente foi encontrado, pressurizado, com ou sem calor³⁸.

O autor acredita que são as características fisiológicas conceituadas, ou seja, as metonímias conceptuais, que fornecem a motivação cognitiva para as pessoas conceituarem uma pessoa com raiva, metaforicamente, como um recipiente pressurizado (Kövecses, 2000 apud KÖVECSES 2005).

Ainda acrescenta que, se as respostas fisiológicas conceituadas incluem um aumento da pressão interna como uma resposta importante em uma dada cultura, as pessoas nessa cultura utilizarão as metáforas do recipiente pressurizado naturalmente. O processo fisiológico que ocorre com os seres humanos quando estão com raiva tende a ser, dessa forma, universal. No entanto, o autor adverte que essas mudanças fisiológicas podem se sobrepor com alterações fisiológicas em outras emoções, por exemplo, para expressar felicidade, uma vez que também podemos ter a metáfora recipiente pressurizado para essa emoção, atualizada pela expressão linguística "explodindo de alegria". Apesar de não conter o elemento calor, que caracteriza a raiva em sujeitos falantes do Inglês, essa expressão atualiza também a metáfora do recipiente. Sendo assim, uma metáfora conceitual mais geral, que poderia ser responsável por esses casos, seria UMA PESSOA EM UM ESTADO EMOCIONAL INTENSO É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO, defende Kövecses.

³⁸ Para maiores detalhes, ver Kövecses (2000a, 2002).

Outro conceito que tende a ser universal é o de *tempo*. Kövesces (2005) afirma que a principal maneira utilizada para conceptualizar esse conceito é entendê-lo em termos de espaço. Ora ele é entendido como estático, ora como dinâmico.

Quando o tempo é conceituado em termos estáticos, temos a utilização dos tempos presente como o espaço que está no local do observador, o passado como o espaço que está atrás do observador e o futuro como o espaço que está à frente dele. (LAKOFF; JOHNSON, 1999 p. 140, apud KÖVECSES, 2005). Esses autores afirmam que essa metáfora é encontrada em muitas línguas diferentes, incluindo a língua dos índios Puri, inglês e húngaro.

Dessa conceptualização, surgem as expressões linguísticas “*O tempo virá em que não haverá mais máquinas de escrever. A hora de agir chegou. O prazo está se aproximando. O tempo para começar a pensar sobre a decadência ambiental irreversível está aqui. Ação de Graças está vindo em direção a nós. O tempo está voando. O tempo para as vendas de fim de verão já passou*”, dentre outras. Todas essas expressões atualizam a metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO.

Outra forma de conceituar o tempo é conceptualizar o observador em movimento e o TEMPO COMO UM OBJETO ESTATICO. Sendo assim, encontramos expressões como “*Estamos chegando no Natal*”, “*Eu estarei lá em um minuto*”, “*Ele vai ter o seu diploma no prazo de dois anos*”, “*Chegamos a junho já.*” (LAKOFF e JOHNSON, 1999 apud KÖVECSES, 2005).

Em suma, o autor conclui que estudos de caso detalhados confirmaram que certas metáforas conceptuais são potencialmente universais ou quase universais. Essas metáforas são metáforas primárias ou metáforas complexas.

Em seus estudos sobre a universalização e a variação no uso da metáfora, o autor explica que a metáfora varia, não só entre culturas distintas, mas também dentro da própria cultura. Em geral, percebe-se que diferentes línguas e variedades usam domínios de origem diferentes, mas congruentes, em níveis específicos da organização conceptual, ao passo que, em níveis mais genéricos, os domínios de origem são mais propensos a ser culturalmente compartilhados. (KÖVECSES, 2005).

Um dos casos em que uma metáfora pode variar dentro da mesma cultura é quando as pessoas têm interpretações distintas sobre o domínio fonte. Por exemplo, a metáfora SOCIEDADE É FAMÍLIA terá usos e, conseqüentemente, interpretações distintas de acordo com a concepção de família que cada pessoa tem. O mesmo ocorre com o domínio

alvo. Por haver interpretações diferentes sobre um mesmo alvo, abre-se a possibilidade de serem usados diferentes conceitos do domínio de origem para mapeá-lo.

Outro tipo de variação que pode ocorrer tanto entre línguas distintas como na mesma língua, é o uso da mesma metáfora conceptual genérica, mas diferentes metáforas conceptuais específicas. É o caso, por exemplo, da metáfora POLÍTICA É ESPORTE, que é atualizada tanto em inglês como em chinês, porém são usadas metáforas específicas em cada cultura. Na cultura inglesa, o domínio específico utilizado como fonte é o futebol americano ou baseball, enquanto que, na chinesa, o domínio origem utilizado é o tênis de mesa, voleibol ou futebol, conforme explicita Yu (1998 apud KÖVECSES, 2005).

Além dos casos de variação inter e intracultural de metáforas conceptuais, Kövecses (2005) também discute as sutilezas encontradas nas expressões linguísticas entre duas línguas ou variedades, oriundas de traços cultural-ideológicos que caracterizam as diferentes culturas. Dessa forma, o autor defende que o cognitivo e o cultural são fundidos em um único complexo conceitual. Assim, o que chamamos de metáforas conceptuais, segundo ele, são tanto entidades culturais como construções cognitivas, permeadas por ideologias que caracterizam cada cultura específica.

Conforme Dijk (2000), o discurso desempenha um papel fundamental na reprodução de ideologias. O autor explica que ideologia é um termo vago e, muitas vezes, controverso, inventado pelo filósofo francês Destutt de Tracy, no final do século XVIII, para se referir à ciência das ideias compartilhadas por um grupo. Desde então, a noção de ideologia vem sendo discutida e estudada em diversas áreas, recebendo conceituações distintas. Uma definição cognitiva do termo é dada em função das cognições sociais que são compartilhadas pelos membros de um grupo.

Sendo assim, o autor entende que as ideologias são as crenças fundamentais de um grupo e seus membros. Ele defende, ainda, que, para a compreensão do papel do discurso na sociedade, é necessário saber o seu papel fundamental na reprodução de representações sociais de uma forma geral e das ideologias, em particular.

No livro *Washing the brain - Metaphor and Hidden Ideology*, Goatly (2007), discute a relação entre metáfora e ideologia, ressaltando que esta última é tão onipresente em nossas vidas como o ar que respiramos. Para ele, todo pensamento é ideológico, pois cada indivíduo traz consigo as representações que são compartilhadas em sua comunidade.

O autor nos apresenta uma definição interdisciplinar de ideologia, pautada em Dijk (1998), como:

*a base das representações sociais compartilhadas por membros de um grupo. Isso significa que as ideologias permitem que as pessoas, como membros do grupo, organizem a multiplicidade de crenças sociais sobre o que é o caso, bom ou mau, certo ou errado, para eles e agem de acordo.*³⁹ (DIJK 1998: 8 apud GOATLY, 2007).

Ele defende, ainda, com base em Thompson (1984), que a ideologia está a serviço do poder. Apesar de onipresente no pensamento humano, algumas ideologias podem ser mais úteis do que outras, defende o autor. Uma determinada ideologia pode ter, ao mesmo tempo, efeitos úteis e prejudiciais. Algumas delas permeiam nossas crises sociais e ambientais, acrescenta.

O autor se baseia na análise crítica da metáfora feita por Charteris-Black (2005) e demonstra como alguns padrões metafóricos no vocabulário e na gramática da língua inglesa representam e moldam certas ideologias e práticas sociais. Da mesma forma que a história e a cultura, a ideologia tem um grande papel na produção e elaboração de muitas das metáforas que utilizamos. Podem ser tomadas como exemplo as metáforas TEMPO É DINHEIRO e HOMEM É MÁQUINA, que surgiram durante a Revolução Industrial, influenciando a produtividade econômica e, conseqüentemente, gerando mais lucro para os donos das fábricas.

Com base em Dijk (2000), acreditamos que o discurso desempenha um papel fundamental na reprodução de ideologias. Através do uso da linguagem, que é metafórica por natureza, são manifestadas as ideologias de cada cultura específica.

No próximo capítulo, apresentamos as considerações metodológicas e as metáforas conceituais levantadas a partir da leitura do *corpus*, acompanhadas das expressões linguísticas metafóricas.

³⁹ *The basis of the social representations shared by members of a group. This means that ideologies allow people, as group members, to organize the multitude of social beliefs about what the case, good or bad, right or wrong, for them and to act accordingly.*

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E LEVANTAMENTO DO CORPUS

Neste capítulo, apresentamos de forma breve a conceituação de discurso e domínio discursivo, bem como os procedimentos metodológicos usados para a realização desta pesquisa, como a coleta e composição do *corpus* utilizado para análise dos dados, sua natureza e o ponto de vista adotado para a análise dos textos que o constituem. Por fim, elencamos as expressões linguísticas metafóricas levantadas nos textos investigados, com as respectivas metáforas conceptuais subjacentes.

3.1 Discurso e domínio discursivo

O termo discurso não tem um único significado. Dependendo de onde se fale, esse termo aponta um sentido específico. De acordo com Brandão (2006), na linguagem comum, “discurso é simplesmente fala, exposição oral, às vezes tem o sentido pejorativo de fala vazia, ou cheia de palavreado ostentoso, ‘bonito’”. De um modo geral, o discurso pode ser visto como qualquer atividade de comunicação entre interlocutores que produza sentido.

Com base em Maingueneau (2004), a autora afirma que o discurso é uma atividade que vai além do nível puramente gramatical, linguístico. O domínio deste é importante para a composição de textos socialmente aceitos, mas o conhecimento extralinguístico também é necessário para que o texto seja produzido adequadamente para atingir o fim que se pretenda, adequando-se às mais diversas situações⁴⁰. Essa contextualização é necessária porque cada enunciação de um texto possui sentidos distintos, dependendo das condições em que é produzido. Assim, um enunciado como “O dia está lindo.”, por exemplo, poderá ter sentidos diferentes, se produzido por uma pessoa que mora no interior ou na cidade.

É importante destacar, conforme a autora, que o discurso se realiza em enunciados autênticos, ou seja, em situações reais de uso, portanto através de textos. E pauta-se sempre pelo dialogismo, uma vez que sempre que o produzimos, fazemos isso direcionado para alguém, mesmo que o interlocutor seja nós mesmos. Do mesmo modo, quando usamos o discurso, dialogamos com outros discursos já produzidos.

⁴⁰ Por conhecimento extralinguístico, a autora entende que seja: “conhecimento de mundo, enciclopédico, históricos, culturais, ideológicos de que trata o texto”.

Ainda, conforme Brandão (2006), é no discurso que a ideologia se manifesta, deixando transparecer, assim, as relações de poder. Discurso, portanto, argumenta a autora, é como “um jogo estratégico que provoca ação e reação, é como uma arena de lutas (verbais, que se dão pela palavra) em que ocorre um jogo de dominação ou aliança, de submissão ou resistência, o discurso é o lugar em que se travam as polêmicas”. (BRANDÃO, 2006, p. 7).

Como toda comunicação social ocorre em forma de texto, que é produzido dentro de uma esfera discursiva, as atividades discursivas são inúmeras. Por isso, é possível agrupar os discursos em categorias, como discurso científico, religioso, político, midiático. Cada um desses discursos contempla um número significativo de gêneros textuais/discursivos. A autora defende que os falantes/escritores:

Pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. (BRANDÃO, 2006, p. 3)

Já Marcuschi (2008) afirma não ser necessário distinguir de forma rígida a noção de texto e discurso, uma vez que a tendência atual é vê-los como parte de um *continuum* em que um complementa o outro. Baseado nos postulados de Coutinho (2004), ele afirma que é preferível destacar mais as relações entre ambos, considerando-os como atividades que se complementam, em vez de noções distintas. Mas, enquanto o discurso configura-se no plano do dizer, ou seja, da enunciação, o texto ocorre no plano da esquematização, isto é, da configuração.

O discurso também é visto como “prática linguística codificada, associada a uma prática social (socioinstitucional) historicamente situada” (Coutinho, 2004, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 84).

Por domínio discursivo, o autor entende que:

Constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas* (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são

próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas instauradoras de relação de poder. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Diante do exposto e levando em consideração a profissão dos autores dos livros analisados, consideramos seu discurso como religioso (*Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*) e da saúde mental (*Mulheres Inteligentes, Relações Saudáveis*).

3.2 Metodologia

Para a realização desta pesquisa, seguimos três passos: leitura e discussão do referencial teórico, escolha e coleta dos dados, e análise das expressões linguísticas metafóricas.

Quanto ao levantamento do *corpus*, utilizamos como critério encontrar textos da linguagem em uso que versassem sobre o tema *relacionamento*. Para obter uma amostra de como esse conceito tem sido estruturado em nossa cultura, utilizamos textos de diferentes domínios discursivos: o religioso, o da saúde mental e o do espaço virtual.

Desse modo, selecionamos como fonte para a investigação das expressões linguísticas metafóricas dois livros: um representante do discurso religioso e o outro, do da saúde mental, ambos versando sobre o tema citado.

O primeiro, intitulado *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*, representante do domínio religioso, foi escrito pelo casal Renato e Cristiane Cardoso. Esses autores têm experiência em aconselhamento de casais e também ministram cursos e palestras sobre relacionamento conjugal, destinados a esse público, além de apresentarem um programa, “The Love School” (A Escola do Amor), transmitido semanalmente pela Rede Record e pela IURD TV. Segundo dados do blog da *Veja*, esse livro já alcançou 1,2 milhão de exemplares vendidos⁴¹.

Renato Cardoso é educador familiar e matrimonial, pelo *National Marriage Centers* de New York e Cristiane Cardoso é autora dos *best-sellers* *A mulher V* e *Melhor do que comprar sapatos*.

⁴¹ Dados coletados em <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/tag/edir-macedo/>. Acesso em 28 de maio de 2014.

Valer ressaltar que esse livro constitui apenas uma amostragem, uma vez que o discurso religioso é construído a partir de várias denominações religiosas, que não serão abordadas nesta pesquisa.

O segundo livro analisado tem por título *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*, escrito pelo médico psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor Augusto Cury, e representará o domínio da saúde mental. É um dos autores mais publicado no mundo e considerado o mais lido nos anos 2001 a 2010⁴². Para uma ideia geral da dimensão de suas obras, o autor possuía, até a publicação deste livro, 27 (vinte e sete) livros publicados com mais de 13 (treze) milhões de exemplares somente no Brasil. Além de autor da teoria da Inteligência Multifocal, que enfatiza a formação do *Eu*, Cury é autor do programa Escola da Inteligência (EI)⁴³.

Inserimos esse livro no domínio discursivo da saúde mental, que está intimamente relacionada com a saúde física. Brundtland (2001, p. vi) afirma que saúde mental e saúde física são inseparáveis. Ele defende que “falar sobre saúde sem falar em saúde mental é como afinar um instrumento e deixar algumas notas dissonantes.”

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a saúde mental é de essencial importância para o bem-estar das pessoas, sendo um tema que tem ganhado destaque na atualidade, uma vez que os transtornos mentais resultam de muitos fatores e têm a sua base física no cérebro.

Para representar o discurso do espaço virtual, coletamos 150 perguntas de diferentes usuários cadastrados no *site* de relacionamento *Par Perfeito*⁴⁴. Este *site* teve início no ano de 2000 e conta com mais de 30 milhões de pessoas cadastradas. A proposta do *site* é a de ser “um ponto de encontro para quem procura relacionamentos de namoros a amizades, de romances a casamentos”⁴⁵. O *site* reserva uma seção, Perguntas e Respostas, para que os usuários possam enviar suas dúvidas sobre questões referentes a relacionamento. As pessoas cadastradas no *site* enviam perguntas, contextualizando através de um pequeno texto. Essas perguntas são respondidas pelos quatro consultores de relacionamento que trabalham para a empresa.

⁴² Dados retirados do próprio livro, com base na *Folha de São Paulo*.

⁴³ Para saber mais sobre esse programa, acessar: <http://www.escoladainteligencia.com.br/escola.php>. Acesso em 28 de maio de 2014.

⁴⁴ Site para acesso: <http://www.parperfeito.com.br/>

⁴⁵ Dados retirados de: <http://www.parperfeito.com.br/empresa/?hp>. Acesso em 28 de maio de 2014.

Segundos dados do *site*, a Dra. Rosana Braga é Consultora de Relacionamento e Comunicação, Palestrante, Jornalista e Autora do livro *Faça o Amor Valer a Pena*, entre outros. Pós-graduada em Educação Sexual e graduanda em Psicologia; a Dra. Juliana Amaral é Psicóloga Clínica, Psicanalista, formada pela PUC, RJ. Possui atendimento clínico em consultório particular há 10 anos, atendendo crianças, adultos e família; Mariana Santiago de Matos Silva é Psicóloga e Psicoterapeuta. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio (2011), mestra em Psicologia Clínica pela PUC-Rio (2004) com dissertação sobre relacionamentos amorosos na adolescência; e o Dr. Frederico Mattos é Psicólogo Clínico há 10 anos, formado pelo Mackenzie, especialista em relacionamento amoroso, autor dos livros *Por que fazemos o mal?* e *Mães que amam demais*. Também escreve diariamente em seu blog *Sobre a Vida*.

A metodologia utilizada para a análise dos dados é qualitativa, uma vez que nossa preocupação principal foi com a análise e interpretação dos dados, dentro do contexto em que estão inseridos. Porém, essa pesquisa também se valeu da metodologia quantitativa, pois foi a quantidade de expressões linguísticas metafóricas identificadas no *corpus* que revelou as principais metáforas utilizadas em nossa cultura para o entendimento do domínio alvo *relacionamento*.

Para a análise do *corpus* propriamente dito, separamos as expressões linguísticas metafóricas e, conseqüentemente, as metáforas subjacentes em três seções: a primeira se refere às expressões do domínio religioso, a segunda, às expressões do domínio da saúde mental e a última, às que se referem ao domínio do espaço virtual. Nas duas primeiras seções, as expressões metafóricas são seguidas do número da página do livro de onde foram retiradas. Já na última, são seguidas pelo número da pergunta. (as perguntas se encontram enumeradas de 01 a 150, conforme Anexo).

Essas expressões estão apresentadas em tabela, assim como as metáforas conceptuais que elas atualizam. Encontra-se em **negrito** a parte específica da expressão que apresenta uma característica que atualiza uma metáfora, ressaltando que há casos em que ocorre, na mesma expressão linguística, a atualização de mais de uma metáfora. Quando isso acontece, a expressão é mencionada em mais de uma tabela, destacando-se apenas a expressão que atualiza a metáfora específica em cada caso.

Ressalte-se, ainda, que as metáforas conceptuais são apresentadas sempre em letras maiúsculas, conforme propõem Lakoff e Johnson (2002 [1980]). A análise do *corpus* selecionado é feita em duas etapas. Na primeira, apresentamos as metáforas conceptuais

encontradas no *corpus*, agrupando-as de acordo com os domínios fonte utilizados para estruturar o domínio alvo *relacionamento*, explicando as possíveis motivações para o uso de tais domínios. Na segunda etapa, fazemos uma discussão da ocorrência desses domínios fonte à luz da TMC, explicando as possíveis motivações culturais/ideológicas no uso de tais expressões linguísticas metafóricas, com base em Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (2005) e Goatly (2007).

A técnica que utilizamos para a identificação das expressões linguísticas metafóricas presentes nos textos que compuseram o *corpus* desta pesquisa foi o *método leitura*, descrito por Sardinha (2007), que consiste em procurar metáforas a partir da leitura de material escrito. Usamos especificamente a segunda variante desse método: “ler o (s) texto (s) para buscar um ou mais tipos de metáforas específicas” (SARDINHA, 2007, p. 145).

É válido ressaltar que nossa leitura consistiu em identificar as expressões linguísticas que fazem manifestar determinada metáfora conceptual, pois, segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas estão no pensamento. Conforme a literatura sobre o tema, dificilmente encontramos a própria metáfora conceptual realizada linguisticamente. Na maioria das vezes, o que identificamos são expressões linguísticas que nos levam a inferir uma metáfora conceptual subjacente.

Essa técnica foi importante na medida em que não estávamos trabalhando com qualquer expressão que denunciase a ocorrência de metáfora conceptual, mas tão somente aquelas que atualizassem metáforas conceptuais para o domínio alvo *relacionamento*.

Para verificar a presença das expressões metafóricas propriamente ditas, consideramos, ainda, a questão da *incongruência* entre o conteúdo do contexto discursivo e o conteúdo da expressão linguística, que, segundo Cameron (2003, p. 4), é o que “sinaliza a eventual presença de metáfora”.

Para ilustrar como ocorre esse processo, a autora apresenta alguns exemplos, como:

- Você está *no caminho* certo.⁴⁶ (dito por um professor de matemática a uma criança que ofereceu uma resposta incompleta à pergunta dele em uma das lições);
- A atmosfera é o *cobertor* de gases que envolve a Terra.⁴⁷ (retirado de um livro sobre a camada de ozônio escrito para crianças).

⁴⁶ You're on the right track.

⁴⁷ The atmosphere is the blanket of gases that surrounds the earth.

A autora explica que, nesses exemplos, as expressões *no caminho certo* e *cobertor* são incongruentes na situação em que estão empregadas, uma vez que, na primeira, não se está falando de nenhuma caminhada, mas de uma lição. Já na segunda expressão, *cobertor*, não está se referindo a um objeto usado para cobrir o corpo ou a cama, e sim a Terra. Portanto, essa incongruência é essencial para a identificação de uma expressão linguística metafórica.

Apesar de essas expressões serem pronunciadas/escritas inconscientemente, ou seja, sem serem percebidas como metafóricas, quando vistas como objeto de estudo essa incongruência é notada.

É importante destacar também que toda a descrição/interpretação que realizamos está respaldada no referencial teórico que norteou nossa investigação: a Teoria da Metáfora Conceptual e a relação entre metáfora, cultura e ideologia discutida conforme apresentado anteriormente. Apesar da limitação inevitável, porém necessária, que o *corpus* analisado sofre, acreditamos que nossos resultados podem ser confirmados e/ou aprofundados em pesquisas posteriores, que utilizem outros *corpora* distintos em nossa cultura.

3.3 Levantamento do *corpus*

Muito se tem escrito desde a década de 1980 sobre a metáfora conceptual, desde críticas aos principais postulados de seus fundadores até a análise de sua ocorrência nos mais diversos textos, como forma de provar que a metáfora está presente em todos os gêneros e, por consequência, em todos os discursos, desde o mais espontâneo, que é a linguagem falada no dia a dia, até os mais elaborados, como os discursos jurídicos. A tendência atual é verificar como ocorre o processo de metaforização de conceitos particulares, em contextos específicos, como é o caso desta pesquisa.

Ressaltamos que nossa análise e resultados jamais encerram a discussão e possibilidades de leitura, haja vista a complexidade do tema, bem como as interferências pessoais que inevitavelmente estão presentes.

Diante disso, e com base na categoria de análise descrita anteriormente, fazemos a seguir o levantamento das expressões linguísticas metafóricas mais significativas, encontradas em cada texto que compôs o *corpus* desta pesquisa, bem como das metáforas conceptuais subjacentes, conforme proposto por Lakoff e Johnson (1980).

Por se tratar de uma pesquisa predominantemente qualitativa, não descrevemos todas as ocorrências de expressões linguísticas metafóricas presentes nos textos, mas apenas as que se mostraram recorrentes para o propósito de nosso estudo.

É válido ressaltar, ainda, que a identificação do domínio alvo *relacionamento* não ocorreu apenas pela presença desse termo nos textos, mas também pelo uso das palavras “casamento”, “relação” e “namoro”, que fazem parte do mesmo campo semântico.

Assim, apresentamos, respectivamente, as metáforas conceptuais levantadas do livro *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*, *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*, e das perguntas coletados do site *Par Perfeito*, seguidas das respectivas expressões linguísticas metafóricas que as atualizam.

3.3.1 Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio

Nesta seção, apresentamos as 8 (oito) metáforas conceptuais que foram identificadas a partir das expressões linguísticas metafóricas encontradas no livro representante do domínio discursivo religioso. A ordem em que aparecem segue a recorrência de expressões linguísticas atualizadoras, ou seja, a metáfora com maior número de expressões linguísticas é a que descrevemos primeiro.

METÁFORA 1

RELACIONAMENTO É RECIPIENTE
<i>Há muitas outras coisas envolvidas no casamento. (prefácio)</i>
<i>As pessoas ingressam no casamento com praticamente zero de habilidade em resolver problemas de convivência. (introdução)</i>
<i>Nos Estados Unidos (...) a maioria dos bebês nascidos de mulheres de até trinta anos de idade já nascem fora do casamento. (p. 24)</i>
<i>... foram causas de problemas no casamento. (26)</i>
<i>Vivem em um relacionamento sem sexo e querem encontrar outras pessoas na mesma</i>

situação. (p. 26)
<i>Os homens, pela primeira vez na história da espécie, estão se sentindo deslocados e perdidos dentro do casamento. (p. 27)</i>
<i>A maioria das mulheres em um relacionamento atualmente trabalha e contribui no orçamento familiar. (p. 28)</i>
<i>O homem, na tentativa de agradar a mulher, tem se tornado mais sensível, retraído na sua posição no casamento, se sentindo desrespeitado pela mulher, e às vezes, descartável. (p. 28)</i>
<i>Quando você descobrir a raiz dos problemas no relacionamento, entenderá por que seu parceiro e você mesmo fazem o que fazem. (p. 32)</i>
<i>Assim também é no casamento. (p. 33)</i>
<i>Mas ninguém casa sem trazer a sua bagagem para dentro do relacionamento. (p. 33)</i>
<i>E são eles, esses passados que determinam o comportamento de cada um dentro do relacionamento. (p. 35)</i>
<i>Dentro da mochila de cada um está todo o seu passado, a bagagem que estão levando para dentro do casamento, cujo conteúdo ambos começarão a descobrir muito em breve. (p. 36)</i>
<i>Soa muito romântico, com certeza, mas essa atitude não vai impedir que vocês tragam o passado para dentro do relacionamento presente. (p. 36)</i>
<i>Aquilo, obviamente, não me ajudava a lidar com todas as inseguranças que havia trazido para dentro do casamento, pelo contrário, só ampliava ainda mais nosso problema. (p. 39)</i>
<i>No relacionamento nós temos que desaprender coisas ruins para então aprender coisas boas. (p. 41)</i>
<i>Assim acontece em todos os relacionamentos. (p. 41)</i>

Às vezes a mulher pode até estar certa, mas a forma de resolver o problema no casamento a torna errada e dificulta tudo no relacionamento. (p. 45)
Depois de 21 anos de casados, Cristiane e eu continuamos trabalhando, agindo em nosso relacionamento. (p. 46)
Nossas bagagens, diferenças de personalidade, gostos, expectativas etc., preparam o palco para os problemas aparecerem no relacionamento. (p. 48)
Casais que se amam acabam se separando, ou vivendo juntos como dois estranhos dentro de casa, porque não conseguem resolver os conflitos no relacionamento. (p. 48)
Viver feliz no casamento é uma arte – a arte de resolver problemas. (p. 48)
No casamento não é diferente. (p. 49)
O cristianismo de uma pessoa começa a ser realmente provado quando ela entra no casamento. (p.49)
Os sete estágios do ciclo de problemas não resolvidos no casamento. (p. 58)
Quando se trata de fricções no relacionamento, um problema adiado é um problema piorado. (p. 58)
Uma das principais razões por que as pessoas decidem não lidar com o problema no relacionamento é o fato de a experiência ser extremamente dolorosa. (p. 58)
Quando trazemos esse pensamento para o casamento, verificamos que infelizmente a maioria dos casais não pensa assim. Eles são apanhados pelo corre-corre da vida, se perdem nos sentimentos, e logo perdem de vista os objetivos pelos quais se casaram. Quando os objetivos são esquecidos, então as decisões que tomam e tudo mais que fazem dentro da relação já não contribuem para a realização e o sucesso do casamento (p. 61)
Se um dos cônjuges entra no casamento com a ideia de que aquela união não durará

<i>até que a morte os separe, então esta pessoa acabará fazendo coisas que sabotarão o casamento, causando o seu fim. (p. 61)</i>
<i>Emoção é a ferramenta errada para resolver problemas no trabalho e também no casamento. (p.66)</i>
<i>Mas, como no casamento as emoções entram em jogo, parece que elas ofuscam nossas faculdades mentais, de modo que o que é tão claro e lógico no trabalho não é no relacionamento. (p. 68)</i>
<i>Quando surge um problema no casamento, você tem de agir na hora para resolvê-lo. (p. 70)</i>
<i>Precisa apenas transferir esse conhecimento para o seu casamento e aplicá-lo quando for resolver problemas. (p. 81)</i>
<i>Tenho que sair desse casamento. (p. 92)</i>
<i>As pessoas dentro do casamento é que são responsáveis pelo sucesso ou fracasso da união. (p. 93)</i>
<i>Ela tem todo o poder no relacionamento. (p. 111)</i>
<i>Vamos entender agora as consequências e o impacto desta maldição no casamento. (p. 119)</i>
<i>Hoje em dia muitas mulheres comprometidas, mas infelizes no casamento, são capazes até de ter um caso só para chamar a atenção do marido. (p. 123)</i>
<i>E esta felicidade no casamento vem de um conjunto de coisas, nas quais seu marido certamente está incluído. (p. 132)</i>
<i>Constantemente achava problemas no meu casamento porque o Renato não me dava atenção suficiente, falava que ele não me amava, e um dia cheguei ao cúmulo de perguntar se ele queria o divórcio. (p. 134)</i>

<i>Se pedirmos aos que vivem infelizes no casamento para listarem as razões desta infelicidade, dirão coisas do tipo “ele não me dá atenção”, “não confio mais nele”, “brigamos muito”, “ela é teimosa”, e outras semelhantes. (p. 137)</i>
<i>Os dois continuam como indivíduos distintos e não maleáveis dentro do relacionamento. (p.13-140)</i>
<i>Pense nisso: se seu cônjuge está realmente determinado a lhe ferir e você vê que não há mais por que lutar por este casamento, então saia dele de uma vez por todas. (p. 144)</i>
<i>Dentro do casamento, a ordem dos fatores altera — e muito — o produto. (p. 151)</i>
<i>Se estou bem com Deus, tenho que estar bem no meu casamento. (p. 157)</i>
<i>E é exatamente quando a mulher começa a olhar o homem como seu igual, especialmente dentro do casamento, que inúmeros conflitos passam a existir. (p. 173)</i>
<i>Se você quer fazer parte da cultura do casamento feliz e duradouro, não poderá seguir as normas da cultura atual. Terá que andar na contramão e criar sua própria cultura dentro do seu relacionamento. (p. 176)</i>
<i>Agora, transporte esse fato para dentro do relacionamento. (p. 177)</i>
<i>Se você quer ter uma mulher que se sente valorizada e amada, e doida por você na cama, deve saber que esse afeto físico tem que estar sempre presente no seu relacionamento, principalmente nas horas que vocês não estão na cama. (p. 191)</i>
<i>Quando você não lhe cede esse papel no casamento, ele não se sente respeitado e deixa de cumprir o seu papel de homem da casa. (p. 197)</i>
<i>Há uma harmonia no relacionamento: o líder busca o melhor para seus liderados, e estes por sua vez confiam na liderança dele e com alegria se submetem sem resistência. (p. 197-198)</i>

Porém, note bem: é a mulher que tem o maior poder para criar esta harmonia no casamento. É ela que é convidada a “deixar” o marido liderar. Ou seja, o poder está nas mãos dela. (p. 198)
Tire tudo do homem, mas não lhe tire o respeito. É o arroz com feijão dele no relacionamento. (p. 199)
Se você é uma esposa muito independente, racional, talvez até mandona, precisa equilibrar o seu jeito e deixar seu marido ganhar mais espaço dentro do relacionamento. (p. 206)
O sexo no casamento é como uma cola que mantém o casal junto. (p. 208)
O sexo não só fala como também cura muitos males no relacionamento. (p. 209)
Em um casamento sem sexo, qualquer probleminha se multiplica por mil. (p. 209)
Quanto menor for a tolerância ao mau comportamento em um relacionamento, mais feliz será o casal com o passar do tempo. (p. 224)
Quanto mais mostrar apreciação, mais impressões positivas você acumulará em seu relacionamento. (228)
Muito do estresse no relacionamento se deve ao pensamento de que não se é tão importante para o companheiro quanto outras coisas ou pessoas. (p. 229)
Em que você acha que isso acrescenta em seu casamento? (p. 232)
Valorize as qualidades do seu cônjuge e o conteúdo da gaveta terá cada vez menos importância em seu relacionamento. (p. 235)
Se houve infidelidade, ou quebra de confiança em seu relacionamento, seja você o culpado ou a vítima, ambos terão de trabalhar pesado — e juntos — para reconstruir a confiança. (p. 237)
Muitos dos problemas no casamento se originam de situações de estresse em um ou ambos os parceiros. Se você ficar atento para detectar o problema ANTES de

<i>acontecer, poderá evitá-lo. (p. 239)</i>
<i>No casamento raramente você tem um problema novo. (p. 240)</i>
<i>Se você teve uma experiência ruim no passado, quer tenha sido com seu pai, mãe, ou em um relacionamento anterior, torna-se muito fácil projetar injustamente as suas inseguranças do passado em seu companheiro. (p. 245)</i>
<i>Ou então um homem que teve uma má experiência no relacionamento anterior e que agora acha que sua esposa lhe será infiel assim como a sua ex-mulher. (p. 245)</i>
<i>O exemplo que demos anteriormente da mulher que foi abusada e traz traumas para o relacionamento, merece um pouco mais de atenção. (p. 246)</i>
<i>Quando usar: Assim que identificar um trauma ou acontecimento do passado como raiz de algum problema em seu relacionamento. (p. 246)</i>
<i>Quando não há uma frente unificada sobre a criação dos filhos, você cria um alto nível de estresse no casamento, sem falar na confusão e frustração dos seus filhos. (p. 247)</i>
<i>O que é mais importante, ser feliz ou ter razão? Estar bem no casamento ou provar que você está certo? (p. 248)</i>
<i>O marido pode ser muito frustrado porque tenta trazer humor para o relacionamento e a mulher o acha bobo e sem graça (e pior — diz isso para ele), depois reclama de ele ficar na televisão. (p. 252)</i>
<i>E o que são os problemas que você tem enfrentado no seu casamento? (p. 257)</i>
<i>Contas de banco separadas, reter informação de ganhos e gastos do seu companheiro e decisões de compra sem consultar um ao outro são alguns sinais de que há um sério problema de confiança em seu relacionamento. (p. 249)</i>
<i>É assim que se vence essa guerra dentro do seu casamento. (p. 264)</i>

METÁFORA 2

RELACIONAMENTO É GUERRA
<i>Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio. (título)</i>
<i>Quem ama de verdade blinda o casamento. E blindar é isso mesmo, colocar todas as defesas em funcionamento para evitar que qualquer coisa comprometa a relação. (prefácio)</i>
<i>...quero falar sobre outra área de minha vida que também me proporcionou muitas conquistas, lutas, alegrias, conflitos e recompensas, porém muito mais profundas e marcantes: meu casamento. (prefácio)</i>
<i>Tínhamos tudo para ter um casamento sem conflitos. (p.16)</i>
<i>Por que blindar seu casamento (p. 23)</i>
<i>O casamento como instituição está falindo sob pesados ataques de várias forças da sociedade. (p. 24)</i>
<i>As forças da sociedade conspiram contra o casamento e a família. (p. 25)</i>
<i>Não é uma questão de se seu relacionamento poderá ser atacado, mas sim de quando. Você saberá protegê-lo dos ataques quando eles vierem? (p.25)</i>
<i>É hora de defender e proteger o seu maior investimento, antes que seja tarde demais. (p. 29)</i>
<i>Some-se a tudo isso o fluxo constante de mensagens diretas e subliminares em nossas mídias atacando as bases do casamento. Novelas, filmes, revistas, blogs, notícias, moda, música, grupos e festas “culturais” ... todos os canhões apontados e atirando sem trégua: Para que casar? (p. 28)</i>
<i>Se você preza o seu relacionamento e não quer se tornar mais uma estatística, blindar seu casamento é fundamental para sua sobrevivência. (p. 29)</i>

Quais os perigos que ameaçam o seu casamento atualmente? Identifique essas ameaças para ter em mente quais áreas de seu casamento precisará fortalecer com maior urgência. (p. 30)
Acho que não vai querer que outros saibam de suas reflexões e lutas no seu casamento... (p. 30)
Casais que se amam acabam se separando, ou vivendo juntos como dois estranhos dentro de casa, porque não conseguem resolver os conflitos no relacionamento. (p. 48)
O seu foco tem que ser resolver o conflito entre vocês, mudar a situação, e não lutar contra a outra pessoa. (p.49)
Se você quer blindar seu casamento , deve começar com a decisão de se tornar um expert em resolver problemas. (p. 49)
A primeira tarefa é declarar um “ Cessar fogo ”! (p.52)
Pense: como você poderá blindar o relacionamento contra ataques externos se insiste nos ataques internos ? Não é sábio. Os ataques externos que vocês têm que combater já são o bastante, vocês não precisam ser inimigos um do outro . Os inimigos são os problemas que vocês enfrentam, e não vocês mesmos. Portanto, se seu relacionamento agora está em pé de guerra , pare! Dê trégua a seu parceiro. A partir de agora, enquanto lê este livro, você vai tratar seu parceiro com respeito e civilidade. Isso lhe dará chance para respirar, se concentrar e aprender novos caminhos para a solução dos problemas conjugais. Outra razão pela qual o cessar fogo é importante : para que você não venha sabotar seus esforços de blindar seu relacionamento. Pense: se enquanto você lê este livro continua atacando seu parceiro , os problemas só aumentarão. (p. 53)
Se as emoções não forem controladas, resultarão em explosões de temperamentos que podem levar o casamento à destruição. (p. 85)
Lute por seu casamento. Se o casamento fracassar , o fracasso é de vocês. (p. 93)
É um investimento a longo prazo, principalmente se você está lutando praticamente sozinho(a) para salvar o casamento , e a outra pessoa está endurecida ou cética de que você pode mudar. (p. 96)

Essa mentalidade, além de me fazer pensar que a responsabilidade não era minha, ainda piorava a situação de duas maneiras: (1) deixava o poder totalmente na mão da Cristiane para fazer o que quisesse da situação (desistir do casamento, lutar por ele, continuar como estava) (p. 101)
Um homem pode perder o casamento, viver longe dos filhos, até viver com uma deficiência, tudo isso ele pode superar, desde que se sinta útil e tenha sucesso no trabalho. (p. 120)
Quando a mulher não ajuda e ainda dá trabalho, realmente ela dá um tiro no pé: se torna indesejável para ele. (p. 133)
Pense nisso: se seu cônjuge está realmente determinado a lhe ferir e você vê que não há mais por que lutar por este casamento, então saia dele de uma vez por todas. (p. 144)
Se você tem mais tempo para estar na casa da mamãe, das colegas ou no trabalho e coloca essas coisas à frente de seu companheiro, está colocando seu casamento em situação de risco e sem equipamento de proteção. (p. 156)
Nessa batalha de qual é o jeito melhor, ninguém sai ganhando, pelo contrário, o casamento se enche de atritos. (p. 164)
Interessante que antes do casamento, as mulheres são muito mais cuidadosas a esse respeito do que depois, como se só pelo fato de ter conquistado um homem, agora não precisem manter a conquista. (p. 202)
A mulher pode dizer que o marido não merece o seu respeito ou o homem pode dizer que a esposa não merece a sua atenção, mas o fato é que, se vocês ainda estão juntos e querem blindar o casamento, têm que cumprir seu dever para com o outro. (p. 204-205)
A vida sexual saudável é uma das principais ferramentas de blindagem do casamento. (p. 208)
Concluindo então que sexo é ambos, necessidade e prazer, e que fortalece e protege o

<i>casamento, quais as dicas para uma ótima vida sexual? (p. 212)</i>
<i>Para quem ainda quer se casar e permanecer casado, a blindagem do relacionamento não é um luxo, mas uma necessidade. (p. 265)</i>
<i>Com certeza conhece pessoas casadas que precisam blindar seus relacionamentos. (p. 268)</i>
<i>Lembre-se de que há um adversário em seu casamento também. (p. 239)</i>
<i>É assim que se vence essa guerra dentro do seu casamento. (p. 264)</i>

METÁFORA 3

RELACIONAMENTO É NEGÓCIO
<i>É hora de defender e proteger o seu maior investimento, antes que seja tarde demais. (p. 29)</i>
<i>Nós, homens viciados no trabalho, temos que entender que o casamento também é um tipo de trabalho, uma empresa. Se você não trabalhar no seu casamento, inevitavelmente ele irá à falência. (p. 45)</i>
<i>Se olharmos mais de perto, vamos verificar que aquele casal trabalha constantemente na manutenção do casamento. (p. 46)</i>
<i>Casamento como uma empresa (p.57)</i>
<i>Quem é mais hábil em resolver problemas tem mais sucesso no casamento. (p. 57)</i>
<i>Tratar seu casamento como uma empresa (p. 59)</i>

<i>O casamento também é uma empresa. Ninguém se casa sem objetivos nem sem buscar resultados. (p. 59)</i>
<i>O casamento também tem objetivos e existe para produzir resultados, assim como uma empresa. (p. 60)</i>
<i>Quer dizer, ele perdeu o foco, abandonou os objetivos da empresa. A persistência dele nesse rumo inevitavelmente levará aquele casamento à falência.(p. 61)</i>
<i>Quando aprendi que o meu casamento é uma empresa, entendi que mesmo as minhas menores decisões e atitudes têm que estar ligadas aos nossos objetivos a longo prazo. (p. 62)</i>
<i>Daí o outro benefício de ver o seu casamento como uma empresa: entender que ele é o seu maior investimento. (p. 82)</i>
<i>Quando o relacionamento começa a dar errado e a pessoa não consegue que o parceiro seja do seu jeito — alguém que aceite todo seu lixo emocional e atenda a todos os seus caprichos —, então a conclusão óbvia vem a sua mente: “Casei com a pessoa errada.” (p.92)</i>
<i>As pessoas dentro do casamento é que são responsáveis pelo sucesso ou fracasso da união. (p. 93)</i>
<i>Uma das coisas que tem ajudado as pessoas a se esquivarem de qualquer responsabilidade pelo sucesso ou fracasso no casamento é o mito da alma gêmea. (p. 93)</i>
<i>É um investimento a longo prazo, principalmente se você está lutando praticamente sozinho(a) para salvar o casamento, e a outra pessoa está endurecida ou cética de que você pode mudar. (p. 96)</i>
<i>Essa lista nos ajudou a parar de ficar olhando os defeitos um do outro e começar a olhar para nós mesmos, para aquilo que tínhamos de fazer para melhorar o relacionamento. (p. 103)</i>

<i>Afinal, se nada fosse resolvido, o fracasso seria mais meu que dela, já que eu era o líder e cabeça do meu casamento. (p. 103)</i>
<i>Se você fizer isso, pode esquecer tudo o que aprendeu neste livro, pois seu casamento estará fadado ao fracasso. (p. 112)</i>
<i>Mesmo que o seu parceiro não queira mais investir no casamento e esteja até com outra pessoa, não deixe de florescer só porque ele não se encontra mais em sua vida. (p. 112)</i>
<i>O marido precisa entender que investir na mulher é ganho para si mesmo. (p. 135)</i>
<i>Todo relacionamento precisa de investimento constante. (p. 189)</i>
<i>Submissão ao marido não é ser uma Amélia, tampouco uma ideia machista para mandar na mulher; significa apenas uma maneira inteligente de se lidar com a parceria no casamento. (p. 195)</i>
<i>Quer dizer que a mulher precisa de certas qualidades para trabalhar em parceria com o marido, a quem deve respeitar como líder. (p.195)</i>
<i>Submissão é uma maneira inteligente de se lidar com a parceria no casamento. (p. 196)</i>
<i>Seja honesta: você se sentiria realizada tornando-se líder do seu marido enquanto ele se resigna à posição de banana no casamento? (p. 196)</i>
<i>Lembre-se, o homem já está “vendido” para a mulher. (p. 196-197)</i>
<i>Vai contra a natureza dela, e é aí que muitas têm perdido no amor. Não querem “sair perdendo” do relacionamento enquanto, na verdade, a mulher que se submete é que sai ganhando. (p. 198)</i>
<i>Casamento feliz dá trabalho. Até hoje tenho que investir em meu casamento. (p. 227)</i>
<i>Essa é a hora do dia em que você deve investir mais no seu relacionamento, o</i>

contrário do que muitos têm feito. (p. 242)

METÁFORA 4

RELACIONAMENTO É SER VIVO

*Se você preza o seu relacionamento e não quer se tornar mais uma estatística, blindar **seu casamento** é fundamental para **sua sobrevivência**.* (p. 29)

*Focando no problema e tirando a emoção — assim as empresas sobrevivem e prosperam; assim **seu casamento também poderá vencer todos os desafios**.* (p. 67)

*Mas a verdade é que um **casamento feliz** não depende tanto da pessoa ser a “certa” quanto de que os dois façam as coisas certas.* (p. 97)

*Era como se a coisa ficasse **ruminando no estômago do nosso relacionamento** por meses **até que voltava à boca e era vomitada**.* (p. 99)

*Em algumas semanas, já percebíamos que **nosso casamento havia renascido**.* (p. 104)

*Mas por outro lado, se ele começa a fazer tudo que queremos... **O relacionamento enjoa**.* (p. 113)

*— Ah, os outros faziam tudo que eu queria. **O relacionamento ficava chato**.* (p. 113)

*Há quatro anos Roseane vive um **relacionamento bandido** com Roger.* (p.124)

*Para o homem, **o relacionamento tem que ter a motivação** e o gosto de conquista de um trabalho.* (p. 133)

*A raiz de todos os divórcios e **casamentos infelizes**.* (p. 137)

<i>É claro que nem todo casamento é infeliz pelas mesmas razões, e que nem todo divórcio acontece pelos mesmos motivos. (p. 137)</i>
<i>é necessário estabelecer limites claros para manter um relacionamento saudável com todos. (p. 155)</i>
<i>Ou seja, sem jogar pela janela o progresso e avanço conquistado pela mulher, vamos resgatar os valores e princípios originais que regem um casamento feliz. (p. 174)</i>
<i>Uma das piores coisas que você pode fazer é comparar seu cônjuge a alguém, seja este alguém real ou imaginário. Isso é capaz de matar o casamento. (p. 179)</i>
<i>O marido que está sempre querendo espaço e nunca reserva um tempo para conversar com a sua esposa está deixando o casamento morrer aos poucos. (p. 204)</i>
<i>A maneira mais rápida de descobrir a saúde do relacionamento do casal é procurar saber como eles estão na cama. (p. 208)</i>
<i>Como é isso na prática? Por exemplo, o marido esquece a data do aniversário de casamento. (p. 240)</i>
<i>Não esquecendo que as vantagens vão além do trabalho e da saúde de seu relacionamento: já se sabe que o bom humor melhora o funcionamento do sistema imunológico, estimula a criatividade, a memória e ainda ajuda a diminuir a sensação de dor. (p. 252)</i>
<i>Quando usar: no mínimo uma ou duas vezes no mês, e sempre que a rotina fizer o relacionamento chato. (p. 254)</i>
<i>Quando um coloca seus objetivos individuais acima do relacionamento, aquilo fere a relação. (p. 261)</i>
<i>Estamos em um novo mundo, envolvidos por uma cultura de relacionamentos descompromissados e rodeados por um conjunto de novas ameaças que há apenas alguns anos não existiam. (p. 265)</i>
<i>Casamento feliz dá trabalho, sim, mas o salário vale a pena! (p. 266)</i>

*A **felicidade de nosso casamento** se deve totalmente às nossas decisões, muitas vezes contra os nossos sentimentos, e à prática da inteligência espiritual, que é a obediência aos conselhos de Deus. (p. 266)*

*Qualquer pessoa, incluindo você, que quiser e praticar esses conselhos, também pode ter um **casamento muito feliz**. (p. 266)*

METÁFORA 5

RELACIONAMENTO É VIAGEM

*Muitos dos que se **mantêm na relação seguem infelizes**. (p. 24)*

*Mas ninguém casa sem **trazer a sua bagagem** para dentro do relacionamento. (p. 33)*

*No entanto, se não sabem o passado um do outro, saberão como agir quando ele se manifestar **lá na frente**? (p. 36)*

A Mochila nas costas

*Imagine isto: noivo e a noiva estão no altar da igreja, vestidos a rigor diante dos convidados. O oficiante conduz a cerimônia. Nas costas de cada um dos noivos, por cima do vestido branco dela e do terno alugado dele, uma grande e pesada mochila. Dentro da mochila de cada um está todo o seu passado, **a bagagem que estão levando** para dentro do casamento, cujo conteúdo ambos começarão a descobrir muito em breve: a criação e os ensinamentos que absorveram dos pais, as experiências antigas, os traumas, o medo de rejeição, as inseguranças, as expectativas... Por isso, quem ainda está se preparando para se casar deve agir como segurança de aeroporto: **“Abre a mala aí, quero ver o que tem dentro!”***

*Já vi muitos casais dizerem: “O seu passado não me interessa, só quero saber de nós daqui para a frente.” Soa muito romântico, com certeza, mas essa atitude não vai impedir que vocês tragam o passado para dentro do relacionamento presente. O seu passado faz parte de você, é impossível se livrar dele. Mas é possível, sim, aprender a lidar com ele, seja o que for. No entanto, se não sabem o passado um do outro, saberão como agir quando ele se manifestar **lá na frente no casamento**? (p. 36)*

Como você pode ver, logo no início do nosso casamento, Cristiane e eu tivemos muitos

problemas decorrentes das **bagagens que trouxemos conosco**. (p. 41)

Quando duas pessoas se juntam pelo casamento, a maior parte de seus problemas provém de coisas em **suas bagagens** que conflitam entre si. (41)

Excesso de bagagem

No relacionamento nós temos que desaprender coisas ruins para então aprender coisas boas. Temos que identificar os maus hábitos, aquilo que não funciona, e eliminá-los do nosso comportamento, desenvolvendo novos e melhores hábitos. Reconhecer isso é muito doloroso, mas imprescindível para a mudança.

Como você pode ver, logo no início do nosso casamento, Cristiane e eu tivemos muitos problemas decorrentes das **bagagens que trouxemos conosco**. Eu não era uma má pessoa, tampouco ela, mas **a mistura das nossas bagagens** não resultou em algo positivo. Assim acontece em todos os relacionamentos. Todo ser humano traz em si **sua bagagem**, seu conjunto de princípios, valores, experiências, cultura, visão de mundo, opiniões, hábitos, passado, traumas, influências da família/escola/amigos, sonhos, e muito mais.

Quando duas pessoas se juntam pelo casamento, a maior parte de seus problemas provém de coisas em **suas bagagens** que conflitam entre si. Portanto, conhecer a outra pessoa profundamente e descobrir as suas raízes é fundamental para compreender o porquê deste ou daquele comportamento. E mais: conhecer e entender a si mesmo é igualmente essencial, pois isso lhe ajudará a desenvolver maneiras de lidar com suas próprias raízes e assim resolver as diferenças e conflitos.

Foi isso que aconteceu comigo e com a Cristiane. Anos mais tarde, passei a me dar conta de **nossas bagagens** e a entender por que nos comportávamos daquela maneira. Cristiane tinha a **bagagem** das altas expectativas da família perfeita de onde veio; a imagem do pai exemplar; a insegurança de nunca ter tido um namorado (enquanto eu vinha de um noivado rompido, antes de nos conhecermos); a infância e a adolescência com praticamente zero de lazer e vida social. Tudo isso explicava por que a Cristiane esperava tanto de mim, tinha ciúmes de mulheres por quem eu nunca me interessei, exigia tanto a minha atenção e valorizava muito o fato de passear. (p. 41-42)

Quais os principais **itens na sua bagagem** e na de seu parceiro que afetam ou poderão afetar o seu relacionamento no futuro? Tire alguns minutos para pensar nos principais acontecimentos que marcaram suas vidas, o que lhes formou o caráter e engendrou os princípios e valores que regem o comportamento de vocês. Esta tarefa requer uma viagem ao passado, meditação cuidadosa, e provavelmente uma conversa com seu parceiro para descobrir as respostas dele(a). (p. 47)

Nossas bagagens, diferenças de personalidade, gostos, expectativas etc., preparam o palco para os problemas aparecerem no relacionamento. (p. 48)

<i>Ficam dando voltas sem chegar a lugar algum. Quando um finalmente cansa dessa insanidade, decide separar. (p. 48)</i>
<i>Admiti meus erros, pedi perdão, pedi forças e direção para a minha vida e o meu casamento. (p. 103-104)</i>
<i>Foi naquela palavra do meu pai que finalmente embarquei em uma jornada interessante, cheia de aventuras, e superprodutiva. Eu me conheci melhor. (p. 108)</i>
<i>Eu não estava no mesmo barco, e sim em um barquinho atrás, tentando chegar perto do iate dele. Interessante que ele já havia comentado sobre eu me envolver mais no que ele fazia. (p. 109)</i>
<i>No início do meu casamento, eu não estava preocupado com as necessidades da minha esposa. (p. 143)</i>
<i>Eu pedia, senão o casamento não andava para a frente, mas na realidade não pedia desculpas de coração. (p. 146)</i>
<i>Ficam dando voltas e mais voltas, uma verdadeira “mudança” de 360 graus! Mudam nos primeiros meses, mas daqui a pouco estão no mesmo lugar da partida. (p. 147)</i>
<i>Se você quer fazer parte da cultura do casamento feliz e duradouro, não poderá seguir as normas da cultura atual. Terá que andar na contramão e criar sua própria cultura dentro do seu relacionamento. (p. 176)</i>
<i>Muitos casais estão caminhando para o divórcio justamente porque se desligaram um do outro (p. 189)</i>
<i>O que temos visto é que quando o homem é muito emotivo, a mulher acaba tendo que ser a mais racional, já que dois emotivos não chegam a lugar algum. (p.205)</i>
<i>Um sinal de aviso aos casais na estrada da sexualidade: fiquem atentos às fases e épocas do casamento e da vida de vocês. (p. 218)</i>
<i>Vocês estão casados para uma longa jornada — que esta jornada seja estimulante, e não chata. (p. 251)</i>

METÁFORA 6

RELACIONAMENTO É MÁQUINA

*O milagre da fusão dos dois indivíduos acontece quando ambos se unem em um só propósito de **fazer o casamento funcionar**, não importa o que vier. (p. 97)*

*Se esse casamento **falhar**, não vai ser culpa minha, pensava. (p.101)*

*Um simples **ajuste de foco transformou o nosso casamento**. (p. 109)*

*Olha, o Senhor cometeu um erro. Esse negócio de **casamento não funciona**. (p. 138)*

***Para um casamento funcionar**, é necessário que ambos, marido e mulher, se importem um com o outro acima de todas as demais pessoas e coisas. (p. 157)*

***Para que um casamento funcione**, há certas coisas mínimas que devem existir. (p. 177)*

*É apenas um papel que você deve cumprir **para o funcionamento da sociedade chamada casamento**. (p. 195-196)*

*Estas 27 ferramentas lhe ajudarão a **consertar e manter seu casamento**. (p. 221)*

*A fidelidade é uma condição **para o nosso casamento funcionar**. (p. 259)*

*Se o seu cônjuge já lhe causou muita dor e decepção, e vocês estão tentando seguir em frente, **é necessário que você aperte o botão “reiniciar” em seu relacionamento**. Quando seu computador trava, você tem de reiniciá-lo para que ele apague o que estava dando problema, certo? Da mesma maneira, **para seu casamento funcionar você tem de reiniciá-lo** através do perdão. (p. 261)*

*Encontramos **dezenas de ferramentas práticas que você pode usar no dia a dia de seu casamento** para resolver e prevenir problemas. (p. 265)*

METÁFORA 7

RELACIONAMENTO É JOGO

Nós, homens, principalmente, costumamos fazer isso. Para nós, o período que começa com a primeira conversa e vai até a lua de mel é o mais interessante para nossa **natureza competitiva**. É emocionante saber que ela aceitou sair conosco, ver que ela está gamada e que pensa que somos o máximo... **Tudo isso é como se fosse um jogo para nós** (mulheres, estamos sendo honestos... é a nossa natureza. Você vai entender mais sobre isso mais tarde neste livro). Daí, o dia do casamento é como se fosse a entrega do **troféu**.

Quando o campeão recebe o troféu, ele o põe lá em uma estante e aquilo ali vira passado. É assim que muitos de nós, homens, fazemos com nossas esposas depois do casamento. **Achamos que o jogo acabou**, aquele trabalho todo da **conquista** já está terminado. Temos até o papel para provar – a certidão de casamento! Colegas, aqui vai um aviso; **o jogo apenas começou!** Se pararmos de trabalhar para manter o casamento, **perdemos o jogo...** (p. 46)

Tem mulher que quer **competir** com o marido em vez de **entrar para o time dele**; quer fazer o foco principal de sua vida algo que não ajuda o marido em nada. Aí não dá. (p. 133)

Ninguém daria **medalha de ouro ao terceiro lugar**, muito menos deixaria o **primeiro lugar ficar com o bronze**, mas você pode estar fazendo isso em sua casa neste momento, simplesmente por não saber a quem pertence cada uma das três posições do **pódio de seu casamento**. (p. 151)

Deus sugere que O coloquemos em primeiro lugar para que haja um árbitro em nossa vida. E, **no casamento, ter um árbitro sobre vocês dois é essencial**. Só tem uma solução: alguém acima de vocês, estabelecido como **o árbitro, o juiz**. É a lei d'Ele, imparcial, que irá decidir. (p. 152)

Por que no casamento seria diferente? Você pode não gostar das **regras**, mas elas existem para **regular os relacionamentos**. (p. 153)

Quando O temos em primeiro lugar em nossas vidas, ele se torna o **Juiz no casamento**. (p. 153)

<i>É muito difícil haver casamento feliz sem obedecer às regras estabelecidas por Deus. (p. 154)</i>
<i>Um problema comum nos casamentos atuais é o marido anulado, que “tira o time de campo”. (p. 201)</i>
<i>Lembre-se de que vocês estão no mesmo time (p. 248)</i>
<i>Unam-se contra os problemas, jamais deixem que eles lhes dividam. Nunca se esqueça de que o importante é que o time saia ganhando e não apenas um de seus jogadores. (p. 249)</i>
<i>Por outro lado, se você admite não conseguir controlar seus impulsos consumistas, ou tem um vício que consome o dinheiro, e não sabe como controlar o que passa por suas mãos, aceite a ajuda do seu cônjuge, pelo bem do time. (p. 250)</i>

METÁFORA 8

RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO
<i>Só mesmo um relacionamento muito bem fundamentado para resistir quando bate aquela ventania que destelha tudo. (prefácio)</i>
<i>Sem a base dos princípios determinados por Deus para um bom casamento, seus esforços de construir um serão em vão. (p. 18)</i>
<i>Temos visto que os casais que têm abraçado esse fato são mais felizes e bem-sucedidos em seus esforços de restaurar e manter seus casamentos. (p. 18)</i>
<i>Um casamento em ruínas, uma família despedaçada, anos de sofrimento inútil. (p. 142)</i>
<i>Os filhos precisam encontrar uma base firme no casamento de seus pais para formarem suas próprias bases no futuro. (p. 155)</i>
<i>Ela se tornou a arquiteta dos relacionamentos, a cola da família e da comunidade. (p.</i>

171)
<i>Tradicionalmente, o homem sempre foi o provedor e protetor da família, e a mulher a cuidadora do lar e arquiteta dos relacionamentos. (p. 171)</i>
<i>As consequências dessas mensagens em sua mente podem estabelecer ou destruir o seu casamento. Ignore isto ao seu próprio risco. (p. 209)</i>
<i>Convites para discussões sempre batem à porta do casamento. (p. 232)</i>
<i>Esta pequena ilustração revela o grande segredo do que é a base do casamento. (p. 255)</i>

3.2.2 Mulheres inteligentes, relações saudáveis

Nesta subseção, apresentamos as 5 metáforas conceituais que foram identificadas a partir das expressões linguísticas metafóricas encontradas no livro representante do domínio discursivo da saúde mental. A ordem em que aparecem também segue a recorrência de expressões linguísticas atualizadoras, isto é, da que apresenta maior número de expressões linguísticas para a menor.

METÁFORA 1

RELACIONAMENTO É SER VIVO
<i>Mulheres inteligentes, relações saudáveis. (título)</i>
<i>Veja que para descrever relações doentes usei a palavra saturada, indicando uma frequência quantitativa e qualitativa das dificuldades. (p. 12)</i>
<i>Por mais saudável e permeada de amor que seja a relação, de vez em quando ela entrará o terreno dos desentendimentos ilógicos, atitudes tolas, reações injustas, ciúmes débeis, intolerância insana. (p. 12)</i>

<i>São processos lentos que devem ser conquistados pelas leis fundamentais das relações saudáveis aqui propostas. (p. 21)</i>
<i>A Teoria das Janelas da Memória nos ilumina para entendermos os erros capitais da relações doentes e as leis fundamentais das relações saudáveis. (p. 23)</i>
<i>Mentes saudáveis e relações felizes estão ao seu alcance. (p. 35)</i>
<i>Quando estudarmos as leis fundamentais das relações saudáveis, veremos como abrir e expandir as janelas light. (p. 35)</i>
<i>(Mulheres impulsivas) Deveriam equipar seu eu para trabalhar as leis fundamentais das relações saudáveis. (p. 45)</i>
<i>Devem também ter consciência que uma relação saudável não pode ser profunda se um dos membros vive na sombra do outro. (p. 55)</i>
<i>Os erros capitais de uma relação doente. (p. 61, 74, 87)</i>
<i>Esse erro capital, próprio das relações doentes, a transformou em policial, fazia inquéritos, queria saber aonde seu namorado ia, com quem andava, o que fazia e o que falava. (p. 64)</i>
<i>Mulheres inteligentes devem saber que o ciúme circunstancial, brando, faz parte da história de um casal saudável, mas o ciúme controlador é um erro capital. Nada adoece tanto as relações, nada asfixia tanto o amor. (p. 65)</i>
<i>Sem saber, ela abriu uma grave chaga em sua nova relação. Querendo manter vivo o relacionamento, ela o destruía. (p. 65)</i>
<i>A relação passa da calmaria para a ansiedade, da ansiedade para o desrespeito e do desrespeito para a agressividade. (p. 66)</i>

Mulheres que não fazem um diagnóstico da sua relação correm sério risco de ter uma relação doente sem o saber. (p. 67)
Em uma relação doente , frequentemente não há um santo e um carrasco. A vítima alimenta o predador. (p. 68)
Dentre todas as chagas de uma relação , nada é tão grave que perder a admiração pelo outro, e nada é mais perturbador do que ofendê-lo diante dos outros. (p. 70)
De posse das ferramentas para produzir relações saudáveis , começou a surpreendê-la. (p. 71)
Quando a ansiedade se avoluma, adoecemos nossas mentes, relações e atividades profissionais. (p. 88)
Em capítulos posteriores estudaremos as leis fundamentais das relações saudáveis . (p. 91)
Um dos erros capitais mais importantes de uma relação doente é o medo excessivo da perda. (p. 96)
E se é possível recomeçar, eles jamais deveriam cometer os erros capitais das relações doentes que cometeram. (p. 99)
Deveriam, como veremos, beber da fonte que nutre as relações saudáveis , como o poder do elogio, a arte de surpreender, de dialogar, de autodialogar, de proteger a emoção. (p. 99)
As leis fundamentais de uma relação saudável . (p. 116, 129 e 142)
De todas as leis fundamentais das relações saudáveis , o elogio é a mais acessível e mais fácil de praticar, embora poucos seres humanos a pratiquem. (p. 116)
De todas as leis fundamentais de uma relação saudável , o elogio é a mais acessível. (p. 116)

<i>O sacerdote deveria conhecer a Teoria da Janelas da Memória e do Eu como autor da história para dar uma breve conferência par esses casais sobre os erros capitais das relações doentes e as leis fundamentais das relações saudáveis antes de eles fazerem juras de amor. (p. 118)</i>
<i>Investir nos sonhos de quem amamos é outra lei fundamental das relações saudáveis. (p. 121)</i>
<i>Como seu corpo estava escultural, concluiu que com isso elevava o saldo emocional da sua relação. (p. 123)</i>
<i>Homens que cobram muito estão aptos para trabalhar numa financeira, mas não para desenvolver relações saudáveis regadas a um sublime amor. (p. 128)</i>
<i>A arte de agradecer e a arte de elogiar são as duas leis das relações saudáveis mais acessíveis a cada ser humano. (p. 136)</i>
<i>A arte do diálogo é outra lei fundamental das relações saudáveis. (p. 142)</i>
<i>O autodiálogo é a rainha das leis das relações saudáveis, mas a menos conhecida. (p. 145)</i>
<i>Porque sem o autoconhecimento, pelo menos básico, o Eu não tem como se conhecer, e sem se conhecer, não tem como ser Autor da própria história, e, desse modo, terá grandes dificuldades de desenvolver as demais leis das relações saudáveis e as funções mais complexas da inteligência, como gerenciar pensamentos, proteger a emoção, resiliência, generosidade. (p. 145)</i>
<i>O objetivo é ensinar as crianças e os adolescentes a pensar antes de reagir, a colocar-se no lugar dos outros, a ter resiliência, a trabalhar frustrações, a proteger a emoção, a fazer a mesa-redonda, a desenvolver um Eu capaz de ser autor da sua própria história e que trabalha as leis fundamentais das relações saudáveis. (p. 150-151)</i>
<i>Mulheres inteligentes sabem que desenvolver a saúde psíquica é fundamental para conquistar um amor saudável e relações felizes. (p. 151)</i>
<i>Elas praticam as leis fundamentais das relações saudáveis para colocar combustível em sua autoimagem e sua autoestima e abalar seus parceiros. (p. 168)</i>

METÁFORA 2

RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO
<i>É mais fácil programar supercomputadores, dirigir grandes empresas, cumprir metas profissionais elevadíssimas, do que construir relações saudáveis regadas a um sublime amor. (Prefácio, p. 9)</i>
<i>Nada é tão belo quanto cultivar relações saudáveis e nada é mais deprimente que construir relações doentes. (Prefácio, p. 10)</i>
<i>Gostaria de convidar as mulheres para conhecer algumas áreas fundamentais da mente humana para extrair ferramentas fascinantes e passíveis de ser trabalhadas no solo das relações com quem ama. (Prefácio, p. 10)</i>
<i>Toda mulher sabe que nada é tão belo como quanto construir relações sociais saudáveis, fundamentadas em amor inteligente, elogio, apoio, diálogo, tranquilidade, generosidade, investimento em sonhos, reconhecimento de erros. (p. 11)</i>
<i>Mas toda mulher também deve saber que nada pode ser tão angustiante quanto construir relações saturadas de atritos, discórdias, cobranças, ansiedade, ciúme, controles, medos da perda, necessidade neurótica de estar sempre certa. (p. 11-12)</i>
<i>Reciclar o lixo psíquico determinará a sustentabilidade da relação e a poesia do amor. (p. 12)</i>
<i>Homens inteligentes têm consciência de que o mais calmo ser humano tem seus momentos de estresse, o mais ponderado tem reações incoerentes, o mais generoso tem seus momentos de egoísmo e, portanto, deveriam saber que quem não reconhece seus erros e pede desculpas, especialmente, para a mulher que ama e para seus filhos jamais alcançará a maturidade psíquica nem construirá relações saudáveis. (p.25)</i>
<i>(Mulheres impulsivas) São fáceis de construir relações sociais e rápidas para destruí-las. (p. 45)</i>
<i>E como insucesso emocional, seu casamento estava desmoronando. (p. 76)</i>
<i>Desconhecem o alfabeto das emoções e não sabem que o poder do elogio aproxima</i>

<i>mundos, cruza histórias, diminui intrigas, alivia traumas, constrói pontes, aplaina relações difíceis. (p. 121)</i>
<i>Quem critica ou cobra excessivamente está apto para trabalhar numa “financeira”, mas não para construir uma relação saudável. (p. 89)</i>
<i>As leis fundamentais para construir uma relação saudável devem ser praticadas regularmente, como exercícios físicos. (129)</i>
<i>De todas as leis para impactar, reciclar, e reconstruir relações encantadoras com o parceiro, filhos, alunos, pais, amigos, irmãos e todas as personagens com que vivemos, nada é mais fascinante do que a arte de surpreender. (p. 129)</i>
<i>A arte de surpreender é uma lei fundamental para construir belas pontes no relacionamento com o outro e conosco. (p. 134)</i>
<i>Além disso, casais que não sabem dialogar produzem grandes paradoxos: não admitem trincos nas paredes, mas nem sequer enxergam as rachaduras da relação. (p. 144)</i>

METÁFORA 3

RELACIONAMENTO É ALIMENTO
<i>Mulheres inteligentes devem entender que suas crises e dificuldades, se bem trabalhadas, em vez de destruir a relação, podem temperá-la, enriquecê-la, mas, se mal trabalhadas, poderão produzir um sabor intolerável. (p. 12)</i>
<i>Diferenças de personalidade não são motivos para confrontos, podem até dar sabor à relação. (p.69)</i>
<i>Homens inteligentes entendem que as diferenças com uma mulher, se bem trabalhadas, ao invés de destruir a relação, podem temperá-la, mas, se mal trabalhadas, podem produzir um sabor insuportável. (p.73)</i>
<i>Grandes romances terminam em crises porque os amantes, ao invés de temperarem a relação com elogios, temperam com atritos, críticas, reações estúpidas. (p. 118)</i>

Mulheres inteligentes, por sua vez, são capazes de **realçar o sabor da relação** e encantar seus homens com gestos admiráveis. (p. 133)

METÁFORA 4

RELACIONAMENTO É RECIPIENTE

Em seus relacionamentos, essas mulheres correm o risco de se fechar em torno do casal e, portanto, se distanciar dos pais, outros parentes e amigos. (p. 422)

Em uma relação doente, frequentemente não há um santo e um carrasco. A vítima alimenta o predador. (p. 68)

A pior atitude de uma mulher *na relação* com seu parceiro é se posicionar como uma psicóloga com um condão mágico ansiando mudá-lo. (p. 92)

Sem a espontaneidade, *gera-se na relação* qualquer sentimento, exceto o amor. (p. 67)

METÁFORA 5

RELACIONAMENTO É GUERRA

No fundo *ambos se digladiavam*. Ela com **armas visíveis**; ele, com invisíveis. Você **digladia com quem ama**? Se **digladia**, que **armas** usa? (p. 69)

Com os de fora são encantadores, mas entre eles **vivem entrincheirados, combatendo-se mutuamente**. (p. 90)

Se não conseguiram viver separados, deveriam pelo menos ter **aprendido a amenizar o conflito conjugal** com essa lei fundamental: respeitar os espaços, manias, reações, maneira de ver e interpretar a vida do outro. (p. 90-91)

3.3.3 Perguntas do site Par Perfeito

O último grupo de metáforas apresentado se refere às metáforas representantes do domínio do espaço virtual. A partir do levantamento das expressões linguísticas metafóricas desse domínio, foi possível atualizar 5 metáforas conceptuais, conforme apresentamos a seguir.

METÁFORA 1

RELACIONAMENTO É PESSOA
<i>Procuro um relacionamento sério, mas tenho dúvidas se é o local adequado. (P 03)</i>
<i>Sinceramente quero um relacionamento sério, como o perfil que descrevi, será que devo mudar de site? (P 06)</i>
<i>Não consigo mais acreditar em homem nenhum depois de tantas mentiras que ouvi e vivi desses relacionamentos anteriores que tive. (P 10)</i>
<i>No meu perfil deixei bem claro que não quero azaração, quero relacionamento sério. (P 14)</i>
<i>Enquanto algumas se queixam que os homens que elas desejam não desejam um relacionamento com elas o que me sobra são homens querendo se relacionar, mas sou eu quem não quer um relacionamento sério, ou seja, definitivo e único, porque sérios todos os relacionamentos são. (P 19)</i>
<i>Tenho 24 anos e estou há praticamente um ano sem namoro sério... (P 20)</i>
<i>Por que eu não consigo arrumar um relacionamento sério, sempre conheço mulheres até muito bonitas de 30 a 43 anos, mas como eu adoro passear tanto no Brasil como fora do Brasil, elas fica de 6 até 8 meses viajando comigo. (P 21)</i>
<i>Quanto tempo leva para saber se o homem deseja um relacionamento sério? P (26)</i>

Quanto tempo eu devo esperar para saber se o homem com o qual estou saindo realmente deseja ter um relacionamento sério comigo? P (26)
Relacionamento sério assusta os homens? (P 28)
Já estou no site há mais de 4 anos, e até hoje não consegui ninguém para relacionamento sério . (P 29)
Como convencê-los a ter um relacionamento saudável ? (P 30)
O homem sabe que virá praticamente a assumir o papel de pai, se a relação vier a ser séria . (P 41)
Estou no site já faz algum tempo, tive um relacionamento sério , que infelizmente não deu certo, e estou voltando agora, como assinante, para tentar novamente por acreditar que esta é uma ferramenta poderosa para conhecermos pessoas, existindo aqui os mesmos riscos do mundo real. (P 43)
Durante alguns meses saímos e sempre fiz questão de mostrar o quanto via nosso relacionamento como algo sério . (P 44)
Resolvi me cadastrar nesse site devido a nunca conseguir um relacionamento sério . (P 49)
Posso dizer que nosso relacionamento caiu na rotina , os dias todos iguais, deixei de fazer o que gosto que é sair, dançar e isso tá me deixando muito mal. (P 51)
Às vezes fico pensando se ele realmente quer um compromisso sério, digo casamento ou não sei o que pensar da situação. (P 52)
Será que essa relação tem futuro ? (P 57)
Quero saber essa relação tem futuro ? (P 57)
Como estou buscando um relacionamento sério e, espero, duradouro , penso nos próximos 10 ou 20 anos. (P 64)

Um relacionamento íntimo e virtual pode se tornar verdadeiro? (P 66)
Será que é melhor acabar logo ou dar uma chance a esse relacionamento , já que homens honestos e que queiram um relacionamento sério não estão tão fáceis de encontrar. (P 68)
Como fazer para identificar pretendentes que realmente queiram um relacionamento sério ? (P 73)
Mas eu tenho 03 filhos e fiz laqueadura, ele não tem filhos, e apesar de ter um relacionamento conturbado e infeliz com a esposa, sonha muito em ter filhos, e isso me perturba demais. (P 75)
Eu por outro lado venho de um casamento totalmente desgastado e infeliz , mas meu marido é praticamente um louco, sabe que não o amo mais, que estou com ele apenas por pena, mas mesmo assim insiste em querer me reconquistar e dizer que me ama. (P 75)
Quando entrei neste site de relacionamento meu propósito era de encontrar um relacionamento sério e continuo querendo isso, mas do decorrer disso surgiram alguns problemas pessoais. (P 79)
Tenho alguém há 6 anos, num relacionamento louco , cheio de paixão, às vezes, cheio de desconfiança de minha parte sempre. (P 80)
Conheci aqui ótimos rapazes, mas ainda não estou pronta para um relacionamento sério . (P 86)
Deixou escapar outro dia que seu relacionamento com sua mulher também está afetado. Resumindo: meu casamento já estava em crise antes, agora ficou muito pior. (P 89)
Quero um relacionamento sério e uma pessoa só pra mim. (P 97)
Não consigo ter um relacionamento saudável . (P 100)
Não consigo ter um relacionamento saudável , sofro muito e sou muito infeliz. (P 100)

<i>Mas independente disso, aberta ao namoro sério. (P 104)</i>
<i>Agora, tenho muitos problemas com relacionamentos afetivos, sempre me aparecem homens complicados, ou que querem ser cuidados, imaturos, que no começo demonstram ser muito carinhosos e depois não são. (P 106)</i>
<i>Sou jovem, me considero uma pessoa de boa aparência, bom nível de escolaridade, independente, sem filhos, educada, tranquila, sem vícios, enfim, com todos os predicados para se conseguir um relacionamento sério, mas estou muito desanimada com o site, que se tornou a minha última esperança de encontrar alguém, pois não sou de baladas, de barzinhos e todas as minhas amigas já são comprometidas, sou uma pessoa muito solitária. (P 108)</i>
<i>Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer, e dizer que é o melhor site de relacionamento, tanto pra relacionamentos sérios e casuais, como para fazer amigos e se divertir com eles! (P 111)</i>
<i>Antigamente era mais fácil, o cara pedia em namoro e pronto; as mulheres não ficavam reféns de “relacionamento” que a gente não sabe de que tipo é... (P 115)</i>
<i>Fiquei bastante tímida, mas enfim, tive contato físico com dois homens, e os dois me agradaram muito, são muito carinhosos, e percebo que estão querendo um relacionamento sério, que afinal é o que busco. (P 124)</i>
<i>Sou assinante há quase dois meses e no dia 10 de julho recebi uma mensagem de um homem se dizendo o parceiro ideal para mim, que tínhamos muitas afinidades e a principal é que nós dois queríamos um relacionamento sério. (P 125)</i>
<i>Ele não se compromete, me apresenta para os outros como amiga, já viajamos e eu conheço a família dele e ele a minha, mas não assume uma relação mais séria. (P 127)</i>
<i>Podemos não ter o corpo dos sonhos, mas queremos amar e ser amadas, e estamos em busca de um relacionamento sério. (P 131)</i>
<i>Dilemas de um relacionamento. (P 142)</i>
<i>Disse que estava apaixonado por mim e que só não gostaria de me fazer sofrer e que gostaria de um relacionamento sério. (P 143)</i>

<i>O que é um relacionamento sério? (P 146)</i>
<i>Eu só queria saber se existem características de um relacionamento sério. O que é um relacionamento sério?? (P 146)</i>
<i>Ninguém quer ter um relacionamento sério. (148)</i>
<i>Conversei com ele e disse que estava enrolado por causa dessas questões e que não poderia dar o que eu buscava, ou seja, um relacionamento sério. (P 150)</i>
<i>Casamento infeliz, terminar ou continuar traindo? (P 75)</i>
<i>Desta relação nasceu uma linda garotinha, hoje com oito meses de idade, mas infelizmente o relacionamento terminou e estamos separados desde que ela nasceu. (P 101)</i>

METÁFORA 2

RELACIONAMENTO É RECIPIENTE
<i>Já tive namorados que conheci pelo site (todos na faixa de mais de 40 anos, beirando os 50). O que percebo é que a maioria (mesmo estando num relacionamento) continua buscando alguém no site, e provavelmente saindo com outras. (P 01)</i>
<i>Tive câncer. Isso pode afetar na relação? (P 05)</i>
<i>Somos ambos sinceros, amadurecidos, muito afetuosos, transparentes no relacionamento. (P 08)</i>
<i>Conheci um homem através deste site. No 1º dia ele me disse que não queria se casar, mas namorar, pois havia saído de um relacionamento que durou 2 anos. (P 17)</i>
<i>Com medo, eu também me afastei. No reencontro, resolvemos conversar mais e percebi que ele não tem muitas esperanças em relacionamentos, enfrentou vários</i>

problemas em relações anteriores. (P 26)
Não consigo evoluir nos relacionamentos . (P 29)
Já sofri muito em relacionamentos anteriores e sou muito ansiosa pra que dê certo. (P 31)
Não quero de novo ser rejeitada, pois sempre é assim nos relacionamentos . (P 31)
Nossa relação sempre foi cheia de idas e vindas. (P 50)
Temos ideias e opiniões bem parecidas, em uma conversa que tivemos pelo telefone ela já chegou a me dizer que sou muito romântico, e eu sou igual a ela em sentimentos, também me entrego de vez em um relacionamento . (P 53)
Depois que fiquei viúva não tive sucesso em relacionamentos . (P 55)
<i>Não quero ficar traumatizada, mas isto já está se repetindo muito em meus relacionamentos</i> . (P 59)
<i>Somente tratar bem não é o suficiente numa relação?</i> (P 60)
<i>Continuei ligando, indo ao encontro dele, mas acho que essa paciência que devemos ter num relacionamento há limites.</i> (P 60)
Saí de um casamento de 15 anos e estou só há 5. (P 38)
<i>Mas acho que somente tratar bem não é o suficiente numa relação</i> . (P 60)
No relacionamento anterior tinha sofrido muito e foi traído, e ele alegou que ainda não superou essa traição. (P 71)
<i>Tenho 40 anos e após um casamento fracassado por mentiras, um namoro cheio de ciúme e desconfiança, desisti de amar.</i> (P 74)

<i>O que faço: abandono meu marido e entro de vez nesse novo relacionamento, me afasto do meu amor de vez, ou continuo com as traições? (P 74)</i>
<i>Tenho alguém há 6 anos, num relacionamento louco, cheio de paixão, às vezes, cheio de desconfiança de minha parte sempre. (P 80)</i>
<i>Minha mãe sempre foi muito discreta na vida dela, de modo que tenho dificuldade em lidar com a intervenção de sogras no meu relacionamento. (P 82)</i>
<i>E, quando isso acontece, eu me desgasto e resolvo sair do namoro, pois deixo de ver o namorado como homem, para passar a vê-lo como um ser imaturo. (P 82)</i>
<i>Até cheguei a conhecer algumas pessoas aqui no site, pessoas que demonstraram ter um interesse num relacionamento, mas eu não achei graça em nenhum. (P 83)</i>
<i>Gostaria de saber quanto o peso da pessoa pode atrapalhar no relacionamento? (P 113)</i>
<i>Estou atualmente em um "relacionamento". Coloco entre aspas porque, ao meu ver, é complicado demais e está acabando comigo. (P 118)</i>
<i>Quando me cadastrei nutria esperanças de conhecer homens e me envolver em um relacionamento sério - já que ninguém nasce para ficar só. (119)</i>
<i>Bom dia! Saí de um relacionamento de 18 anos, fiquei 10 meses sem ninguém, e pela 1ª vez participo de um site de relacionamento. (P 118)</i>
<i>Será de devo continuar nessa relação ou partir pra outra? (P 127)</i>
<i>Só que estou saindo de uma relação muito recente, nessa relação o fator principal de entendimento era o sexo. (P 128)</i>
<i>E além de tudo tem casos fora do casamento. (P 130)</i>
<i>Fui extremamente infeliz no meu casamento. (P 137)</i>

*Para uma pessoa que está há bastante tempo sem se relacionar, completamente fria e chegou a idade adulta sem experiência, sem ânimo de tentar, por onde ela deve começar **sem entrar diretamente em uma relação** séria que leve a um casamento? (P 141)*

*Nossa relação é de uma amizade muito grande, mas conversamos e decidimos que ambos podem ter um relacionamento **fora do casamento** até a separação se concretizar. (P 149)*

METÁFORA 3

RELACIONAMENTO É OBJETO

***Tínhamos uma relação** ótima, pois já nos conhecíamos antes. (P 02)*

*Por que isso? Será que para **segurar um relacionamento** tenho que fingir, representar uma mulher que não sou ou engolir sapos? Me ajudem, por favor. (P 07)*

*Mas eu não consigo tomar o próximo passo, eu não sei o que fazer para **ter um relacionamento** com elas, eu crio atração, mas falta algo para perfectibilizar a conquista. (P 24)*

*Conheci pelo site uma pessoa e **tivemos um relacionamento** durante mais ou menos um ano. (P 25)*

*Minha pergunta é a seguinte: por que algumas pessoas, como eu, permanecem durante toda a vida sem conseguir **ter um relacionamento amoroso** mesmo o desejando ardentemente? (P 35)*

*Tenho 73 anos, já **tive 4 relacionamentos** e nenhum deu certo. (P 48)*

***Tive um relacionamento muito traumático**, cheio de idas e vindas, enganos, sofrimento, dor e maus tratos, sou uma mulher bonita, bem sucedida e ainda tenho medo de me envolver novamente, o que faço? (P 58)*

*Durante 12 anos **tive um relacionamento** com um homem casado, sonhando que um dia ele ficaria comigo. (P 61)*

<i>Tentei resgatar meu casamento ano passado, não deu, ele continua o mesmo. (P 63)</i>
<i>Queria saber se este tipo de relacionamento, apesar de eu achá-lo ótimo, poderá um dia me levar a algum relacionamento concreto. (P 66)</i>
<i>Até hoje só tive dois relacionamentos. (P 70)</i>
<i>Descobri que perder um relacionamento longo de 25 anos é muito traumático, mas, além disso, estou com dificuldades de entender a perda do amigo, da única pessoa com a qual podia contar. (P 78)</i>
<i>Tive no passado um relacionamento que me marcou muito, pois eu o amava e ele acabou se afastando devido ao trabalho dele. (P 83)</i>
<i>O trabalho atual dele o impede de ter um relacionamento, pois ele não tem final de semana, trabalha direto. (P 83)</i>
<i>Será que tenho chance de achar um relacionamento e sair da solidão? (P 90)</i>
<i>Já tive um relacionamento com um homem 8 anos mais jovem, e percebi que os mais jovens são muito instáveis. (P 91)</i>
<i>Já tive 4 longos relacionamentos e percebo que me entrego demais e talvez assim seja difícil as pessoas me amarem. (P 92)</i>
<i>Já tive relacionamentos longos com pessoas daqui, casos, e alguns só conheci. (P 96)</i>
<i>Tive um relacionamento de 21 anos, casei-me cedo. (P 102)</i>
<i>Já tive outro relacionamento com outra pessoa, mas não consegui manter; parece que não esqueci o cara que tinha um filho. (P 109)</i>
<i>E só tive meus primeiros relacionamentos chegando à casa dos 30. (P 114)</i>

<i>Os dois "relacionamentos" que tive, além de durarem pouco (coisa de um ou dois meses), foram com mulheres mais velhas que se insinuaram para mim e prometeram céus e terra. (P 114)</i>
<i>Temos (ou tínhamos) um relacionamento (por tamanha cumplicidade), mas de um tempo pra cá venho sufocando, estragando tudo. (P 122)</i>
<i>Porém, apesar de tantos relacionamentos que já tive hoje sofro desse mal, pois generalizo todos eles, e digo que isso vai desde os homens de 18 anos até os de 40. (P 126)</i>
<i>E aprendi isso com as sucessões de relacionamentos frustrantes que tive. (P 126)</i>
<i>Depois nos encontramos e começamos a sair, temos um relacionamento de alguns anos, mas ele me diz que não somos namorados. (127)</i>
<i>Já faz dois anos que me separei e desde então não tive outros relacionamentos (P 136)</i>
<i>Na verdade, nunca tive um relacionamento duradouro. (P 139)</i>
<i>Tive um casamento que durou por 14 anos. (147)</i>
<i>Separei-me aos 34 anos de idade, depois tive outro relacionamento que durou menos de quatro anos; desse período em diante fiquei ainda mais seletiva. (P 147)</i>

METÁFORA 4

RELACIONAMENTO É VIAGEM
<i>Estou tentando conhecer pessoas interessantes nesse site, porém o entusiasmo passa logo e a esperança de retornar com meu casamento de 10 anos se vai. (P 9)</i>
<i>Será que estou indo rápido demais? (P 15)</i>
<i>Será que eu talvez esteja indo rápido demais e esteja intimidando ela? (P 15)</i>

<i>Terminamos sofri durante 2 meses e no dia que completou 1 ano ela me procurou!!!</i> Depois de 5 meses que voltamos ela resolveu terminar de novo e não tentei voltar, mas desde então as vezes penso se não devia voltar mas não quero sofrer mais... Penso que ela pode arrumar outra pessoa que aceite a religião dela e a faça feliz, mas ao mesmo tempo acho que ela ainda pensa em mim e também gostaria de voltar. Sei que este pensamento na minha cabeça só existe porque sou tímido e não consigo chegar em outra pessoa. (P 20)
Quando parecia que o relacionamento ia tomar um rumo mais sério, acho que ele se assustou. (P 26)
Estou em dúvidas se devo ou não arriscar nesse amor, pois não tenho nenhuma experiência com criança e também quero saber quanto minha vida pode mudar se eu resolver embarcar nessa paixão e assumir tal responsabilidade. (P 32)
Entendo que nessa idade não se tenha tanto tempo a perder, mas a precipitação feminina me deixou um tanto perplexo e me assusta um pouco, na medida em que essa ansiedade pode conduzir uma relação ao fracasso, frustrando essas pessoas e adiando ainda mais as oportunidades de acerto. (P 65)
Somos diferentes...como seguir com a relação? (P 81)
Fingir que não está vendo e continuar? Ou pôr um ponto final na relação? (P 87)
E se o relacionamento não se encaminha logo nesse sentido, a experiência é logo vista como um fracasso. (P 93)
Por que meus relacionamentos não vão adiante? (P 96)
Devo partir para outra relação? (P 99)
Porém, por eu não estar bem, pois me sinto gorda e um pouco deprimida, coloco defeito em todos os homens que aparecem interessados no meu perfil e acabo não seguindo em frente. (P 103)
Entrei no site para viver um namoro que levasse a um casamento, e conheci um homem que poderia preencher esse requisito. (P 135)

<i>Pretendemos inclusive, partir mesmo para um relacionamento mais direto, quando ele inclusive deve vir para a cidade onde moro. (P 138)</i>
<i>Para uma pessoa que está há bastante tempo sem se relacionar, completamente fria e chegou a idade adulta sem experiência, sem ânimo de tentar, por onde ela deve começar sem entrar diretamente em uma relação séria que leve a um casamento? (P 141)</i>

METÁFORA 5

RELACIONAMENTO É INVESTIMENTO
<i>Ele terminou e eu quero investir. (P 13)</i>
<i>Deixo claro que estou querendo investir no relacionamento, ou espero ele tomar uma atitude, e fico pensando e se ele pensar da mesma forma que eu? (P 37)</i>
<i>Acho que se a pessoa está afim mesmo, ela liga, vai ao encontro. Resumindo, não o vejo investir na relação. (P 60)</i>
<i>Ele está com um casamento falido, uma filha que adora (cinco anos) e um trabalho público que o impede de deixar Buenos Aires. (P 72)</i>
<i>Tenho 40 anos e após um casamento fracassado por mentiras, um namoro cheio de ciúme e desconfiança, desisti de amar. (P 74)</i>
<i>Entretanto definitivamente não é isso que garante o sucesso de um relacionamento, e sim aspectos subjetivos e muitas vezes inconscientes de cada um. (P 81)</i>
<i>Não sei como agir, devo continuar investindo? (P 99)</i>
<i>Devo investir? (P 129)</i>
<i>Gostaria de saber se devo investir ou não. (P 129)</i>

Já são dez anos que não tenho ninguém. <i>Será que vale a pena investir em um namoro online?</i> (P 133)

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, a partir dos dados quantitativos apresentados no capítulo anterior, fazemos a análise qualitativa das metáforas levantadas, apresentando também o mapeamento entre os domínios fonte e alvo em cada metáfora específica. Em seguida, fazemos uma discussão e apresentação dos resultados alcançados a partir da análise, com as possíveis inferências que pudemos estabelecer a partir das metáforas identificadas no *corpus*.

4.1 RELACIONAMENTO É RECIPIENTE

Mapeamento:

Domínio origem: RECIPIENTE

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: os objetos ou substâncias que podem ser inseridos no recipiente correspondem às pessoas no relacionamento.

Domínio Religioso

A partir da leitura do primeiro livro que compôs o *corpus* desta pesquisa, identificamos que o domínio origem *recipiente* foi utilizado recorrentemente para estruturar o domínio alvo *relacionamento*. Assim, temos a atualização da metáfora conceptual RELACIONAMENTO É RECIPIENTE, por meio de 75 expressões linguísticas metafóricas (pp. 81-87).

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), ao compreender nossas experiências como substâncias ou objetos físicos, é possível tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. Sendo assim, na **metáfora 1**, o relacionamento é categorizado como um recipiente, pois as pessoas podem *entrar*, *estar* nele ou *sair*. Essa metáfora é atualizada pelo uso das expressões: “**no** casamento”, “**fora** do casamento”, “**em um** relacionamento”, “**dentro** do casamento”, “**entra** no casamento”, “**no** relacionamento”, “**dentro** da relação”, “**dentro** do relacionamento”, “**trazemos** esse pensamento **para** o casamento”, “**dentro** da relação”, “**transferir** esse conhecimento **para**

o seu casamento”, “**sair** desse casamento”, “**Em um** casamento” e “**traz** traumas **para o** relacionamento”.

Como não existe no mundo real uma entidade denominada *relacionamento*, na cultura brasileira, nós mapeamos aspectos de conceitos concretos, no caso em tela *recipiente*, para categorizar, entender e vivenciar esse conceito, que não existe concretamente até que o criemos. O uso dessas expressões linguísticas metafóricas nos permite inferir que iniciar um relacionamento é entrar em um recipiente e terminar significa sair desse recipiente.

Percebemos, com nossa análise, que apenas 3 das 75 expressões linguísticas metafóricas que atualizam essa metáfora fazem menção a *sair* do casamento. A primeira está presente em: “*Nos Estados Unidos (...) a maioria dos bebês nascidos de mulheres de até trinta anos de idade já nascem **fora do casamento***” (p. 81). Neste caso, os autores relatam a situação dos casamentos nos Estados Unidos, mostrando que o divórcio é comum, justificando pelo nascimento das crianças já fora da relação. Situação que eles irão contestar ao longo do livro.

Na segunda ocorrência do termo, identificada em: “*Tenho que **sair** desse casamento*”, trata-se de uma citação que os autores trazem de pessoas comuns, das que, segundo eles, possuem a “a síndrome das duas caras”. Vejamos a citação em seu contexto: *Pessoas com a síndrome das duas caras costumam se aprofundar ainda mais no erro quando observam o seguinte: em casa, o parceiro está sempre infeliz e vive reclamando do comportamento delas; mas fora, os amigos e colegas todos as apreciam e admiram (porque não conhecem a outra cara). A conclusão a que chegam é: “O problema é meu parceiro. Todo mundo gosta de mim, mas ela/ele não. Tenho que **sair** desse casamento”*.

Portanto, essa ocorrência do verbo *sair* não representa uma opinião dos autores. Já na terceira passagem, “*Pense nisso: se seu cônjuge está realmente determinado a lhe ferir e você vê que não há mais por que lutar por este casamento, então **saia** dele de uma vez por todas*”, a recomendação para que um dos cônjuges saia da relação é apenas em caso extremo, se “*vê que não há mais por que lutar por este casamento*”, ou seja, se todas as ferramentas de proteção e blindagem não funcionarem, segundo os autores.

Nas demais expressões linguísticas, 72, observamos a ocorrência das expressões *entrar* ou *estar no* relacionamento. Acreditamos que essa recorrência tem uma motivação: por se tratar de um discurso religioso, as expressões linguísticas metafóricas utilizadas refletem a ideologia presente nesse domínio. Ou seja, o casamento é tratado como uma

instituição duradoura, da qual não se deve sair, já que se trata de uma “criação de Deus”, conforme defendem os autores do livro. Apenas em casos excepcionais, essa instituição pode ser dissolvida.

Sendo assim, de acordo com o que recomendam os preceitos bíblicos, o casamento é visto como indissolúvel, uma vez que, após sua celebração, as duas pessoas envolvidas se tornam “uma só carne”, como vimos no excerto da Bíblia Sagrada: “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (BÍBLIA, Gênesis 2: 24).

De acordo com a Bíblia Sagrada, “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do *que estiver* só; pois, caindo, não *haverá* outro que o levante.” (BÍBLIA, Eclesiastes 4: 9-10).

É a partir dessa visão que os autores constroem seu discurso no decorrer do livro e as metáforas utilizadas irão refletir essa posição ideológica. No caso em análise, a metáfora RELACIONAMENTO É RECIPIENTE é atualizada por expressões linguísticas que, em sua grande maioria, concorrem para essa ideia de casamento “até que a morte os separe”, pelo uso quase que consensual do vocábulo *entrar* ou *estar* no relacionamento.

Conforme explicitado em nossos pressupostos, utilizamos a noção de ideologia defendida por Goatly (2007), ou seja, como crenças sociais compartilhadas pelos membros de um determinado grupo. A reprodução dessas ideologias depende das relações de poder que os membros desse grupo desempenham na sociedade. Como pessoas que representam o discurso religioso, portanto, um discurso “inquestionável”, os autores apresentam e reproduzem em seu discurso a ideia de que o casamento é para ser “até que a morte os separe”.

Domínio da saúde mental

Pela ocorrência de 4 expressões linguísticas metafóricas, a metáfora conceptual RELACIONAMENTO É RECIPIENTE (p. 108) também se realizou no discurso da saúde mental. Foram elas: “**Em seus relacionamentos**, essas mulheres correm o risco de se fechar em torno do casal e, portanto, se distanciar dos pais, outros parentes e amigos.”, “**Em uma relação** doente, frequentemente não há um santo e um carrasco. A vítima alimenta o predador.”, “A pior atitude de uma mulher **na relação** com seu parceiro é se

*posicionar como uma psicóloga com um condão mágico ansiando mudá-lo.” e “Sem a espontaneidade, **gera-se na relação** qualquer sentimento, exceto o amor”.* É uma metáfora conceptual convencional, como já abordamos anteriormente no domínio religioso.

Nesse domínio discursivo, através das expressões utilizadas, também observamos a ênfase no *estar* no relacionamento, ou seja, para a conceptualização do *relacionamento*, utiliza-se a parte interna do recipiente, confirmando a delimitação que é requerida nessa instituição, seja espacial, seja pessoal. Sendo assim, a categorização que temos de *relacionamento*, a partir desse uso, é de um recipiente fechado, no qual apenas os cônjuges podem permanecer.

Essa conceptualização de *relacionamento* se explica pela necessidade de compreendermos esse conceito, que é abstrato, em termos mais concretos. Conforme Lakoff (1987), criamos determinados modelos cognitivos para estruturar o nosso conhecimento sobre o mundo e os conceitos com os quais lidamos cotidianamente. Em se tratando de metáforas conceptuais, utilizamos um domínio origem mais experienciável concretamente, no caso *recipiente*, para construir e entender melhor um conceito mais abstrato, o de *relacionamento*.

Para tanto, realizamos as seguintes correspondências: um recipiente é um objeto delimitado, com um lado de dentro e um lado de fora. Nesse objeto, é possível colocar e retirar coisas. Sendo assim, a conceptualização de *relacionamento* em termos de *recipiente* nos permite tratá-lo como essa superfície delimitada. O relacionamento corresponde ao recipiente, as pessoas envolvidas no relacionamento correspondem aos objetos ou substâncias que podemos colocar ou retirar desse recipiente. É uma metáfora convencional, que utilizamos inconscientemente em nossa cultura para lidar com o conceito em apreço.

Domínio do espaço virtual

Nas perguntas analisadas, RELACIONAMENTO É RECIPIENTE (pp. 113-116) foi a segunda metáfora conceptual mais recorrente, inscrita pelas expressões linguísticas: *num relacionamento, no relacionamento, havia **saiído de** um relacionamento, em relacionamentos, nossa relação sempre foi **cheia**, saí de um casamento, um namoro **cheio de** ciúme e desconfiança, **entro** de vez nesse novo relacionamento, **continuar** nessa relação ou **partir pra outra e fora** do casamento*, totalizando 33 ocorrências.

A atualização dessa metáfora nos três domínios investigados revela que se trata de uma metáfora convencional em nossa cultura para a categorização do conceito *relacionamento*. Porém, nesse domínio, um aspecto nos chamou a atenção: o uso das expressões *sair* e *fora*. Nos dois domínios anteriores, em sua quase totalidade, houve menção aos aspectos *entrar* e *estar no* relacionamento.

Nesse domínio, pela leitura que fazemos, há uma possibilidade diferente. As pessoas deixam explícito, através das expressões linguísticas que utilizam, que podem *entrar* e *sair* do relacionamento, caso lhes convenha: “**Saí** de um casamento de 15 anos”, “quando isso acontece, eu me desgasto e resolvo **sair** do namoro”, “continuar nessa relação ou **partir** para outra?”, “Só que estou **saindo** de uma relação muito recente” etc. Para as pessoas comuns, usuários do site, a partir da atualização dessa metáfora, o relacionamento é um recipiente, no qual os cônjuges entram para viver juntos, porém, se essa convivência começa a dar problemas, a saída é **partir** para outra. Esse posicionamento contraria a visão apresentada no domínio religioso, no qual o relacionamento é apresentado como uma instituição indissolúvel. Quanto ao domínio da saúde mental, as expressões utilizadas corroboram com o posicionamento religioso, pois nas quatro expressões identificadas, não se faz menção à parte externa do recipiente, ou seja, a *sair* ou *fora*.

Diante do exposto, inferimos que o emprego de determinadas expressões, e não de outras, é decorrente das posições sociais/ideológicas dos produtores do discurso. Sendo assim, a escolha das expressões linguísticas metafóricas é planejada e, implícita ou explicitamente, reflete essas posições.

4.2 RELACIONAMENTO É GUERRA

Mapeamento:

Domínio origem: GUERRA

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: as tropas inimigas da guerra correspondem aos cônjuges ou forças externas, o conflito da guerra corresponde aos problemas no casamento, as lutas usadas na guerra, às discussões no casamento.

Domínio religioso

A segunda metáfora identificada no *corpus* foi RELACIONAMENTO É GUERRA (pp. 88-91). No domínio religioso, foi atualizada em 35 expressões linguísticas metafóricas. Dessa vez, o conceito de *relacionamento* é estruturado em termos do conceito de *guerra*. Temos o uso das seguintes expressões: “Casamento **blindado**”, “colocar todas as **defesas** em funcionamento”, “**conquistas, lutas, alegrias, conflitos** e recompensas”, “As **forças** da sociedade **conspiram contra** o casamento”, “poderá **ser atacado**”, “protegê-lo **dos ataques**”, “**defender e proteger**”, “**atacando as bases**”, “**todos os canhões apontados e atirando sem trégua**”, “**blindar** seu casamento”, “**perigos** que **ameaçam** o seu casamento”, “quais áreas de seu casamento precisará **fortalecer**”, “**lutas** no seu casamento”, “**resolver os conflitos** no relacionamento”, “**Cessar fogo!**”, “contra **ataques** externos”, “ser **inimigos um do outro**”, “seu relacionamento agora está **em pé de guerra**”, “**Dê trégua** a seu parceiro”, “**atacando** seu parceiro”, “**explosões** de temperamentos”, “**perder** o casamento”, “**dá um tiro no pé**”, “determinado a lhe **ferir**”, “**afeta** o relacionamento”, “**Nessa batalha**”, “**ninguém sai ganhando**”, “**conquistado** um homem”, “há um **adversário** em seu casamento”.

Essas expressões, que trazem aspectos característicos do domínio origem *guerra*, são utilizadas para estruturar o conceito de *relacionamento*. O relacionamento corresponde a uma guerra, os adversários da guerra correspondem aos amantes na relação amorosa, que guerreiam entre si, ou “forças externas” que “conspiram contra o casamento”. Daí a necessidade de “**defender e proteger** o seu maior investimento, antes que seja tarde demais”. Os adversários presentes em uma guerra correspondem aos adversários na relação, os conflitos da guerra correspondem aos problemas no casamento. Nesse conflito, há ataques e defesas. Esses ataques tanto podem ocorrer entre os cônjuges que estão *dentro* do relacionamento como podem partir de membros externos, ou seja, que estão fora do casamento.

Segundo os autores do livro, enquanto o cônjuge está preocupado em se *defender* e *atacar* o seu parceiro no relacionamento, portanto conceptualizando e vivenciando o casamento como guerra, ele não consegue ter um *casamento blindado*, pois não está enxergando os objetivos do casamento, que, conforme o discurso religioso, é uma instituição indissolúvel: “todavia, aos casados, mando não eu, mas o Senhor, que a mulher

se não aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher” (BÍBLIA, 1 Coríntios, 7: 10-11).

Portanto, partindo da presunção de que o casamento é visto como uma guerra, em que os cônjuges veem um ao outro como inimigo, por isso se colocando sempre em posição de ataque ou defesa, observamos que as expressões linguísticas utilizadas pelos autores têm o intuito de desconstruir essa conceptualização. A partir do uso de expressões linguísticas também do domínio origem guerra, eles orientam as pessoas casadas a agir de forma adequada nessa guerra. Ou seja, partindo do real objetivo do casamento, que, do ponto de vista religioso, é uma união “até que a morte os separe”, os autores mostram que as pessoas em uma relação amorosa devem se unir para guerrear juntos, uma vez que os inimigos são externos, ou seja, estão fora do casamento. Daí a necessidade de *blindá-lo*. Verificamos que é uma metáfora convencional, que, por isso, exerce grande influência na forma como as pessoas percebem e vivenciam seus relacionamentos, carregando consigo uma ideologia implícita, conforme defende Goatly (2007).

Como destacam Lakoff e Johnson (1980), quando explicam a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA:

Ao nos permitir focalizar um aspecto determinado de um conceito (por exemplo, os aspectos bélicos de uma discussão), um conceito metafórico pode nos impedir de focalizar outros aspectos desse mesmo conceito que sejam inconsistentes com essa metáfora. (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980], p. 53).

Dessa forma, acreditamos que, ao perceber e vivenciar o casamento como uma guerra, o casal deixa de enxergá-lo, por exemplo, como *um jogo, uma viagem, um ser vivo* etc., como sugerem os autores do livro, e seguem vendo um ao outro como se fossem inimigos, tal qual em uma guerra, ou seja, a ideologia latente se agrega na cultura de tal forma, através da metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA, que as pessoas passam a viver e agir de acordo com ela em seus relacionamentos, sem muitas vezes perceber que é apenas uma possibilidade. É uma metáfora que pode exercer uma influência negativa na vida das pessoas, pois quando se vive com uma pessoa tratando-a como se fosse um inimigo, o entendimento mútuo fica comprometido.

Na atualização da metáfora em análise, trazemos o conhecimento do domínio origem *guerra* para compreender o domínio alvo *relacionamento*. Apesar de nunca termos

vivenciado uma guerra, nós temos o conhecimento desse evento, que vem sendo construído desde a infância, através de filmes e outros recursos que nos fazem apreendê-lo mentalmente.

Na expressão “**Casamento blindado**: o seu casamento **à prova de divórcio**”, inferimos, a partir do valor semântico de “blindado”, que quem está em um relacionamento, principalmente o casamento, precisa protegê-lo *blindá-lo*, para evitar possíveis ameaças, como o divórcio. Ressalte-se que a expressão *à prova de divórcio* remete à expressão *à prova de bala*, usada no domínio origem *guerra*. Naquele uso, a expressão se refere à proteção do relacionamento contra possíveis ameaças. Aspectos, como *defesa, conquista, lutas, conflitos, força, atacar, defender, canhões, atirando, perigo, fortalecer, cessar fogo, inimigos, pé de guerra, dar trégua, explosões, perder, dá um tiro no pé, ferir, batalha, adversário*, entre outros, que são provenientes do campo semântico *guerra*, no primeiro livro analisado, estão sendo utilizados para estruturar o domínio alvo *relacionamento*. A guerra nesse domínio discursivo, portanto, visa preservar o relacionamento. As expressões linguísticas utilizadas têm como propósito orientar os cônjuges a guerrear em favor de seu relacionamento, para que nada o destrua.

As pessoas falam ou escrevem sobre relacionamento utilizando aspectos do conceito de *guerra* inconscientemente porque é assim que vivenciam o relacionamento em suas atividades diárias. Esse conjunto de expressões está sendo usado de maneira sistemática para falar em que sentido o conceito de relacionamento é visto como guerra.

Como foi discutido por Kövecses (2005), as metáforas que são utilizadas em uma cultura refletem a experiência das pessoas com os conceitos empregados. Assim, esses aspectos não são utilizados ao acaso, mas motivados pela experiência das pessoas na cultura na qual estão inseridas. Com isso, podemos afirmar que a metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA reflete uma das maneiras como vivenciamos o *relacionamento* em nossa cultura.

Conforme explicam Lakoff e Johnson (2002 [1980]), “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada” (p. 48).

Com a expressão linguística “*A todos os casais que valorizam seu casamento o suficiente para **blindá-lo***”, evidencia-se a necessidade de proteção. Apenas “*Quem ama de verdade **blinda o casamento***”, contra os ataques externos, isto é, “*colocar todas as defesas em funcionamento para evitar que qualquer coisa **comprometa a relação***”. Segundo Oscar

Schmidt, que faz o prefácio do livro, ler a obra “*É uma oportunidade espetacular tanto para quem acha que **seu casamento está vulnerável, precisa de um escudo**, quanto para aqueles que já blindaram sua união e sabem como é importante reforçar a proteção*”. Portanto, partindo da presunção de que as pessoas compreendem e vivenciam o relacionamento em termos de guerra, o objetivo do livro é mostrar que “**blindar seu casamento é fundamental para sua sobrevivência**”, ou seja, para que resista ao divórcio, que seria a perda da guerra, pois, com o uso dessa metáfora, inferimos que estar casado é estar em uma guerra.

Segundo os argumentos apresentados pelos autores do livro, “*O casamento como instituição está falindo sob pesados ataques de várias forças da sociedade.*”, por isso não pode ficar vulnerável, precisa de proteção, *de um escudo*. Caso contrário, ele não sobrevive. Diante disso, eles aconselham que as pessoas casadas instalem *um para-raios* em seu casamento para descarregar as emoções em outra coisa, que não seja seu cônjuge. Essa seria, segundo eles, uma maneira de *blindar* o casamento.

Apesar de essa metáfora ser atualizada por um número menor de expressões linguísticas em relação à primeira, RELACIONAMENTO É RECIPIENTE, as características utilizadas do domínio origem guerra são mais diversificadas do que as utilizadas no domínio origem recipiente, permitindo-nos afirmar que a metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA foi a norteadora nesse domínio discursivo. É a metáfora que salta aos olhos desde o título do livro: *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*.

A partir de nossa leitura, depreendemos que a maioria das expressões linguísticas metafóricas utilizadas para atualizar a metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA pode ser considerada como nova em nossa cultura, pois geralmente não costumamos utilizar o vocabulário *blindado, canhões apontados e atirando sem trégua, Cessar fogo, ataques externos, explosões*, dentre outras, para falar de relacionamentos amorosos. Ressalte-se que apenas alguns aspectos do domínio fonte foram utilizados na conceptualização do domínio alvo, como previsto por Lakoff e Johnson (1980). Outros aspectos do domínio origem guerra foram encobertos, como morte e sangue, confirmando a parcialidade na conceptualização metafórica, prevista pelos precursores da Teoria da Metáfora Conceptual.

Temos, então, que os adversários de uma guerra, as tropas inimigas, correspondem aos adversários no casamento, o cônjuge ou as forças da sociedade e tudo mais que possa ameaçar o casamento. Os aspectos selecionados do domínio origem determinam em que

medida *relacionamento* é entendido em termos de *guerra*, uma vez que não são todos os aspectos do domínio da guerra que são utilizados na caracterização do conceito de relacionamento.

Assim, o conflito presente em uma guerra é usado para caracterizar parcialmente o relacionamento. Esse conflito se apresenta de duas maneiras: ora entre o casal e a sociedade, ora entre os próprios cônjuges. No primeiro caso, quando os adversários do casamento são as *forças da sociedade*; o casal deve lutar para *defender, proteger* o casamento dos *ataques* e dos “perigos que **ameaçam** o seu casamento”; precisa estar ciente dessas ameaças para ver quais “áreas de seu casamento precisará **fortalecer**”, uma vez que “**As forças** da sociedade **conspiram contra** o casamento e a família”, portanto “Não é uma questão de se seu relacionamento **poderá ser atacado**, mas sim de quando.”.

No segundo caso, quando o adversário é o próprio cônjuge, também precisam “resolver os conflitos” que surgem no próprio relacionamento, ou seja, entre o casal. Uma das ferramentas que os autores sugerem para “resolver **os conflitos** no relacionamento” é *Cessar fogo*, dar *trégua*, para evitar o fracasso do casamento. Se a mulher não sabe como agir, “ela **dá um tiro no pé**”. É necessário avaliar se “essa batalha” só tende a “ferir” um ao outro, pois, neste caso, a melhor opção é sair do casamento/recipiente e, ao mesmo tempo, da guerra. Mas, se o objetivo do cônjuge é acabar com os conflitos do casamento/guerra, a conquista deve ser diária, pois é agradando e resolvendo os conflitos que “se **vence essa guerra** dentro do seu casamento”, argumentam os autores.

Portanto, vencer a guerra é manter o casamento. Para isso, o casal deve saber blindá-lo, usando as ferramentas adequadas. A metáfora em análise é usada pelos autores para justificar a necessidade de manter o relacionamento.

Mais uma vez, com o uso dessa metáfora, identificamos a propagação de uma ideologia judaico-cristã de casamento, ou seja, a de que, por ser ele estabelecido como uma união permanente, deve ser *protegido, blindado*, para evitar a dissolução.

Domínio da saúde mental

No segundo livro analisado também se inscreveu a metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA (pp. 108-109), apesar de atualizada por um número menor de expressões linguísticas, apenas três: “No fundo **ambos se digladiavam**. Ela com **armas visíveis**; ele, com **invisíveis**. Você **digladia com quem ama**? Se **digladia**, que **armas**

usa?”, “Com os de fora são encantadores, mas entre eles **vivem entrincheirados, combatendo-se mutuamente.**” e “Se não conseguiram viver separados, deveriam pelo menos ter **aprendido a amenizar o conflito conjugal** com essa lei fundamental: respeitar os espaços, manias, reações, maneira de ver e interpretar a vida do outro.”. É uma metáfora conceptual convencional, usada no dia a dia, sem muitas vezes ser percebida enquanto tal.

Porém, nesse domínio, percebe-se que aspectos muito particulares do domínio origem *guerra* foram utilizados para caracterizar o *relacionamento*: *digladiar, armas, entrincheirados, combate e conflito*. Os aspectos *entrincheirados* e *digladiar* podem ser considerados como novos na conceptualização do domínio alvo *relacionamento*, pois em nosso cotidiano não costumamos utilizar esses aspectos para conceptualizar uma relação amorosa.

A atualização dessa metáfora, nesse domínio, sugere que o relacionamento é compreendido e vivenciado dessa forma em nossa cultura. O uso dessas expressões linguísticas confirma que essa metáfora é convencional quando se refere à relação amorosa, por isso é empregada no discurso e aceita como sendo do conhecimento de todos.

Em ambos os domínios discursivos, atualiza-se a metáfora em questão, porém, no discurso religioso, as expressões linguísticas argumentam em favor da blindagem, do cuidado com o relacionamento. A metáfora da guerra é utilizada para a proteção da relação. Já nesse domínio, essa metáfora é apresentada como parte comum do relacionamento amoroso, portanto intrínseca à linguagem.

4.3 RELACIONAMENTO É NEGÓCIO

Mapeamento:

Domínio fonte: NEGÓCIO

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: investir nos objetos alvo de compra e venda é investir no parceiro; manter o negócio corresponde a manter o casamento; ter sucesso ou fracassar no negócio corresponde a ter um casamento bem ou mal sucedido.

Domínio religioso

A terceira metáfora evidenciada no livro representante do domínio religioso foi: RELACIONAMENTO É NEGÓCIO (pp. 91-94). Essa metáfora é atualizada pelas seguintes expressões linguísticas metafóricas: “o seu maior **investimento**”, “o casamento também é... **uma empresa**”, “**trabalhar** no seu casamento”, “irá à **falência**”, “**manutenção** do casamento”, “Casamento como uma **empresa**”, “**sucesso** no casamento”, “**produzir resultados**”, “começa a **dar errado**”, “**sucesso ou fracasso** da união”, “É um **investimento** a longo prazo”, “**melhorar** o relacionamento”, “**parceria** no casamento”, “o homem já está ‘**vendido**’ para a mulher”, “sair **perdendo**” e “sai **ganhando**”.

Dessa vez, percebemos que as expressões que se referem ao domínio *negócio*, ou seja, *investimento*, *empresa*, *trabalhar*, *falência*, *manutenção*, *sucesso*, *resultados*, *dar errado*, *fracasso*, *investimento a longo prazo*, *melhorar*, *parceria*, *vendido*, *perdendo* e *ganhando* estão sendo usadas para falar sobre *relacionamento*. Atente-se que algumas características que categorizam o domínio *negócio* são mapeadas para o domínio *relacionamento*, caracterizando-o como um modelo cognitivo idealizado, uma vez que os aspectos acima mencionados, ao mesmo tempo em que categorizam o domínio origem *negócio*, atualizam a metáfora conceptual RELACIONAMENTO É NEGÓCIO nas expressões acima mencionadas. No total, foram utilizadas 29 expressões linguísticas.

Um domínio que está mais próximo de nossa realidade e que, por isso, já está estruturado em nosso sistema conceptual, é usado para categorizar outro domínio, o alvo *relacionamento*. Mais uma vez temos um conceito estruturado em termos de outro, via mapeamento metafórico. Porém, nesse caso, o domínio origem também faz parte de um domínio abstrato, mas com o qual temos experiência mais concreta em nossa vivência. É uma metáfora convencional que utilizamos em nossa cultura cotidianamente. O uso dessas expressões linguísticas na argumentação apresentada no livro implica uma ideologia segundo a qual um bom negócio dá lucro. Ao fazer um negócio, esperamos um resultado positivo. Sendo assim, através dessas expressões linguísticas, o casamento é apresentado como um negócio bom, em que se deve investir, reforçando a ideia de que é para ser duradouro.

Essa metáfora segue o mesmo raciocínio ideológico apresentado na metáfora 2, RELACIONAMENTO É GUERRA. Da mesma forma que os cônjuges devem *lutar* para proteger o casamento contra os *ataques externos*, eles também devem proteger seu

negócio, seu investimento. Porém, acreditamos que o sentido de *negócio*, utilizado para conceptualizar o relacionamento, nesse caso, não traz consigo a conotação de relacionamento por interesse financeiro, como se poderia inferir. Pelo contrário, o termo é apresentado como algo positivo. Por ser o casamento *o seu maior investimento*, as pessoas devem *trabalhar*, para ele não ir à *falência*, ou seja, não se dissolver. Assim é conceptualizado o casamento, a partir do uso dessa metáfora, como um *investimento a longo prazo*, por isso é necessária a *parceria* para que ele não venha *fracassar*, argumentam os autores.

Na instituição do casamento, pode-se estabelecer literalmente um negócio, uma vez que se pode optar pelo regime de comunhão de bens. Dessa forma, há uma motivação na construção dessa metáfora. No entanto, na argumentação presente no livro, o negócio não se refere a bens materiais, como o dinheiro, mas à manutenção do relacionamento.

Essa metáfora mais uma vez reafirma a ideologia do casamento *até que a morte os separe*, propagada pelo discurso religioso, uma vez que apresenta elementos que reafirmam a necessidade de *investir no casamento*, *trabalhar em parceria*, portanto permanecerem casados.

4.4 RELACIONAMENTO É INVESTIMENTO

Mapeamento:

Domínio origem: INVESTIMENTO

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: Investir nos objetos alvo de compra e venda é investir no parceiro.

Domínio do espaço virtual

Essa metáfora faz uso de um domínio origem bem próximo do domínio *negócio*, o domínio *investimento* e foi atualizada por 10 expressões linguísticas (pp. 120-121). Os aspectos utilizados foram: *investir*, predominante em 7 expressões, *falido*, *fracassado* e *sucesso*. Dessa vez, o domínio alvo *relacionamento* está sendo caracterizado a partir do domínio fonte *investimento*, através do mapeamento entre características peculiares deste último.

Dessa ocorrência, depreende-se que o relacionamento é visto a partir da questão financeira. Da mesma forma que se pode ter sucesso ou não quando se faz um investimento financeiro, assim também pode acontecer no relacionamento, que pode dar certo ou errado. Investir, nesse caso, significa levar o relacionamento adiante, fazer de tudo para tornar a união duradoura.

4.5 RELACIONAMENTO É SER VIVO

Mapeamento:

Domínio origem: SER VIVO

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: a capacidade dos seres vivos de sobreviver, serem felizes, terem estômago, boca, poderem renascer, enjoar, serem chatos, bandidos, serem motivados, saudáveis, ferirem, não terem compromisso e fazerem aniversário corresponde às do próprio relacionamento.

Domínio Religioso

A metáfora RELACIONAMENTO É SER VIVO (pp. 94-96) foi atualizada por 23 expressões linguísticas, que apresentam as seguintes características: *sobrevivência*, **vencer** todos os **desafios**, casamento **feliz**, ruminando no **estômago** do nosso relacionamento, até que voltava à **boca** e era vomitada, nosso casamento havia **renascido**, o relacionamento **enjoa**, o relacionamento ficava **chato**, relacionamento **bandido**, o relacionamento tem que ter a **motivação**, casamentos **infelizes**, relacionamento **saudável**, **matar** o casamento, o casamento **morrer** aos poucos, a **saúde** do relacionamento, a data do **aniversário** de casamento, **fere** a relação, relacionamentos **descompromissados**.

Como podemos observar, a partir dessas expressões, o relacionamento está sendo conceptualizado como ser vivo, pois são utilizadas características destes para falar sobre o relacionamento. As características supracitadas, que são do domínio origem dos seres vivos, estão sendo utilizadas na caracterização do domínio alvo *relacionamento*. A categorização que temos dos seres vivos é mapeada, a partir de alguns aspectos, para o domínio alvo com o intuito de o entendermos e vivenciarmos da melhor forma possível, de acordo com a situação.

Sendo assim, um quinto domínio origem é utilizado para o entendimento do domínio alvo *relacionamento*, o dos seres vivos. Nosso conhecimento sobre eles, ou seja, sobre as propriedades que fazem com que determinada experiência seja conceptualizada como típica de seres vivos, é mapeado para o domínio *relacionamento*. Por isso, nossas experiências com os aspectos acima mencionados nos ajudam a conceituar e, ao mesmo tempo, vivenciar o conceito em estudo. Esse tipo de conceptualização nos permite “identificar nossas experiências como entidades ou substâncias” para podermos “referirmo-nos a elas, categorizá-las, agrupá-las – e, dessa forma, raciocinar sobre elas” (LAKOFF e JOHNSON 2002 [1980], p. 75-76).

Essa metáfora também é considerada convencional, pois, em nossa cultura, cotidianamente fazemos uso de entidades, como os seres vivos, para nos referir a conceitos abstratos, como é mostrado a partir da atualização da metáfora em questão. A conceptualização que temos dos seres vivos é mapeada para o domínio *relacionamento*, através de alguns aspectos. Nossas experiências com as entidades, principalmente com as pessoas, são perfeitamente direcionadas para a conceptualização do domínio alvo em estudo.

Atente-se que a maioria das características presentes nessas expressões linguísticas pode ser atribuída a um tipo específico de ser vivo, as pessoas. No contexto em que aparecem, as expressões *sobrevivência, felicidade, estômago, boca, renascer enjoar, chato, bandido, motivação, infeliz, motivação, saudável, morrer, saúde, aniversário, ferir e descompromissado* são utilizadas para se referir às próprias pessoas envolvidas no relacionamento, podendo atualizar a metáfora mais específica RELACIONAMENTO É PESSOA, no entanto preferimos elencar todas as expressões dessa tabela numa metáfora conceptual mais geral.

Nesse caso, percebemos uma motivação para a metáfora em tela. Para chegar a essa metáfora, raciocinamos da seguinte forma: pessoas têm a capacidade de sobreviver, serem felizes, têm estômago, boca, podem renascer (num sentido metafórico), enjoar etc. Essas pessoas vivem num relacionamento, que ganha vida e passa a ser conceptualizado como as próprias pessoas que dele fazem parte, já que apresentam as características referidas.

O domínio origem pessoas é facilmente aceito e utilizado para falar sobre um conceito abstrato, *relacionamento*, ou seja, entendemos e vivenciamos o relacionamento como se fosse uma entidade concreta, que tem vida e que age no mundo. É uma metáfora

convencional, com a qual estamos lidando no dia a dia sem nem perceber que estamos compreendendo um termo metaforicamente.

Domínio da saúde mental

No segundo livro analisado, RELACIONAMENTO É SER VIVO (pp. 102-106) foi a metáfora mais recorrente, atualizada por trinta e sete expressões linguísticas metafóricas. A partir das expressões *relações saudáveis*, *relações doentes*, *permeada de amor*, *relações felizes*, *abriu uma grave chaga em sua nova relação*, *manter vivo o relacionamento*, *a relação passa da calma para a ansiedade*, *fazem um diagnóstico da sua relação*, *elevava o saldo emocional da sua relação*, atualiza-se a metáfora em análise.

Nessa metáfora, mais uma vez características que são típicas dos seres vivos são utilizadas para conceptualizar relacionamento. Nesse caso, a partir do mapeamento, um conceito, o domínio alvo, é entendido em termos de um ser vivo, que, por sua vez, é experienciado e vivenciado com base em nossas próprias experiências enquanto membros dessa categoria. Assim como no primeiro livro analisado, o domínio *ser vivo* é usado como domínio origem para estruturar o domínio alvo em análise, mostrando que utilizamos nossas experiências mais concretas para conceptualizar as mais abstratas.

Observamos que as expressões mais utilizadas na atualização dessa metáfora foram *saudáveis*, *doentes* e *adoecer*, presentes em 31 das 37 expressões linguísticas levantadas, além das características *chaga*, *manter vivo* e *diagnóstico*, todas provenientes do campo semântico da saúde.

Acreditamos que o uso dessas expressões no discurso do médico é decorrente de sua prática diária, no âmbito da profissão. Percebe-se claramente que o vocabulário proveniente da área da saúde se manifesta no discurso do autor, mesmo quando está exercendo outro papel, o de escritor. Essas características, que comumente são atribuídas a pessoas, são usadas para construir o conceito de relacionamento. É nesse sentido que ocorre o mapeamento: quando aspectos de um domínio mais claramente delineado são usados para construir outro, que não é possível ser vivenciado concretamente. A construção dessa metáfora sofre influência das experiências individuais, como discutido por Kövecses (2005), uma vez que não são quaisquer aspectos dos seres vivos que são usados no discurso do autor, mas os específicos que se referem à saúde e à doença.

Para que as pessoas vivam bem, é necessário serem saudáveis. Esse conhecimento é usado para categorizar o relacionamento, que, para sobreviver, ou seja, continuar dando certo, também necessita ter saúde. Da mesma forma que as pessoas podem estar doentes ou saudáveis, manterem-se vivas, contrair uma chaga, fazer um diagnóstico de sua saúde, assim também pode ocorrer no relacionamento. Essa categorização dos seres vivos é aplicada ao conceito de relacionamento nesse segundo livro analisado, através dos aspectos mencionados.

A utilização dessas expressões linguísticas nos permite afirmar que, em nosso discurso, por mais que tentemos ser neutros, deixamos transparecer nossas posições sociais, culturais e ideológicas. O uso dessas expressões linguísticas metafóricas sugere que, para a conceptualização de nossas experiências abstratas, recorremos às experiências mais concretas com as quais lidamos no dia a dia.

Como o livro foi escrito por um médico e psiquiatra, que, em seu dia a dia, faz uso desse vocabulário no atendimento aos seus pacientes, é natural que eles se deixem transparecer em seus textos com maior frequência, influenciando, portanto, o seu discurso. Assim, esse vocabulário, que normalmente é usado para falar de seres vivos, principalmente de pessoas, é usado para a construção e compreensão do domínio alvo em análise. Dessa forma, também se pode atualizar uma metáfora convencional mais específica: RELACIONAMENTO É PESSOA, como descrito no domínio religioso.

Geralmente, em nossa cultura, as expressões *saudável*, *doente*, *felizes*, *adoecer*, *chaga*, *manter vivo*, *calmaria*, *ansiedade*, *desrespeito*, *fazer diagnóstico* e *saldo emocional* são usados para se referirem a pessoas. No contexto analisado, evidencia-se que a principal característica desses conceitos é a personificação do processo, ou seja, fala-se sobre *relacionamento* com as expressões linguísticas usadas para categorizar pessoas.

Com base em Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 88), a metáfora de personificação é usada para que entendamos ideias, eventos, emoções etc. como pessoas. Mas os autores afirmam que “a personificação não é um processo geral e único. Cada personificação difere em termos dos aspectos humanos que são selecionados”. No caso em análise, os aspectos selecionados em sua maioria foram os que se referem à saúde e à doença. Essa metáfora justifica as ações que devem ser realizadas num relacionamento para que ele sobreviva. Sendo assim, *saudável* significa feliz e duradouro, com satisfação mútua, enquanto que *doente* seria o oposto: um relacionamento que vive em crise, portanto infeliz.

4.6 RELACIONAMENTO É PESSOA

Mapeamento:

Domínio origem: PESSOA

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: os aspectos sério, mentiras, saudável, íntimo, infeliz, louco, afetivos, reféns e dilemas, próprio das pessoas, correspondem a aspectos do relacionamento

Espaço virtual

No espaço virtual, por sua vez, RELACIONAMENTO É PESSOA (pp. 109-113) foi a metáfora mais recorrente, subjacente às expressões linguísticas que compuseram as 150 perguntas analisadas. Essa metáfora é atualizada em 50 expressões linguísticas metafóricas, as quais apresentam as seguintes características que comumente são atribuídas aos humanos: ***sério, mentiras, saudável, caiu na rotina, essa relação tem futuro, íntimo, dar uma chance, infeliz, louco, em crise, afetivos, reféns, dilemas e desta relação nasceu.***

Todas essas características, que são do domínio origem *pessoa*, estão sendo utilizadas, via mapeamento metafórico, para categorizar um conceito abstrato, *relacionamento*. Ou seja, usamos um domínio origem mais concreto para categorizar um conceito de outro domínio totalmente diferente, o domínio alvo supracitado.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), as metáforas de personificação são as mais óbvias, não apenas em se tratando de objetos físicos, como observam os autores, mas também aquelas que atualizam conceitos abstratos, como é o caso do domínio alvo em análise nesta pesquisa. Eles afirmam que as metáforas de personificação “nos permitem compreender uma grande variedade de expressões, características e atividades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.” (LAKOFF e JOHNSON 2002 [1980], p. 87).

Constatamos que a característica mais recorrente do domínio origem *pessoa*, usada no mapeamento entre os domínios, no espaço virtual, é o adjetivo *sério*, que se repete em 33, das 50 expressões linguísticas que atualizam a metáfora de personificação em estudo. Defendemos que essa recorrência é motivada pelo contexto em que os usuários se encontram, ou seja, num site de relacionamento, em busca de uma pessoa para se relacionar. Sendo assim, eles pesquisam o perfil dos outros inscritos no site, de modo que se colocam como portadores das qualidades almejadas. Dessa forma, procuram, em seu

discurso, atender às características desejadas. Apresentam-se como pessoas sérias, que querem uma pessoa para viver um relacionamento sério, duradouro e feliz.

Outros aspectos utilizados são: *saudável*, que está presente em 3 expressões linguísticas, seguido de *tem futuro* e *infeliz*, em duas expressões, *mentira*, *caiu na rotina*, *íntimo*, *louco*, *cheio de paixão* e *cheio desconfiança*, *em crise*, *afetivo*, *que faz reféns*, *tem dilema* e *dar a luz*, que ocorreram em apenas uma expressão linguística cada um.

Nesse domínio, diferentemente dos dois anteriormente analisados, os aspectos nos permitem atualizar essa metáfora mais específica, RELACIONAMENTO É PESSOA, uma vez que os atributos utilizados são característicos de pessoas. Nesse caso é a personificação propriamente dita, conforme discutido por Espíndola (2007).

4.7 RELACIONAMENTO É VIAGEM

Mapeamento:

Domínio fonte: VIAGEM

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: os viajantes correspondem aos cônjuges; as bagagens são as experiências passadas dos cônjuges; o destino da viagem corresponde aos objetivos de vida do casal; o veículo é a própria relação amorosa; os obstáculos encontrados são as dificuldades sentidas na relação; o destino do percurso são os objetivos de vida das pessoas envolvidas na relação.

Domínio religioso

A sétima metáfora levantada no *corpus* foi RELACIONAMENTO É VIAGEM (pp. 96-99), que, no domínio religioso, realizou-se em 21 expressões linguísticas. Essa metáfora é atualizada pelas expressões: *seguem infelizes*, *trazer a sua bagagem*, *lá na frente*, *A Mochila nas costas*, *Abre a mala aí, quero ver o que tem dentro*, *dando voltas sem chegar a lugar algum*, *pedi forças e direção para a minha vida e o meu casamento, finalmente embarquei em uma jornada interessante, cheia de aventuras, e superprodutiva*, *Eu não estava no mesmo barco*, *e sim em um barquinho atrás, tentando chegar perto do iate dele*, *no início do meu casamento, ficam dando voltas e mais voltas, daqui a pouco estão no*

mesmo lugar da partida, terá que andar na contramão, caminhando para o divórcio, não chegam a lugar algum, um sinal de aviso aos casais na estrada e vocês estão casados para uma longa jornada.

Nesse caso, viver um relacionamento é seguir uma viagem. Para tanto, os viajantes, que são os cônjuges em cada relação particular, trazem sua *bagagem* para essa longa viagem. A bagagem no relacionamento são as experiências de vida, tudo que as pessoas viveram antes de iniciarem o relacionamento, que metaforicamente vêm na *mochila*, ou na *mala*, quando as pessoas se casam. *Dar voltas sem chegar a lugar algum* significa tentar e não conseguir resolver os problemas que surgem no relacionamento. *Ter uma direção* é ter objetivos a ser alcançados, *embarcar em uma jornada* é entrar num relacionamento. *Andar na contramão* é viver em perigo, ou seja, por o casamento em risco. *Sinal de aviso* é o cuidado que se deve ter com a relação, pois as pessoas *estão casadas para uma longa jornada*. Isto é, para um relacionamento duradouro. Todos esses aspectos acima mencionados, que são do domínio da viagem, são utilizados sistematicamente para caracterizar o conceito de relacionamento.

Como afirmam Lakoff e Johnson (1980), não é uma expressão específica que atualiza a metáfora em questão, mas um conjunto sistemático de expressões linguísticas – *seguir, bagagem, lá na frente, mochila, mala, dando voltas, direção, embarcar, jornada, barco, iate, lugar de partida, contramão, caminhando, chegam a lugar algum, sinal de aviso*, que atualizam a metáfora RELACIONAMENTO É UMA VIAGEM. Ressalte-se que, pelas expressões, verifica-se que essa viagem pode ser feita a pé: *caminhando*, de barco: *eu não estava no mesmo barco* ou de iate: *tentando chegar perto do iate dele*. Há dois viajantes, que são as pessoas envolvidas no relacionamento, um caminho a seguir, para um determinado lugar, que seria o entendimento mútuo, ou seja, a busca da realização dos objetivos comuns, em consequência a felicidade do casal. Porém, se eles seguem a viagem em veículos diferentes, eles irão chegar ao divórcio, um destino não desejado por ambos. É uma metáfora convencional, comumente utilizada em nossa cultura, a qual também se fez presente nesse domínio, categorizando o domínio alvo *relacionamento*.

O relacionamento corresponde à viagem, os viajantes são os amantes na relação, amorosa, as experiências dos amantes correspondem às suas bagagens e os objetivos de vida correspondem ao local de chegada.

Domínio do espaço virtual

Nesse domínio, a metáfora RELACIONAMENTO É VIAGEM (pp. 119-120), atualizada por 16 expressões linguísticas, utiliza as seguintes características do domínio da viagem: *retornar com meu casamento*, *indo rápido demais*, *voltamos ... chegar em outra pessoa*, *o relacionamento ia tomar um rumo*, *embarcar nessa paixão*, *conduzir uma relação ao fracasso*, *seguir com a relação*, *continuar*, *relacionamento não se encaminha*, *meus relacionamentos não vão adiante*, *partir para outra relação*, *acabo não seguindo em frente*, *viver um namoro que levasse a um casamento*, *partir mesmo para um relacionamento e uma relação séria que leve a um casamento*. Percebe-se que as expressões linguísticas metafóricas utilizadas, bem como a metáfora, são do domínio convencional.

O mapeamento metafórico, nesse caso, segue o mesmo presente na metáfora AMOR É UMA VIAGEM, discutida por Lakoff e Johnson (1980). Conforme Lakoff (2006), os amantes que estão num relacionamento amoroso têm objetivos de vida comuns. As dificuldades são os obstáculos que fazem o relacionamento parar. Diante disso, há algumas opções para a resolução desse impasse: eles podem tentar colocar o relacionamento/veículo em movimento novamente, passada a dificuldade; podem permanecer parados e desistir de alcançar seus objetivos de vida; ou abandonar o relacionamento. Percebemos, através das expressões linguísticas, que esse mapeamento é vivenciado pelas pessoas, que estão fazendo perguntas aos consultores do site justamente porque estão com alguma dificuldade nos relacionamentos amorosos e não sabem qual das opções escolher.

Diferentemente das expressões linguísticas apresentadas no domínio religioso, em que os aspectos predominantes são *bagagem*, *mochila* e os transportes usados na viagem, no espaço virtual a ênfase é dada ao percurso da viagem, *retornar*, *ir rápido demais*, *tomar um rumo*. Essas expressões demonstram que o que as pessoas almejam é ter um relacionamento duradouro, uma vez que se mostram preocupadas em como agir nessa “viagem” para que chegue ao destino pretendido, ou seja, para que sejam felizes em seus relacionamentos.

O uso de certas características em vez de outras, em cada domínio discursivo específico, revela os objetivos pretendidos pelos produtores do discurso. No domínio religioso, há uma argumentação explícita, uma espécie de conselhos, para a manutenção de

um relacionamento duradouro. No espaço virtual, ocorre o oposto: as pessoas escrevem pedindo conselhos para conseguir um. No primeiro domínio discursivo, como os conselhos são destinados a pessoas que já estão num relacionamento, as características usadas são *bagagem*, *mochila*, que correspondem às experiências de vida do casal antes do relacionamento, e o meio de transporte, que são as ações realizadas pelos cônjuges para levar essa relação adiante. Como, no segundo domínio, o discurso é de pessoas que estão procurando uma pessoa para se relacionar, as características são aquelas concernentes a essa condição, ou seja, *retornar*, indicando a volta para um relacionamento que foi rompido; *ir rápido demais* se refere a fortalecer os laços com a outra pessoa que acaba de conhecer, firmando um compromisso mais sério; e *tomar um rumo* é de fato estabelecer uma relação séria, duradoura.

4.8 RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO

Mapeamento:

Domínio fonte: CONSTRUÇÃO

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: ventania que destelha corresponde aos problemas no casamento; falta de base na construção é a fragilidade do casamento e a arquiteta das construções é a mulher na relação; os aspectos solo, sustentabilidade, desmoronar, aplainar, reconstruir e rachaduras são usados como elementos do próprio relacionamento.

Domínio religioso

Já a oitava metáfora, RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO (pp. 101-102), atualizada por 10 expressões linguísticas, foi evidenciada a partir do uso dos aspectos: *ventania que **destelha** tudo, sem a **base**, **construir** um, em **ruínas**, uma **base** firme, a **arquiteta** dos relacionamentos e estabelecer ou **destruir** o seu casamento.*

Dessa vez, palavras que são empregadas no domínio das construções, um domínio concreto, estão sendo utilizadas para falar sobre o *relacionamento*, um domínio abstrato. O mapeamento entre esses domínios é possível porque temos a capacidade cognitiva de utilizar diferentes domínios, como é o caso do domínio origem *construção*, para entender e

vivenciar um conceito abstrato, atualizando, dessa forma, a metáfora convencional supracitada.

Observe-se que não são todos os aspectos daquele domínio que são utilizados, apenas *telhado*, *base*, *construir*, *ruínas*, *arquiteta* e *destruir*. Portanto, a conceptualização de um domínio alvo em termos de um domínio fonte mais uma vez se mostrou presente no livro *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Para a atualização da metáfora conceptual, acreditamos que são feitas inferências, a partir de um modelo cognitivo idealizado referente ao domínio de origem, que são aplicadas ao domínio alvo, de forma sistemática, sem causar incoerência.

Assim, a *ventania* que pode danificar uma construção é mapeada para os problemas que podem ocorrer no casamento. O aspecto *sem base*, que se refere à fragilidade em uma construção, que pode, por isso, desmoronar a qualquer momento, é mapeado para o casamento, que pode estar correndo esse mesmo risco de desmoronar, ou seja, acabar, por haver alguma fragilidade. Já a expressão *restaurar* indica que a construção, portanto o casamento, está precisando ser recuperado, refeito, devido aos desgastes do próprio tempo ou por não haver sido construído com uma boa base, ou seja, encontrar-se em *ruínas*. Há até uma arquiteta que, no domínio alvo, corresponde à mulher no relacionamento, como observado no excerto do livro: “Ela se tornou **a arquiteta dos relacionamentos**, a cola da família e da comunidade (...) tradicionalmente, o homem sempre foi o provedor e protetor da família, e a mulher a cuidadora do lar e **arquiteta dos relacionamentos**”.

Quando construímos algum prédio, queremos que essa construção seja duradoura. Para tanto, temos que fazer com uma base segura e restaurar, quando necessário, para que ele não seja destruído. Daí a necessidade de um arquiteto, que planeje essa construção, para que tudo seja construído de forma adequada.

Esse conjunto de correspondências é usado entre os domínios para que o relacionamento seja compreendido em termos de construção. Utilizamos cotidianamente esse tipo de mapeamento para entendermos e vivenciarmos os conceitos abstratos com os quais não temos experiência concreta.

Domínio da saúde mental

Sendo a segunda metáfora mais recorrente nesse domínio discursivo, RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO (pp. 106-107) foi atualizada por 15 expressões linguísticas. As expressões **construir** relações, **solo** das relações, **sustentabilidade** da relação, casamento estava **desmoronando**, **aplaina** relações, **reconstruir** relações, **construir** belas pontes no relacionamento, as **rachaduras** da relação, atualizam a metáfora citada. É uma metáfora convencional, na qual aspectos do domínio origem da construção são utilizados para falar sobre o domínio alvo *relacionamento*.

Mais uma vez um domínio origem que já é experienciado em nossa cultura, através de nossa vivência concreta com ele, é utilizado para a categorização de *relacionamento*. Atente-se que, apesar de ser uma metáfora convencional, identificamos o uso de duas expressões linguísticas inusitadas: *Desconhecem o alfabeto das emoções e não sabem que o poder do elogio aproxima mundos, cruza histórias, diminui intrigas, alivia traumas, constrói pontes*, **aplaina relações difíceis**, pelo uso do verbo *aplainar*; e *Além disso, casais que não sabem dialogar produzem grandes paradoxos: não admitem trincos nas paredes, mas nem sequer enxergam as rachaduras da relação*, pelo uso de *trincos nas paredes* e *rachaduras*.

Conforme Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff e Turner (1989), expressões linguísticas novas que atualizam metáforas convencionais são usadas geralmente na poesia, caracterizando um tom figurativo da linguagem, porém não é o que se observa nessas duas expressões, já que estão inseridas num contexto de discurso da linguagem “literal”, no sentido tradicional do termo. Portanto, o uso de expressões linguísticas inusitadas também se observa em textos da linguagem comum.

Verificamos também que, em 6 expressões linguísticas atualizadoras dessa metáfora, os aspectos da construção ocorrem na mesma expressão linguística que utilizam os aspectos *saudável* ou *doente*, atualizadoras da metáfora RELACIONAMENTO É SER VIVO, estabelecendo o que Lakoff e Johnson (1980) denominam de metáforas mistas, como pode ser observado, por exemplo, nas expressões: *“É mais fácil programar supercomputadores, dirigir grandes empresas, cumprir metas profissionais elevadíssimas, do que **construir relações saudáveis** regadas a um sublime amor.”* e *“Nada é tão belo quanto cultivar relações saudáveis e nada é mais deprimente que **construir relações doentes**.”*. As duas metáforas conceptuais estão interligadas, ou seja, dois aspectos de

domínios de origem totalmente diferentes são relacionados numa expressão para construir um conceito.

Percebemos que, tanto no domínio religioso como no domínio da saúde mental, as características utilizadas são as que se referem ao ato de construir, como *base, telhas, restaurar, porta e arquitetura*.

4.9 RELACIONAMENTO É MÁQUINA

Mapeamento:

Domínio fonte: MÁQUINA

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: as máquinas precisam funcionar para terem utilidade, assim como o relacionamento precisa funcionar para seguir adiante; as máquinas requerem conserto quando não estão funcionando, assim como o casamento precisa de cuidados para que o casal permaneça unido.

Domínio religioso

A nona metáfora, RELACIONAMENTO É MÁQUINA (pp. 99-100), foi evidenciada a partir de apenas 11 expressões linguísticas, as quais enfatizam os seguintes aspectos: *fazer o casamento funcionar, casamento falhar, ajuste de foco, consertar e manter, botão ‘reiniciar’ e ferramentas práticas*.

Aspectos que são característicos do campo semântico de máquinas são trazidos para o discurso para construir o conceito de *relacionamento*. Esse discurso é compreendido perfeitamente pelos falantes, uma vez que nosso aparato cognitivo já está acostumado a compreender um conceito em termos de outro. Ao percebermos a incongruência de um termo usado num determinado discurso, logo tentamos aplicar uma interpretação plausível. Isso acontece inconscientemente. Nesse caso, o uso dessa metáfora convencional corrobora com a ideia de “casamento duradouro, até que a morte os separe”, através das expressões linguísticas *fazer o casamento funcionar, ajuste de foco, consertar e manter, e reiniciar*.

A categorização que temos de máquina, ou seja, um objeto que precisa estar funcionando, para ter alguma utilidade, é mapeado para o domínio relacionamento, que

corresponde à própria máquina. Ver o casamento a partir do uso dessa metáfora é vê-lo com uma função social, que tem uma razão de ser em nossa cultura. Essa metáfora se inscreveu apenas no discurso religioso.

4.10 RELACIONAMENTO É JOGO

Mapeamento:

Domínio fonte: JOGO

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: Jogadores são os cônjuges; o troféu é a pessoa conquistada; jogar no mesmo time é ter objetivos comuns; as regras do jogo são as atitudes do casal; e ganhar o jogo é seguir casado.

Domínio religioso

Na metáfora 10, temos a atualização de RELACIONAMENTO É JOGO (pp. 100-101). Também manifestada somente no discurso religioso. As expressões que atualizaram essa metáfora no livro estudado também totalizaram 11, utilizando os seguintes aspectos: *um jogo, troféu, perdemos o jogo, competir com o marido, entrar para o time dele, pódio de seu casamento, ter um árbitro sobre vocês dois é essencial, o juiz, obedecer às regras, tira o time de campo.*

Dessa vez, o vocabulário que é típico do domínio origem dos jogos, *troféu, competir, time, pódio, árbitro, juiz, regras e tira o time de campo*, está sendo usado para estruturar o conceito de relacionamento. Os jogadores do domínio origem correspondem aos cônjuges no domínio alvo, o troféu corresponde à pessoa que foi conquistada, no caso, à mulher. Se ambos *jogam no mesmo time*, ou seja, têm objetivos comuns, eles saem ganhando no jogo. Por outro lado, se o casal não trabalhar junto *para manter o casamento*, perde o jogo, ou seja, ocorre a separação.

Nesse jogo, há regras e tem um juiz, que seria Deus. Os problemas surgem no jogo quando um dos cônjuges *tira o time de campo*, geralmente o marido, segundo a argumentação presente no livro. Atente-se que o *juiz*, no caso da metáfora RELACIONAMENTO É JOGO, é o próprio Deus. Conforme os autores:

Deus sugere que O coloquemos em primeiro lugar para que haja um árbitro em nossa vida. E, no casamento, ter um árbitro sobre vocês dois é essencial (...) Só tem uma solução: alguém acima de vocês, estabelecido como o árbitro, o juiz. É a lei d'Ele, imparcial, que irá decidir. (CARDOSO, R.; CARDOSO, C. 2012, p. 152).

Para que o *time* saia ganhando e não apenas um de seus jogadores, é necessária a união entre o casal *pelo bem do time*. As regras do jogo correspondem às ações conjuntas que o casal deve seguir para ganhar o jogo, ou seja, manter o relacionamento. Essa é mais uma forma de conceptualizar o *relacionamento* em nossa cultura, identificada no domínio religioso.

Na mesma direção da metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA, os autores utilizam essa metáfora para argumentar que o relacionamento deve ser visto como um jogo no qual os cônjuges formam *um time*, ou seja, devem trabalhar em união. Portanto, as ações que são necessárias para que um time ganhe o jogo, como seguir as *regras* e obedecer ao *juiz*, são mapeadas para o domínio *relacionamento*.

Sendo assim, a partir da análise dessas expressões, inferimos a ideologia: manter o casamento é seguir a lei de Deus, as regras do Juiz. Seguindo as regras desse Juiz, não irá ter divórcio, uma vez que essa prática não faz parte do *jogo*, segundo as regras desse juiz, salvo raras exceções. Mais uma vez evidenciamos a atualização, por meio do uso de expressões linguísticas metafóricas, de uma metáfora que reflete uma ideologia cristã no domínio discursivo em análise.

4.11 RELACIONAMENTO É ALIMENTO

Mapeamento:

Domínio fonte: ALIMENTO

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: tempero corresponde às ações que melhoram o relacionamento; e sabor corresponde aos efeitos desse tempero, ou seja, à satisfação.

Domínio da saúde mental

Já a metáfora RELACIONAMENTO É ALIMENTO (pp. 107-108), atualizada por apenas cinco expressões linguísticas, inscreveu-se no discurso da saúde mental, nas quais são usados os aspectos: **temperá-la**, **dar sabor** à relação, **sabor insuportável**, **realçar o sabor**. É uma metáfora conceptual convencional, em que o domínio específico da culinária é usado para caracterizar o domínio alvo *relacionamento*.

Observamos que não são quaisquer aspectos dos alimentos, como cor ou tamanho, por exemplo, que são utilizados na conceptualização de um conceito em termos do outro, mas apenas o *tempero*, o *sabor*. O que faz com que uma comida fique boa ou ruim é o tempero utilizado no preparo, ou seja, os ingredientes. Essa relação é estabelecida com o domínio *relacionamento*, em que esse tempero corresponde às ações realizadas pelos cônjuges. As crises, dificuldades, atritos e diferenças entre eles é que tornam o relacionamento ruim ou prazeroso, dependendo da forma como são utilizados pelo casal.

4.12 RELACIONAMENTO É OBJETO

Mapeamento:

Domínio origem: OBJETO

Domínio alvo: RELACIONAMENTO

Correspondências: as propriedades do objeto correspondem às do relacionamento.

Espaço virtual

A metáfora RELACIONAMENTO É OBJETO (pp. 116-118), por sua vez, foi atualizada por trinta expressões linguísticas, uma quantidade significativa de expressões, nas quais apareceram os seguintes aspectos: **Tínhamos** uma relação, **segurar** um relacionamento, **resgatar** meu casamento, relacionamento **concreto**, **perder** um relacionamento, **achar** um relacionamento.

Essa foi uma metáfora convencional que se realizou apenas no espaço virtual. Uma experiência abstrata, como é o caso em tela, é tratada a partir do entendimento de um objeto concreto. O aspecto **ter** predominou em 25 das 30 expressões linguísticas. Os demais foram: *segurar*, *resgatar*, *concreto*, *perder* e *achar*. Esses aspectos, que

comumente são atribuídos a objetos, são mapeados para o domínio alvo *relacionamento*, tornando-o uma experiência mais passível de ser compreendida.

Ao mesmo tempo, inferimos, a partir do uso dessas expressões, que o relacionamento está sendo tratado como uma coisa. Se levarmos em consideração a relação metonímica *ter um relacionamento* por *ter uma pessoa com quem se relacionar*, há uma coisificação das pessoas a partir do uso dessas expressões.

Em conformidade com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), “compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 75).

É o que ocorre ao mapearmos aspectos do domínio origem *objeto* para o domínio alvo *relacionamento*. Ao tratar o relacionamento como um objeto físico, podemos nos referir a ele: *tínhamos uma relação*, quantificar: *tive 4 relacionamentos*, resgatar: *tentei resgatar meu casamento* ou mesmo perder ou achar: *perder um relacionamento* e *achar um relacionamento*.

O uso desses aspectos para conceptualizar o relacionamento mostra um distanciamento afetivo entre as pessoas, corroborando com os aspectos presentes na metáfora RELACIONAMENTO É RECIPIENTE nesse mesmo domínio discursivo, em que as pessoas demonstram ser livres para entrar e sair, caso o relacionamento tenha problemas.

4.13 Discussão dos resultados

A partir do levantamento das expressões linguísticas metafóricas e da identificação das respectivas metáforas conceptuais subjacentes, no *corpus* investigado, foi possível contabilizar 12 metáforas conceptuais distintas, categorizadoras do domínio alvo *relacionamento*.

Apresentamos a seguir três gráficos com os domínios origem utilizados para atualizar as metáforas conceptuais referentes ao domínio alvo relacionamento nos três domínios discursivos, a fim de que tenhamos uma melhor visualização dos resultados. Conforme observamos em Kövecses (2005), esses domínios origem são acordados por uma comunidade de falantes, portanto influenciados culturalmente.

Gráfico 1: Domínios origem de onde foram mapeados aspectos para o domínio alvo *relacionamento* no domínio discursivo religioso.

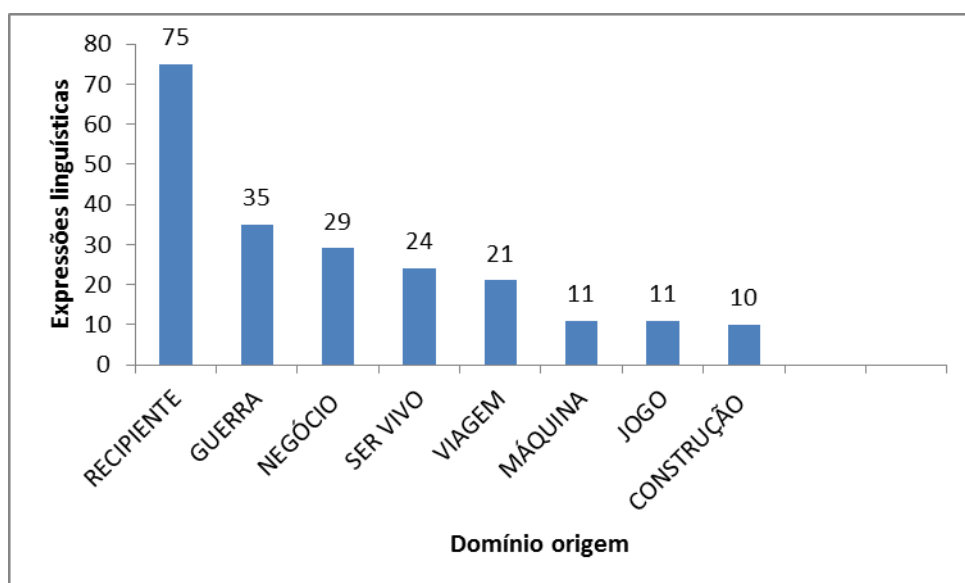


Gráfico 2: Domínios origem de onde foram mapeados aspectos para o domínio alvo *relacionamento* no domínio discursivo da saúde mental.

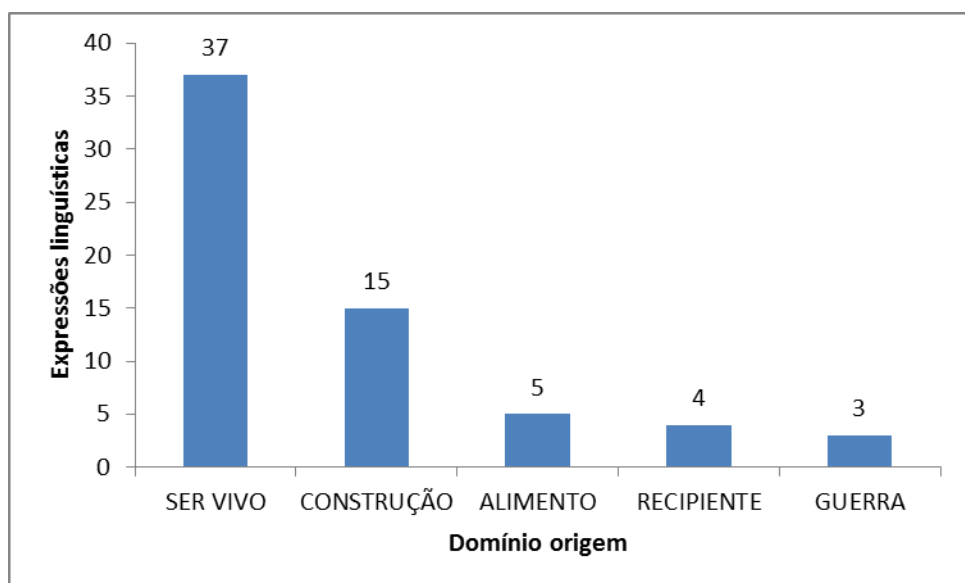
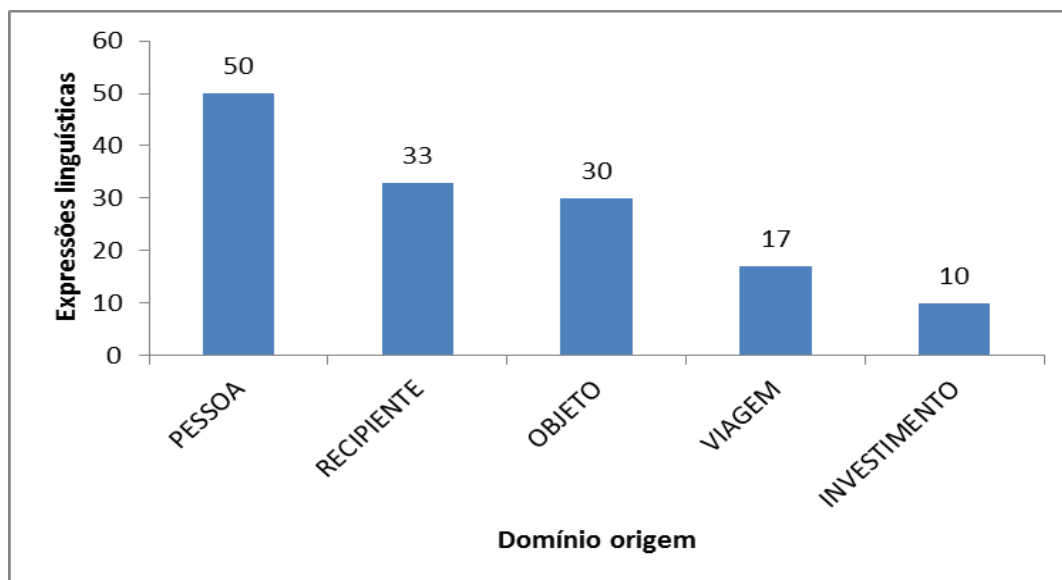


Gráfico 3: Domínios origem de onde foram mapeados aspectos para o domínio alvo *relacionamento* no domínio discursivo espaço virtual.



Conforme visualizamos no Gráfico 1, foram 8 conceitos diferentes, utilizados como domínio origem para categorizar o domínio alvo *relacionamento* no domínio discursivo religioso. Foram eles: *recipiente*, *guerra*, *negócio*, *ser vivo*, *viagem*, *máquina*, *jogo* e *construção*. Nesse domínio, a metáfora que foi atualizada com maior número de expressões linguísticas foi RELACIONAMENTO É RECIPIENTE. Portanto, quantitativamente, foi a predominante nesse domínio.

O Gráfico 2 mostra os cinco conceitos do domínio discursivo da saúde mental, utilizados como domínio origem: *ser vivo*, *construção*, *alimento*, *recipiente* e *guerra*, com predominância de expressões linguísticas que atualizam a metáfora RELACIONAMENTO É SER VIVO. Como podemos observar, quatro desses conceitos também subjacentes às expressões linguísticas levantadas no domínio religioso. Apenas um conceito diferente foi utilizado, atualizando a metáfora RELACIONAMENTO É ALIMENTO. No entanto, não se tornou significativo em nossa análise, por ter apresentado somente 5 expressões linguísticas.

Já nas expressões oriundas do discurso das pessoas que utilizam o espaço virtual, também elencamos 5 domínios de origem: *pessoa*, *recipiente*, *objeto*, *viagem* e *investimento*. Dessa vez, as metáforas diferentes atualizadas foram: RELACIONAMENTO É OBJETO e RELACIONAMENTO É INVESTIMENTO.

Observamos que a metáfora RELACIONAMENTO É RECIPIENTE, apesar de ter sido a que apresentou maior número de expressões linguísticas no domínio religioso, não foi a norteadora nesse domínio discursivo. Uma análise qualitativa dos dados sugere que a metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA foi a que predominou, apresentando um número bem maior de características oriundas do domínio origem *guerra*.

O domínio origem *guerra*, então, foi o norteador do discurso presente no livro *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Diferentemente do que defendem Lakoff e Johnson (1980), que geralmente não temos consciência do uso metafórico na linguagem, constatamos que o uso das expressões linguísticas metafóricas é feito conscientemente pelos autores do livro. Desde o título, percebemos que a linguagem não foi empregada por acaso, mas planejada, de modo a chamar a atenção para a metáfora da guerra que será atualizada durante todo o discurso. No entanto, os aspectos do domínio origem da guerra são usados pelos autores como argumentação para blindar a união, ou seja, para evitar qualquer coisa destrua o relacionamento. Os aspectos utilizados são empregados no discurso dos autores como ferramentas para a blindagem do relacionamento, para que nada o destrua.

Na expressão: *Quem ama de verdade blindo o casamento. E blindar é isso mesmo, colocar todas as defesas em funcionamento para evitar que qualquer coisa comprometa a relação*, vemos que eles colocam o blindar como uma obrigação para o casal, para que nada afete a relação, ou seja, a escolha lexical é planejada. As palavras *blindo* e *defesa*, nessa expressão linguística, mostram claramente o uso consciente que se faz da linguagem metafórica. Da mesma forma, outros aspectos do domínio *guerra* são utilizados: *conquistas, lutas, conflitos, recompensas, ataques, defender, canhões, ameaçam, cessar fogo, estar em pé de guerra, dê trégua, explosões, dá um tiro no pé, perder, ferir, equipamento de proteção, batalha, adversário* e a própria referência à guerra: *É assim que se vence essa guerra dentro do seu casamento*.

Esses aspectos do domínio da *guerra* são usados nas expressões linguísticas como instrumento argumentativo, para justificar a necessidade de proteção do relacionamento, ou seja, para que não ocorra o divórcio, reforçando a ideologia judaico-cristã de casamento.

Geralmente não faz parte da linguagem comum o uso de todos esses aspectos para falar de relacionamento, por isso, quando inseridos no discurso dos autores, chamam a atenção dos leitores, propagando a ideologia pretendida. Percebe-se que, culturalmente, o casamento é visto como uma guerra, mas entre os próprios parceiros. Ou seja, os cônjuges

veem um ao outro como um inimigo. Porém, no caso em análise, as expressões linguísticas são usadas para mostrar que a guerra é não é para ser vivenciada entre o casal, mas entre ele e membros externos: *como você poderá blindar o relacionamento contra ataques externos se insiste nos ataques internos? Não é sábio. Os ataques externos que vocês têm que combater já são o bastante, vocês não precisam ser inimigos um do outro. Os inimigos são os problemas que vocês enfrentam, e não vocês mesmos.*

O uso dos termos nos permite observar que há uma argumentação no sentido de que o domínio alvo *relacionamento* não é para ser vivenciado como *guerra* entre os cônjuges, mas quando a batalha envolve membros externos, como afirmam dos autores do livro *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Sendo assim, é necessário “blindar o casamento”, para evitar que qualquer coisa possa atingi-lo, ou seja, para que não ocorra o divórcio. A argumentação desenvolvida no livro é no sentido de preparar o casal para guerrear, ou seja, proteger-se dos ataques que vêm para destruir o relacionamento. Há uma argumentação segundo a qual viver num relacionamento é viver numa guerra contra qualquer pessoa que possa colocar em risco a união. Isto é, o uso dessas expressões linguísticas sugere que a ideologia implícita na metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA é apresentada com a finalidade de manter o relacionamento a qualquer custo. A metáfora da guerra aqui é usada no sentido de mobilizar todos esses aspectos para blindar o relacionamento, ou seja, para evitar sua dissolução.

O uso desses aspectos, recorrentes em todo o livro analisado, é feito desde o título, *Casamento blindado, o seu casamento à prova de divórcio*, com o propósito de “desconstruir” a ideia de casamento em termos de guerra entre o casal, uma metáfora convencional vivenciada pelas pessoas no dia a dia, ou mesmo mostrar quem são os verdadeiros inimigos do casamento.

Percebemos que há uma preocupação, no discurso religioso, em apresentar para os leitores, na maioria pessoas casadas, que a guerra a ser vivenciada no relacionamento não é contra o parceiro, mas contra tudo o que possa, de alguma forma, afetar a união.

Se os cônjuges veem um ao outro como inimigo, o casamento será vivenciado como uma guerra e, portanto, cedo ou tarde alguém vai ganhá-la ou perdê-la, ou seja, o casamento será desfeito. Parte-se da presunção de que há uma ideologia que se sustenta através da vivência pelas pessoas do *relacionamento* enquanto *guerra* entre o casal. Essa conceptualização de relacionamento justificaria o grande número de divórcios e separações entre os casais, pois toda guerra um dia termina, com vencedores e perdedores. Se um dos

cônjuges vence o outro, então não há como continuar juntos. Por isso, a preocupação dos autores em mostrar, através do uso dessas expressões linguísticas, como vivenciar e ganhar essa *guerra*, mostrando quem são os verdadeiros inimigos no relacionamento.

Vimos em Goatly (2007) que a mesma metáfora pode ter efeitos prejudiciais ou benéficos. Sendo assim, verificamos que, ao conceptualizar, e, por consequência, vivenciar o relacionamento como uma guerra entre o próprio casal, os efeitos serão diferentes daqueles vivenciados quando se vê o relacionamento enquanto guerra entre o casal e pessoas externas. Enquanto os parceiros veem um ao outro como inimigo, a metáfora da guerra vai afetar negativamente a relação, uma vez que as pessoas passam a agir como se estivessem num conflito. Por outro lado, se eles levarem em consideração que a guerra é contra membros externos, ou seja, qualquer pessoa que possa interferir na união, essa metáfora vai beneficiar a relação, no sentido de torná-la blindada, como sugerem os autores.

No livro *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*, também identificamos a atualização dessa mesma metáfora, RELACIONAMENTO É GUERRA, porém atualizada por apenas 3 expressões linguísticas: *No fundo ambos se digladiavam. Ela com armas visíveis; ele, com invisíveis. Você digladia com quem ama? Se digladia, que armas usa? Com os de fora são encantadores, mas entre eles vivem entrincheirados, combatendo-se mutuamente. Se não conseguiram viver separados, deveriam pelo menos ter aprendido a amenizar o conflito conjugal com essa lei fundamental: respeitar os espaços, manias, reações, maneira de ver e interpretar a vida do outro.* Essas expressões ratificam que, convencionalmente, o relacionamento é compreendido e vivenciado em termos de *guerra* entre o próprio casal. Posição que é contestada no discurso religioso.

Conforme Goatly (2007), as metáforas constroem e reproduzem ideologias que, de forma implícita, justificam e inculcam certos comportamentos e pensamentos entre as pessoas na sociedade. Muitas vezes, são transmitidas como senso comum, como é o caso da metáfora em análise. Através do uso dessas expressões linguísticas e muitas outras que ouvimos e reproduzimos em nosso cotidiano, a metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA se justifica e as pessoas parecem vivenciá-la sem nenhum questionamento.

Percebemos que essa metáfora conceptual segue a mesma lógica da metáfora *HOMEM É MÁQUINA*, apresentada por esse autor, que surgiu com o advento da Revolução Industrial e se instalou na sociedade como senso comum, justificando o tratamento dado ao homem nesse período. O autor explica que essa metáfora cria uma

determinada realidade, reforçando a manutenção das relações de poder na sociedade. Às vezes, a ideologia implícita no uso de uma metáfora conceptual pode até desencadear injustiças, afirma.

Com a metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA não é diferente. A partir do uso das expressões supracitadas, evidencia-se que é comum para as pessoas vivenciarem o relacionamento dessa forma. A ideologia é infiltrada de tal forma que passa a ser vista como a verdade, as pessoas nem sequer questionam. Essa ideologia tem consequências. Ela pode interferir negativamente na vida das pessoas, pois, na medida em que um dos cônjuges vê o outro como inimigo, ele vai se preparar para estar sempre em posição de ataque, ou seja, o entendimento mútuo pode ser prejudicado em função dessa ideologia.

Comparando as expressões linguísticas utilizadas nesse domínio com as do domínio religioso, percebe-se que, nesse, as expressões corroboram para a reprodução da ideologia escondida nessa metáfora, ou seja, a de que relacionamento é guerra e o cônjuge é o inimigo, enquanto que, no domínio religioso, há um posicionamento por parte dos autores, no sentido de mostrar outros inimigos nessa *guerra*. Os autores selecionam aspectos que vão justamente de encontro a essa conceptualização de relacionamento enquanto *guerra* entre os parceiros na relação. Os aspectos da guerra utilizados no domínio religioso são os que se referem à proteção do relacionamento, à blindagem.

Depreendemos, com isso, que embora seja utilizado o mesmo domínio origem (guerra) para atualizar o domínio alvo *relacionamento* nos dois domínios discursivos, os aspectos mapeados não são os mesmos, justificando, dessa forma, os objetivos de uma obra e de outra. No domínio discursivo religioso, percebemos claramente a defesa de uma ideologia sobre relacionamento, enquanto que, no domínio da saúde mental, essa ideologia não está marcada explicitamente.

Atente-se que essa metáfora não se atualizou no domínio do espaço virtual. Diferentemente dos domínios discursivos religioso e da saúde mental, em que o público alvo são pessoas que já têm um relacionamento, os usuários do site estão procurando por um, ou seja, uma pessoa para se relacionar. Por isso, em seu discurso, fazem uso de outros domínios fonte para conceptualizar o *relacionamento*, evitando mencionar características que remetam ao domínio *guerra*, ou qualquer outra que possa comprometer sua interação com os outros usuários cadastrados no site. Nesse caso, eles se colocam como pessoas “sérias”, “compreensíveis”, enfim “boas”, pois sabem que são características almejadas pelas outras pessoas que procuram um relacionamento no site.

Quanto à metáfora RELACIONAMENTO É RECIPIENTE, observamos que, no domínio religioso, enfatiza-se o *entrar* e *estar* no relacionamento. São aspectos diferentes dos utilizados na metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA, mas que contribuem para a mesma ideia de relacionamento duradouro. O relacionamento é apresentado como um *recipiente*, no qual os cônjuges entram com suas bagagens para viver “até que a morte os separe”, como sugerido pela expressão “*se você quer fazer parte da cultura do casamento feliz e duradouro, não poderá seguir as normas da cultura atual. Terá que andar na contramão e criar sua própria cultura dentro do seu relacionamento*”. Por outro lado, “*se um dos cônjuges entra no casamento com a ideia de que aquela união não durará até que a morte os separe, então esta pessoa acabará fazendo coisas que sabotarão o casamento, causando o seu fim*.” A metáfora RELACIONAMENTO É GUERRA, portanto, reforça a argumentação apresentada pelo uso da metáfora do recipiente, bem como a ideologia implícita. Os aspectos *entrar* e *estar* predominam nas expressões linguísticas que atualizam a metáfora em apreço, aparentemente por acaso. Mas, quando analisadas no contexto em que ocorrem, evidencia-se o seu poder ideológico. Os autores utilizam esses aspectos de forma quase que consensual, para justificar a necessidade de as pessoas se manterem no relacionamento.

Observamos que, no discurso da saúde mental, essa metáfora foi atualizada por apenas quatro expressões linguísticas, não sendo uma metáfora recorrente nesse domínio. Porém, a ênfase é dada ao *estar dentro* do relacionamento/recipiente. Já no espaço virtual, foram identificadas trinta e três expressões linguísticas que atualizam essa metáfora. Nesse domínio, observamos o uso mais frequente do termo *sair* e *fora*, ou dos termos *anterior* e *novo*, em 12 das 33 expressões linguísticas que aludem ao relacionamento, contrastando, portanto, com as expressões utilizadas no discurso religioso, nas quais se observa predominantemente a utilização dos aspectos *entrar* e *estar* no relacionamento/recipiente, como demonstram as expressões linguísticas utilizadas, caracterizando-o, assim, como uma instituição indissolúvel.

As pessoas que participam do site geralmente vêm de outros relacionamentos que não deram certo. Por isso, a ideia de relacionamento “até que a morte os separe” não foi concretizada em suas vidas. Sendo assim, em seus discursos, a ideia de casamento duradouro aparece como uma possibilidade, um desejo, como podemos observar através do uso do adjetivo *sério*, que atualiza a metáfora RELACIONAMENTO É PESSOA. Em seu discurso, os usuários utilizam os aspectos das pessoas com as quais desejam se relacionar,

ou seja, pessoas sérias, saudáveis. Da mesma forma, apresentam-se como portadoras dessas características.

O domínio fonte *recipiente* foi bastante utilizado nas expressões linguísticas, devido à motivação das experiências e percepções que são amplamente compartilhadas pelas pessoas, principalmente com seus corpos. Manifestou-se nos três domínios discursivos, permitindo-nos afirmar que é um domínio fonte que está na base da construção do conceito de *relacionamento*, mas que, dependendo dos objetivos que se pretendem alcançar, são mapeados alguns aspectos e não outros.

De acordo com Goatly (2007), as línguas dispõem de categorias prontas, as quais consideramos senso comum, mas que, na verdade, representam apenas uma possibilidade. Percebe-se que uma dessas categorias é o uso convencional de expressões linguísticas que atualizam a metáfora do recipiente. No caso em tela, RELACIONAMENTO É RECIPIENTE. Essa metáfora é atualizada em nosso sistema cognitivo e vivenciada como se fosse uma realidade objetiva. Ao mesmo tempo, essas categorias trazem consigo uma ideologia latente, que é vivenciada como sendo do senso comum, por isso dificilmente notada enquanto tal.

Nos conceitos metafóricos RELACIONAMENTO É NEGÓCIO e RELACIONAMENTO É INVESTIMENTO, presentes, respectivamente, no discurso religioso e nas perguntas retiradas do discurso do espaço virtual, observamos que as características utilizadas no primeiro domínio foram *investimento, empresa, trabalhar, falência, manutenção, sucesso, resultados, dar errado, fracasso, investimento a longo prazo, melhorar, parceria, vendido, perder e ganhar*. Por outro lado, a característica que predominou nas expressões linguísticas utilizadas nas perguntas foi *investir*. Há outros que ocorreram apenas uma vez: *falido, fracassado* e *sucesso*, por isso atualizamos uma metáfora mais específica: RELACIONAMENTO É INVESTIMENTO. Essas metáforas se relacionam entre si, ambas remetem ao mesmo campo semântico e, de igual modo, à própria dinâmica da instituição do casamento.

Quando as pessoas celebram a união, por meio do casamento, elas decidem como querem que sejam compartilhados os bens, se total ou parcialmente, ou mesmo se não querem a comunhão. Sendo assim, o casamento se torna, de certa forma, um investimento, em alguns casos, ou um negócio. As experiências que temos com essa institucionalização do casamento nos faz aceitar, sem problemas, a atualização dessas metáforas. Investir é uma conceptualização mais específica do negócio, significa “investir para levar o

negócio/relacionamento adiante”. O próprio cônjuge é visto como um bem, a partir do uso corrente da expressão “meu bem”, ou seja, o companheiro é tratado como algo valioso. Porém, esse valor não é necessariamente financeiro. Na maioria das vezes, é usado no sentido afetivo. Essas metáforas são motivadas, portanto, pela própria noção que se tem de casamento institucionalmente.

É importante observar que os dois domínios fonte, *negócio* e *investimento*, no *corpus* analisado, não remetem à celebração de casamento por interesse financeiro, pelo contrário são usados para reforçar a necessidade de cuidar e manter o relacionamento, já que se trata de um negócio/investimento que se julga de extrema importância na vida das pessoas, por proporcionar a felicidade, a satisfação pessoal.

A metáfora RELACIONAMENTO É SER VIVO, por sua vez, também se mostrou produtiva em dois domínios discursivos: o religioso e o da saúde mental. No discurso religioso, temos a utilização das expressões *sobrevivência*, *felicidade*, *estômago*, *boca*, *bandido*, *renascer*, *enjoar*, *chato*, *bandido*, *saudável*, *morrer*, *aniversário*, *ferir* e *descompromissado*. Já no discurso do médico predominou o uso dos aspectos *saudável* e *doente*, vocabulário recorrente na área da saúde. Uma metáfora mais específica poderia ser atualizada a partir do uso dessas expressões: RELACIONAMENTO É PESSOA, porém, como há algumas características que podem ser atribuídas a outros seres vivos, preferimos marcar uma metáfora mais geral. Foi a metáfora recorrente no domínio da saúde mental, a partir do uso dos aspectos *saudável* e *doente*, na maioria das expressões, indicado que, nesse domínio, são os aspectos mais importantes para serem mapeados para o relacionamento. *Saudável* apresenta-se como um aspecto positivo, aconselhável, e *doente*, como negativo, não esperado num relacionamento, por fazer mal, ou seja, levar a união ao fim.

Já no domínio representante do discurso do espaço virtual, optamos por atualizar a metáfora mais específica RELACIONAMENTO É PESSOA. Inclusive foi a que predominou nesse domínio discursivo, com a ocorrência de 50 expressões linguísticas, a partir das características *sério*, *mentiras*, *saudável*, *caiu na rotina*, *tem futuro*, *íntimo*, *dar uma chance*, *infeliz*, *louco*, *em crise*, *afetivos*, *reféns*, *dilemas* e *nascer*, mais característicos das pessoas. A expressão que prevaleceu na atualização dessa metáfora foi o adjetivo *sério*, mostrando que as pessoas que utilizam o espaço virtual também almejam viver um relacionamento indissolúvel, pois buscam por um relacionamento sério, ou seja, com pessoas sérias, portanto duradouro.

Como discutimos nos pressupostos, o uso da personificação ou animação nos permite focalizar determinados aspectos da experiência. Nesse caso, são as próprias experiências enquanto seres vivos e pessoas que são mapeadas para o domínio alvo *relacionamento*, que ganha vida e passa a ser compreendido e vivenciado pelas pessoas através desses atributos. São dois domínios fonte que também se mostraram fundamentais na construção do domínio alvo *relacionamento* em nosso *corpus*.

Na sequência, a metáfora RELACIONAMENTO É VIAGEM, presente no domínio religioso e no espaço virtual também foi atualizada por características distintas em cada domínio específico. No primeiro domínio, as expressões que atualizam essa metáfora foram: *seguir, bagagem, lá na frente, Mochila, mala, dar voltas sem chegar a lugar algum, direção, embarcar, barco, iate, início, durante, lugar da partida, andar na contramão, caminhando, sinal de aviso, estrada e longa jornada*, enquanto que, no segundo domínio, os aspectos foram *retornar, ir rápido demais, caminhar, voltar, chegar, tomar um rumo, embarcar, conduzir, seguir, continuar, encaminhar, ir adiante, partir e levar*. Portanto, aspectos diferentes de um mesmo conceito são usados por domínios discursivos diferentes, mas atualizando a mesma metáfora conceptual. É outra forma distinta de que nos utilizamos para entender e vivenciar o conceito em análise.

No domínio religioso, as expressões linguísticas enfatizam a bagagem, o tipo de veículo utilizado e o destino da viagem, por outro lado, no espaço virtual, o destaque é dado ao percurso da viagem, mencionando-se a expressão *retornar*, que seria a volta para um relacionamento anterior, ou *seguir* adiante, no relacionamento atual, ou, ainda, *partir* para outra viagem, que corresponde a outro relacionamento. Dessa forma, mesmo procurando um relacionamento duradouro, as pessoas que utilizam o espaço virtual, a partir do uso dessas expressões linguísticas, demonstram que, na prática, o casamento pode não ser duradouro, ou seja, pode acontecer a separação.

Através dessas expressões linguísticas são manifestadas as ideologias latentes em cada domínio específico. No religioso, as expressões linguísticas são colocadas argumentando para a manutenção do relacionamento, através do conhecimento da *bagagem*, do que há na *mochila* ou *mala* que cada membro traz para o relacionamento. Outro aspecto utilizado se refere ao tipo de transporte usado na viagem. Segundo a argumentação dos autores, a viagem deve ser feita no mesmo transporte para que chegue ao destino pretendido, ou seja, para que o relacionamento seja duradouro e feliz. Ao mesmo tempo, o casal deve seguir os conselhos apresentados pelos autores do livro, que

representa uma visão diferente da vivenciada na atualidade. Eles afirmam que “se você quer fazer parte da cultura do casamento feliz e duradouro, não poderá seguir as normas da cultura atual. Terá que andar na contramão e criar sua própria cultura dentro do seu relacionamento”. (Cardoso, 2012, p. 176).

Já no espaço virtual, percebe-se que a durabilidade do relacionamento é pretendida: *Estou tentando conhecer pessoas interessantes nesse site, porém o entusiasmo passa logo e a esperança de retornar com meu casamento de 10 anos se vai; Terminamos, sofri durante 2 meses e no dia que completou 1 ano ela me procurou!!! Depois de 5 meses que voltamos ela resolveu terminar de novo e não tentei voltar, mas desde então as vezes penso se não devia voltar mas não quero sofrer mais... Penso que ela pode arrumar outra pessoa que aceite a religião dela e a faça feliz, mas ao mesmo tempo acho que ela ainda pensa em mim e também gostaria de voltar.* A partir da análise do conjunto de perguntas, percebemos que os participantes buscam realmente um relacionamento duradouro, porém muitos relatam que já viveram outros relacionamentos, em que a durabilidade pretendida não foi alcançada. São usuários que estão no site procurando uma pessoa para se relacionar e usam a seção de perguntas para dialogar com especialistas em relacionamento, a fim de ter uma orientação para lidar com seu parceiro de forma adequada, enfim serem felizes na vida sentimental. Inferimos que há uma pretensão das pessoas pelo relacionamento duradouro, demonstrada a partir do uso das expressões linguísticas.

As metáforas RELACIONAMENTO É MÁQUINA e RELACIONAMENTO É JOGO se realizaram apenas no discurso religioso, com um número menor de expressões linguísticas. No entanto, as expressões linguísticas utilizadas fortalecem a posição dos autores quanto à necessidade de manter o relacionamento. A primeira utiliza as expressões *funcionar, falhar, ajuste de foco, consertar, manter, reiniciar e ferramentas*. Na expressão: “*O milagre da fusão dos dois indivíduos acontece quando ambos se unem em um só propósito de fazer o casamento funcionar, não importa o que vier*”, por exemplo, evidencia-se essa posição.

Já a segunda faz uso das expressões *competir e jogar no mesmo time*, para que “o time saia ganhando e não apenas um de seus jogadores”. Nas palavras dos autores, “*tem mulher que quer competir com o marido em vez de entrar para o time dele; quer fazer o foco principal de sua vida algo que não ajuda o marido em nada. Aí não dá*”. A partir da análise das expressões que atualizam essas duas metáforas, constata-se que a argumentação continua, no sentido de convencer as pessoas casadas a manter seu relacionamento. Por

meio de expressões diferentes, reforça-se a necessidade de lutar e agir para permanecer casados. A competição é entre o casal e qualquer outra pessoa que tente interferir na união.

A oitava metáfora subjacente às expressões linguísticas do domínio religioso, RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO, também apareceu no da saúde mental, conforme apresentado em nossa análise. No primeiro discurso, as expressões utilizadas do domínio origem foram: *destelha*, *base*, *construir*, *ruínas*, *arquiteta*, *destruir* e *porta*, caracterizando os problemas e fragilidades de uma construção que podem ser mapeadas para o relacionamento, quando esse não tem uma boa base. No segundo domínio, as expressões selecionadas foram: *construir*, *solo*, *sustentabilidade*, *desmoronando* e *aplaina*.

Percebemos que, na maioria das expressões que utilizam o termo *construir* nesse domínio, outro aspecto é utilizado na mesma expressão linguística: “*saudável*”. Portanto, há uma combinação de conceitos utilizados, de modo a assegurar a ideologia implícita, através da atualização dessas metáforas. A ideia de casamento como uma união duradoura é remetida pela expressão *saudável*, uma vez que a doença é ruim, pode levar à morte, ou seja, levar ao divórcio o relacionamento. Nesse mesmo domínio, ainda, além de serem utilizados os aspectos *construir*, *solo*, *sustentabilidade* e *desmoronando*, característicos das construções, observamos a utilização dos aspectos *aplainar* e *rachaduras*. *Aplainar* é usado no sentido de acalmar e *rachaduras* indica que a relação tem falhas, não está bem.

Já a metáfora RELACIONAMENTO É ALIMENTO atualizou-se somente no discurso da saúde mental. O uso dos aspectos *temperar* e *dar sabor* sinalizam as ações que deixam o relacionamento agradável.

Por fim, observamos que o domínio origem *objeto*, que subjaz às expressões linguísticas que atualizam a metáfora RELACIONAMENTO É OBJETO, no espaço virtual, aparentemente é contraditório, quando comparado com o domínio fonte *pessoa* e *ser vivo*. Mas, conforme visto em Lakoff (1987), o modelo cognitivo é determinado pelas necessidades, crenças, valores etc., por isso é possível a construção de diferentes modelos, mesmo que contraditórios entre si, para a compreensão de um mesmo conceito. O aspecto predominante nas expressões que atualizam essa metáfora foi o verbo *ter*, indicando que o relacionamento também é visto como coisa, portanto a ideia de que o parceiro pode ser descartado é válida. Uma leitura possível é que esteja infiltrada, no pensamento das pessoas, a ideologia da coisificação. As pessoas vistas como objeto e, por extensão, o relacionamento, demonstrado através do uso das 30 expressões linguísticas que

atualizaram a metáfora em tela. Vistas dessa forma, as pessoas podem ser descartadas, substituídas por outras.

Os dados apresentados na análise permitem inferir que todas as características dos conceitos utilizados como domínio origem para conceptualizar o domínio alvo *relacionamento*, no discurso religioso, estão relacionadas entre si, reproduzindo e justificando a ideologia do casamento duradouro. Mesmo com uma diversidade de conceitos, a argumentação presente no primeiro livro analisado aponta para a manutenção do relacionamento. Os autores fazem uso de algumas características dos domínios origem *recipiente*, *guerra*, *negócio*, *ser vivo*, *viagem*, *máquina*, *jogo* e *construção* para categorizar relacionamento duradouro.

Com nossa análise, observamos que conceitos de campos semânticos diferentes são usados de forma sistemática e coerente na construção de um domínio alvo. Esses conceitos estão interligados, contribuindo para a afirmação de uma visão religiosa de relacionamento. Do conceito *recipiente* são usadas as características *entrar*, *no* e *dentro*, do domínio origem *guerra* são usadas as que servem para proteção, como *blindar*, *proteger*, *resolver conflitos*, *lutar* etc., do domínio *negócio*, foram usadas *investimento*, *trabalhar*, *sucesso*, *empresa*, etc., dos seres vivos, por sua vez, foram as características *sobrevivência*, *felicidade*, *enjoar* etc., do conceito *viagem*, foram: *bagagem*, *mochila*, *direção* etc., do conceito *máquina* foram: *funcionar*, *ajuste de foco*, *consertar* etc., do *jogo* foram: *entrar para o time*, *árbitro*, *juiz* etc. e do conceito *construção*: *base*, *construir*, *restaurar* etc. Ou seja, todos esses domínios origem corroboram para a manutenção de um posicionamento religioso de relacionamento.

No discurso do médico, foram utilizados cinco domínios origem para categorizar o conceito em análise, dos quais apenas dois se mostraram significativos: *ser vivo* e *construção*, conceitos esses também utilizados no domínio religioso, porém enfocando características distintas. Os aspectos utilizados do domínio dos *seres vivos* são justamente os relacionados à *saúde* ou à *doença*. Quanto às características das *construções*, remetem à durabilidade, ao próprio ato de construir. Os outros três domínios foram *alimento*, utilizando as características *tempero* e *sabor*; *recipiente*, enfocando a parte interna *estar no*; e *guerra*, utilizando as características *digladiar*, *trincheiras* e *combate*. A argumentação apresentada no segundo livro aponta, portanto, para a construção de relações saudáveis, por isso também duradouras. A preocupação principal no segundo livro é o bem estar, ou seja, a saúde mental das pessoas. O grupo de metáforas usado nesse domínio,

principalmente as atualizadas pelos domínios origem *ser vivo* e *construção*, estão interligadas, para divulgar o objetivo pretendido pelo locutor, ou seja, pelo escritor do livro.

Em relação às perguntas retiradas do site, dos cinco conceitos utilizados, quatro deles também remetem à mesma ideologia já apresentada. As características empregadas, principalmente as que atualizam a metáfora mais recorrente nesse domínio, RELACIONAMENTO É PESSOA, acabam atualizando a ideologia identificada no domínio religioso e da saúde mental, através do adjetivo *sério*. Os domínios origem utilizados para categorizar o relacionamento foram *pessoa*, através do uso das características *sério*, *saudável*, *íntimo* etc.; *recipiente*, pelas características internas e externas, ou seja, enfocando tanto o *entrar* como o *sair*; objeto, através do uso do verbo *ter*; *viagem*, enfocando o percurso da viagem, como *ir rápido demais*; e *investimento*, a partir do uso do verbo *investir*.

Neste último domínio, as metáforas também estão relacionadas, porém uma característica diferente é utilizada: a que possibilita o *sair* do relacionamento.

Com base no *corpus* analisado, podemos afirmar que não há um único domínio origem que categoriza o domínio alvo *relacionamento*, mas um conjunto sistemático deles. Cada domínio origem utilizado fornece alguns aspectos para a construção do conceito de *relacionamento* em nossa cultura, de acordo com os objetivos pretendidos, como demonstrado anteriormente. As expressões linguísticas analisadas atualizam uma rede de metáforas conceituais que nos mostram como esse conceito é construído, interpretado e vivenciado, bem como a principal ideologia implícita na construção das metáforas.

Essa variação de domínios utilizados na categorização do domínio alvo *relacionamento* é decorrente da experiência corporal, pessoal, social, histórica e atividade neuronal do cérebro, conforme estudado por Kövecses (2005). Esta pesquisa confirma que a metáfora é realmente inerente à linguagem, à cultura e ao pensamento. Além disso, através do uso de determinadas marcas linguísticas, evidencia-se a reprodução de uma ideologia.

É importante ressaltar que a TMC não dá conta de explicar como ocorre o mapeamento entre os domínios origem e alvo, em nosso cérebro, porém há outros tipos de estudo, realizados através de experimentos, que lançam luzes sobre as possíveis ligações desses aspectos no funcionamento de nossa mente.

O uso desses domínios origem em nossa cultura para construir o conceito de relacionamento caracteriza o que Lakoff (1987) denomina de Modelo Cognitivo Idealizado, pois eles organizam e estruturam nossa experiência com o termo *relacionamento*. Essa organização é feita sempre do domínio origem para o domínio alvo, em cada metáfora específica.

Para compreender o conceito de *relacionamento*, que não existe concretamente no mundo, nós recorremos a outros conceitos que são mais claramente delineados, mais próximos de nossa realidade, que são apreendidos mentalmente, como mostrado na análise. Verificamos que, em cada conceito metafórico, um domínio origem e um domínio alvo estão relacionados numa estrutura conceitual, em que aspectos de um do primeiro domínio são mapeados no segundo domínio.

As metáforas conceptuais levantadas a partir da análise dos dados são aceitas como “verdades”, no contexto em que são usadas, ou seja, são apresentadas como sendo do senso comum. De acordo com Goatly (2007), as ideologias são mais difíceis de serem notadas, quando implícitas em metáforas conceptuais convencionais. É justamente o que ocorre com as expressões linguísticas que formaram nosso *corpus* de investigação, pois a maioria atualiza metáforas convencionais, ou seja, que já estão inscritas na língua, por isso não chamam mais a atenção, como poderia fazer o uso de expressões linguísticas novas.

Conforme estudado por Espíndola (2007, 2011), na publicidade, o uso de expressões linguísticas e de metáforas inovadoras predomina, pois o intuito é chamar a atenção dos possíveis consumidores para o produto que está sendo propagado. Como vimos nos pressupostos, essas metáforas servem a vários propósitos e têm por característica principal o uso da personificação como recurso persuasivo. Por outro lado, o uso de expressões linguísticas e de metáforas conceptuais convencionais é corriqueiro, tornando a difusão das ideologias mais difícil de ser notada.

No *corpus* investigado, as metáforas que predominaram, por serem atualizadas em mais de um domínio discursivo, foram:

- RELACIONAMENTO É RECIPIENTE;
- RELACIONAMENTO É GUERRA;
- RELACIONAMENTO É SER VIVO/PESSOA;
- RELACIONAMENTO É VIAGEM; e
- RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO

Portanto, podemos inferir que, em nossa cultura, a tendência é conceptualizar o *relacionamento* em termos de *recipiente*, *guerra*, *ser vivo/pessoa*, *viagem* e *construção*. As expressões linguísticas que atualizam essas metáforas deixam transparecer uma ideologia particular, que se realiza nos três domínios discursivos.

Nossa análise demonstra que, para a construção do conceito de relacionamento, são usados aspectos de outros conceitos, de forma sistemática, pois cada conceito fornece aspectos distintos, mas coerentes entre si, para a construção do domínio alvo *relacionamento*. Esse conjunto de conceitos forma uma rede de metáforas, utilizada de forma consistente, na elaboração do conceito em análise.

O domínio origem *recipiente* fornece os aspectos da delimitação necessária quando se trata de um relacionamento amoroso. Nesse recipiente, só cabem os envolvidos na relação. Esse conceito se relaciona com o domínio origem *guerra*. Para conseguir a delimitação do espaço no relacionamento/recipiente, é necessária uma blindagem, para que não venha a ser atacado por membros externos. Ao mesmo tempo, esse relacionamento é visto em termos de *viagem*, pois viver no relacionamento depende de bagagem, que são as experiências passadas dos cônjuges, de um trajeto, que são os objetivos de vida deles, um destino, que é a satisfação conjugal, dentre outros.

Negócio e *investimento* também se relacionam, fornecendo as características positivas desses conceitos, pois envolvem valorização, trabalho em parceria, resultados etc. Do mesmo modo, o conceito de *jogo*, que remete à equipe, cooperação, regras. As características dos *seres vivos*, por sua vez, ajudam na construção do conceito *relacionamento* a partir de nossas próprias experiências enquanto membros dessa categoria. As características da *máquina* remetem à sua funcionalidade. Já do conceito *objeto*, utiliza-se a posse. As de *construção* remetem à sustentação, ou seja, à durabilidade do relacionamento. E os aspectos dos *alimentos* enfatizam o sabor.

Sendo assim, percebe-se um conjunto coerente de conceitos usado sistematicamente por nosso aparato cognitivo, e evidenciado no discurso através do uso de expressões linguísticas metafóricas, para conceptualizar o conceito de *relacionamento* em nossa cultura.

A análise empreendida a partir do *corpus* em estudo nos permite afirmar que há determinados conceitos que servem de base na conceptualização metafórica de outros, deixando transparecer uma ideologia. Há um conjunto sistemático de conceitos usados para

a compreensão do domínio alvo em análise, através do qual se propagam as posições sociais/ideológicas/religiosas, mostrando que o discurso não é neutro, mas motivado.

CONSIDERAÇÕES

Partindo de um ponto de vista cognitivo, esta pesquisa analisou a atualização de metáforas conceptuais em três domínios discursivos, considerados, na perspectiva da analista, como: domínio religioso, domínio da saúde mental e espaço virtual. Tencionamos verificar como o conceito *relacionamento* é categorizado e vivenciado em dois livros, a saber: *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*, representante do domínio religioso; *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*, do domínio da saúde mental; e em cento e cinquenta perguntas retiradas de um site de relacionamento, representando o espaço virtual.

Nosso objetivo geral consistiu em investigar a categorização do conceito *relacionamento* no *corpus* supracitado, através de expressões linguísticas metafóricas, e sua relação com a cultura e a ideologia.

Como referencial teórico, utilizamos a Teoria da Metáfora Conceptual, na visão de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), para a identificação das metáforas conceptuais que subjazem às expressões linguísticas metafóricas levantadas no *corpus*; a noção de Modelo Cognitivo Idealizado, defendida por Lakoff (1987), o qual explica que a metáfora conceptual é uma operação cognitiva, que envolve o estabelecimento de determinados modelos, criados culturalmente; a relação entre metáfora e cultura, na visão de Kövecses (2005), e a noção de ideologia, discutida por Goatly (2007), que nos mostra como determinadas ideologias são transmitidas na sociedade através de metáforas conceptuais convencionais, como sendo do senso comum.

A análise dos dados revelou que as metáforas conceptuais que categorizam o domínio alvo *relacionamento* em nossa cultura, com base no *corpus* analisado, no geral são convencionais. Como pudemos verificar na análise, as metáforas RELACIONAMENTO É RECIPIENTE e RELACIONAMENTO É SER VIVO/PESSOA foram atualizadas nos três domínios discursivos, funcionando, dessa forma, como fundamentais na elaboração do domínio alvo mencionado. Do domínio *recipiente*, são mapeados os aspectos *entrar* e *sair*, mas, dependendo dos objetivos do locutor, um ou outro aspecto será enfatizado em cada domínio discursivo. Já do domínio *seres vivos* são mapeados tanto características físicas como as que se referem ao caráter. No entanto, as expressões linguísticas utilizadas variam de acordo com os objetivos pretendidos em cada domínio discursivo.

Já as metáforas RELACIONAMENTO É VIAGEM e RELACIONAMENTO É NEGÓCIO/INVESTIMENTO foram atualizadas no domínio religioso e no espaço virtual, enfatizando a bagagem e o percurso, na primeira, e o investimento, o trabalho em parceria, na segunda. As metáforas RELACIONAMENTO É GUERRA e RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO foram atualizadas no domínio religioso e no da saúde mental, através dos aspectos que se referem à blindagem, na primeira, e à durabilidade, na segunda. As metáforas RELACIONAMENTO É MÁQUINA e RELACIONAMENTO É JOGO apenas no religioso. Dessa vez, a partir dos aspectos funcionamento e parceria. A metáfora RELACIONAMENTO É ALIMENTO foi identificada somente no domínio da saúde mental, realçando os aspectos do tempero, e a metáfora RELACIONAMENTO É OBJETO só no discurso do espaço virtual. Nessa última, os aspectos utilizados são aqueles que se referem ao ato de possuir. Conforme observamos em Kövecses (2005), esses domínios origem são acordados por uma comunidade de falantes, portanto influenciados culturalmente.

Percebemos que, apesar de ser usado o mesmo domínio origem em mais de um domínio discursivo, as expressões linguísticas abordam aspectos distintos. Essa diferença na categorização do domínio alvo em cada domínio específico confirma os postulados de Kövecses (2005), segundo os quais, até dentro da mesma cultura pode haver variação no uso de uma metáfora.

De acordo com as intenções dos autores, em cada domínio específico, são escolhidas determinadas expressões linguísticas e não outras. De um modo geral, essas metáforas desempenham um papel fundamental na compreensão e no raciocínio humano, além de ajudar na criação de nossa realidade social, cultural e psicológica no que tange à categorização do domínio alvo em análise.

Resumimos a seguir as metáforas identificadas no *corpus*:

DOMÍNIO RELIGIOSO	RELACIONAMENTO É RECIPIENTE
	RELACIONAMENTO É GUERRA
	RELACIONAMENTO É NEGÓCIO
	RELACIONAMENTO É SER VIVO
	RELACIONAMENTO É VIAGEM

	RELACIONAMENTO É MÁQUINA
	RELACIONAMENTO É JOGO
	RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO

DOMÍNIO DA SAÚDE MENTAL	RELACIONAMENTO É SER VIVO
	RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO
	RELACIONAMENTO É ALIMENTO
	RELACIONAMENTO É RECIPIENTE
	RELACIONAMENTO É GUERRA

DOMÍNIO DO ESPAÇO VIRTUAL	RELACIONAMENTO É PESSOA
	RELACIONAMENTO É RECIPIENTE
	RELACIONAMENTO É OBJETO
	RELACIONAMENTO É VIAGEM
	RELACIONAMENTO É INVESTIMENTO

No domínio discursivo religioso, as metáforas que foram atualizadas com maior número de expressões linguísticas metafóricas foram: RELACIONAMENTO É RECIPIENTE, com 75 expressões; RELACIONAMENTO É GUERRA, com 35 expressões; RELACIONAMENTO É NEGÓCIO, com 29 expressões; RELACIONAMENTO É SER VIVO, com 24 expressões; e RELACIONAMENTO É VIAGEM, atualizada por 21 expressões linguísticas.

Esse domínio discursivo apresentou uma variedade maior de domínios origem categorizando o domínio alvo *relacionamento*. São oito metáforas que dialogam entre si para a categorização desse conceito. Acreditamos que a escolha das características utilizadas desses domínios origem é influenciada pelo domínio discursivo religioso, reforçando a ideologia do casamento duradouro, “até que a morte os separe”, difundida por esse domínio.

Por outro lado, no domínio discursivo da saúde mental, a metáfora que apresentou maior número de expressões linguísticas foi RELACIONAMENTO É SER VIVO, com 37 expressões linguísticas. Ressalte-se que os aspectos utilizados do domínio origem *ser vivo* foram predominantemente *saudável* e *doente*, demonstrando que também houve influência do domínio discursivo na escolha desses aspectos.

Já no domínio discursivo que representa o espaço virtual, a metáfora que obteve o maior número de expressões linguísticas foi: RELACIONAMENTO É PESSOA, com 50 expressões linguísticas, nas quais a característica predominante foi o adjetivo *sério*. Como não há características peculiares, a priori, que identifiquem esse domínio, por se tratar de um domínio representado por pessoas comuns, que não defendem explicitamente uma ideologia, podemos afirmar que o discurso dessas pessoas está imbuído da ideologia presente no discurso religioso, uma vez que o adjetivo *sério* leva ao entendimento do relacionamento como duradouro, pois, em nossa cultura, o relacionamento sério é propagado como uma união estável entre duas pessoas, reconhecida ou não em cartório, portanto com perspectiva de que seja duradoura.

O domínio que apresentou o maior número de metáforas conceptuais foi o domínio religioso, no qual identificamos 8 (oito) metáforas conceptuais. Os outros dois domínios, o da saúde mental e o do espaço virtual, apresentaram 5 (cinco) metáforas conceptuais cada um. A variedade de metáforas atualizadas no *corpus* estudado demonstra, portanto, a riqueza de operações cognitivas que dispomos em nossa cultura para categorizar o conceito de *relacionamento*. Dependendo da experiência vivenciada ou que se queira salientar, será utilizado um domínio origem específico para caracterizar o domínio alvo em questão, com características também peculiares.

No livro *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*, verificamos que o principal domínio origem que caracteriza o domínio alvo *relacionamento* é o conceito *guerra*. Conforme vimos em nossa análise, estar em um relacionamento significa estar em uma guerra, mas numa guerra para que nada o destrua. A guerra atualizada e defendida no discurso não é a vivenciada entre os próprios parceiros no relacionamento, que veem um ao outro como adversários, mas forças externas, que podem fazer de tudo para acabar com o relacionamento, por isso ele deve ser blindado. Essa conceptualização de relacionamento é reconstruída do ponto de vista religioso, salientando-se que os cônjuges não podem ver um ao outro como adversários, mas lutar juntos para blindar o relacionamento contra esses ataques externos.

Já no livro *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*, assim como nas perguntas retiradas do site *Par Perfeito*, a metáfora predominante foi RELACIONAMENTO É SER VIVO/PESSOA, seguida do conceito metafórico RELACIONAMENTO É CONSTRUÇÃO, no primeiro caso, e RELACIONAMENTO É RECIPIENTE, no segundo.

A análise interpretativa dos dados sugere, portanto, que existe um conjunto de metáforas conceptuais interligadas que é utilizado para a categorização do domínio alvo *relacionamento* em nossa cultura, através dos domínios discursivos estudados, ressaltando que os aspectos utilizados nas expressões linguísticas metafóricas são influenciados pelo domínio discursivo, confirmando, assim, a hipótese aventada no início da pesquisa. Percebemos que a linguagem utilizada nos dois livros é planejada, pensada, para atingir os objetivos pretendidos. Por outro lado, a linguagem das perguntas analisadas é mais “solta”, ou seja, menos planejada. No entanto, em todos os casos, os autores não sabem que estão usando metáforas cognitivas.

Nos três domínios discursivos, identifica-se uma ideologia que permeia as metáforas conceptuais atualizadas no *corpus* investigado, mostrando que a visão religiosa ainda continua imperando quando o assunto é *relacionamento*. De forma consciente ou não, nos discursos analisados, a visão religiosa de relacionamento se sobressaiu, pois as expressões linguísticas utilizadas, em sua maioria, remetem para a construção de um relacionamento duradouro.

Os dados desta pesquisa confirmam, pois, os pressupostos de Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987) de que a razão humana é experiencialista. Dessa forma, corrobora-se a ideia de que a mente não é apenas um processador de símbolos, mas opera de acordo com nossas experiências no mundo, categorizando nossas experiências e formando MCIs que auxiliam no entendimento da linguagem.

Sendo assim, o conceito de *recipiente*, que temos idealizado como um objeto, com um lado de dentro e lado de fora, é utilizado para o entendimento do conceito *relacionamento*; o domínio *viagem*, ou seja, realizações linguísticas que envolvem passageiros, bagagens, um destino a ser seguido e um ponto de chegada; o domínio *ser vivo*, com suas características peculiares, como saúde e felicidade, por exemplo; o domínio *negócio*, em que há investimento, falência, empresa, sucesso, resultado, parceria, líder, vender, perder e ganhar; o domínio *guerra*, em que há adversários, defesa, ataque, blindagem, conflito, luta, conquista etc.; o domínio *máquina*, que envolve funcionar, falhar, ter um ajuste de foco e, às vezes, precisa de conserto; o domínio *jogo*, em que há uma competição, árbitro, regras, ganho, perda etc.; o domínio *construção*, que tem arquiteto, base, telha etc.; e o domínio *alimento*, com os aspectos tempero e sabor. Enfim, o sistema cognitivo humano faz uso de uma variedade de conceitos com os quais temos experiência mais concreta para o entendimento de um determinado domínio alvo.

Todos esses aspectos do domínio origem que são vivenciados em nossas experiências diárias e com os quais temos mais proximidade são utilizados na caracterização do conceito *relacionamento* nos textos estudados.

Esse uso demonstra a riqueza da capacidade cognitiva do ser humano, que permite o mapeamento entre domínios diferentes, mas que interagem de forma sistemática na elaboração do conhecimento linguístico. A aplicação dos pressupostos da TMC na análise dos textos que formaram nosso *corpus* confirma a ideia de que o conhecimento linguístico é construído segundo as nossas experiências diárias com o mundo e, quando não é possível essa experiência direta, nosso sistema cognitivo faz uso de mecanismos indiretos para elaborar esse conhecimento, como é o caso da categorização do conceito em análise.

Ao aceitarmos os postulados de Lakoff e Johnson (1980), a distinção tradicional linguagem literal/ linguagem metafórica cai por terra, uma vez que nossa linguagem cotidiana é metafórica em sua natureza, como demonstrado por esta pesquisa, em que um conceito abstrato só é compreendido a partir do uso de outros conceitos mais claramente delineados.

Com esta pesquisa, identificamos as principais metáforas que são usadas para a categorização do conceito de relacionamento em nossa cultura e a ideologia transmitida pelo uso dessas metáforas, representadas nos três domínios investigados. A principal ideologia latente, através do uso das metáforas no *corpus* em estudo, foi: casamento é para ser duradouro, “até que a morte os separe”. Verificamos que diversos domínios fonte foram utilizados para categorizar um domínio alvo particular, *relacionamento*. No entanto, todos estão relacionados a serviço dessa ideologia. Então, o que temos em nossa cultura é um conjunto de conceitos que são selecionados de acordo com a experiência que se quer salientar e com o domínio discursivo, que é usado como fonte para o entendimento do domínio alvo *relacionamento*.

Acreditamos que o universo de textos utilizado nos permitiu verificar o funcionamento do conceito de *relacionamento* enquanto direcionador da forma que pensamos, entendemos e agimos em nossa cultura quanto a viver a dois, mesmo que apenas de forma parcial, uma vez que temos à disposição diversos domínios discursivos, que podem ser estudados em outras pesquisas e revelar posicionamentos divergentes quanto à atualização do domínio alvo em análise.

Assim, esta pesquisa abre a possibilidade de outros estudos serem realizados em *corpus* e discursos diferentes, a fim de que se chegue a um conjunto de dados mais amplo

sobre as metáforas usadas para categorizar o domínio alvo *relacionamento* em todos os domínios discursivos presentes em nossa cultura e as principais ideologias ocultas através do uso de expressões linguísticas metafóricas.

Quanto aos nossos objetivos específicos, verificamos que há pelo menos duas metáforas conceptuais que se atualizaram nos três domínios investigados: RELACIONAMENTO É RECIPIENTE e RELACIONAMENTO É SER VIVO/PESSOA, indicando que são metáforas básicas para a categorização do conceito em análise. No primeiro livro analisado, as expressões que atualizaram a metáfora RELACIONAMENTO É RECIPIENTE predominaram; no segundo livro, bem como nas perguntas analisadas, as expressões que se sobressaíram foram as que atualizam a metáfora conceptual RELACIONAMENTO É SER VIVO/PESSOA. Averiguamos também que as características mapeadas dos domínios origem para o domínio alvo são influenciadas pelo domínio discursivo. Quanto à inscrição das metáforas no *corpus* investigado, constatamos que são metáforas convencionais. Finalmente, observamos que as expressões linguísticas metafóricas identificadas no *corpus* refletem o posicionamento cultural e ideológico dos locutores, marcando uma visão judaico-cristã de relacionamento.

Diante do que discutimos até aqui, evidencia-se a necessidade de uma mudança no tratamento e disseminação da metáfora enquanto fenômeno linguístico e objeto de estudo. Ela não pode mais ser vista como um desvio da linguagem comum ou um ornamento, por isso estudada apenas no campo literário, mas como uma construção mental indispensável na elaboração dos mais variados conceitos, sejam eles figurativos ou não. Portanto, seu campo de estudo não pode mais ser delimitado à literatura, mas estendido ao ensino de língua, como componente de significado fundamental no entendimento da linguagem do dia a dia.

Por fim, ressaltamos que a análise aqui empreendida representa apenas uma possibilidade, uma vez que outras leituras podem ser realizadas com outras propostas de interpretação para as expressões apresentadas. Por isso, nossa análise não se mostra de forma alguma acabada, mas serve como ponto de partida para pesquisas posteriores que visem aprofundar o estudo acerca do conceito *relacionamento* em outros domínios discursivos e/ou em outras culturas.

REFERÊNCIAS

ALDRIGUE, N. S. *A metáfora conceptual como um recurso argumentativo em folderes turísticos*. 2007, 78 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

ARISTÓTELES, *Retórica*. Oxford: Oxford University Press, 1959. (Coordenador da tradução: Manuel Alexandre Júnior), 2005.

BARCELONA, A. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads*. New York: s.e., 2003.

BÍBLIA. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro: Ed. Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, 1995.

BRUNDTLAND, G. H. “Mensagem da Diretora-Geral”. In: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório sobre a saúde o mundo*. Saúde Mental: Nova Conceção, Nova Esperança, 2001. Disponível em <<http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>>

BRANDÃO, H. H. N. “Analisando o discurso”. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). *Portal da Língua Portuguesa*. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006. Disponível em <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf> Acesso em 11 de agosto de 2014.

CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. London: Continuum, 2003.

CARDOSO, R.; CARDOSO, C. *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

CARNEIRO, P. L. *Metáforas conceptuais da corrupção a charge e no blog jornalístico*. 2012, 212 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

CURY, A. *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2011.

DIJK, T. A. V. *Ideology and discourse: a Multidisciplinary Introduction*. Pompeu Fabra University, Barcelona, 2000. Disponível em <

<http://www.discourses.org/UnpublishedArticles/Ideology%20and%20discourse.pdf> >
Acesso em 06/01/2015.

ESPÍNDOLA, L. C. “A metáfora conceptual ontológica na publicidade”. *Revista Gelne. João Pessoa*, v. 7, n. 1/2, p. 19-28, 2005.

_____. “A metáfora ontológica, publicidade e leitura”. In: ESPÍNDOLA, L.C.; SOUSA, M. E. V. (orgs.). *O texto: vários olhares, múltiplos sentidos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

_____(org.) *Metáforas conceptuais no discurso*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2011.

FELTES, H. P.M. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, 392 p. disponível em: <http://pedagogiaaopedaletra.com/livro-online-semantica-cognitiva-ilhas-pontes-e-teias-heloisa-pedroso-de-moraes-feltes/> Acesso em 01 de setembro de 2015.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, B. C. *Dilma: mãe ou madrasta? Metáforas conceptuais que categorizam a presidente em charges*. 2015, 223p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

GEERAERTS, D. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GOATLY, A. *Washing the Brain: Metaphor and Hidden Ideology*. Amsterdam, NLD: John Benjamins Publishing Company, 2007.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado em linguística). University of California, Berkeley, 1997.

JÚNIOR, M. A. “Introdução”. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. Biblioteca de autores clássicos. Lisboa, 2005 (coordenação de tradução: Manuel Alexandre Júnior).

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: OUP, 2010 [2002].

_____. *Metaphor in Culture: Universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDU, 2002 [1980].

_____. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G. "Conceptual metaphor: The contemporary theory of metaphor". In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: Basic Reading*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 185-238.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar*. V. 1, Theoretical Prerequisites. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

_____. *Concept Image, and Symbol: the Cognitive Basis of Grammar*. Cognitive Linguistics Research, 1. Berlin: New York, Mouton de Gruyter, 1990.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar*. V 2. Descriptive Application. Stanford: California, Stanford University Press, 1991.

LEEZEMBERG, M. *Contexts of metaphor*. The Netherlands: Elsevier, University of Amsterdam, 2001.

OLIVEIRA, L. A. *Manual de Semântica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

REDDY, M. "The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language". In: ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 284-324.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. "Family resemblances: studies in the internal structure of categories". In: *Cognitive Psychology* 7, 1975, p. 573-605.

ROSCH, E. "Principles of categorization". In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (eds.) *Cognition and Categorization*, 1978, p. 27-48.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, J. M. *As funções semântico-discursivas da metáfora conceptual em propagandas veiculadas em outdoors*. João Pessoa, 101p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, 2007. 2006.

SOARES DA SILVA, A. "A linguística Cognitiva: uma breve introdução, a um novo paradigma em Linguística". *Revista Portuguesa de Humanidades* 1, 1997, p. 59-101.

_____. "Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva". In: Augusto Soares da Silva, Augusto Soares da. TORRES, Amadeu & GONÇALVES, Miguel. (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, pp.1-18. Disponível em <http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11_silva.html> Acesso em: 29 de março de 2014.

TALMY, L. "How language structures space". In: H. Pick L. Acredolo (eds.). *Spatial Orientation: Theory, research, and application*. New York: Plenum Press, 1983. p. 225-282.

_____. "Force dynamics in language and cognition". *Cognitive Science*, 12, 1988. p. 49-100

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*, 2nd ed. (aumentada): Oxford, Clarendon Press, 1995.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *A Mente Incorporada: Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda, 2003.

VEREZA, S. (org.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Eduff, 2012.

ZANOTTO, M. S. et. al. “Apresentação à edição brasileira”. In: LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDU, 2002 [1980].

Site consultado:

<http://www.parperfeito.com.br/Responde/opshow/answerid13339/p-1/f-1/n-1/?orig=1951>
Acesso entre fevereiro e maio de 2013

ANEXO – Perguntas do site *Par Perfeito*

Pergunta 01: Mesmo namorando eles procuram outras mulheres

Dá para confiar? *Já tive namorados que conheci pelo site (todos na faixa de mais de 40 anos, beirando os 50). O que percebo é que a maioria (**mesmo estando num relacionamento**) continua buscando alguém no site, e provavelmente saindo com outras.* O site seria como uma vitrine - onde você pode experimentar à vontade. Não sou de cobrar nem patrulhar ou pegar no pé, mas pelas atitudes dá para perceber. Não preciso ficar me auto afirmando, me achando o máximo por sair com várias pessoas ao mesmo tempo. Sou sempre sincera e exponho claramente o que quero.

Pergunta 02: Ele só fala do passado

Tínhamos uma relação ótima, pois já nos conhecíamos antes. Marcamos de sair, mas ele começou a falar do passado.

Pergunta 03: O site é o local ideal para encontrar alguém legal?

Como posso acreditar em um perfil descrito em um site de relacionamento se a pessoa fala a verdade e se o interesse é mútuo. *Procuro um **relacionamento sério**, mas tenho dúvidas se é o local adequado.*

Pergunta 04: Posso encontrar minha alma gêmea mesmo estando acima do peso?

*Estou em dúvida se devo continuar **tentando um relacionamento nas redes sociais**.* Tenho 51 anos, sou evangélica e estou acima do peso. Acredito que dificilmente algum homem interessante tentará uma aproximação. Eu prefiro manter a verdade sobre mim e tentar do que mentir e encontrar alguém que depois se decepcione. Você acha que estou certa? Eu optei pela rede porque já faz quase seis anos que estou só e me sinto um pouco carente. Você tem algum conselho pra mim?

Pergunta 05: Tive câncer. Isso pode afetar na relação?

Tive um câncer. Isso assusta o paquera nos primeiros encontros? Foi detectado essa doença na região da cabeça e do pescoço, mas felizmente tratei e passo por acompanhamento. Após cirurgia fiquei com um corte visível no pescoço. Como e quando abordar o assunto com meu futuro paquera? Logo nos primeiros encontros? Não sou favorável esconder a verdade, mas tem gente que assusta com o simples nome da doença. Ele é um pouco mais novo que eu e isso me deixou um pouco insegura. O que fazer?

Pergunta 06: O que será que está acontecendo com os homens desse site?

Estou neste sitio há 11 anos e até o momento não encontrei alguém com a afinidade que descrevi. Se mando mensagem, não me respondem , ou se demonstram interesse , não tem web , não colocam fotos e mentem a idade. *Sinceramente quero **um relacionamento sério**, como o perfil que descrevi, será que devo mudar de site?* Será que pensam que estou aqui para brincar? O que será que acontece com os homens? Até hoje conheci dois homens

aqui. Saímos poucas vezes para dançar, mas senti no ar que só estava interessado em tirar proveito da situação. Por quê?

Pergunta 07: Onde estou errando?

Sou bonita, honesta, fiel, carinhosa e... sozinha! Onde estou errando? *Pela minha aparência e pelo meu modo carinhoso de ser, **assim que começo um relacionamento**, todos já se dizem apaixonados (tanto que aqui no site os que não vieram me encontrar, estavam prontos pra isso).* Mas bastam algumas discussões e que eu exponha minhas ideias (pois sou muito segura, independente e não admito meias palavras) e pronto, tudo termina! Eles desaparecem, aquele amor infinito acaba e me encontro novamente só. *Por que isso? Será que para **segurar um relacionamento** tenho que fingir, representar uma mulher que não sou ou engolir sapos? Me ajudem, por favor.*

Pergunta 08: Será que devo confiar nele?

Olá! Tenho 40 anos, sou divorciada e conheci há 3 meses um homem divorciado de 47 anos. Ele havia se transferido para a cidade há apenas 1 mês e nos conhecemos no site, mas logo descobrimos que trabalhamos na mesma área e com círculo de conhecidos em comum (sou médica e ele é administrador-presidente de um grande hospital). *Somos ambos sinceros, amadurecidos, muito afetuosos, **transparentes no relacionamento**.* Desde o primeiro encontro fluiu espontaneamente de ambas as partes: a admiração mútua, a atração intensa, a confiança, a sensação de estar diante da pessoa certa e sonhada. Nós dois nos apaixonamos rapidamente, mas ele foi o mais direto em falar de seus sentimentos, dizendo claramente que sou a mulher da vida dele, por quem esperava há 47 anos, e que todos esses anos ele se preparara para mim e já sonhava com um futuro ao meu lado. Porém 2 semanas após nos conhecermos –já apaixonados– ele muito triste me revelou que tem uma namorada há 1 ano, pela qual ele afirma nunca ter sido tão apaixonado, mas que sente carinho e consideração por ela e pela família dela. Mas sabe que ela é muito jovem (apenas 26 anos) e não se compara a mim como perfil de mulher que ele sonhou, mas que não acreditava que iria encontrar. O problema: ele disse que gostaria de deixá-la, mas que agora tem o dever moral do qual não pode fugir subitamente, pois embora sem paixão e sem prometer casamento, ele pediu que ela se transferisse para acompanhá-lo, o que ocorreu naquela semana. E então ele me perguntou se eu iria esperá-lo. Devo confiar nele? Ou ele na verdade está dividido?

Pergunta 09: Separamos mas eu ainda a amo

Eu e minha mulher tivemos uma briga muito séria, nos magoamos e nos agredimos muito com palavras. Já faz 05 meses que ela saiu de casa e foi morar com a mãe e a filha dela. Tentei conversar com ela faz uns 02 meses e disse que apesar da mágoa ainda a amava. Ela não quis saber e falou que para ela tinha acabado. Estou curtindo meu luto, mas não consigo esquecê-la, penso nela todos os dias. Hoje conversamos cordialmente, pois temos coisas juntos (como nossa casa que estamos tentando vender). Já falei outra vez para ela que a amava e precisava dela, porém ela não deu assunto. *Estou tentando conhecer pessoas interessantes nesse site, porém o entusiasmo passa logo e a esperança de **retornar com meu casamento de 10 anos** se vai.* Não sei mais o que faço, não sei se mantenho as esperanças ou se desisto de vez. Está dúvida me angustia muito e não deixa minha vida andar. O que vocês acham? Como podem me ajudar? O que fazer? Sinto muita falta dela.

Pergunta 10: Ele disse que era solteiro, mas era casado!

Conheci uma pessoa no site que se passou por solteiro quando na verdade era casado, quando descobri tudo dei um ponto final. Resolvi seguir minha vida, porém não consigo me interessar por ninguém que faça contato comigo e o pior: quando me interesse por alguém e não aceito sair logo de cara, os homens já pulam fora. *Não consigo mais acreditar em homem nenhum depois de tantas mentiras que ouvi e vivi desses relacionamentos anteriores que tive.* Me tornei uma pessoa totalmente desacreditada e acho que todos os homens são um bando de canalha e galinhas. O que devo fazer?

Pergunta 11: Que tipo de relação é essa?

O que pode ser isso? Após se conhecerem aqui, duas pessoas se relacionam por mais de 3 anos e durante uma conversa sobre relacionamentos ele diz que ela é apenas sua namorada, mas sem compromisso. Ela, sempre dedicada e fiel, questiona se se não há compromisso, pode acontecer a infidelidade e resolve que não quer esse tipo de relacionamento, apesar de gostar muito dele. Ela sofre por estar sozinha, mas não quer criar mais expectativas sobre algo que ele não pode oferecer. Após alguns meses da separação, ele envia e-mails e telefona dizendo que sente falta dos bons momentos juntos, viagens, etc. Por que um homem com mais de 50 anos age dessa forma? *Não quer assumir um relacionamento, mas insiste no contato.* Eu acho que quer apenas um ombro amigo que nunca negou lhe ouvir e sempre o apoiou. Novamente aqui no site me envia piscadinhas e me seleciona como predileta. Ignorei tais atividades porque se eu perguntar o que isso significa, tenho certeza que a resposta será “brincadeirinha rrsrs”.

Pergunta 12: Não consigo me relacionar

Depois do meu último relacionamento que não deu certo porque descobri mentiras, não consigo me relacionar com mais ninguém. Para mim hoje não existe ninguém mais que preste, não consigo achar ninguém interessante e estou cada vez mais exigente, não quero mais perder meu tempo com pessoas que nada querem ou que querem apenas ficar de palhaçada. Estava conhecendo uma pessoa daqui do site, teclamos e na hora de eu dar o telefone ele sequer ligou, motivo pelo qual eu resolvi bani-lo da minha vida, assim como expulsei todos os meus exs que resolveram me procurar. Acredito que se a pessoa me magoou ela não tem o direito de voltar para a minha vida.

Não sei se estou certa ou errada, o fato é não consigo ter interesse por ninguém e as decepções que tive me tornaram uma pessoa desacreditada no amor. Gostaria que me ajudassem. Aqui no site muitos homens que me escrevem são fora da faixa que busco e quando acho alguém que julgo ser interessante, o papo é só sobre sexo e eu resolvo expulsá-lo.

Pergunta 13: Ele terminou e eu quero investir

Conheci um rapaz no site de quem gostei muito e, aparentemente, ele também me achou interessante. Nos conhecemos pessoalmente, conversamos muito e passamos a noite juntos. *Ocorre que ele terminou recentemente um namoro de 2 anos (ou melhor, eles tiveram um aborrecimento e simplesmente ela não retornou as chamadas dele).* Pelas coisas que ele me contou, acho que ela não estava gostando dele no mesmo grau que ele estava gostando dela porque, além de alguns detalhes que me chamaram a atenção, ela de

imediatamente retornou ao site. Conversa vai, conversa vem, ele confessou que ainda gosta dela. Pergunto eu, devo perder meu tempo com ele? Gostei muito dele, mas tenho medo de me machucar.

Pergunta 14: Como sei que estou namorando?

Tenho 41 anos e procuro homens mais velhos. *No meu perfil deixei bem claro que não quero azaração, quero **relacionamento sério**.* Geralmente eles gostam do primeiro encontro e entram em contato depois. Como sei se estou namorando?

Pergunta 15: Será que estou indo rápido demais?

Olá, tenho uma certa dúvida com relação a uma pessoa que conheci aqui no site. Estamos conversando já tem algum tempo, porém ainda não nos encontramos, ela me disse que quer sim me conhecer pessoalmente e eu também quero conhecê-la, mas ela já me disse ser uma pessoa tímida.

A grande dúvida é: às vezes em nossas conversas fico na dúvida com relação a alguns elogios que faço a ela, por ela ser tímida e talvez não saber como responder mesmo sendo elogios que não a comprometam em nada, ela apenas responde com aqueles emoticons que demonstram timidez.

Como eu poderia interpretar essas respostas com relação aos elogios? *Será que eu talvez esteja **indo rápido demais** e esteja intimidando ela?*

Pergunta 16: Só me interessa por mulheres mais velhas que eu

Sou jovem, tenho 22 anos, até aí tudo bem, mas o problema é que o meu gosto é de se relacionar com mulheres maduras e em contrapartida eu não me enquadrando em nada. Sei que eu começo perdendo nesta busca, mas o que há é um pré-conceito em relação a idade. Se eu mentisse e pusesse a foto de um homem mais velho, com toda certeza teria uma recíproca imensa. Por outro lado, acredito que as pessoas são dignas da verdade e como o ditado diz “mentira tem perna curta”, e isto não quero. De repente pode parecer meio arrogante eu dizer isso, porém a minha realidade é que desde novo eu convivia com pessoas mais velhas, sempre gostei dessa relação de troca, de vivências e sabedoria. O fato é a dificuldade que eu tenho de me relacionar com pessoas da mesma idade que a minha e a facilidade que eu tenho de me relacionar com pessoas mais maduras, isto quando me dão a oportunidade. *Lógico que entendo que as mulheres querem um homem que as protegem, e que neste caso, uma relação nessa diferença de idade é sinônimo de obstáculos, preconceitos e **a dúvida de caminhar lado a lado**.* Sei contar o medo de ciúmes e traição. Na minha opinião existe uma essência maravilhosa, não digo na questão restrita de relacionamento mas principalmente da troca que essas duas almas de épocas diferentes se encontram. Quero a sua opinião em relação a esse encontro de épocas diferentes e principalmente da minha situação. Desde já eu agradeço. Abraços!

Pergunta 17: Será que fui precipitada?

*Conheci um homem através deste site. No 1º dia ele me disse que não queria se casar, mas namorar, pois havia **saído de um relacionamento** que durou 2 anos.* Que as mulheres que ele já tinha conhecido no site ficavam decepcionadas quando ele dizia que só queria amizade, mas afirmou que namorava. Ficamos saindo e no 4º encontro rolou. Eu já estava

me acostumando só com a amizade dele e não queria perdê-la, e disse-lhe que o que havia acontecido não deveria mudar nossa amizade. Continuamos saindo, às vezes só como amigos, e às vezes rolava algo mais, sexo. E nossas saídas foram ficando mais rotineiras, saímos todo final de semana; até que passamos um final de semana todo juntos, isso nunca havia acontecido. Depois disso, ele ficou distante, passou a me tratar com mais frieza. Mas continuamos saindo, só que raramente. Ele me bloqueou no bate-papo e passou a não mais responder minhas mensagens pelo celular. Até que eu disse que não queria mais ficar por ficar, queria alguém que gostasse de mim e de minha companhia, ele nem me respondeu. Parou de falar comigo. O que aconteceu? O que fiz de errado? Estou gostando muito dele. Ficamos saindo por 4 meses. Fui precipitada?

Pergunta 18: Ele terminou comigo, mas agora voltou a me procurar. O devo que fazer?

Há uns três anos atrás conheci um homem no site, viúvo e pai de 2 filho. Já no nosso primeiro encontro conheceu toda a minha família e foi amado por todos. Ficamos uns três meses juntos (ele frequentando a minha casa). *Mas resolveu **terminar comigo**, pois dizia que não conseguia esquecer sua esposa e seus filhos adolescentes não aceitavam o **nosso namoro**.* Nos separamos e em janeiro desse ano ele me procurou novamente, voltamos a ficar juntos, nos encontrando só para sexo. *Eu queria mais e por isso **resolvi terminar**, fui um pouco rude e ele se foi.* Só que agora novamente me procurou (me ligou dizendo que quer me ver). O que faço? Volto a encontrá-lo? Deixo ir embora? Aceito tê-lo pela metade? Ainda amo muito esse homem.

Pergunta 19: Sinto que uma pessoa só não preenche todas as minhas necessidades

O meu problema é diferente da maioria dos de outras mulheres. *Enquanto algumas se queixam que os homens que elas desejam não desejam um relacionamento com elas o que me sobra são homens querendo se relacionar, mas sou eu quem não quer um **relacionamento sério**, ou seja, definitivo e único, porque **sérios todos os relacionamentos são**.* Tenho um namorado há 6 anos, que conheci no site, que diz que me adora e vem me ver de 15 em 15 dias. Ele sempre telefona e manda mensagens românticas como se fôssemos adolescentes. Não quer compromisso nem cobrança, mas um dia me perguntou se eu sou fiel. Eu me comunico com uns 4 homens que me dizem que gostariam de me namorar, mas eu nunca encontrei com nenhum e fico enrolando eles para passar o tempo, não me interesso por outras pessoas, tendo um cara tão romântico e carinhoso ao meu lado. Mas por outro lado ele nunca saiu comigo para passear, ir ao cinema, praia, que eu adoro e tenho que ir sozinha. Às vezes tenho vontade de me encontrar com alguém diferente, porque sinto que uma pessoa só não preenche todas as necessidades de alguém. Será que estou errada?

Pergunta 20: Estou preso ao passado!

*Tenho 24 anos e estou há praticamente um ano sem **namoro sério**...* Minha primeira namorada aos 18 anos era 4 anos mais nova e não durou, tudo bem era difícil durar, pois éramos muito diferentes acabou e em 1 mês arrumei a minha segunda namorada que durou em uma primeira fase 3 anos e meio. ***Este relacionamento foi completamente tumultuado por ambas as famílias e acabou depois que meu ex-sogro faleceu e minha ex-namorada mudou de religião. Terminamos** sofri durante 2 meses e no dia que completou 1 ano ela*

*me procurou!!! Depois de 5 meses que voltamos ela resolveu **terminar de novo** e não **tentei voltar**, mas desde então as vezes penso se **não devia voltar** mas não quero sofrer mais... Penso que ela pode arrumar outra pessoa que aceite a religião dela e a faça feliz, mas ao mesmo tempo acho que ela ainda pensa em mim e também **gostaria de voltar**. Sei que este pensamento na minha cabeça só existe porque sou tímido e não consigo **chegar em outra pessoa**.*

Pergunta 21: Por que elas somem depois de passarem um tempo comigo?

*Por que eu não consigo arrumar um **relacionamento sério**, sempre conheço mulheres até muito bonitas de 30 a 43 anos, mas como eu adoro passear tanto no Brasil como fora do Brasil, elas fica de 6 até 8 meses viajando comigo. Chega um dia e elas falam para mim: quero um tempo e depois não aparecem mais. O que será que está errado comigo, essas mulheres não gastam nada do bolso delas eu sempre pago todas as contas. Será que ficam cansadas? Gostaria muito de saber como devo proceder.*

Pergunta 22: Tenho dois filhos. Pode ser um empecilho para arranjar alguém?

*Bom, eu já **venho de um casamento** não muito bom e tenho dois filhos. Será que vou encontrar alguém que me aceite com dois filhos de outro?*

Pergunta 23: Sei que não temos compromisso sério, mas até onde aceitar essa situação?

*Conheci um cara aqui no site no ano passado. Ficamos durante alguns meses, ele sempre foi muito carinhoso, mandava mensagens todos os dias. Parecia sempre muito inseguro, perguntava se eu estava ficando com outras pessoas, se falava com alguém do site. Toda vez que nos víamos, ele me dizia que eu era linda, que ele tinha muita sorte em ter me conhecido. Depois de um tempo saindo, ele começou a cancelar nossos programas, parou de mandar mensagens e, quando eu mandava, respondia sempre e me dizia que estava com problemas pessoais. **Acabei terminando tudo porque achei que ele estivesse me enrolando**. Há pouco tempo ele voltou a me procurar. Mesma coisa de antes, carinhoso, parece muito apaixonado quando estamos juntos, mas agora voltou a dar uma esfriada, já não nos vemos há algumas semanas, embora ele ainda me mande mensagens. A questão é que não sei como agir. **Da outra vez eu terminei tudo e ele voltou dizendo que sentiu saudades, que não ia mais me enrolar**. Mas pra mim parece que ele está fazendo exatamente isso. Não quero pressionar porque não temos nenhum compromisso, mas não sei até onde devo aceitar essa situação.*

Pergunta 24: Como conquistar uma mulher?

*Como de fato conquistar uma mulher? Sou um cara simpático, com objetivos de vida fortes, extrovertido, romântico, confesso que não sou o mais belo homem do mundo, porem não sou tão feio rs. Em todos meus ciclos sociais sou meio o macho alfa, tipo todos gostam de mim, todos querem a minha atenção, todos querem ser animados, contar piadas e ser como eu. Ah sim, também sou humilde que até a madre Tereza ficaria com inveja kkk. As mulheres ficam atraídas (pelo menos eu acho), elas disputam a minha atenção, me esperam na porta de saída da escola, por exemplo, para eu ir conversando com elas, etc... **Mas eu não consigo tomar o próximo passo, eu não sei o que fazer para **ter um*****

relacionamento com elas, eu crio atração, mas falta algo para perfectibilizar a conquista. O problema é comigo?

Pergunta 25: O que faço para esquecê-lo?

*Conheci pelo site uma pessoa e **tivemos um relacionamento** durante mais ou menos um ano. Gostei muito dele e ele de mim, temos uma atração incrível um pelo outro. Mas desisti dele, porque desde o começou marcava encontros e não comparecia, às vezes justificava e outras não. Vivia me mandando mensagens, mas os encontros eram esporádicos. Me deu todos os seus telefones e endereço, dizendo que podia ligar a qualquer hora. Mas, nunca fui de ligar muito. Todos os dias está on line no site. Acho que ele deve sair com todas para encontros casuais. Não pretendo me casar e nem morar junto, poderia até ir levando, mas quero um companheiro constante, um amigo presente no meu dia a dia. Então não respondo mais suas mensagens, e-mails e telefonemas. Mas, continua insistindo. O pior é que gosto muito dele. O que faço para esquecê-lo?*

Pergunta 26: Quanto tempo leva para saber se o homem deseja um relacionamento sério?

*Quanto tempo eu devo esperar para saber se o homem com o qual estou saindo realmente deseja ter um **relacionamento sério** comigo? Ficamos juntos por um mês nos vendo esporadicamente, mas sempre com entusiasmo e paixão. Quando parecia que **o relacionamento ia tomar um rumo** mais sério, acho que ele se assustou. Com medo, eu também me afastei. No reencontro, resolvemos conversar mais e percebi que ele não tem muitas esperanças **em relacionamentos**, enfrentou vários problemas **em relações anteriores**. Fico em dúvida se devo me afastar de vez - não tenho pretensão de modificar ninguém - ou se preciso ter paciência para **construir uma relação**. Mas temos mais de 40 anos, por quanto tempo ainda tenho que esperar? Por mim, eu passaria finais de semana junto e para isso precisamos fazer planos, mas, por ele, acho que isso vai demorar e talvez nem aconteça.*

Pergunta 27: Não consigo manter um relacionamento por muito tempo

*Não consigo manter um relacionamento por muito tempo. Até um ano tudo é perfeito depois **o relacionamento acaba**, muitas vezes até sem um motivo óbvio, não sei onde estou errando?*

Pergunta 28: Relacionamento sério assusta os homens?

Boa tarde! Fui bastante objetiva e sincera ao fazer meu perfil, pois acho que só dessa maneira podemos atingir nossos objetivos amorosos e atrair o homem que se afina com o que buscamos. A dúvida é a seguinte: Será que colocar no perfil que se quer compromisso sério de alguma maneira assusta e intimida os homens? Desde já obrigada.

Pergunta 29: Não consigo evoluir nos relacionamentos. Onde estou errando?

*Já estou no site há mais de 4 anos, e até hoje não consegui ninguém para **relacionamento sério**. Todos que eu marco encontro fico somente dois ou três dias e eles somem. Onde será que estou falhando? Já estou para desistir desses sites.*

Pergunta 30: Como demonstrar que não quero só sexo?

Os homens em geral só querem sexo casual... *Como convencê-los a ter um **relacionamento saudável**?*

Pergunta 31: Será que eu fiz algo errado?

Comecei a conhecer um rapaz há uns dois meses. No início, tudo bem. Mas depois ele começou com uma história de que estava com problemas e que eu compreendesse. Sempre que eu falava em nos vermos, era isso. Ficou uns dias sem me ligar e depois marcou um fim de semana pra ficarmos juntos, mas aí os filhos dele vieram para cá e até agora mal nos falamos, a não ser no trabalho ou por telefone. Conversei com ele de maneira clara, disse que já havia sofrido muito e que ele apenas fosse claro comigo, sincero. Bom, mas o que eu temia está acontecendo. Ele não responde as mensagens, às vezes retorna a ligação, e diz que vamos nos ver, a gente marca. *Já sofri muito **em relacionamentos anteriores** e sou muito ansiosa pra que dê certo.* Nisso minha autoestima fica ainda pior. Não sei o que fazer. Acredito que ele está com alguém, pois perguntei e ele me respondeu: “e se for, é da sua conta?” Depois disse que o problema era com ele, que eu tivesse paciência. De lá pra cá, só nos falamos no trabalho ou por telefone, vagamente. Eu fiz algo errado? Atraio pessoas assim? Como melhorar? *Não quero de novo ser rejeitada, pois sempre é assim **nos relacionamentos**.*

Pergunta 32: Ela tem filho e agora?

O que faço, estou atraído por uma pessoa linda, atraente, mas ela tem um filho. *Estou em dúvidas se devo ou não arriscar nesse amor, pois não tenho nenhuma experiência com criança e também quero saber quanto minha vida pode mudar se eu resolver **embarcar nessa paixão** e assumir tal responsabilidade.*

Pergunta 33: Não fazemos sexo há 1 ano!

*Como pode **um relacionamento dar certo** quando o marido diz que ama, mas está há um ano sem fazer amor?*

Pergunta 34: Pessoalmente ele muda as atitudes

Estou namorando há aproximadamente 6 meses por telefone com um cara mais velho que eu 30 anos. Nesse período nos encontramos apenas 2 vezes, pois moramos em estados diferentes. Por telefone ele é encantador, fala coisas lindas, mas pessoalmente sinto que ele é bem diferente. No último encontro dormimos juntos e ele se recusou me abraçar como havia prometido em uma de suas ligações, não quis sair comigo, saiu sozinho e só voltou 3 horas depois. Estou me sentindo confusa, pois ainda gosto muito dele. *Mande uma mensagem **terminando o namoro**, mas ainda estou sofrendo.* Não sei o que faço, e nem sei se ele gosta de mim. Preciso de ajuda embora acho que a resposta será bem óbvia. Obrigada.

Pergunta 35: Será insegurança ou algum trauma?

Olá, doutoras. *Minha pergunta é a seguinte: por que algumas pessoas, como eu, permanecem durante toda a vida sem conseguir **ter um relacionamento amoroso** mesmo o desejando ardentemente?* Simplesmente nada acontece! Será insegurança, traumas, o quê? Por favor, me ajudem com alguma orientação.

Pergunta 36: Pedir um tempo existe mesmo ou é só uma desculpa?

Tenho uma dúvida sobre relacionamento e preciso de sua ajuda! Conheci um homem neste site e começamos a namorar. Em pouco mais de um mês, ele veio com uma conversa de que era melhor ficarmos um tempo sem nos ver para saber se sentíamos saudades um do outro, porque, segundo ele, já deveria estar apaixonado por mim! Perguntei, então, como ele sabia se está ou não apaixonado? Respondeu que a pessoa apaixonada não consegue se controlar de tanta saudade. Que é algo muito forte e que não se consegue viver sem a pessoa! Ocorre que moramos em cidades diferentes, portanto, ficávamos naturalmente dias sem nos ver (só nos encontrávamos nos finais de semana e, às vezes, passávamos 10 dias separados). Depois, disse que mal conseguia dormir pensando em mim e que não havia sido fácil tomar a tal decisão. ***O namoro terminou**, mas, gostaria de saber se estou certa quando penso que foi apenas uma forma sutil de **terminar o relacionamento**?* Esta história de pedir um tempo realmente existe, mesmo quando as pessoas demoram para se reencontrar? Obrigada.

Pergunta 37: Falo ou espero ele tomar a iniciativa?

Conheci um homem aqui no site e estou entusiasmada, porém não sei como agir. *Deixo claro que estou querendo **investir no relacionamento**, ou espero ele tomar uma atitude, e fico pensando e se ele pensar da mesma forma que eu?* Obrigada

Pergunta 38: Não consigo manter uma conversa

Estou com problemas, não consigo manter uma conversa, sempre fico na retaguarda, preocupo demais com o que ele pode pensar de mim, minhas conversas sempre acabam antes de conhecer bem a pessoa que me interessa, já estou ficando preocupada. Acho que não tenho assunto, a conversa acaba ficando chata e terminamos o que devo fazer? ***Sai de um casamento de 15 anos** e estou só há 5.*

Pergunta 39: Quero uma mulher que me aceitei do jeito que eu sou!

Eu também fui casado, mas me decepcionei. Agora não tenho medo não, porque todas as pessoas não são uma só. Quero uma para ser a minha companheira, que me aceite do jeito que eu sou. É essa a minha dificuldade de achar uma gata, porque eu sou pobre. Você está coberto de razão quando diz que, apesar da decepção que teve, não tem medo de se relacionar novamente, já que as pessoas são diferentes umas das outras. ***O fato de ter se decepcionado com um relacionamento** não significa que a mesma coisa acontecerá em outra relação.*

Pergunta 40: O que faço nessa situação?

Conheci um rapaz aqui mesmo no site há alguns anos. Nos conhecemos pessoalmente, rolou uma paquerinha, ele disse que gostaria de me ver outra vez, mas eu fiquei com o pé atrás, pois durante a nossa conversa ele fez alguns comentários que eu achei muito indelicados da parte dele. Daí afim de não estragar a noite, que tinha sido muito agradável, preferi me calar. No dia seguinte ele me ligou e continuamos a conversar. Dias depois ele me ligou e disse que havia *reatado um namoro*, que entre nós não rolava mais nada. Aceitei a decisão dele e toquei a vida adiante. O excluí do programa de bate-papo para evitar qualquer contato, mas não bloqueei, daí sempre que eu estava online e ele também ele ficava me chamando, falava alguma coisinha e saía. *Enfim, o tempo passou e, quando ele terminou o namoro, voltou a me procurar.* Eu continuava sozinha, acabei aceitando sair com ele novamente, ficamos juntos. Ele já não era a mesma pessoa do primeiro encontro. Me tratou muito mal e rompemos de vez. Isso faz mais de três anos. Recentemente o reencontrei aqui no mesmo lugar que a primeira vez e desde então não consigo tirar esse homem da minha cabeça. Semana passada ele me enviou uma mensagem a qual respondi assim que pude, toda carinhosa e receptiva com ele. Daí ele me respondeu que houve um erro. Fiquei super decepcionada, penso nele todos os dias, não sei o que o destino quer dizer com tantos encontros e desencontros com essa pessoa. Enfim, minha duvida é: o que devo fazer nessa situação?

Pergunta 41: Em qual momento devo apresentar meu filho?

Qual o momento de apresentar um filho ao pretendente a namorado? Eu tenho um filho de 3 anos e como o pai, por diversos motivos, se distanciou, não tendo contato comigo nem com a criança, fico indecisa quanto ao momento de introduzir o novo namorado junto ao convívio com meu filho. Como praticamente vivemos sozinhos nesta cidade, distante de meus familiares, nossa proximidade de convívio é muito grande. Sei que todas as situações têm vantagens e desvantagens, também no meu caso. Além disso, sei que assumir uma relação com a mãe de uma criança acaba sendo um importante passo, pois: 1) *O homem sabe que virá praticamente a assumir o papel de pai, se a relação vier a ser séria;* 2) Se o namoro não evolui é mais um, e causa consequências psicológicas à criança, que se vê apegada a esse outro homem. Acho que colocá-los em contato é importante e tem que ser feito com naturalidade, mas quando? Atenciosamente.

Pergunta 42: Ser romântica demais atrapalha?

Sou extremamente romântica, portanto me sinto muito carente até mesmo de um telefonema inesperado, isto dificulta os meus relacionamentos?

Pergunta 43: Relacionamento à distância

Em primeiro lugar gostaria de parabenizá-las por esta seção do site, uma vez que a visão de um especialista, mesmo que a orientação ou resposta não seja direcionada a todos, ajuda bastante porque muitas vezes passamos por dificuldades semelhantes. *Estou no site já faz algum tempo, tive um relacionamento sério, que infelizmente não deu certo, e estou voltando agora, como assinante, para tentar novamente por acreditar que esta é uma ferramenta poderosa para conhecermos pessoas, existindo aqui os mesmos riscos do mundo real.* Mas minha dúvida é a seguinte: conheci uma pessoa no site, que já morou em

minha cidade, só que agora mora fora do país. O perfil dele é maravilhoso, pois tem tudo que procuro em um homem e, ao conversar com ele no bate-papo, só confirmei essa primeira impressão. Ele aparentemente, se mostrou uma pessoa séria, os mesmos interesses e visões que eu quanto a relacionamento, disponibilidade para viajar, deu a entender que sempre retorna ao país (na minha cidade) e que talvez se estabeleça definitivamente por aqui no futuro. O problema é que já me relacionei à distância por duas vezes e não deu certo. Eram pessoas que moravam no meu estado. Esse mora em outro país, daí meu receio... Não quero perder tempo com algo que nasça fadado ao fracasso. Penso assim pelo fato de já ter tido experiências não muito felizes no passado. A história do gato escaldado. Por outro lado, sei que as pessoas são diferentes e que cada caso, é um caso... Por isso a dúvida: devo ser racional ou ouvir meu coração? Obrigada.

Pergunta 44: Ela diz que não quer se envolver e sofrer de novo

Tenho 33 anos e conheci uma menina de 27. Neste primeiro encontro já senti o quanto ela seria especial para mim. *Durante alguns meses saímos e sempre fiz questão de mostrar o quanto via nosso **relacionamento** como algo **sério**.* Ela relutava em namorar, pois dizia que sua última experiência tinha sido ruim e por conta disso só assumiria outro namoro após ter certeza. *Surgiram conflitos, nos afastamos por uns 3 meses, mas depois ela me procurou e **começamos a namorar**.* Em 5 meses de namoro, apresentei-a a minha família e amigos, viajamos, todavia ela nunca me levou a sua casa, tampouco me apresentou qualquer amigo. Sequer disse o endereço de seu trabalho, pois como disse tinha passado por problemas com o antigo namorado. À medida que o tempo foi passando, meu sentimento de exclusão tornava-se cada vez mais forte e por isso em algumas situações fui um tanto rude e grosseiro, mas nada a que se possa atribuir gravidade. Ela decidiu se afastar de mim, não aceita um encontro para conversar e me evita a maioria das vezes pelo telefone. Já pedi desculpas pelas grosserias e lhe disse que a amava, mas ela alega que não quer passar pelo que já passou no passado e não deseja tentar de novo. Meu coração está despedaçado e não sei mais o que fazer!!! Agradeceria suas orientações. Grato

Pergunta 45: Devo insistir ou esperar o contato dela?

Caríssimos(as), tudo bem? Por gentileza gostaria de uma dica para que eu possa melhorar em algo que estou errando; *Quando resultado de um encontro com uma pessoa a qual estamos os dois **começando um relacionamento**.* Bem, eu procuro ser o mais natural possível, procuro me interessar pelos assuntos da pessoa, ser extremamente cavalheiro, ser o mais transparente possível, só que devo estar cometendo um erro enorme, pois não estou sabendo interpretar as reações, ou seja, vai tudo maravilhosamente bem, a pessoa demonstra muito interesse ao ponto até de falar em um próximo encontro, só que logo em seguida a reação é outra. Já está frio, pergunto de um outro encontro chega até a marcar, só que um dia antes já surge imprevisto ai desmarcamos. Como não quero ser inconveniente, pois já cancelou uma vez não insisto ai esfria. Por favor, pode me dar uma dica, muito obrigado. Desejo a vocês muito sucesso em suas vidas!

Pergunta 46: Será que minha investida é fraca demais?

Bom dia, por que será que começo muito bem com os pretendentes, dizem que gostaram do meu perfil e foto, mas querem logo algo mais intenso. *E, no entanto eu menciono que gostaria de começar com uma boa e sadia amizade, pra depois, então, de nos*

*conhecermos melhor, aí sim **começar um namoro**. Eles dizem que está bem. E aí somem. Gostaria de ter uma resposta, será que a **minha investida**, é amena demais??? Ou eles é que são apressados demais??? Obrigada.*

Pergunta 47: Gosto dele ou só não quero ficar sozinha?

Olá! A situação é a seguinte: conheci um rapaz aqui pelo site, conversamos por uma semana e eu tomei a iniciativa de marcarmos um encontro no shopping, e foi maravilhoso. Gostei dele de cara e ele de mim. Depois disso passamos a nos encontrar todas as semanas, nos damos muito bem. Apesar de que seja eu quem sempre tome a iniciativa para nossos encontros. Estamos ficando há quase dois meses e agora estou resolvida a falar com ele se estamos namorando ou só ficando, ele insinua, algumas vezes, como se estivéssemos namorando, mas gosto de tudo bem claro. *Apesar de que tenho medo de voltar a me relacionar sério com alguém, porque **terminei um namoro de sete anos há seis meses**.* Daí minha dúvida em saber se estou realmente a fim de me relacionar de forma séria com alguém novamente, ou se estou apenas pensando em não ficar sozinha, porque me acostumei a ter a companhia de alguém. Se puderem me ajudar, ficarei grata!

Pergunta 48: Juntos, mas em casas diferentes

*Tenho 73 anos, **já tive 4 relacionamentos** e nenhum deu certo. O último terminou ano passado: ela tinha 48 anos e durante 1 ano e meio nosso relacionamento foi muito bom.* Depois veio morar conosco o filho dela adolescente, tudo ficou complicado e não durou muito tempo. Eu me sinto como uma pessoa que tinha uma espingarda, com uma bala apenas e um leão veio em cima de mim e eu errei o tiro... Todos os meus relacionamentos foram com pessoas bem mais novas como foi este último. Será que aí está o problema? Eu sou uma pessoa sexualmente ativa, trabalho normalmente, faço diariamente atividades físicas e não pareço ter esta idade. Estou pensando em tentar um novo relacionamento, mas cada um na sua casa. O que você acha???

Pergunta 49: Estou indo rápido demais?

Gostaria muito que você me ajudasse com este problema me auxiliando. *Resolvi me cadastrar nesse site devido a nunca conseguir um **relacionamento sério**.* Geralmente os homens só querem se divertir e depois se afastam. Pois bem, estou cadastrada neste site há um bom tempo na esperança de conhecer alguém. Chego a adicioná-los no programa de bate-papo, em redes sociais, passo telefones, mas eles me ignoram. Uns chegam até a me bloquear no programa de bate-papo e nas redes sociais, não entendo porque acontece isso e o porquê de não aceitarem um simples encontro. Às vezes penso que é por causa do meu perfil, devido a ter somente o 2º grau, mas procuro perfis simples também, mas mesmo assim não dá certo. Eu não sei o que acontece, estou com 27 anos muito carente, triste e desiludida. Me ajude com um conselho, por favor. Beijos!

Pergunta 50: Terminei, mas não consigo parar de pensar nele

*Há seis meses **terminei um relacionamento** de cinco anos, mas minha vida e meus pensamentos ainda estão ligados a essa pessoa.* O que faço? Me sinto muito só, e só vivo de lembranças, sonhos e planos que acabaram apenas num adeus, sem brigas e discussões, na base do silêncio. Hoje ela visita minha página no site, deixa recado que não queria que

acabasse assim, diz que ama minha família e lamenta não poder ter me dado um único abraço. O que faço? Como lidar com essa situação? ***Nossa relação sempre foi cheia de idas e vindas.***

Pergunta 51: Será que devo evitar a separação por causa do meu filho?

Adoro ler as respostas as questões afetivas dos participantes. Me identifico com muita coisa que é dita aqui. Mas hoje queria uma opinião sobre algo que estou vivendo. Sou casada há cinco anos, mas não sou mais feliz com meu marido. Somos muito diferentes em tudo e isso gera muitas brigas. Eu gosto de sair, passeios, jantares e ele não. ***Posso dizer que nosso relacionamento caiu na rotina, os dias todos iguais, deixei de fazer o que gosto que é sair, dançar e isso tá me deixando muito mal.*** Por diversas vezes disse isso a ele e ele prometeu mudar, mas nada. Agora decidida a separar-me tivemos uma nova conversa e ele pediu novamente uma chance prometendo mudar. Mas agora acho que não gosto mais dele, não importa mais sua mudança, eu não quero mais. Porém penso no filho que temos, é pequeno e precisa da presença do pai em sua vida, tenho medo que com a separação ele se afaste do filho como forma de vingança pela minha atitude. Qual a opinião de vocês sobre isso?

Pergunta 52: Será que ele não quer nada mais sério comigo?

Estou namorando com um rapaz há quase 3 anos somos de cidades diferentes, ele já veio aqui na minha cidade conheceu meus pais, já voltou algumas vezes e nos falamos todo dia por bate-papo .Eu ainda não fui na cidade dele, mas já me enviou fotos de seus pais que moram com ele. ***Às vezes fico pensando se ele realmente quer um compromisso sério, digo casamento ou não sei o que pensar da situação.*** Será que ele tá acomodado com a situação e não irá tomar uma decisão. Eu já falei com ele da distância que estamos, mas ele diz que não é problema. Me trata com muito amor e carinho mas gostaria de uma orientação sobre o que fazer diante dessa situação. Um grande abraço!!!

Pergunta 53: Devo revelar meus sentimentos?

Olá, me chamo J. e gostaria de saber o que fazer quando estamos gostando de uma amiga. Eu tenho contato com ela, porém não a conheço pessoalmente. ***Temos ideias e opiniões bem parecidas, em uma conversa que tivemos pelo telefone ela já chegou a me dizer que sou muito romântico, e eu sou igual a ela em sentimentos, também me entrego de vez em um relacionamento.*** Me diga o que devo fazer, eu não a conheço pessoalmente, mas chegamos a marcar para conversar um pouco melhor, porém nunca deu certo. Será que devo me abrir e dizer que estou gostando dela? Toda vez que recebo uma mensagem dela meu coração acelera, meu humor muda pra melhor, abro meu sorriso, eu estaria fazendo errado em contar esse sentimento agora para ela? Eu espero que vocês possam me ajudar, agradeço pela resposta em breve.

Pergunta 54: Como me livrar do fantasma do passado?

Olá Dras. Estou numa fase um pouco complicada... ***acabei de terminar o namoro, estou insatisfeito com o meu trabalho e estou com dinheiro para viajar ou me entreter.*** Entrei no site buscando diversão, mas não consigo me entregar a nenhum relacionamento, pois ainda penso na ex. Como me livrar desse fantasma do passado?

Pergunta 55: Começo sempre pensando que não vai durar muito

*Depois que fiquei viúva não tive **sucesso em relacionamentos**. Casei com 18 anos com meu primeiro namorado, tivemos duas filhas e vivemos durante dez anos, mas nunca tivemos uma relação íntima e vida sexual ativa, pois ele sempre procurava me evitar, sempre com várias desculpas. Embora ele fosse uma pessoa maravilhosa, eu não me sentia feliz com nossa relação e sim com o jeito dele ser, porque tinha qualidades admiráveis as quais não deixavam que eu me separasse. O destino fez isso por mim. Logo me apaixonei por um homem ao contrário dele, imaturo, mas que tinha uma vida sexual ativa e sentia uma forte atração por mim, pois isso era tudo que eu queria. Com o tempo não nos entendemos por sua imaturidade e falta de responsabilidades, ficamos 5 anos entre namoro e vida a dois. Após esse **longo relacionamento** tive mais quatro que sempre acabavam em brigas e separações. O que geralmente acontece é que: a relação a dois muda, e todo comprometimento do parceiro inicialmente vai diminuindo. Sempre achei que o problema era dos parceiros com quem me relacionei, mas diante de tantos fracassos, penso ser eu a culpada, algo que faço que faz os homens mudarem comigo. Procuro ser dedicada, sincera e amante, mas mesmo assim sinto que a doação por parte deles é sempre menor em relação à minha dedicação, e vai piorando com o tempo. Hoje eu já sou negativa quando **começo um relacionamento**, tendo sempre em pensamento que tudo vai mudar pra pior, preciso de ajuda, pois não quero acabar minha vida sem um parceiro do meu lado. Muito obrigada pela atenção, gostaria de uma resposta.*

Pergunta 56: Me interesse por homens mais novos

*Tenho 50 anos, porém tanto de aparência quanto de espírito pareço ter muito menos. Talvez por isso em minha vida sempre tive mais afinidades com homens bem mais jovens. Agora me sinto sozinha e sem saída, porque os homens da minha idade não me interessam e também acontece que eles geralmente querem mulheres bem mais novas que eles. Os homens mais novos que me interessam aparentam um grande interesse por mim, mas logo percebo que **não dariam continuidade a um relacionamento** com uma mulher mais velha.*

Pergunta 57: Será que essa relação tem futuro?

*Fui casado há seis anos. Já separamos três vezes. Primeira vez com 45 dias de casado. Durou três semanas e exatamente 21 dias depois voltamos. Ficamos um ano juntos e mais uma vez separamos, jurei que era definitivo. Que nunca mais ia voltar. Durou oito meses a separação. Aí me bateu um desespero e corri atrás dela e papo vai e papo vem ela largou um namoradinho e voltou pra mim. **A relação tava indo muito bem até que resolvemos montar um bar.** E ela começou a fazer novas amizades, a brigar comigo e acabou ficando com o bar só pra ela. Daí para começar a sair com os amigos do bar para baladinhas, forrozinhos... E o pior nem me convidava e nem me avisava. Saía, umas 11 horas e voltava 3h30. Comecei a sair, toda vez que ela saía para um lado eu ia pro outro e eu chegava as 4 e meia ou 5 horas. Ela começou a me agredir verbal e fisicamente. Hoje ela tá com um namorado briguento. **Ela já terminou com ele várias vezes nestes seis meses de namoro, mas sempre voltam.** Quando ela tá brigada com ele, ela me liga todos os dias e ficamos até uma hora se falando. Às vezes me liga até quatro vezes ao dia. E quando ela não liga como ontem, eu fico triste e sinto muita falta de falar com ela. Não vou atender mais suas ligações para me valorizar. Quero saber **essa relação tem futuro?** Que faço?*

Pergunta 58: Tenho medo de me envolver novamente

Tive um relacionamento muito traumático, cheio de idas e vindas, enganos, sofrimento, dor e maus tratos, sou uma mulher bonita, bem sucedida e ainda tenho medo de me envolver novamente, o que faço? As pessoas não me interessam, sempre acho uma desculpa e tenho consciência disso, já esperei que estivesse pronta por um ano e meio, e mesmo assim, ninguém me agrada, não acho ninguém interessante e sinto falta de uma companhia para seguir a vida... Sinto-me vazia, de sentimentos, e às vezes solidão... Por outro lado, sou muito romântica, carinhosa, sensível... *E depois de **terminar meu longo relacionamento**, ainda não consegui colocar ninguém na minha vida, nem para sexo, ou sentimento...* Não tenho vontade de me entregar... Mas sei que preciso de um amor... Um novo amor...

Pergunta 59: Por que os homens preferem mulheres bem mais novas que eles?

Gostaria de saber por que homens da minha faixa etária, com até cinco anos menos ou mais de 10 anos, na sua maioria preferem as mais jovens com no máximo de 10 anos menos que eles. Sempre que entro em contato com estes, se julgam ter aparência jovem, sempre com aquele velho chavão “não aparento a idade que tenho”, sendo que um chegou a me dizer que disseram para ele (tem 54 anos) que aparentava uns 30 anos, será que não têm espelho? (as bochechas até já estão meio caídas com aquele sinal de bigode de chinês). Outro que namorei com 53 anos também se achava um jovem e acabou me trocando por uma de 45 anos e sendo que a idade mínima que querem é até as mesmas de seus filhos? Meu ex-marido também ficou com uma de 11 anos a menos que eu. Será que eles crêm mesmo que a idade só chega para as mulheres? *Não quero ficar traumatizada, mas isto já está se repetindo muito **em meus relacionamentos**.*

Pergunta 60: Somente tratar bem não é o suficiente numa relação?

Encontrei uma pessoa aqui no site e nos conhecemos em dezembro. Ficamos bem dois meses e depois disso o comportamento dele mudou. As ligações reduziram, as mensagens também. *Continuei ligando, indo ao encontro dele, mas acho que essa paciência que **devemos ter num relacionamento** há limites.* Deixei de procurá-lo também, e depois disso ele me enviou mensagens apenas. Não gosto de ficar somente em mensagem. Acho que se a pessoa está afim mesmo, ela liga, vai ao encontro. *Resumindo, não o **vejo investir na relação**.* Acho que devemos continuar somente quando percebemos que somos correspondidos. Talvez seja o jeito dele, sei lá. Quando estamos juntos sempre me tratou bem. *Mas acho que somente tratar bem não é o suficiente **numa relação**.* O que você acha? *Estou certa em **largar mão deste relacionamento**?* Vale lembrar que nunca conversamos sobre namoro.

Pergunta 61: Será que sou exigente demais?

Tenho 36 anos, solteira, sem filhos e bem sucedida profissionalmente. *Durante 12 anos **tive um relacionamento** com um homem casado, sonhando que um dia ele ficaria comigo.* Há três anos acordei desse sonho/pesadelo e agora não consigo encontrar alguém para seguir minha vida. Às vezes acho que sou muito exigente, pois estou sempre buscando alguém, pelo menos, com o meu nível cultural e social. Minha pergunta é: será que ter

vivido 12 anos em uma ilusão, agora não consigo viver a realidade? Eu que sou exigente mesmo ou são os homens que estão desinteressantes?

Pergunta 62: Como lidar com o desânimo?

Como lidar com o desânimo? *Após vários anos, várias tentativas, ainda **não consegui sequer iniciar um relacionamento sério, apenas relacionamentos curtos, de no máximo dois ou três meses.*** Cada vez que não dá certo me desanima olhar para frente e começar tudo de novo. Sei que virão novas oportunidades, mas como as anteriores não deram certo, parece que fico esperando que a próxima também não vai dar. Acabo ficando pessimista, e creio que isso possa tirar um pouco do entusiasmo e piorar minha carência. Não quero me entregar a desespero, mas está difícil. Gostaria de uma sugestão de como mudar esse pensamento, essa forma de encarar as coisas.

Pergunta 63: É amor ou dependência?

Estou divorciada há dois anos. O motivo foi traição da parte dele. ***Tentei resgatar meu casamento ano passado, não deu, ele continua o mesmo.*** Mas estou muito triste e perdida, continuo amando-o (acho que sim, pode ser dependência).

Pergunta 64: Ela se sentiu incomodada por estar envelhecendo mais do que eu

Já coloquei minha idade correta no perfil, mas acho que não me expressei bem, porque o principal motivo de procurar mulheres mais jovens é tentar diminuir o risco de se repetir o que ocorreu com minha ex-mulher. Como escrevi anteriormente, ela se sentiu muito incomodada por estar envelhecendo mais do que eu. Particularmente, eu não tinha nenhum problema em relação a isso, mesmo porque eu gosto muito dela... Enfim, depois de 28 anos de relacionamento, acabou, vida que segue. Não tinha me preocupado com minha idade até agora. Talvez por envelhecer lentamente e a juventude ter sido longa, encaro com naturalidade. Estou até curtindo meus primeiros cabelos brancos. *Como estou buscando um **relacionamento sério e, espero, duradouro, penso nos próximos 10 ou 20 anos.*** As pessoas envelhecem mais rápido do que eu, principalmente as mulheres e não queria repetir essa história, porque foi dolorosa. Eu sei que o futuro a Deus pertence, mas a gente tem que dar uma ajudinha e tomar algumas precauções, né?

Pergunta 65: Elas estão com muita pressa em *iniciar uma relação amorosa*

Tenho percebido que, entre as mulheres na faixa dos 50 anos, há certa pressa. Isso se percebe logo nas primeiras conversas, no primeiro encontro. *Entendo que nessa idade não se tenha tanto tempo a perder, mas a precipitação feminina me deixou um tanto perplexo e me assusta um pouco, na medida em que essa ansiedade **pode conduzir uma relação ao fracasso, frustrando essas pessoas e adiando ainda mais as oportunidades de acerto.*** Quando me conduzo com mais cuidado, acham que é desinteresse e se irritam. Aí a coisa termina antes de começar. Não sou receoso nem covarde, apenas estou sendo algo seletivo e cuidadoso. Como evitar que elas se frustrem, mesmo sendo absolutamente sincero e claro?

Pergunta 66: *Um relacionamento íntimo e virtual pode se tornar verdadeiro?*

Os caras sempre me elogiam muito e falam logo em sexo pela cam ou marcam encontros que nunca acontecem. No início me sentia ofendida porque não há absolutamente nada de vulgar em mim, em minhas fotos, apelido ou perfil. Mas com o tempo vi que as coisas agora são assim mesmo e passei a me sentir lisonjeada e desejada, à vontade com estes encontros, fico satisfeita e me divirto. *Queria saber se este tipo de relacionamento, apesar de eu achá-lo ótimo, poderá um dia me levar a algum **relacionamento concreto**. Acontece isso? Um **relacionamento íntimo** e virtual se tornar verdadeiro? Ou é impossível?*

Pergunta 67: *Não consigo confiar nos homens.*

Como confiar novamente? Há quatro anos conheci uma pessoa. Fomos morar juntos e aos poucos ele foi me sufocando, se mostrando extremamente violento e ciumento. Com muita dificuldade saí de casa e fui morar só. Isso aconteceu há um ano, após pegar no celular dele fotos de mulheres de chat nua e fotos de pedofilia. *Agora, sempre que alguém se aproxima de mim, minha mente já imagina se ele não faz o mesmo, e o **relacionamento não avança**. Como confiar em um homem novamente?*

Pergunta 68: *Ele tem defeitos que me incomodam. O que eu faço?*

Estou namorando com um rapaz, que me parece ser muito decente. ***Iniciei o relacionamento** bem empolgada, mas agora estou começando a reclamar, encontrando vários defeitos na sua forma de vestir, de falar, de se comportar em público, etc.* Minhas amigas dizem que eu deveria tentar falar com ele, dar um toque, mas como só temos pouco mais de um mês de namoro fico sem saber como fazer isso. *Será que é melhor acabar logo ou **dar uma chance a esse relacionamento**, já que homens honestos e que queiram um **relacionamento sério** não estão tão fáceis de encontrar.*

Pergunta 69: *Minha timidez não deixa meus relacionamentos saírem do virtual*

Sou muito tímido, não tenho coragem de “chegar em ninguém”, quando marco um encontro tenho medo e não vou. Por quê? Não queria ser assim!

Pergunta 70: *Pega mal fazer sexo no primeiro encontro?*

Quase todos quando dão a entender que vamos nos encontrar, sempre dão um jeito educado de perguntar se vai rolar sexo no primeiro encontro. Eu respondo logo que não. Na verdade depende do desenrolar do encontro, mas, como não tenho este costume, devido à criação e achar que o outro me achará fácil, digo logo que não vou. *Até hoje só **tive dois relacionamentos***. O segundo, inclusive, encontrei aqui e, na primeira tentativa, neguei, mesmo assim ele quis me encontrar e, para minha surpresa, como ele me respeitou, eu é que não aguentei e fui no segundo encontro. Ficamos casados por quatro anos. Agora estou novamente aqui no site.

Pergunta 71: *O passado dele nos impede de seguir em frente*

Boa noite. Estava namorando há dois meses com um paulista, ele veio duas vezes a Porto Alegre. Na segunda vez que veio, ele não estava bem e eu achava que era por um motivo,

mas na verdade era outro e estava relacionado comigo! *Quando estava em São Paulo, me avisou que não queria mais **continuar o namoro**, pois estava confuso e com dúvidas em relação à gente. No **relacionamento anterior** tinha sofrido muito e foi traído, e ele alegou que ainda não superou essa traição.* Ou seja, deu a entender que seria traído novamente se continuasse comigo! Tenho certeza que não dei motivos para desconfiar de mim, mas acho que ele entendeu alguma coisa equivocadamente!

O que ele me diz: admite que gosta e sente falta de mim e sabe o quanto gosto dele, mas não é o suficiente para voltarmos a namorar, e pediu um tempo sem que eu crie expectativas! O que eu faço? Esqueço desse homem ou ainda posso ter esperanças?

Pergunta 72: Depois de anos nos reencontramos no site.

Conheci um argentino em 1984 através da minha irmã. Ele retornou ao Rio em 1986 (eu tinha 27 anos e ele, 26). Foram poucos dias, mas nos conhecemos melhor, com mais afinidades e intimidades. Não quis fazer sexo na época, por achar que aquilo era só “amor de verão”. Pensava: ”Por que ter tanta intimidade se não vamos seguir adiante?”... Eu procurava emprego no Rio e ele já voltaria para seu país. Prometemos nos corresponder (cartas somente, pois em 1987 não existia internet), mas a distância acabou nos separando. Após 25 anos, sem nenhuma notícia um do outro, ele me encontra através de um amigo em comum em um site de relacionamentos. Fiquei muito surpresa, pois não esperava jamais voltar a ter notícias dele, poder falar, teclar com ele, via internet. *Ele está com um **casamento falido**, uma filha que adora (cinco anos) e um trabalho público que o impede de deixar Buenos Aires.*

Ficou surpreso ao me encontrar solteira, sem filhos e diz que isso “mexeu” com ele. Temos nos correspondido quase que diariamente durante horas. Tudo isso aguçou a nossa curiosidade e ele sugeriu um encontro, para vermos o que sentiríamos novamente, após tanto tempo separados, e quem sabe, pensarmos em viver juntos mais adiante. Não saio com pessoas casadas, e quando o conheci estávamos livres. Sentimos que ficou uma questão a ser resolvida entre nós. São muitos obstáculos, 25 anos separados, mas a vontade de um reencontro é forte. Já pensamos em desistir (temos 53 e 52 anos), mas também pensamos que se a sorte, destino, sabe se lá o quê, nos uniu novamente, por quê não tentar? Reencontrar e avaliar as possibilidades...

Pergunta 73: Como fugir de quem só quer curtição.

Os pretendentes com quem me relaciono só pensam em curtição de momento, nada sério. *Como fazer para identificar pretendentes que realmente queiram um **relacionamento sério**?*

Pergunta 74: Uso uma máscara para atrair os homens.

Uso uma máscara para atrair os homens. *Tenho 40 anos e após um **casamento fracassado por mentiras**, um **namoro cheio de ciúme e desconfiança**, desisti de amar.* Agora no site quero um homem com excelente condição financeira e que me ame, nem que para isso eu tenha que fingir em tudo e muito. Estou determinada a isso, mas não sou mau caráter, logo acabo me irritando e, devido à minha independência, coloco tudo a perder. Sou atraente, simpática, inteligente, o que facilita a atrair os apaixonados. Em outros aspectos de minha vida sou extremamente honesta e verdadeira, por que então me comporto dessa forma?

Pergunta 75: Casamento infeliz, terminar ou continuar traindo?

Olá tenho 38 anos e sou casada há 20 anos, há 04 meses conheci um rapaz pela internet, ele também é casado. Conclusão: encontramos-nos, saímos, e nos apaixonamos perdidamente um pelo outro. *Mas eu tenho 03 filhos e fiz laqueadura, ele não tem filhos, e apesar de ter um **relacionamento conturbado e infeliz** com a esposa, sonha muito em ter filhos, e isso me perturba demais.*

*Eu por outro lado venho de um **casamento totalmente desgastado e infeliz**, mas meu marido é praticamente um louco, sabe que não o amo mais, que estou com ele apenas por pena, mas mesmo assim insiste em querer me reconquistar e dizer que me ama. Quanto mais eu o desprezo, mais ele me ama. Estou sofrendo muito, porque não sei o que fazer e nem como agir, tenho medo de abandonar o meu marido e ele cometer alguma loucura, contra mim, contra ele ou mesmo contra meus filhos.*

Por isso depois de 04 meses de muito amor, felicidade e traições, decidi romper com meu amante, pois estou cada vez mais envolvida, mas não vejo futuro para nós diante desses fatos e também tenho medo que meu marido descubra. Apesar de tudo, nos amamos muito, muito mesmo, e ambos estamos sofrendo.

*O que faço: abandono meu marido e **entro de vez nesse novo relacionamento**, me afasto do meu amor de vez, ou continuo com as traições?*

Pergunta 76: Eles confundem e querem sexo... O que eu faço?

Sou alegre e sei que isso atrai os homens ainda que eu não faça isso propositalmente, pois sou assim. A questão é que parece que os homens entendem meu bom humor como apelo sexual. Embora eu tenha um comportamento bastante tradicional nas falas, apresentação, modo de me comportar e vestir. Quando acontece um encontro o cara já quer ir para “os finais”, quer sexo e eu não cedo, não me sinto bem.

*Sou romântica e só entendo o sexo como ato de entrega **em uma relação com algum comprometimento**. Tem algum modo de fazer o moço entender que comigo é mais devagar. Sou separada há muito tempo e vivi só com meus filhos e agora é que resolvi mudar, procurar homens, conhecê-los, fazer amizades etc. Aceito opiniões, sugestões e dicas.*

Pergunta 77: Busco homens de alta renda. Devo falar logo de cara?

*Sou uma mulher madura, bonita, vida econômica/pessoal estável, mas nos meus 2 relacionamentos nos 3 últimos anos, sempre se repetiu uma mesma situação inquietante: os caras não possuíam situação financeira adequada e nem ao menos bens (casa própria, carro, o básico apenas!), coisa que acaba por me fazer **terminar o relacionamento**! Sou eu que atraio essa complicação para mim – uma espécie de LEI DA ATRAÇÃO? Não tenho por objetivo ficar RICA pelo site (há outras coisas + importantes), mas me desagrada MUITO não ter com quem contar no futuro! Qual a maneira de identificar pelo site a questão financeira (quase sempre os perfis não indicam isso - deveria ser item OBRIGATÓRIO) e no meu perfil, embora desagrade a muitos, exponho exatamente o que quero! Devo talvez abordar este ponto logo de cara, no bate-papo, ou há alguma outra solução que não esta? Agradeço suas palavras a respeito, inclusive colocando a problemática no próprio site para aconselhamento das pessoas interessadas. Obrigada!*

Pergunta 78: Como superar um divórcio?

Queridas doutoras,

*Descobri que **perder um relacionamento** longo de 25 anos é muito traumático, mas, além disso, estou com dificuldades de entender a perda do amigo, da única pessoa com a qual podia contar.* Principalmente quando fico doente e escuto: estou ocupado, toma um táxi, não tenho mais nada a ver com você. Eu sou muito diferente, jamais negaria ajuda, nem a um inimigo. Mas o meu ex sempre foi assim.

Acho que estou doente por causa da separação, me sinto muito frágil. Estou com medo de estar deprimida. Choro, não durmo e nem estou conseguindo fazer coisas básicas como tomar banho, fazer comida, ler, escutar música. Hoje chegaram os papéis do divórcio, aí a crise piorou.

É normal ser tão doloroso assim? O que eu faço? No meu trabalho preciso estar tranquila, e não consigo, está muito difícil, não sei o que fazer. Me ajudem, estou desesperada.

Pergunta 79: Será que devo revelar um segredo?

Bom Dia,

*Quando entrei neste site de relacionamento meu propósito era de encontrar um **relacionamento sério** e continuo querendo isso, mas do decorrer disso surgiram alguns problemas pessoais.* Após exames foi diagnosticado um câncer na tireoide e tenho uma sobrevida de mais ou menos 15 anos.

O que devo fazer caso encontre uma pessoa que realmente eu goste? Devo falar a verdade, mesmo sabendo que talvez a pessoa não entenda? Não quero ficar sozinha, o que fazer?

Obrigada.

Pergunta 80: Meu relacionamento é confuso

*Tenho alguém há 6 anos, **num relacionamento louco, cheio de paixão**, às vezes, **cheio de desconfiança** de minha parte sempre.* Moramos juntos e ficamos dias sem nos falar, aí ficamos de bem, com loucura, muito sexo, palavras belas da parte dele. Tudo fica lindo e de repente começa tudo de novo.

Já fui embora com tudo três vezes. Ele vai me buscar, chega até a arrumar outra, mas não fica. É só eu voltar pra ele, para ele largar e não querer ver mais. Esse homem me ajuda financeiramente, diz que me ama, mas faz coisas que não entendo. Estou louca!

Pergunta 81: Somos diferentes...como seguir com a relação?

Há dois meses estou namorando um rapaz que em tudo é menos que eu: intelectualmente, socialmente, financeiramente e até na idade. O que mais intrigante é que ultimamente o interesse dele por mim também ficou bem menor e eu estou apaixonada. O que fazer? Sem dúvida certas semelhanças podem ser grandes aliadas de um casal, como mesmo nível intelectual ou social. *Entretanto definitivamente não é isso que garante o **sucesso de um relacionamento**, e sim aspectos subjetivos e muitas vezes inconscientes de cada um.*

Pergunta 82: O que fazer quando a sogra interfere na relação?

Doutoras,

*Num balanço geral, meus **relacionamentos terminaram** por um motivo principal: excesso de dependência emocional dos homens em relação às suas mães e, conseqüentemente, a intervenção delas na vida do casal, muitas vezes usando de chantagem emocional. E, diga-se, esses homens já eram quarentões.*

Na minha opinião, um casal que se forma deve andar com as próprias pernas e gerir-se de modo próprio. *Minha mãe sempre foi muito discreta na vida dela, de modo que tenho dificuldade em lidar com a intervenção de sogras **no meu relacionamento**.* Até entendo que elas interfiram na vida do filho, mas não consigo aceitar que elas queiram gerenciar também a nora, querendo participar de todas as viagens do casal, ligando 20 vezes por dia e palpitado na organização da casa, no orçamento, comida, limpeza, etc.

Acho isso uma forma de competição. *E, quando isso acontece, eu me desgasto e resolvo **sair do namoro**, pois deixo de ver o namorado como homem, para passar a vê-lo como um ser imaturo.* Às vezes, chego a pensar que estou sendo egoísta. Gostaria da opinião de vocês, porque o problema tem se repetido.

Obrigada!

Pergunta 83: Não consigo me entregar a outro alguém

***Tive no passado um relacionamento** que me marcou muito, pois eu o amava e ele acabou se afastando devido ao trabalho dele.* Não me falou nada, simplesmente se afastou. Nunca mais soube dele e desde então tento me interessar por outra pessoa, mas não consigo. *Até cheguei a conhecer algumas pessoas aqui no site, pessoas que demonstraram ter um **interesse num relacionamento**, mas eu não achei graça em nenhum.*

Na verdade eu nunca consegui esquecer essa pessoa do meu passado, quando eu pensava em alguém pensava nele, mas enfim, cheguei à conclusão de que precisava esquecê-lo, coisa que ainda não consegui fazer. Talvez só o tempo se encarregue de fazer isso.

Soube dele recentemente através de uma mensagem que ele me deixou, em que ele pedia desculpas por tudo que tinha acontecido no passado. Tivemos uns três encontros depois disso. *O trabalho atual dele o impede de **ter um relacionamento**, pois ele não tem final de semana, trabalha direto.* Eu achei que talvez a vida estivesse nos dando uma segunda chance quando ele voltou, mas aí percebi que não deveria me iludir, porque eu voltaria a sofrer e isso eu não quero mais.

Às vezes falamos ao telefone, mas eu sei que não dá mais para ter um relacionamento pela vida que ele tem, ele mesmo já me disse isso. Eu preciso refazer a minha vida ao lado de alguém, pois já tenho 50 anos e não quero envelhecer sozinha. Já disse algumas vezes que não tenho medo da morte, mas tenho medo da solidão, de envelhecer sozinha. Por favor, gostaria de uma palavra que me ajudasse com essa minha história, estou precisando muito.

Pergunta 84: Sinto falta de alguém em minha vida!

Olá!

Tenho 53 anos, e há muitos anos não tenho ninguém em minha vida, ou seja, namorado, um companheiro. Sinto uma enorme dificuldade pelo fato de ser muito conservadora, nas minhas palavras, na maneira de conversar, devido à minha formação.

Enfim, hoje sinto falta de alguém em minha vida, falta de um homem com quem pudesse desfrutar um pouco da alegria. Não procuro homem bonito, sarado, jovem, quero encontrar

um homem, normal. Sou tímida, não tenho muitos amigos. Sou uma pessoa muito caseira, simples, mas gosto de ouvir músicas, tomar um vinho, passear de mãos dadas, fazer caminhadas observando a natureza. Coisas simples, mas prazerosas, mas que só ficam boas com uma pessoa ao lado.

Estou neste site há algum tempo e até então nada eu encontrei. Já me escreveram muitos, e educadamente respondo a todos, de todas as idades possíveis. Acreditei em muitos, me decepcionei com outros... Enfim, ainda não desisti, mas espero que até fevereiro eu tenha encontrado essa pessoa. *Eu procuro simplesmente um homem normal, que assuma a **responsabilidade de um relacionamento**, pois o que sinto é que homem algum quer saber de responsabilidades.* Muitos querem apenas curtir, enfim, existem pessoas para todos os tipos e gostos, mas eu quero algo sério e verdadeiro.

Então aí vem a pergunta: isso é possível com a minha idade? aguardo a resposta e espero que sirva para outras pessoas também.

Pergunta 85: Será que ela ainda tem sentimentos por mim?

Me separei da minha ex-mulher há 4 meses, e logo no início do término ela já arrumou um namorado, que ela havia conhecido enquanto ainda estávamos casados. *Mesmo assim, por cerca de duas vezes ela supostamente **terminou o namoro** e voltou para casa arrependida. Na primeira vez acreditei, porém passados alguns dias, ela percebeu que estava apaixonada pelo rapaz e dizia que não iria dar certo **continuar nossa relação**.* Na segunda vez, uma mulher que estava comigo atendeu o celular, era minha ex-mulher do outro lado da linha. Em crise de ciúme ela foi para o apartamento e disse que nunca mais iria sair de casa. Passados alguns dias, a história se repetiu. Dessa vez ela e o rapaz alugaram uma casa e estão morando juntos.

*Agora ela fica me ligando incessantemente perguntando se caso ela **terminasse o relacionamento**, eu a aceitaria de volta.* Minha posição: no fundo ainda tenho um sentimento por ela, pois fui pego de surpresa por tais acontecimentos. Porém a forma que ela tem agido não demonstra que ela me ama de verdade.

Pergunta: qual é a real motivação dela? Será que ela tem algum sentimento por mim ou esta fazendo isso porque não tem mais o conforto material que tinha ao meu lado? Comigo ela sempre teve tudo que precisava, seu atual companheiro não lhe pode proporcionar a mesma coisa. Pode ser crise de ciúmes, pois ela acha que estou tendo um caso com outra mulher e não suportaria me ver com outra pessoa?

Pergunta 86: Será que estou presa ao meu ex?

Queridas doutoras, minha situação é trágica. Fui casada durante 20 anos e há mais de um ano estou separada. Outro dia discutíamos, eu e meu ex, os detalhes do divórcio. Ele chorou muito e amoleceu meu coração. Eu fui abraçá-lo, ele aproveitou e tascou-me um beijão e fomos para a cama.

Ele me pareceu um pouco insatisfeito, disse que sonha comigo, mas que não consegue conversar comigo, etc. Ele diz que pensa um dia morar sozinho, não sabe se casa ou não. Não caio nessa, ele mora com uma garota há dois anos, ela é feia e rica. Embora ele seja um gato e rico, eu não o admiro mais e nem ele a mim, acho que nosso tempo passou.

Por isso estou nesse site. *Conheci aqui ótimos rapazes, mas ainda não estou pronta para um **relacionamento sério**.* Tenho muito medo de estar presa a esse homem para sempre. Espero que não, sinceramente.

Pergunta 87: Ele tem outra mulher

Conheci uma pessoa, essa pessoa me parecia muito legal, e me tratava como princesa. Mas estava comigo e se relacionando com outra. Um dia estava na casa dele e eu falei amor vou tomar banho. Uma vez fingi que tinha ido tomar banho, e ouvi ele ligando para outra e falando que estava com saudades. Saí do quarto devagar e sentei ao lado dele. Ele ficou todo sem graça sem saber o que falar no telefone. A partir dali fiquei observando, e percebi que toda vez em que estava comigo ele deixava o celular no silencioso. Um dia brigamos e resolvemos terminar.

Doutora, o que fazer em uma situação dessas? *Fingir que não esta vendo e **continuar***? Ou **pôr um ponto final na relação**?

Pergunta 88: Me apaixonei por uma colega de trabalho

***Durante meu casamento** me apaixonei por uma colega de trabalho que também é casada.* Ela já sabia do que eu sentia por ela e dizia que o impeditivo era que eu era casado e tenho dois filhos. Expliquei para ela que não conseguia parar de pensar nela e que os filhos não me impediriam de ser feliz. Me separei para poder ficar com ela, porém depois disso ela começou a me evitar e dizer que não era para eu ter feito isso. Nos encontramos às vezes, fico sem ligar para ela e então ela vem atrás.

Devo esquecer essa mulher? Acho que a amo e percebo que ela deva sentir algo forte por mim, senão não ficaria atrás de mim. Sempre que a coloco na parede para perguntar o que ela quer, ela se esquivava.

Pergunta 89: Sou casada e me apaixonei por outro homem

Oi,

Conheci um homem na internet casado e 9 anos mais novo que eu. Também sou casada, tenho 41 anos e me apaixonei por esse homem. Sinto que ele também gosta muito de mim. Ainda não nos encontramos pessoalmente, mas temos planos. Esse encontro ainda não aconteceu porque moramos em cidades diferentes e distantes, mas nos falamos com frequência.

Houve um tempo em que ele se afastou e eu mandei um e-mail dizendo que entenderia se quisesse se afastar por causa da nossa situação. Logo em seguida ele me procurou dizendo que me adora, sente saudades e quer ficar comigo, inclusive me pediu e pede pra que vá morar na cidade dele, porque tudo ficaria mais fácil. *Deixou escapar outro dia que seu relacionamento com sua mulher também está afetado. Resumindo: **meu casamento já estava em crise** antes, agora ficou muito pior.*

Penso nesse homem o dia todo, me apaixonei verdadeiramente e sinto que ele também. Tenho vontade de largar meu marido e viver essa história, o que fazer?

Pergunta 90: A situação financeira pode **influenciar um relacionamento**?

Como qualquer trabalhador operário, ganho muito pouco. *Será que tenho chance de **achar um relacionamento** e sair da solidão*? Será que não estou perdendo meu tempo e fazendo outras pessoas perder tempo também?

Pergunta 91: Será que sou muito exigente?

Gostaria que as senhoras especialistas lessem o meu perfil e vissem que acontece comigo. Por enquanto não encontrei a pessoa que procuro. Será que eu sou muito exigente, de querer um homem mais maduro, mais estável. Só me aparecem uns garotões que não tem nada haver com o que eu quero. Será que as minhas crenças estão erradas?

Já tive um relacionamento com um homem 8 anos mais jovem, e percebi que os mais jovens são muito instáveis. Eu quero algo mais tranquilo e equilibrado. Será que essa historia de idade é neura? Por favor, me ajudem, aonde é que eu estou errando? Os filhos já saíram do ninho, estou só há anos!

Pergunta 92: Amar demais afasta o outro?

Já tive 4 longos relacionamentos e percebo que me entrego demais e talvez assim seja difícil as pessoas me amarem. Acho que sufoco os homens com meu amor. Desejo muito ser amada da mesma forma que amo. Será que quando os homens são muito amados eles não valorizam e correm atrás de quem não quer saber deles?

Pergunta 93: Elas querem namoro ou amizade?

Eu me inscrevi no site na esperança de fazer curto circuito à minha timidez, pelo menos no que tange à abordagem inicial. Como todos estão aqui pela mesma razão, essa trava inicial desaparece naturalmente. Se eu tivesse que abordar as mulheres desconhecidas a quem enviei mensagens, numa festa ou bar, nunca teria conversado com ninguém.

Mas, ao mesmo tempo em que o site resolve esse problema, ele cria outro: expectativas altíssimas. Os contatos são iniciados precisamente com a premissa de podemos ser namorados, pode ser o meu grande amor. *E se o relacionamento não se encaminha logo nesse sentido, a experiência é logo vista como um fracasso.* Já me aconteceu isso 3 vezes, e nelas achei que queimamos etapas, fomos direto para a paixão sem tomar o tempo de ser amigos. E parece-me que ser amigos depois da paixão é bem mais difícil do que o contrário.

E agora quando declaro alto e bom som que quero primeiro e, sobretudo uma amizade, a leitura do outro lado é que não quero nada sério, quando na verdade eu busco precisamente o oposto. Surreal, não? E quando adiciono que só quero o amor, puro, sem distrações, que filhos só considero a adoção, e que casamento não faz parte dos meus planos, imaginem o que acontece?

Pergunta 94: Não aceito mulheres tatuadas. Isso é um problema?

Hoje em dia, sendo tão comum que ambo os sexos possuam tatuagens, não consigo aceitar mulher com tatuagens nas partes íntimas. Obviamente refiro-me às pretendentes com quem pretendo ter um **relacionamento sério**.

Sei que deixei de conhecer muitas pessoas interessantes por causa desse detalhe. Como é uma coisa arraigada na minha mente, penso que é melhor deixar como está, sem dar oportunidades para aquelas que optaram em ter tatuagem. Gostaria de ver a opinião de especialista.

Pergunta 95: Minha profissão *bloqueia meus relacionamentos*

Boa tarde Dra Mariana!

Também sou psicóloga e terapeuta cognitiva. Acontece que em poucas palavras e sem que percebamos acabamos analisando as pessoas. Não consegui conhecer no site ninguém pessoalmente, pois percebo que, conversando através de e-mails, acabo descobrindo que são comprometidos e até casados.

Claro que o site não pode se responsabilizar por perfis mentirosos. Como agir: relatando ao site ou deixar as coisas acontecerem? Fico preocupada por mulheres que não consigam detectar o problema até que estejam completamente envolvidas.

Pergunta 96: Por que *meus relacionamentos não vão adiante?*

Sempre leio as perguntas respondidas pelas psicólogas, e noto que as pessoas dizem que não chegam a conhecer ninguém, ou somente 2 entre 20. Acho que estou me sentindo errada nisto tudo, já conheci muitas pessoas, que eu escolhi ou que me escreveram. *Já tive relacionamentos longos com pessoas daqui, casos, e alguns só conheci.* Tenho amigos que ficaram em meu coração e com os quais ainda me comunico, com outros, cheguei a conhecer filhos e conheceram os meus. E mesmo assim, pra mim não deu certo, deu certo somente enquanto durou.

Não fico mais na expectativa ou ansiosa como antes. Agora me sinto mais madura, porém, me sinto constrangida, por não ter dado certo. *Mas quando acaba um relacionamento já entro no site e começo tudo de novo, mesmo não querendo. O que desejo mesmo, é que um relacionamento de certo.*

Onde estou errando, estou me sentindo suja, pois estes relacionamentos aos meus princípios. Preciso de uma resposta, será que paro de tentar?

Obrigada, aguardo ansiosa por uma orientação.

Pergunta 97: Ele tem alguém, mas busca outra

O que acontece com as pessoas que tem alguém, mas buscam outras? Conversei com algumas pessoas do site, mas aos poucos acabo descobrindo que já têm namorada ou são casados.

Quero um relacionamento sério e uma pessoa só pra mim. Não quero ninguém para dividir. Por que eles fazem esse tipo de coisa? Imaturidade? Insegurança?

Pergunta 98: Por que não consigo *manter um relacionamento?*

Sou muito sincera, honesta, companheira, compreensiva e batalhadora. No entanto ao invés de atrair os homens, eles se afastam. Será pelo fato da força e segurança que eu transmito?

Qual motivo de eu ter tanta dificuldade em me manter com alguém? As pessoas no site nunca continuam contato após eu retornar. São tantas as perguntas sem respostas.

Grata

Pergunta 99: Estou ligando muito?

Oi Doutora,

Conheci uma pessoa através do site, mas não sei se devo continuar investindo, pois ele é o tipo da pessoa que as vezes é meio grossa, e ele diz que é porque eu ainda não o conheço direito.

Ele não liga, não manda mensagem. Mas quando eu resolvo mandar mensagem ele responde quase que imediatamente. Não sei como devo agir visto que ele mesmo me contou que não deu certo com a ex porque ela ligava para ele umas dez vezes por dia. Ele é médico, por isso é bastante ocupado, mas acho que não justifica o fato de ele não me procurar. Mandeí uma telemensagem pra ele de surpresa e ele simplesmente respondeu "Obrigado pela mensagem. Fico feliz que esteja gostando, você é 10". *Não sei como agir, devo continuar investindo? Devo partir para outra relação?* Porque ele reage assim? Quando estou com ele, fala que eu sou linda, gostosa e deliciosa e que me quer ao lado dele. Será apenas que é só sexo? Por favor, me oriente.

Pergunta 100: *Não consigo ter um relacionamento saudável.*

Olá,

Tenho transtorno obsessivo. Mesmo tomando 150 mg de sertralina e 600 de trileptal, continuo com essa maldita obsessão pelo outro. Quando conheço alguém, essa pessoa passa a ser o ar que respiro. Não suporto mais isso. *Não consigo ter um relacionamento saudável, sofro muito e sou muito infeliz.*

Pergunta 101: *Quando é a hora certa para recomeçar?*

Conheci um homem genial aqui no site e chegamos a viver juntos por alguns meses. **Desta relação nasceu uma linda garotinha**, hoje com oito meses de idade, mas infelizmente **o relacionamento terminou** e estamos separados desde que ela nasceu.

Hoje ele já tem uma outra pessoa e eu, apesar de estar 100% comprometida e apaixonada pela minha filha e curtindo demais a maternidade, quero muito recomeçar a minha vida afetiva. Eu sinto muito carinho pelo meu ex, mas sentimentalmente falando já me sinto liberta e com o coração aberto para um novo amor. Será que devo esperar mais tempo antes de querer conhecer alguém, por minha filha ainda ser um bebê? Será que vou sofrer preconceito por parte dos homens? Como saber quando é a hora certa para recomeçar?

Pergunta 102: *Estou divorciado... Como refazer minha vida?*

Tive um relacionamento de 21 anos, casei-me cedo. Hoje estou com 43 anos e divorciado há um ano e meio. Sinto-me perdido. O que fazer? As baladas não me atraem.

Quero refazer minha vida, mas estou encontrando dificuldades inclusive para conhecer pessoas neste site. O meu meio social era de pessoas casadas, hoje estou solteiro e perdido. Sinto-me como um estranho no ninho. Se puder me ajudar, agradeço.

Pergunta 103: *Me sinto gorda... O que fazer?*

Procurei o site de relacionamento, mas na verdade estou à procura de amigos para bate papo e talvez no futuro um relacionamento. *Porém, por eu não estar bem, pois me sinto gorda e um pouco deprimida, coloco defeito em todos os homens que aparecem interessados no meu perfil e acabo não seguindo em frente.* Como posso resolver isso? Quero conversar, mas não falar dos meus problemas; entretanto não tenho outros assuntos. Por favor, me dê sugestões. Será que devo procurar uma psicóloga para me ajudar a levantar minha autoestima? Abraços.

Pergunta 104: Não tem tempo para um encontro!

Queridas doutoras, antes de mais nada obrigada antecipadamente pela gentil e talentosa ajuda que vocês nos prestam.

Pois bem, eu sou jovem e estou em processo de divórcio há um ano, ainda não restabelecida financeiramente, também. *Mas independente disso, aberta ao namoro sério.*

Bem, conheci um homem 12 anos mais velho aqui no site. Ele me cativou: É culto, educado, não é belo, mas tem seu charme... Nos falamos todos os dias por bate-papo, chat e telefone. Ele foi assaltado, perdeu o carro e os cartões semana passada, então não falei em nos encontrarmos, porque está impossibilitado. Mas hoje fiquei preocupada porque, segundo ele, estamos namorando e ele pensa em casamento e tal. Porém, falou que estuda aos sábados, deve ser um curso, que começa às 13 horas.

Aos domingos ele descansa e dorme o dia todo, não sai pra nada, embora tenha ido diversas vezes para o sítio de um amigo.

Então me pergunto quando vamos nos conhecer, porque já nos falamos há dois meses, e em que tempo livre? Por que ele dorme cedo todos os dias também? Parece que meu príncipe tá virando sapo, literalmente... Ele é ciumento e me quer fora do site desde o primeiro dia, essa semana disse que acabava tudo, porque viu meu perfil ainda no ar... O que fazer? Me ajudem. Pf.

Pergunta 105: Me entrego totalmente... Estou errado?

Bom dia!

Sou Márcio, tenho um filho de 11 anos que mora comigo há dois anos e sete meses e resolvi dedicar-me a ele e não sair nenhum dia à noite. Faço isto por livre espontânea vontade e pelo meu amor a ele. Mas tenho percebido e sentido que estou tenso e sinto falta de uma pessoa ao meu lado.

Já vivi dois relacionamentos e ambos terminaram, creio eu por uma virtude ou defeito que tenho, me dedico em demasia à pessoa que está comigo. Será um erro, gravíssimo, médio ou regular? Ah, sou professor e tenho um jeito todo carinhoso e atencioso de relacionar-me com meus alunos de ambos os sexos e já fui penalizado várias vezes por minhas ex-mulheres, que diziam que sou muito próximo das alunas. Tenho a consciência tranquila de que tento apenas ser cordial e amigável. Será outro erro? Obrigado! Márcio.

Pergunta 106: Tenho medo de relacionamentos?

Olá, Tudo bem?

Bem, eu não sei bem o que está acontecendo comigo... Sei que tenho dificuldades de relacionamento de modo geral, faço terapia, tenho dificuldade de confiar, sou tímida, desconfiada, reservada, tenho medo de ser abandonada, às vezes tenho problema de autoestima. Já sei de tudo isso e busco trabalhar na terapia.

Sei também que sou bonita, inteligente, chamo atenção... Mas não me acho divertida, tenho poucos amigos e saio pouco. Tenho 27 anos, tenho pais separados (meu pai morreu há quatro meses de câncer), moro com minha mãe e avós maternos. Sou filha única.

Agora, tenho muitos problemas com relacionamentos afetivos, sempre me aparecem homens complicados, ou que querem ser cuidados, imaturos, que no começo demonstram ser muito carinhosos e depois não são.

Aqui no site vejo que têm muitos homens poucos atraentes na minha cidade (pelo o perfil que busco); e as pessoas das outras cidades respondem pouco e depois somem do programa

de bate-papo on-line. Já me encontrei com algumas pessoas e algumas delas somem depois dos encontros. Ficam entusiasmadas antes, mandam muitos torpedos, mensagens, e depois desaparecem... E muitos dizem que querem algo sério. Muitos homens são casados, separados, enrolados e mentem, utilizam o site para aventuras.

Fico mais confusa, as vezes acho que o site não difere muito de uma balada. Eu busco algo estável, e deixo isso claro. Antes escrevia mais coisa no meu perfil, mas percebia que isso causava mais idealizações também acerca de mim e mais elogios, que depois se tornavam superficiais. Agora prefiro escrever o básico.

Pergunta 107: Diz que gosta de mim, mas não quer namorar.

Entre idas e voltas, estou envolvida com uma pessoa faz 12 anos. Sempre ficamos juntos quando um dos dois não está namorando. *Nos conhecemos jovens, com 18 anos, e nós dois **hávamos acabado de terminar o primeiro namoro**, com medo de nos envolver etc.*

Ficamos juntos sem compromisso, até que comecei a namorar outra pessoa, namorei durante um ano e terminei, voltando pra este rolo. Após algum tempo, foi ele quem começou a namorar outra pessoa... Paramos de ficar novamente.

***Quando ele terminou com ela**, ficamos juntos durante um ano novamente até que fui morar em outro país, morei três anos fora, acabei me casando e tendo uma filha. Quando voltei, separada, ele que estava namorando, **terminou com ela** e voltamos a ficar.*

Faz uns quatro anos que ficamos sem compromisso, ele diz que não quer namorar comigo pois eu sempre o troco por outro. Temos algumas brigas por conta disso... Nós saímos como namorados aos finais de semana, ele sai comigo, com minha filha e até com meus cachorros. Já o questionei e ele diz que gosta de mim, da minha companhia, de conversar comigo, sente-se à vontade para conversar sobre o que quiser, que não conhece ninguém que o conheça tão bem quanto eu.

Quando viaja ou sai sem mim, manda mensagens contando como está, traz presentes... Enfim, porém, se falo em namoro ele surta, diz que não precisa disto, que não precisamos rotular nada e acabamos brigando. Qual é a dele? Ele me quer para passatempo? Ele gosta de mim e devo tentar algo no ritmo dele? *Não sei mais como levar tantos anos, já desisti e já me arrependi, acabei **voltando atrás**, pois no fim ele me faz bem!* O que fazer?

Pergunta 108: O site é minha última esperança.

Tenho 32 anos e estou neste site há pelo menos três anos. Até agora só consegui apenas um encontro e algumas poucas conversas on-line. Insisto praticamente todos os dias, mas infelizmente os homens que me procuram não me interessam e os que me interessam não me procuram. Estou cansada de ler e ouvir sempre a mesma coisa: "tenha persistência!".

*Sou jovem, me considero uma pessoa de boa aparência, bom nível de escolaridade, independente, sem filhos, educada, tranquila, sem vícios, enfim, com todos os predicados para se conseguir um **relacionamento sério**, mas estou muito desanimada com o site, que se tornou a minha última esperança de encontrar alguém, pois não sou de baladas, de barzinhos e todas as minhas amizades já são comprometidas, sou uma pessoa muito solitária.* O que fazer para conseguir alguém num site de relacionamentos?

Pergunta 109: Homens com filhos...

Vivi um ano e três meses com uma pessoa que tinha um filho com outra mulher. Depois desse período ele voltou para sua ex-mulher e eu fiquei sozinha.

Já tive outro relacionamento com outra pessoa, mas não consegui manter; parece que não esqueci o cara que tinha um filho.

Nesse site os homens de quem eu gosto geralmente têm filhos, e geralmente sou procurada por eles. Por que isso tá acontecendo comigo? Como faço para viver melhor?

Pergunta 110: Difícil encontrar alguém fiel!

Olá!

Conheci uma pessoa aqui no site dia 12/08/11. Desde então a gente se viu com muita frequência, pois somos da mesma cidade. Estava indo tudo muito bem. Coloquei até meu perfil invisível por causa disso.

Entretanto, eu via que ele entrava todo dia no site... Falei com ele sobre isso, perguntei se não estava gostando de ficar comigo. Ele disse que estava e que não falava com mais ninguém, só via os e-mails. *Mas minha amiga entrou no perfil dele e ele mandou uma piscadinha pra ela. Fiquei muito brava e terminei.*

Infelizmente está muito difícil um homem que queira mesmo namorar sério e ser fiel. Não sei se fiz mal em terminar. Ele disse que fiz tempestade em copo d'água... Fiz mal?

Pergunta 111: Busco apenas amizade.

Oi, sou J.

Há quase dois anos estou neste site, mas em busca de amizades... Será que o que eu estou fazendo é certo? Porque parece ser um eufemismo aquelas opções “amizade”, “diversão”, “sexo” etc. Mas acredito tanto que posso conhecer pessoas legais, que com isso acabei tendo várias amizades duradouras com homens e mulheres... Porém, as pessoas que convivem comigo acham que o que faço é errado, pois o próprio nome do site já diz.

Só porque tenho namorado e estou prestes a me casar não quer dizer que eu vou ser infiel com ele, até porque ele faz questão de entrar no site e conhecer pessoas junto comigo.

Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer, e dizer que é o melhor site de relacionamento, tanto pra relacionamentos sérios e casuais, como para fazer amigos e se divertir com eles! Estou muito feliz por ter escolhido este site! Abraços.

Pergunta 112: Não sei se fico ou se fujo.

Conheci alguém de outro estado. Ele veio para minha cidade me conhecer, depois eu fui para cidade dele. Lá conheci sua filha e alguns amigos. Ele se mostrou muito ciumento, mas mesmo assim foi ótimo.

Eu me apaixonei, continuamos nos falando, ele diz que quer vir o quanto antes para cá, mas quando estamos longe ele é um tanto frio. *Acho que ele só quer uma aventura e eu quero um relacionamento.* Toda vez que toco no assunto ele só sabe dizer que gosta de mim, mas não sei que gostar é esse, pois ele não assume que estamos namorando. *Penso que ele quer me levar em banho-maria para ter alguém quando vier para cá. Não sei se fico ou se fujo.* Me ajudem, estou muito insegura, não quero me dedicar a um aventureiro.

Pergunta 113: A obesidade atrapalha?

Oi, tudo bem?

*Gostaria de saber quanto o peso da pessoa pode atrapalhar **no relacionamento**? Sou muito insegura e fico triste em relação ao meu corpo, pois estou acima do peso. Fico pensando “será que algum homem se interessaria por mim?”.*

Vejo que está difícil encontrar quem me queira. Às vezes eu penso se também eu uso a obesidade como bloqueio para me relacionar, sofro muito com isso. Mas claro que eu quero melhorar em relação a isso e ser muito feliz, e espero que todas as pessoas que sofrem com isso também possam ter mais alegria em suas vidas. Espero que vocês possam me ajudar. Desde já agradeço a atenção. Obrigada, S.

Pergunta 114: Elas me humilharam!

Olá, estimadas psicólogas!

Como superar o trauma de rejeições humilhantes (dessas que as mulheres aprontam um barraco só para deixar o cara acuado e sem ação) e de terminos súbitos (por vezes violentos, quando a gente descobre uma traição)?

Desde a adolescência parece que tive o azar de me atrair por mulheres que gostam de humilhar, mesmo quando parecem calmas ou doces. *E só **tive meus primeiros relacionamentos** chegando à casa dos 30. Os dois "relacionamentos" que tive, além de durarem pouco (coisa de um ou dois meses), foram com mulheres mais velhas que se insinuaram para mim e prometeram céus e terra.* Por falta de experiência acreditei na primeira. Por carência fiquei com a segunda. Nos dois casos paguei um preço amargo por perceber que não passava de um brinquedinho nas mãos de pessoas que mais pareciam querer vigar-se dos problemas que lhes causaram no passado.

Hoje em dia estou melhorando a minha autoestima. Tenho melhorado em muitos aspectos. No mundo real tenho percebido mais interesse das mulheres por mim do que aqui no site, que nem sequer respondem. Contudo, mesmo quando alguma me desperta um sentimento muito bom, as imagens dos traumas que sofri me travam, deixam sem ação. E enquanto não superar isso, não vou ter uma vida amorosa satisfatória. O que posso fazer? Obrigado.

Pergunta 115: Eles não pedem em namoro!

Olá,

Tenho observado que os homens não pedem mais em namoro. A gente sai com eles algumas vezes e fica sem saber o que está rolando, e eu penso: Será que ele vai ligar para a gente sair de novo? Devo tentar arrumar outro encontro no site?

Certa vez, eu disse a um candidato: Eu preciso saber se nós estamos namorando. Ele disse: Você está pondo o “carro na frente dos bois”.

Bem, marquei encontro com outro, e depois de uma semana ele me ligou justamente no dia que eu ia sair com outra pessoa, daí, é claro que não me procurou mais.

No momento estou saindo com outro há cerca de um mês e ele diz que por enquanto estamos "apenas nos conhecendo". *Antigamente era mais fácil, o cara pedia em namoro e pronto; as mulheres não ficavam reféns de “relacionamento” que a gente não sabe de que tipo é...*

Pergunta 116: Por que fui traída?

*O que fazer quando somos traídas **depois de vinte anos de casamento**?*

Pergunta 117: Ela não sente atração por mim?

Boa tarde. Eu queria um conselho de vocês, se possível.

Conheci uma moça no site. Gente boa. Moça refinada, com pós-graduação e tudo. Sou meio leigo. Ela mora em uma cidade e eu em outra. Fui lá e nos conhecemos. Ficamos nos encontrando e logo fui morar na cidade dela.

Depois disso nos encontramos com frequência. Passamos o dia juntos e tudo. Mas engraçado, até agora não rolou nada sexualmente entre a gente. É normal? *Eu estive pensando, será que ela não sente atração por mim? Já estamos nos conhecendo há uns três meses, ela fala que é preciso **amadurecer o relacionamento**; eu estou meio desconfiado.* Alguma coisa não está rolando correto. Ou será que ela está indecisa quanto ao nosso relacionamento?

Não somos mais crianças, eu tenho 49 anos, e ela, a mesma idade. Estou achando muito estranho isso. Ajude-me a tirar essa dúvida, por favor. Confiante de que vocês não me faltarão, agradeço antecipadamente. Obrigado.

Pergunta 118: Ele ainda não pode me assumir...O que fazer?

*Estou atualmente **em um "relacionamento"**. Coloco entre aspas porque, ao meu ver, é complicado demais e está acabando comigo.* Ele diz que é separado, mas casado no papel e mora com os 2 filhos.

Nos conhecemos há 5 anos, mas há aproximadamente 7 meses nos tornamos íntimos. Ele me liga praticamente todos os dias e em alguns dias saímos. Conheço as crianças, mas nunca podemos nos ver nos finais de semana pois ele alega que precisa cuidar deles, já que sua ex viaja demais e as crianças não gostam de ficar com ela.

Eu fico insegura, pois parece que eu não tenho espaço em sua vida, apenas quando ele pode, e tenho medo de estar perdendo tempo, mesmo estando apaixonada. Conversamos algumas vezes sobre relacionamento, mas ele alega que enquanto não se separar oficialmente não pode me assumir, pois teme que sua ex tire as crianças. O que eu faço? Sumo? Dou um tempo?

Pergunta 119: A cor da minha pele é o problema?

Boa noite!

Sou uma mulher negra, culta, independente, simples, bonita e, como qualquer ser humano, tenho defeitos que do meu ponto de vista são fáceis de conviver. Mas o que eu venho reparando é que os homens só querem as mulheres bonitas, brancas/caucasianas, preferencialmente loiras e mesmo que não tenham instrução são essas que eles procuram. Sou vista somente como amante e quando recebo mensagens (que são pouquíssimas) sempre há um duplo sentido. *Quando me cadastrei nutria esperanças de conhecer homens e me envolver **em um relacionamento sério** - já que ninguém nasce para ficar só.* Mas não consigo atrair ninguém com boas intenções (aliás, sem intenções nenhuma). Será que tem algo errado com o meu perfil? Não sou boa o bastante para fazer uma pessoa feliz? Por que será que a cor da minha pele incomoda os homens? Desde já, obrigada pela oportunidade e aguardo respostas da doutora.

Pergunta 120: O que devo fazer para que ela me ligue?

Olá doutoras, preciso de uma grande ajuda. Há duas semanas conheci uma mulher muito interessante no site, já saímos três vezes e tenho certeza que já tenho um grande sentimento por ela.

Ela tem dito a mesma coisa pra mim, alegando que está gostando muito do que está acontecendo com a gente, porém eu sou o tipo de pessoa que gosta de procurar a pessoa, ligando e sabendo o que ela tem feito, diferente dela que já me alegou que não costuma tomar essas atitudes.

Ela me disse que não tem o hábito de ligar pra saber o que a pessoa anda fazendo, mas que gosta que liguem pra saber dela. Temos um pequeno problema pois moramos na mesma cidade, porém, em municípios diferentes, por isso há uma pequena distância que não permite nos encontrarmos sempre.

A questão é que suprimos o nosso problema com os telefonemas. Apesar de querer acreditar no sentimento que ela diz que está tendo, não consigo, pois mesmo ela sabendo que temos esse pequeno problema de distância, muitas vezes ligo e ela não atende ou ao menos retorna a ligação e ficamos um dia inteiro sem nos falar, quando consigo falar com ela e pergunto o que houve ela diz que simplesmente não viu a ligação ou que esqueceu de me retornar e infelizmente eu não consigo acreditar muito nisso. Isso é atitude de uma pessoa que diz gostar da outra? Não quero pressionar ninguém, nem ser chato a ponto de ligar 100 vezes pra pessoa até ela me atender. Espero que ao ver minha ligação ela tome a iniciativa de me ligar também. O que eu devo fazer? *Quero muito **construir um relacionamento**, mas não quero me entregar para incertezas e no futuro me decepcionar.*

Pergunta 121: Não consigo esquecê-la.

Estou separado há 2 meses. Me sinto muito ligado a ela, porém ela não está nem aí pra mim. O que faço para esquecer? *Não consigo **partir para outra**.* Me dá uma luz.

Pergunta 122: Comportamento imaturo?

Como saber a continuidade?

Conheci um rapaz há 2 meses. Conversamos durante a semana toda pela câmera, telefone, e, no fim de semana, ele me convidou para sair. Foi uma noite perfeita, conversamos bastante e nos divertimos. Tivemos afinidades ao vivo, parecia que nos conhecíamos há muito tempo.

No outro dia, ele me convidou novamente e acabamos saindo o fim de semana todo. *E assim estamos **continuando o nosso relacionamento**.*

Nesse período nos falamos sempre, saímos, nos divertimos, namoramos, trocamos segredos, eu sinto confiança nele, e sei que ele desenvolve um carinho por mim e já se declarou também... Mas, de um tempo pra cá, me sinto um pouco ansiosa, insegura, pois ele continua no site, e sei que conhece outras mulheres, mas afirma que é observador do comportamento feminino e gosta de analisar o comportamento. ***Temos (ou tínhamos) um relacionamento (por tamanha cumplicidade), mas de um tempo pra cá venho sufocando, estragando tudo.***

Eu gosto tanto dele, mas por mais que tente me aproximar, parece que eu distancio mais ele com minhas atitudes... E agora ele está distante, sinto que assustado um pouco, porque não reconhece a pessoa que havia conhecido, e sei que estou passando por um momento de insegurança, devido ao fato de ele continuar no site.

Já conversamos um pouco pra entender algumas questões, mas sinceramente não consigo entender muito a mente masculina. E depois de tanto tempo, ele foi o homem que mais me tocou de verdade, com quem me sinto bem e posso ser eu mesma... Por que as mulheres estragam sempre as coisas com esses comportamentos imaturos?

Pergunta 123: Quero me apaixonar!

Tenho muitas dúvidas. Conheci um rapaz aqui, sei que ele gosta muito de mim, mas eu apenas me sinto bem perto dele. Será que eu ainda vou gostar dele? O que devo fazer? **Termino ou continuo?** Queria muito me apaixonar por ele... Beijos.

Pergunta 124: A brincadeira virou coisa séria.

*Bom dia! Saí de um relacionamento de 18 anos, fiquei 10 meses sem ninguém, e pela 1ª vez participo de um site de relacionamento. Fiquei bastante tímida, mas enfim, tive contato físico com dois homens, e os dois me agradaram muito, são muito carinhosos, e percebo que estão querendo um **relacionamento sério**, que afinal é o que busco.*

Gostaria que me ajudasse, não sei o que fazer, não imaginava que o retorno fosse tão rápido. Só parti para o site por ter filhos, um rapaz de 23 anos, que é tenente do exército, mora e estuda no interior e uma filha de 4 anos que mora comigo, e não tenho tempo de sair, principalmente sozinha, pois durante a semana trabalho e nos finais de semana quero curtir minha princesinha. Sei que terei que escolher um, mas gostaria de uma orientação, estou muito perdida. Sem mais. Obrigada, Rose.

Pergunta 125: Ele ficou bravo comigo?

Bom dia!

Gostaria de relatar a minha história aqui no site. Sou assinante há quase dois meses e no dia 10 de julho recebi uma mensagem de um homem se dizendo o parceiro ideal para mim, que tínhamos muitas afinidades e a principal ← que nós dois quereamos um **relacionamento sério**. Eu pedi que me mandasse foto, ele mandou, mas achei ele muito sério na foto, não era exatamente o meu príncipe encantado, mas a conversa era boa. Eu não dei muita atenção mas depois de várias tentativas da parte dele, eu aceitei conhecê-lo e aí começamos a conversar mais pelo chat, telefone, ele sempre muito apaixonado, muito atencioso, romântico, etc.

Marcamos um encontro na mesma semana, ele veio até a cidade onde eu moro e quando eu o vi entrando no restaurante me surpreendi: gostei muito dele, era diferente da foto, muito mais simpático e atraente, nos entendemos muito bem, ele pareceu ter gostado muito também, jantamos, conversamos muito. Ele, já nesse primeiro encontro, fez mil promessas, até me pediu em namoro, mas ficamos só nisso.

No final de semana veio me buscar, passeamos muito, foi muito legal, me deu presentes, e no domingo me trouxe de volta. No outro final de semana veio me buscar novamente para passar a semana com ele. Só que na segunda-feira mudou os planos e me trouxe pra casa de volta, simplesmente desligou o telefone, não respondeu mais minhas mensagens, não respondia no chat, e depois de eu insistir numa resposta para o que estava acontecendo ele respondeu dizendo que tava triste por eu pensar coisas dele, que ele não era como eu estava pensando. E nunca mais me respondeu.

Pergunta 126: Todos eles não prestam!

Dra. Já conheci muitos homens aqui do site, alguns mentem, outros são verdadeiros, porém eu não consigo me libertar de uma coisa... A Generalização! Isso mesmo, a cada encontro que eu vou, estou sempre disposta a conversar e tal mas sempre é a mesma ladainha... conversamos, ficamos e depois quando falo que não quero sexo eles somem, pra variar.

Porém, apesar de tantos relacionamentos que já tive hoje sofro desse mal, pois generalizo todos eles, e digo que isso vai desde os homens de 18 anos até os de 40. Sei que as pessoas são diferentes, mas na minha cabeça todos os homens são iguais, não prestam e são todos canalhas. E aprendi isso com as sucessões de relacionamentos frustrantes que tive.

Minha pergunta é o que fazer para me libertar disso? Sei que é chato mas não adianta, mesmo conhecendo várias pessoas sempre tenho esse mesmo pensamento que homem é tudo canalha e não merece nenhum afeto e carinho meu, que dirá meu coração e com isso me torno uma pessoa difícil de ser conquistada; a maioria resolve cair fora!

Pergunta 127: Ele não me assume!

Encontrei uma pessoa e começamos a nos corresponder. *Depois nos encontramos e começamos a sair, temos um relacionamento de alguns anos, mas ele me diz que não somos namorados.*

Ele não se compromete, me apresenta para os outros como amiga, já viajamos e eu conheço a família dele e ele a minha, mas não assume uma relação mais séria.

Temos uma atração muito forte um pelo outro mas ultimamente temos brigado muito, quase não nos encontramos, não sei mais o que fazer. *Será de devo continuar nessa relação ou partir pra outra?* Será que ele gosta de mim ou só está passando o tempo até encontrar alguém que ele realmente goste?

Pergunta 128: Estou dividida...

Participando do site, reencontrei um antigo conhecido. Na época em que nos conhecemos, estávamos ambos casados. Agora estou divorciada e ele separado.

Nos encontramos, saímos várias vezes sem, no entanto nos relacionarmos sexualmente. Nas conversas descobri que ele é o homem que procurei, companheiro, gentil, humano, doce...um verdadeiro cavalheiro! *Só que estou saindo de uma relação muito recente, nessa relação o fator principal de entendimento era o sexo.*

Aí começa o meu dilema: Apesar de ver todos os prós desse novo encontro, não aconteceu (pelo menos pra mim) a atração física.... Ele chegou apostando tudo em nós dois, e eu fiquei completamente insegura, devido à essa falta de desejo por ele. *Não querendo magoá-lo, pedi um tempo. Mas depois desse "tempo", resolvi terminar.*

Além de me sentir culpada por ter decepcionado ele, também sinto que estou perdendo algo de muito valor. Será que ainda gosto do outro? *Devo dar mais uma chance a mim mesma? Ou realmente, sem essa vontade de me entregar a ele, não dá pra continuar?* Por favor me ajude.

Pergunta 129: Devo investir?

Olá!

Gostaria de saber se **devo investir** ou não. Estou com um cara que conheci no site de relacionamento em janeiro desse ano, mas ele só me leva pro motel, nunca tem tempo final

de semana e, quando cobro, ele diz que quer algo sério. Tô com medo de ele estar me enganando e ao mesmo tempo de estar cobrando algo, pois tem pouco tempo que estamos juntos.

Pergunta 130: Ele me humilha...

Conheci essa pessoa com quem convivo e tive dois filhos, um de 4 e uma de 2 anos, sendo que ele já era pai de dois filhos casados, e eu tenho uma filha de 14.

Desde que moramos juntos, depois que nasceu a nossa filha (que hoje tem 2 anos) ele nos trata como se nós fôssemos o motivo de ele não estar mais rico, pois me culpa de tudo. Se compro um brinquedo e eles não brincam mais com ele, é culpa minha. Vive me dizendo que eu não sou nada dele, que tudo que ele tem é para os filhos.

Eu vivo com a pensão do meu ex, pois ele não me dá nada. Chega a esconder o achocolatado para minha filha não comer, e agora que o filho dele veio morar aqui, tudo piorou. O guri, nora e o neto têm de tudo. Ele dá até o cartão de crédito pra eles e aqui em casa regula até o banho. Ele fatura na empresa dele R\$25.000,00 por mês e não me ajuda em nada.

A minha filha é a única que ele tem e, no entanto, até pra comprar roupa pra ela só se for de lojas baratas. Já os netos e os filhos casados ele próprio sustenta, pois vivem nas costas dele e ele não reclama. *E além de tudo tem casas **fora do casamento**.* O que eu faço? Ele tem 58 anos e eu 40, já estamos morando junto há 5 anos. Preciso de ajuda?

Pergunta 131: Preconceito com as gordinhas!

Uma coisa que me deixa triste é perceber que a maioria dos homens cadastrados neste site querem o biotipo magérrima. Por que não dão chance para as gordinhas, fofinhas? Também somos mulheres lindas. *Podemos não ter o corpo dos sonhos, mas queremos amar e ser amadas, e estamos em busca de um **relacionamento sério**.*

Eu sei que tenho um rosto bonito. Mas percebo que muitas vezes os rapazes visitam o meu perfil e, ao verem que sou gordinha, não respondem.. Vejo isso como preconceito!

Pergunta 132: Elas querem uma vida farta.

Olá,

Vinte anos de casado, mas ela resolveu acabar tudo. Tive dois filhos: um tinha 17 outro 19. Há nove anos, casei de novo. Foi a primeira depois dela, 16 anos mais nova. Me apaixonei mesmo, lutei pra ficar junto, mas tudo foi abaixo.

*Há dois anos estou só e agora está difícil **começar um novo relacionamento**.* Tenho 57 anos, sou bem forte, porém bem frágil nas questões do amor.

Já apareceu outra pessoa interessante, porém eu não me interesso por ela. Acho que ainda gosto da segunda, porém ela me traiu e nunca fez nada para lutar ao meu lado; só pensa nas duas filhas dela, o que acho óbvio. Eu resolvi deletar ela da minha vida mas tá difícil ainda. Quero encontrar uma pessoa exatamente como eu gosto mas não consigo focar em nenhuma, existem centenas lindas, sozinhas, mas todas fazem exigências que assustam.

Tenho minha casa própria, agora, tenho meu carro, minha moto, tudo conquistado a partir de 2010, porém não tenho a pessoa amada disposta a viver a vida como ela é, ao meu lado. Recebo um pouquinho mais de R\$1000 reais de aposentadoria e isso também assusta pois a maioria quer uma vida farta. Obs.: mulheres mal resolvidas e dedicadas aos filhos não me

interessam, já passei por isso... Gosto de ser amado de verdade e não de mentira. Quando amo eu falo e não minto. Me dá uma ajuda nisso, pode ser direta. Obrigado.

Pergunta 133: Como acreditar no namoro online?

É tão difícil hoje encontrar alguém que leve um relacionamento a sério. Tenho 38 anos, fui casada, um relacionamento muito difícil, muito desgastado. Já são dez anos que não tenho ninguém. Será que vale a pena investir em um namoro online? Como posso acreditar no que eles falam? A maioria mente, eu sou muito verdadeira. Como devo agir? Gostaria muito de encontrar alguém compatível comigo. É possível?

Pergunta 134: Não consigo me permitir.

Olá,

Tive alguns relacionamentos bem conturbados e por diversas vezes prometi a mim mesma passar o resto da minha vida sozinha para evitar mais sofrimento. Passei a observar alguns casais conhecidos e desconhecidos que me parecem felizes, e aí me bate aquela "inveja" de ver tanta alegria, e penso: "E eu aqui solitária..."

Partindo destes pensamentos, acabo decidindo tentar de novo. Quando conheço alguém que me parece uma pessoa legal, logo me bate aquele pensamento: "E se for como os outros? Vou sofrer de novo!" Acabo, então, me sabotando e me afasto. Logo me bate aquele alívio e penso: "Pelo menos sozinha, estou segura". Fico neste ciclo vicioso: tento, me saboto e logo me sinto segura de novo. Sinto-me segura mas não me sinto feliz, me falta algo, uma razão de viver.

Gostaria de saber se isso é porque não tenho um companheiro ou porque este problema está em mim. Se passar minha vida sem ninguém, posso ser feliz de outra maneira? Estou muito confusa, gostaria que me orientasse. O que devo fazer? Obrigada.

Pergunta 135: Estou sendo muito possessiva?

Entrei no site para viver um namoro que levasse a um casamento, e conheci um homem que poderia preencher esse requisito. Mas ele é separado e tem um filho. O problema é que eu gostaria de começar a constituir uma família do zero, com alguém que ainda não tivesse essa experiência.

O que eu faço? Eu gostei dele, mas sei que vou ter problemas, pois ele vai sempre manter contato com a ex-mulher por causa do filho...

Pergunta 136: Como me portar no primeiro encontro?

Olá, tenho medo de não saber me portar no primeiro encontro.

Já faz dois anos que me separei e desde então não tive outros relacionamentos. Agora conheci alguém no PP que quer encontrar comigo e eu estou um tanto nervosa. O que faço? Um abraço.

Pergunta 137: Encontrar um amor maduro.

Estou separada há doze anos e nunca me relacionei com ninguém. *Fui extremamente infeliz no meu casamento.* Mesmo assim, sonho ainda em encontrar um amor verdadeiro. Será que isso ainda é possível à essa altura da minha vida?

Pergunta 138: Ele é mais novo

Insegurança x imaturidade x ciúmes. Estou me relacionando com um homem através deste site há mais de um ano. Já nos encontramos pessoalmente e por sinal tivemos muita finidade. *Pretendemos inclusive, **partir mesmo para um relacionamento mais direto, quando ele inclusive deve vir para a cidade onde moro.*** Está tudo conversado e ele já inclusive começou a tomar algumas providências no sentido de se transferir para cá. Porém, apesar de tudo que conversamos, tenho uma dúvida cruel. Não sei se sou muito ciumenta ou muito insegura. Isto porque ele é mais jovem do que eu quase 9 anos. Então tenho ciúmes quando o vejo online. Acho que ele tem outras pretendentes, apesar de ele afirmar que está só comigo. Gostaria de saber se estou agindo com imaturidade, sendo insegura assim. Que atitudes devo tomar para **não destruir este relacionamento?** Gosto demais dele, é minha alma gêmea, já não consigo mais imaginar minha ida sem ele. Por favor, me diga o que devo fazer para não perder este homem.

Pergunta 139: Como me promover?

Olá! Tenho 46 anos, sou solteira. *Na verdade, **nunca tive um relacionamento duradouro.*** Fico pensando por que, já que me considero uma mulher interessante, inteligente. Talvez independente demais (como nunca tive ninguém na minha vida, sempre cuidei da minha vida sozinha e sem consultar ninguém). As pessoas dizem que sou muito exigente, pois também me acham bonita e interessante. Aqui no site, coloquei uma foto bem natural, sem ar de sensualidade. Mas tenho tido poucos contatos. Não sei o que acontece, mas é sempre difícil pra mim relacionamentos.

Pergunta 140: Há problema em ser romântico?

Li algumas dúvidas e acho que me encaixo nelas, mas não consigo encaixar as resposta. Será que já inventaram um leitor de mente feminina?
*Não sei o que fazer, a depressão que me pega **ao terminar um relacionamento é quase mortal.***
 Sou sempre traído pelo destino, para não dizer outra coisa, e olha que no começo eu até pensava que poderia ser o sexo, mas não chegou a tanto nas ultimas duas tentativas. Não sei se a timidez e a tentativa de ser romântico, com flores e bombons, atrapalha, pois sempre sou trocado por um que destrata as mulheres. Será que o gosto feminino mudou tanto, será que eu tenho que mudar para ser mais agressivo?

Pergunta 141: Muito tempo sem me relacionar

*Para uma pessoa que está há bastante tempo sem se relacionar, completamente fria e chegou a idade adulta sem experiência, sem ânimo de tentar, por onde ela deve começar **sem entrar diretamente em uma relação séria que leve a um casamento?***

Pergunta 142: Dilemas de um relacionamento.

Olá caras consultoras. Já faz uns 8 meses que acesso esse site e estou impressionada como está difícil achar alguém que valha à pena. O relacionamento entre homem e mulher está cada vez mais difícil. Gostaria de saber mais sobre isso. Beijos, M. A.

Pergunta 143: Insegurança ou medo de me envolver?

Conheci um moço, com o qual conversava no chat e telefone que relatou sobre suas pretensões e chegamos à conclusão que tínhamos algo em comum.

Em uma das nossas conversas ele disse que tinha receio sobre o nosso relacionamento, pois tinha medo de me fazer sofrer. Perguntei se não tinha certeza do que queria e se havia possibilidade de uma reconciliação com a ex, e ele disse que nenhuma possibilidade de reconciliação havia, pois estava só há 3 anos e meio. *Propus **interromper o nosso relacionamento** mas ele não aceitou. Disse que estava apaixonado por mim e que só não gostaria de me fazer sofrer e que gostaria de um **relacionamento sério**.*

Passado alguns dias nos conhecemos pessoalmente, tivemos um encontro maravilhoso, disse que realmente eu era a pessoa certa para ele. Só que como ele é fumante e eu intolerante ao tabaco e já havíamos conversado sobre o assunto, ele por duas vezes acendeu o cigarro e eu pedi que, por favor deixasse-o para outro momento; foi leal, apagou e pediu desculpas.

Conversamos bastante, chegamos à um acordo para novo encontro. Mas depois desse encontro só atendeu uma ligação minha, não diz nada, não responde minhas chamadas e nem recados. *A pergunta é : **Devo insistir nesse relacionamento** querendo saber o que aconteceu, ou devo colocar um ponto final definitivo nessa história?* Por favor, preciso de uma orientação. A.G.B

Pergunta 144: O que as mulheres querem?

*Acabei de me divorciar, **terminei um casamento de 5 anos** e procuro uma mulher que queira o mesmo que eu, construir uma família com amor e fidelidade.* Como perceber se é realmente isso que as mulheres querem?

Pergunta 145: Julguei antes de conhecer.

Boa tarde. *Há nove meses **iniciei um relacionamento** que de início julguei perfeito: Viagens, conversas, carinho etc. O que sempre estranhei é como um homem assim não conseguia **manter um relacionamento duradouro**.*

Bem, aí ele começou a fazer terapia em razão de depressão e agora parece que começou a se irritar por qualquer coisa e guarda uma raiva desproporcional ao ocorrido. É normal quem tem depressão ter esse quadro? Existe cura? *Eu não sei como agir, se concordo com tudo o que ele diz ou se insisto em minhas convicções e **termino o relacionamento de uma vez**. Por favor, preciso de uma orientação, não sei se insisto ou **termino logo com esse relacionamento** antes de sofrer mais.* Obrigada, E.L.O.

Pergunta 146: O que é um relacionamento sério?

Querida Dra. Mariana, olha eu aqui de novo! Minha pergunta é muito simples. *Eu só queria saber se existem características de um **relacionamento sério**. O que é um*

relacionamento serio?? Tem como a gente saber se está sendo levado a sério? Um relacionamento em que a pessoa aparece uma vez por semana e não liga, não manda torpedo, não manda um email e, de repente aparece dizendo “oi meu amor” e não dá nenhuma explicação. O pior é que eu gosto dele. O que eu faço com essa criatura confusa??? Obrigada pela atenção. Ass: M.

Pergunta 147: Tenho medo de me envolver novamente

Tive um casamento que durou por 14 anos. Foi uma experiência muito negativa, pois meu ex- marido me tolhia em tudo o que envolvia meus sonhos, inclusive relacionados à minha vida profissional e à formação superior.

Separei-me aos 34 anos de idade, depois tive outro relacionamento que durou menos de quatro anos; desse período em diante fiquei ainda mais seletiva.

Apesar de sempre ter tido pretendentes, vivo só, pois tenho muito medo de envolver-me com alguém que possa trazer problemas para minha vida pessoal e sentimental. Vivo sendo "cobrada" por familiares e amigos pelo fato de não ter um companheiro, tanto que busco em sites de relacionamentos, mas não me esforço para atingir o objetivo a que o site se destina.

Sinto-me bem estando sozinha. Acha que devo tentar mudar? Será que "não estou enxergando" o que de bom poderia desfrutar na vida a dois? Os amigos e familiares estão certos? Dê-me uma resposta embasada em minha individualidade e as diferentes formas de encarar a vida, considerando ou não a opinião dos amigos e parentes.

Pergunta 148: Ninguém quer ter um relacionamento sério.

Queridos amigos do Par Perfeito, tenho tido dois sentimentos em relação à busca por alguém em minha vida.

Até que encontrei pessoas legais por aqui, mas ainda não consegui alguém que realmente queira um relacionamento sério. Colocam mil coisas e depois se comportam como meninos. Há uma distância entre o que dizem em termos de objetivos e suas ações, que são diferentes; querem só ficar.

Sabe, sei que existe alguém que me admira em algum lugar, acredito mesmo no amor, por isso insisto. Sei que tem uma pessoa especial que precisa do meu amor e carinho, mas na verdade cansei de me decepcionar, pois as pessoas falam e falam, mandam elogios, mas no fundo somente querem se divertir, sair, ter noites.

Ajudem-me. Por mais que queira levar a sério quem eu conheço, só encontro pessoas que mentem os seus sentimentos. Beijos no coração de vocês. Kelly.

Pergunta 149: Estou me separando e sinto carência.

Olá. Tenho um casamento de fachada e já decidimos nos separar no final do ano, por questões financeiras. *Nossa relação é de uma amizade muito grande, mas conversamos e decidimos que ambos podem ter um relacionamento **fora do casamento** até a separação se concretizar.*

O problema é que não existe mais vida sexual em casa e às vezes me sinto carente, mas ao mesmo tempo não tenho coragem de sair com outro homem pois me sinto como se estivesse traindo. Aqui no site meu perfil está como casada e os homens que procuram coisa séria me criticam por estar casada e ter um perfil aqui, e quando explico minha

situação se afastam. Já os homens que só querem sexo dizem não se importar com a situação. Estou carente, querendo atenção e não só sexo, como devo agir?

Pergunta 150: Ele me despreza.

Conheci várias pessoas no site e me encantei por uma delas. Saímos algumas vezes e ele, no começo, parecia estar empolgado, foi até ao trabalho almoçar comigo. Falávamos todos os dias pelo programa de bate-papo.

Ele é professor e pensei, que devido às aulas, estava com dificuldades para continuar no nosso bate-papo online. Além disso, estava com o pai doente, que ia e voltava do hospital. Pois bem, percebi que nos últimos meses nosso contato foi diminuindo e nem respondia meus sms e emails.

*Conversei com ele e disse que estava enrolado por causa dessas questões e que não poderia dar o que eu buscava, ou seja, um **relacionamento sério**.* Não sabia se era por causa do pai ou se dele mesmo, que se sentia bem comigo, mas "não sabia". Enfim, o pai faleceu, tentei contato, mas ele disse que não queria conversar.

Mandei mensagens, emails, sms, mas ele nem me respondeu, nem ao menos para falar onde seria o cerimonial. Será que esse desprezo com minhas mensagens significa alguma coisa? O que faço? Tento contato ou esqueço ele?